

Franco Montoro Franco Montoro

Montoro Franco

o legado de Franco

Franco Montoro

Franco Montoro

Montoro Franco

Franco Montoro Franco Montoro

Montoro Franco Mo

coordenador

José Augusto Guilhon Albuquerque



| imprensa oficial

o legado de
Franco
Montoro
no seu centenário de nascimento

José Augusto Guilhon Albuquerque
organizador

Livro Eletrônico - 2016



M796

O legado de Franco Montoro [recurso eletrônico] / organizador José Augusto Guilhon Albuquerque. – São Paulo : Fundação Memorial da América Latina : IMESP, 2016.
il.; ePub

ISBN 978-85-8201-012-9

1. Biografias - Brasil 2. Integração Econômica – América Latina. 3. Cooperação Regional – América Latina. 4. Política – América Latina I. Título II. Albuquerque, José Augusto Guilhon, org.

CDD – 923.281

Ficha Catalográfica elaborada por Rejane do Desterro de Moura Alves CRB8ª-6169

Fundação Memorial da América Latina
Av. Auro Soares de Moura Andrade, 664 Barra Funda
01156 001 São Paulo SP
www.memorial.sp.gov.br
Tel.: 011 3823 4600
Fax.: 011 3823 4611

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Fernando Leça.....	21
José Aristodemo Pinotti.....	25
Andrés Zaldívar Larrain.....	29
José Carlos Vaz de Lima.....	31

PRIMEIRA PARTE - O LEGADO DE FRANCO MONTORO

A LIDERANÇA POLÍTICA DE FRANCO MONTORO

Fernando Henrique Cardoso.....	35
--------------------------------	----

MONTORO PROFESSOR DE DIREITO: O ENSINO E A PRÁTICA

Eduardo Muylaert.....	45
-----------------------	----

O LATINO-AMERICANISMO DE FRANCO MONTORO: PENSAMENTO E AÇÃO

Rubens Barbosa.....	61
---------------------	----

PLANO DE GOVERNO: INSTRUMENTO DE MOBILIZAÇÃO DA SOCIEDADE

Marcos Giannetti da Fonseca.....	79
----------------------------------	----

DESCENTRALIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO: FILOSOFIA E PRÁTICA DE GOVERNO

José Augusto Guilhon Albuquerque.....	95
---------------------------------------	----

FRANCO MONTORO: AÇÃO DE GOVERNO E AÇÃO POLÍTICA

José Serra.....	100
-----------------	-----

SEGUNDA PARTE - DEPOIMENTOS: O HOMEM E A OBRA

FAMÍLIA.....	157
Família.....	159
Família e Política.....	161
Dona Lucy.....	163
Futebol, Esporte.....	165
PERSONALIDADE.....	167
Inovador.....	169
Entusiasmo.....	170
Tenacidade.....	173
Conciliação, Diálogo, Negociação.....	174
Diálogo.....	176
Abertura de Idéias.....	178
Coragem Política.....	180
Firmeza de Princípios e de Convicções.....	183
Desprendimento.....	192
Afabilidade.....	196
Aglutinador.....	198
Simplicidade.....	199
FORMAÇÃO INTELECTUAL.....	201
Formação Católica.....	203
Humanismo Cristão.....	205
Política Estudantil (JEC, JUC, Ação Católica).....	210
Montoro Intelectual.....	213
DEMOCRACIA CRISTÃ.....	216
Democracia Cristã.....	219
PDC - Partido Democrata Cristão.....	227
O PROFESSOR.....	231
O Professor.....	233
Professor de Direito.....	238
Montoro e as Universidades.....	239
Autonomia Universitária.....	241
DEMOCRACIA.....	245
Estado de Direito.....	247
Convicção Democrática.....	250
Luta Contra a Ditadura.....	253

O POLÍTICO.....	255
Articulador de Lideranças.....	257
Inspirador de Lideranças Políticas.....	263
Greves do ABC.....	268
Liderança Executiva.....	269
Liderança Internacional.....	270
Ética.....	272
Espírito Público.....	275
Atuação Parlamentar.....	277
Renúncia de Jânio, Posse de Jango.....	278
Políticas Sociais.....	279
Visão de Futuro.....	280
Eleição para Governador.....	282
Eleição para o Senado.....	284
Ambição à Presidência.....	286
GOVERNO DO ESTADO.....	289
As Grades do Palácio.....	291
Programa de Governo.....	293
Nomeação de Mário Covas.....	294
Diretas Já.....	295
Candidatura de Tancredo.....	303
Ambientalismo.....	304
Precursor do Ambientalismo.....	308
Estação Ecológica da Juréia-Itatins.....	310
Cubatão.....	311
Serra do Mar.....	312
Descentralização.....	312
Participação.....	318
Confiança nos Colaboradores.....	320
Trabalho em Equipe.....	321
Participação de Minorias.....	322
Direitos Humanos.....	324
AMÉRICA LATINA.....	327
Integração Latino-Americana.....	319
Última Missão.....	334
ÍNDICE ONOMÁSTICO.....	336
FICHA TÉCNICA.....	347



Governador
Geraldo Alckmin

Secretário da Cultura
Marcelo Mattos Araújo



Fundação Memorial da América Latina

Conselho Curador

Presidente
Almino Monteiro Álvares Affonso

Secretário da Cultura
Marcelo Mattos Araújo

Secretário de Desenvolvimento
Econômico, Ciência e Tecnologia
Márcio França

Reitor da USP
Marco Antônio Zago

Reitor da Unicamp
José Tadeu Jorge

Reitor da Unesp
Julio Cezar Durigan

Presidente da Fapesp
José Goldemberg

Reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares
José Vicente

Presidente da Academia
Ruy Martins Altenfelder Silva

Diretoria Executiva

Diretor presidente
João Batista de Andrade

Chefe de Gabinete
Irineu Ferraz

Diretora do Centro Brasileiro
de Estudos da América Latina
Marília Franco

Diretor Administrativo e Financeiro
Felipe Pinheiro

Diretor de Atividades Culturais
Luís Avelima

Edição e-book

Editor
Eduardo Rascov

Designer Gráfico
Sergio Kodama

PREFÁCIO

A homenagem a André Franco Montoro não se restringe à exposição que organizamos para celebrar o centenário de nascimento do cidadão que os brasileiros guardarão no coração e na memória ainda por muito tempo. É preciso propagar os bons exemplos da política e da Justiça, porque é com eles que as futuras gerações poderão construir um país justo, pleno de democracia, com direitos e deveres igualmente contemplados, como reza o ideário de Franco Montoro.

O Memorial da América Latina só existe por causa da sua obstinada campanha pela integração dos países desse lado do mundo, iniciada na metade do século passado. Aqui ficou impregnado o DNA de um homem que levava a sério o que dizia o padre socialista dom Hélder Câmara: “sonho que se sonha só é só um sonho; sonho que se sonha junto é realidade”. Por isso, Montoro estava na vanguarda quando participou da criação do Parlamento Latino-Americano. Da mesma semente nasceriam o Mercosul e o Instituto Latino-Americano (ILAM) e Montoro ainda veria seu sucessor, Orestes Quécia, dar vida a seu sonho de construir o Memorial – hoje, a esquina da América Latina em São Paulo.

Esta não poderia, portanto, ser nossa primeira homenagem ao mais latino-americano dos brasileiros, o homem que transformou muitos dos seus sonhos em realidade. Em 1996 foi aqui a sua festa de 80 anos, orga-

nizada pelo então presidente do Memorial, Fabio Magalhães, que reuniu personalidades do mundo político e acadêmico para exaltar a trajetória pública de Montoro, em especial a sua dedicação pela integração da América Latina.

Em 2007, no mesmo dia, 16 de julho, em que se completavam oito anos de sua morte, o presidente Fernando Leça organizou o seminário “O Legado de Franco Montoro”. Naquele mesmo dia, reunidos pela memória de Montoro estavam representantes de todos os segmentos da política nacional, mesmo aqueles que não se alinhavam partidariamente com ele.

Mas, ali estavam porque nele reconheciam o democrata em tempo integral, o homem probo que honrou a política brasileira, o estadista que batalhou incansavelmente pela integração da América Latina e levou o nome do Brasil para além-mar, costurando e articulando propostas de interesse do seu país. Foi também, naquela primeira homenagem, que se materializou a iniciativa de Montoro e a família selou a transferência de parte importante do acervo do ILAM – Instituto Latino-americano – para o Memorial da América Latina.

O seminário, enriquecido por depoimentos e análises sobre a obra e a vida de Montoro, foi transportado para o registro gráfico em 2008 e agora, no ano do centenário de nascimento de André Franco Montoro, ganha uma versão digital em e-pub. O livro O Legado de Franco Montoro, revisto e ampliado para este e-book pelo Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (CBEAL), compõe o rol de homenagens que a família dedica ao seu patriarca e que o Memorial da América Latina, com muito orgulho, tem o privilégio de tornar pública.

São Paulo, 2016

João Batista de Andrade
Presidente da Fundação Memorial da América Latina

AGRADECIMENTO

Discurso de André Franco Montoro, em julho de 1996, durante a homenagem organizado pelo Memorial por seus 80 anos

“Tudo o que nós estamos fazendo, do ponto de vista político, com grande valor, chama-se Democracia”

Franco Montoro

Meus amigos, eu quero agradecer, do fundo do coração, esta homenagem que me é prestada pelo Memorial da América Latina, pelo Fabio Magalhães, que foi o idealizador desta festa, pelas palavras do nosso Marcos Mendonça e do Bolívar Lamounier. Todas elas coincidem num ponto, e eu vou aproveitar a oportunidade, já que estamos no Memorial da América Latina, para fazer um pouco de memória.

Eu não sei se todos sabem, mas entrei na ação política por causa da América Latina. Foi no Uruguai. Eu era recém-formado, ainda estudante do curso de Filosofia e já formado em Direito e recebi um telefonema do Alceu Amoroso Lima. Naquele tempo, uma ligação interurbana da cidade do Rio de Janeiro para São Paulo era complicada. Eu era militante da ação católica, presidente da JUC, e conhecia o Alceu por nossas atividades no meio universitário. Ele me disse que haveria uma reunião em Montevideú, na qual ele e Sobral Pinto estariam presentes. Mas era

preciso que fosse também um jovem e alguém de São Paulo.

Eles eram mais velhos do que eu. Naquele tempo, tinha gente mais velha do que eu. Hoje é mais difícil. Pouco depois, chegou, por via postal, uma passagem da British Airlines. Saímos aqui da base área de Cumbica (na época, campo de pouso da Força Aérea). O avião era uma coisa de estarrecer, pelo seu tamanho e o seu barulho. A primeira coisa que davam quando a gente entrava no avião era algodão para colocar nos ouvidos, para evitar o barulho. Isso em 1949. Foi a minha primeira viagem. Bem, chegamos a Montevideú e lá encontrei um grupo de homens, Rafael Caldera, Eduardo Frei, Patricio Aylwin, Gabriel Valdés, e vários outros.

O convite era feito por Dardo Regules, que tinha sido ministro das Relações Exteriores do Uruguai. Era uma reflexão sobre a responsabilidade dos cristãos diante das mudanças de estrutura da América Latina. Acabada a guerra, havia uma presença de lideranças cristãs, que praticamente reconstruíram, salvaram a Europa: Adenauer, na Alemanha; De Gasperi, na Itália; Schumann, na França. Ao terminar o encontro, falava-se de organizar o movimento no Brasil. Mas Alceu dizia que sua vocação era literária e não política, e que era até ingênuo em política, se entrasse na vida pública seria facilmente envolvido.

Sobral Pinto também afastava a hipótese de sua militância política: “eu sou advogado e também não entro na política”. Mas, diziam eles apontando para mim, se quisermos fazer um movimento promissor, precisamos começar por São Paulo, que representa 80% do Brasil. E meu apelido lá, por ser de São Paulo, ficou sendo “oitenta por cento”. O pessoal me chamava: “oitenta por cento” prá cá, “oitenta por cento” prá lá. Alceu voltou conosco, parou em São Paulo onde ficou uma semana, quando tratamos de organizar o movimento. Criamos então a Vanguarda Democrática, com a participação de lideranças ou representantes dos diversos setores da sociedade civil: professores, trabalhadores, empresários, jovens, mulheres.

Alceu participou de várias reuniões em que se discutiu o programa do movimento. Era preciso entrar na política. Mas ao invés de nos engajarmos, organizamos um movimento ainda pré-político ou pré-partidário: a Vanguarda Democrática. Não havia jeito, ninguém queria se engajar. Eu me lembro que escrevi um artigo de crítica à nossa posição, com o seguinte título: “Política, não és digna”, para mostrar que éramos pretensiosos e orgulhosos demais. Em lugar de fazer um partido ou nos filiar a um partido existente; nós tínhamos feito uma “vanguarda” para orientar os partidos.

Quando chegou a época das eleições, levados por essa ideia de que era preciso que nos engajássemos, entramos no Partido Democrata Cristão, que já existia, fundado por um grupo de professores e outras lideranças, na linha do pensamento social cristão. E lançamos vários candidatos a deputado federal e estadual: Queiroz Filho, José Reis, Helena Junqueira, Luiz Tolosa, Gastão Lacrete. Feita a eleição, foram todos derrotados. Foi um desânimo. E aí, alguém lembrou a poesia de Zorilla de San Martin: “É preciso que a semente seja esmagada para que a árvore cresça”. O movimento continuou e o Partido Democrata Cristão começou a crescer. Na primeira eleição, três deputados federais. Depois sete.

Na eleição seguinte, nossa bancada passou a ter 20 deputados. O Partido crescia e teria um resultado eleitoral consagrador quando ocorreu o golpe de 64 e o Partido Democrata Cristão foi extinto, como os demais partidos pelo governo militar. A partir daí, nossa luta foi no sentido de unir todas as forças democráticas contra a ditadura. Daí nasceu o Movimento Democrático Brasileiro, MDB, que teve atuação decisiva no processo de democratização do país.

Quero mencionar aqui qual a razão de ter praticamente sido o único eleito, em 1970, senador. Qual a razão? Eu quero mencionar isso pelo aspecto educativo. Nessa ocasião, nós tínhamos feito em Brasília um curso de comunicação, e a professora pedia que nós fizéssemos alguns textos. Mencionando um discurso meu, disse: “Montoro fez um discurso sobre salário, formidável. Mas, por que usa as formas negativas? O

senhor disse: ‘Sem salário razoável não há justiça, sem justiça não há paz, sem paz não há desenvolvimento’, tudo negativo. Por que o senhor não usa a forma positiva?’. Refiz, então, o discurso e disse: ‘É preciso que haja um salário razoável para que haja justiça, é preciso justiça para que haja desenvolvimento, é preciso desenvolvimento para que haja paz. O povo trabalha por isso’.

Fui lançado candidato e como sempre, quando em campanha, lembro de uma frase famosa do padre Le Bret: “O importante é ter uma mensagem”. Mas qual é a mensagem? Então, a minha mensagem era, em plena ditadura, uma mensagem de três pontos positivos. Em lugar de falar contra a ditadura, falava pela democracia. Eu falava: “Vamos trabalhar pela democracia!”. Então era um estímulo. Em vez de falar contra um achatamento salarial, que todos falavam, dizia: “Vamos trabalhar por um salário justo!”. Eram fórmulas positivas.

Segundo técnicos em comunicação, eu ganhei aquela eleição justamente porque, em lugar de usar fórmulas negativas, usei fórmulas positivas. Agora, eu estou recomendando ao meu partido para que nesta próxima campanha, em lugar de falar contra o desemprego, como nossos adversários, nós falemos a favor do emprego. Como criar emprego? Pequena empresa, agricultura familiar, cooperativa, construção, educação para o trabalho, turismo, são formas de gerar empregos, é assim que nós vamos ganhar a eleição. Acho que serei ouvido e acho que vamos ganhar pelo aspecto positivo, o negativo não leva a nada. Bom, eu acho que falei um pouco demais. Muita gente sugere que eu faça as minhas memórias, mas em lugar das memórias, eu estou preparando meu plano de trabalho para os próximos 80 anos.

Voltando à integração da América Latina, o meu primeiro discurso como deputado federal – estava lá o Paulo de Tarso ao meu lado, em 1959 –, foi sobre a necessidade de integração econômica, cultural, política e social da América Latina. Foi meu primeiro discurso. Consequência já do que havia visto em Montevideu, que os líderes reunidos podem fazer muitas coisas. Unidos venceremos, separados seremos esmagados

e ficaremos condenados ao atraso.

Minha primeira proposta nesse sentido foi, em 1963, a criação de um parlamento latino-americano. Com o golpe de 1964, foi no Peru que se deu a organização do Parlamento Latino-Americano. Com dificuldades. Todo mundo achava necessário estabelecer uma sede do parlamento latino-americano, porque ele era itinerante, parava aqui, parava ali, não tinha uma sede permanente. Por que São Paulo? Ainda outro dia, em Brasília, o governador Cristóvam Buarque dizia: “Eu trabalhei e acho que deveria ser em Brasília a sede do Parlatino”. Por que São Paulo? Por algumas razões bem objetivas. O Parlamento Europeu se instituiu em Strasburgo e funciona lá. Mas está errado. Por quê? Os próprios parlamentares dizem: “Strasburgo fica distante de Paris ou Bruxelas. Você tem de chegar a Paris para depois tomar uma outra condução para chegar lá. Não é um centro de comunicação e de transporte”. O importante é que primeiro seja um centro de transporte, onde se possa ir direta e facilmente. Segundo, que tenha ali os representantes da grande imprensa, televisão e rádio, e centros de comunicação, e São Paulo tem isso. É, de certa forma, o centro geométrico da América Latina. De qualquer lugar chega-se a São Paulo, em voo direto. Aqui estão as redações de quase todos os países. E, uma outra razão fundamental é que a sede do Parlamento Latino Americano deve cuidar da América Latina e por isso não deve ser instalado na sede de governo de um país, na capital do Brasil, porque haveria uma confusão entre a política brasileira e a política latino-americana. É por isso que a ONU, por exemplo, tem a sua sede em Nova York, e não em Washington. E o Parlamento Europeu em Strasburgo. Tudo isso indicava que devia ser aqui. As razões eram tão fortes que, apesar da objeção, se dizia: “É o único país em que não se fala espanhol, e vão fazer a sede logo ali?”. Conseguiu-se a transferência, a fixação aqui da sede do Parlatino.

A integração da América Latina tem uma explicação, ela sempre foi necessária. O sonho da pátria grande, de Bolívar, dos libertadores, a ideia de uma pátria grande da América Latina era, uma ideia comum.

Mas agora as condições são cada vez mais evidentes. Há dez anos tínhamos um mundo bipolar: Estados Unidos e União Soviética. Com a queda do muro de Berlim e o desaparecimento da União das Repúblicas Socialistas, do quadro de potência mundial, vamos ter, em vez de um mundo bipolar, um mundo unipolar, dirigido pelos Estados Unidos? Muitos sustentam isso.

Eu ouvi, quando fui há um ano aos EUA, um líder do partido republicano dizer que a missão dos EUA no mundo é uma: dirigir. Disse com todas as letras. Mas é claro que, se esse é o pensamento de alguns, e de outros aqui, que acham que sua função é ser dirigido, a história está mostrando outros caminhos. Estamos caminhando para um mundo multipolar. Isto é, os países se unem. O melhor exemplo é a Europa: eram sete, oito, hoje são 15 países na Comunidade Econômica Europeia, que tem mais de 300 milhões de habitantes e é uma força. É um grande polo econômico, cultural e político. O segundo polo é representado hoje pelos EUA e Canadá, que por meio do Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta) querem atrair também o México. Atraem a direção do México, mas não o povo mexicano, que quer a integração com a América Latina. O terceiro polo é representado hoje pelo Japão e o pelo bloco asiático. Estes três grupos têm, hoje, mais de 80% da economia mundial.

E nós, na América Latina? Vamos ser um lugar em que os grandes vêm fazer seus negócios, ou vamos nos unir numa comunidade latino-americana de nações? A nossa opção é clara: integração ou atraso? Integração. Mas que não pode ser apenas econômica. O Mercosul é o primeiro grande passo dessa integração. O Mercosul já é hoje o quarto mercado mundial. Mas ele é um passo para uma integração maior. O presidente da Venezuela esteve em Brasília e convidou o presidente para ir lá e falar no Merconorte, ou então na integração da Venezuela neste conjunto de toda a América do Sul. É a Comunidade Latino-Americana de Nações. A Constituição do Brasil, expressamente determina, em seus primeiros artigos, que “o Brasil trabalhará pela integração eco-

nômica, social, política e cultural da América Latina tendo em vista a formação de uma comunidade latino-americana de nações”. E temos trabalhado. Nós trabalhamos muito pela aprovação desse artigo, e em outros países já há iniciativas semelhantes. É o caminho. Que não pode ser apenas integração comercial, integração de negócios. Tem de ser cultural, política, social.

Porque a integração da América Latina não pode ser a integração de governos. Na própria carta das Nações Unidas não se fala em governos que se unem. São nações. Organização das Nações Unidas. ONU. Então, temos de fazer a integração das nações. Daí a importância da integração das mulheres, dos jovens, dos trabalhadores, dos empresários, dos universitários, das universidades, para se integrar dentro dessa grande ideia da união da América Latina. E o Parlamento Latino Americano é a integração política. É emocionante. São homens e mulheres eleitos por todos os países da América Latina que vêm examinar juntos os grandes problemas, e que podem enfrentar, como têm enfrentado, esses problemas, inclusive aqueles que o Executivo não pode enfrentar com o mesmo desassombro, como por exemplo, o da dívida externa. Nós estamos trabalhando para que o problema da dívida seja examinado do ponto de vista do direito internacional, e vá para o Tribunal de Haia. São coisas importantíssimas que se fazem nesse regime geral. Isso tudo é o esforço para o qual estamos sendo convidados. Acho que a festa de hoje é uma festa da América Latina. Eu agradeço as homenagens todas que me foram feitas e quero concluir dizendo que tudo isso se resume a uma palavra: tudo o que nós estamos fazendo, do ponto de vista político, com grande valor, chama-se democracia. Maritain dizia que: “a tragédia das democracias modernas é que ainda não conseguiram realizar a democracia. Mas, apesar de suas limitações e de suas imperfeições, a democracia é o único caminho por onde passam as forças progressistas da humanidade”. É esta democracia que nós pretendemos realizar.

Notem: a ideia da América Latina cresceu entre nós quando caíram as ditaduras. No tempo dos ditadores, falava-se em hegemonia, do

Brasil, da Argentina, e todos os problemas eram colocados em face de uma possível guerra entre os países. A ideia da integração da América Latina foi consequência da democracia. E a nossa missão é realizar essa democracia. Que não pode apenas ser uma democracia formal, em que de quatro em quatro anos se eleja um governante, mas que deve ter algumas características que costumo resumir, e estou distribuindo um trabalho no qual está dito expressamente, em três notas: a democracia moderna tem de ser social, participativa e pluralista. Social porque o maior problema da América Latina e do mundo é a injustiça social, a desigualdade.

O relatório que a ONU acaba de divulgar, na semana passada em Brasília, mostra que essa distância entre os pobres e os ricos está cada vez maior. Hoje há 1,6 bilhão de criaturas humanas em situação de miséria. O desenvolvimento econômico, sozinho, não resolve. É preciso que haja políticas sociais que corrijam essas desigualdades. O segundo ponto é democracia participativa. Foi-se o tempo em que se achava que o governo fazia tudo. Isso é frase do Mussolini: “Nada fora do Estado, nada sem o Estado”. Hoje há uma grande mudança na sociedade civil. A sociedade civil assume suas responsabilidades. E a ideia da cidadania, que não é apenas ter direitos, mas tomada de consciência da responsabilidade social de cada um de nós. É substituição da tutela governamental pela participação da sociedade. Quem pode resolver os nossos problemas é a própria sociedade. O Estado só deve interferir quando a sociedade não puder resolver convenientemente seus problemas. E, finalmente, pluralista. É a condenação da intolerância, do fanatismo.

Nós estamos hoje apavorados com o desastre que acaba de acontecer, tudo indica que foi sabotagem. Matam-se 300 pessoas inocentes por fanatismo, pela intolerância. A grande conquista da civilização, da cultura, da democracia moderna, é o pluralismo, é o respeito à opinião dos outros. Esse pluralismo atinge todos os setores, acaba com a ideia de partido único, e com toda essa intransigência e intolerância. E é melhor se isso chega até o plano religioso. Nós devemos a um velhinho,

João XXIII, que convoca o Concílio Vaticano II, e ali propôs o movimento ecumênico, o entendimento entre todas as religiões. E eu quero, como último ato dessa nossa representação, lembrar aquilo que eu assisti no Chile, quando caiu Pinochet e foi eleito Patricio Aylwin. Na posse dele, o ato mais emocionante foi um *te deum* na porta da Catedral. No centro, o cardeal do Chile; à sua direita, o rabinho judeu; do lado esquerdo, um bispo protestante; do outro lado esquerdo, um bispo protestante; do outro lado um sacerdote mulçumano; do outro um representante de uma religião oriental. De mãos dadas, eles davam graças a Deus pela volta do Chile à democracia e assumiam seus compromissos, dentro da sua comunidade, de trabalhar pela efetivação do grande valor que é comum a todas as religiões. Se somos filhos de Deus, somos irmãos. É a ideia da fraternidade, da solidariedade. Está ética é a única força capaz de salvar a humanidade e resolver os nossos problemas. É essa solidariedade que nos une aqui.

Para concluir, como eu sou muito otimista, vou citar a frase de dom Hélder, que eu repito sempre: “Quando sonhamos sozinhos é só um sonho, mas quando sonhamos juntos é o começo de uma nova realidade”. Estamos sonhando juntos.

Fala de André Franco Montoro, de julho de 1996, em agradecimento à homenagem organizada pelo Memorial, na Biblioteca Latino-Americana, por ocasião de seus 80 anos. O discurso foi publicado pelo Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (CBEAL), sob o título “80 anos dedicados à integração da América Latina” (coleção Memo).

Créditos da edição impressa de 2009



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
TRABALHANDO POR VOCÊ

Governador **José Serra**
Secretário de Relações Institucionais **José Henrique Reis Lobo**



FUNDAÇÃO
MEMORIAL

FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA

Diretor Presidente **Fernando Leça**
Diretor do Centro Brasileiro de
Estudos da América Latina **Adolpho José Melfi**
Diretor de Atividades Culturais **Fernando Calvozo**
Diretor Administrativo e Financeiro **Sérgio Jacomini**
Chefe de Gabinete da Presidência **José Osvaldo Cidin Válio**

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES

Gerente/Editora Executiva **Leonor Amarante**

imprensaoficial

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

Diretor-presidente **Hubert Alquéres**
Diretor Industrial **Teiji Tomioka**
Diretor Financeiro **Clodoaldo Pelissioni**
Diretora de Gestão Corporativa **Lucia Maria Dal Medico**
Chefe de Gabinete **Vera Lúcia Wey**

APRESENTAÇÃO

“**P**ara a América Latina, a opção é clara: integração ou atraso”. A frase, de André Franco Montoro, traduz a percepção aguda da realidade de seu tempo e explica a incessante pregação e efetiva ação a serviço desse objetivo, ao longo de sua vida pública. Talvez nenhum político brasileiro tenha sido capaz de verbalizar tão bem quanto ele o sentimento da latinidade e, mais do que isso, empenhar-se tão vivamente na tentativa de consecução da integração regional, causa para a qual arregimentou adeptos, aqui e em vários países latino-americanos, alguns deles já seus companheiros em uma tarefa mais precoce, na disseminação do ideário democrata-cristão e no fortalecimento dessa corrente política.

Aquela vertente da ação de Franco Montoro justificaria, por si só, a homenagem que o Memorial da América Latina, com a parceria do Centro de Pesquisa e Documentação da FGV/RJ e da PUC/SP, lhe prestou neste ano de 2007, com seminário, exposição e a publicação deste livro, sob a coordenação do cientista político

José Augusto Guilhon Albuquerque, que condensa uma centena de depoimentos vivenciais e reflexões de importantes personalidades como José Serra, Aécio Neves, Fernando Henrique Cardoso, Andrés Zaldivar (Chile) e outros, comendo, no conjunto, o projeto denominado O Legado de Franco Montoro.

A homenagem se justifica ainda mais porque, no contexto e a serviço da causa integradora, foi Montoro quem inspirou a criação do próprio Memorial, idéia depois materializada por Orestes Quercia, seu vice e sucessor no governo de São Paulo. Foi ele, também, o criador e animador do ILAM, centro efervescente de idéias e de debates sobre a realidade latino-americana. Foi ele, ainda, o mentor intelectual do preceito inserido na Constituição de 1988, em seu artigo 4º, nos seguintes termos: “A República Federativa do Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações.”

Existem, todavia, outras fortes razões para lembrar Montoro: sua obra e sua atividade docente na área do Direito, as realizações como governador de São Paulo e ministro, a militância e a ação política, desde a juventude, começando como vereador, depois deputado estadual (foi, inclusive, presidente da Assembléia Legislativa de São Paulo), deputado federal e senador. E há, sobretudo, a razão maior de seu exemplo, como um político ético, seguidor inflexível e vigilante de princípios; como o administrador probo e austero que restaurou as finanças públicas do Estado; como líder carismático, mas conseqüente e sóbrio; como aglutinador de inteligências e lideranças em torno de grandes causas, lembrando-se, entre elas, a campanha nacional pelas diretas; como um democrata convicto e em tempo integral, adepto da democracia participativa, que entendia importante, mas insuficiente, o conceito de democracia representativa; como um mandatário que exercia sua autoridade sem autoritarismo, delegando e compartilhando o poder, que pregava e exercia de fato o princípio da descentralização, fortalecendo o papel da célula administrativa do município, ao qual transferia tarefas e recursos; que valorizou os órgãos colegiados de planejamento e decisão, criando os conselhos de representação e de participação, dentro do governo e na sociedade civil. Este é o exemplo que se deseja reviver num momento tão difícil da vida nacional.

Em tempos de descompromisso com o interesse público, ou mesmo de incontinências verbais, à beira do deboche, é bom trazer à lembrança da sociedade exemplos de homens públicos como Montoro e outros mais.

Em palestra-almoço da ADVB, o governador Luiz Henrique da Silveira, de Santa Catarina, situou com muita felicidade esse contraponto, quando falava sobre o quadro atual do país. Montoro é um símbolo do homem público, dizia ele, acrescentando que estamos precisando de alguns Montoros e Ulysses.

Os depoimentos colhidos, e dados agora a conhecimento público (neste livro mais resumidamente, mas disponíveis, na íntegra, para pesquisadores e interessados em geral), constituem uma quase unanimidade nesse sentido, somando-se a tantos outros retirados de discursos, artigos, livros e outras publicações mais ou menos recentes sobre Montoro. José Serra, que foi um dos principais colaboradores em seu governo, como secretário de Planejamento, não pôde esconder a emoção, em seu discurso de posse, dia 1º de janeiro, no Palácio dos Bandeirantes, quando citou Franco Montoro como uma das pessoas que mais profundamente marcaram sua vida. A imprensa, que nem sempre lhe fez justiça ao longo de seu período de governo, acabou por lhe reconhecer os méritos.

O seminário trouxe ao debate um pouco da história recente de São Paulo e do Brasil, como as diretas, a eleição de Tancredo e, afinal, a retomada da democracia plena, que não se pode ver ameaçada.

Este livro amplia e aprofunda a contribuição que se quis dar a uma cabal compreensão desse importante legado.

Fernando Leça
Presidente da Fundação
Memorial da América Latina
entre os anos 2005 e 2011

Há quem não necessite de apresentação. São pessoas bastante conhecidas e que honram com sua presença esta sessão. Falar do presidente Fernando Henrique Cardoso é totalmente desnecessário. Simplesmente dizer que é um enorme orgulho para o Memorial tê-lo nesta mesa e, desde logo, agradecê-lo pelo empenho de sua agenda reservar esta tarde para nos homenagear com o seu comparecimento. O professor Rubens Barbosa todos conhecem, é um economista ilustre, foi embaixador no Reino Unido e depois em Washington. As duas vezes, durante o primeiro e o segundo governos do presidente Fernando Henrique Cardoso. Eduardo Muylaert, também, todos sabem quem é: foi secretário de Justiça e de Segurança de Franco Montoro. E tem uma característica que poucos conhecem, mas que é extremamente apreciada: é artista, um homem dedicado à arte da fotografia, arte que pratica de uma maneira bastante adequada. O professor Guilhon nos ajuda na coordenação desta mesa. Antes de passar a palavra para o presidente Fernando Henrique Cardoso, quero apenas

recordar que conheci o governador André Franco Montoro há muito tempo, em 1961, e não como político, mas como médico, porque na família todos lembram muito bem do Tio João, João Amorim. Eu era assistente do Tio João, que faleceu recentemente, e em 1961, ajudei numa cirurgia de dona Lucy. E naquele tempo o governador era ministro do gabinete de Tancredo Neves. Junto com Ulysses (Guimarães – N.do E.), que também era ministro do gabinete de Tancredo Neves. E eu me encantei com o doutor André naquele momento, porque ele usou do tempo dele, do entusiasmo dele, para contar ao jovem médico que eu era, recém-formado, tudo o que estava pretendendo fazer como ministro do Trabalho. E esse entusiasmo do doutor André permaneceu durante toda a vida. Vinte anos mais tarde, eu o reencontrei, eu como reitor da UNICAMP, e ele como governador. E é uma coisa que pouca gente sabe, seguramente o presidente Fernando Henrique. Que foi com a colaboração e a delegação de confiança total do doutor André que nós reconstruímos a UNICAMP. Em 1982 a UNICAMP vivia uma crise tão importante que havia uma intenção manifesta de incorporá-la à USP, como um campus. Zeferino Vaz havia morrido, o campus estava pela metade, vivendo brigas enormes, quando o governador Maluf interveio, mudando todos os diretores, quando fui eleito pelo Conselho Universitário. Logo em seguida, o governador Montoro tomou posse. Junto com o governador Montoro e com o então secretário do Planejamento, o atual governador José Serra, nós reconstruímos a UNICAMP. Construímos o Instituto de Educação, o Instituto de Educação Física, o Instituto de Artes, o Ginásio Multidisciplinar, o Instituto de Economia, o Hospital das Clínicas, o primeiro Instituto da Mulher da América Latina – foi o Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher, o CAISM –, institucionalizamos a UNICAMP, criamos os núcleos de integração interdisciplinar, que deram modernidade à instituição, e tudo isso porque o governador Montoro nos deu não apenas total apoio e delegação de confiança, mas recursos para isso. De maneira que a UNICAMP é o que ela é hoje porque o governador Montoro teve confiança na universidade, para que nós pudéssemos construí-la física, intelectual e institucionalmente. Em seguida, e aí o responsável foi o presidente Fernando Henrique Cardoso, fui convidado para ser o secretário de Educação do governador Montoro. Houve uma insistência bastante grande da parte dele, que

eu agradeço até hoje, porque foi talvez a experiência mais agradável da minha vida trabalhar um ano e pouco com Montoro e construir um projeto pouco conhecido, mas muito importante, que foi o PROFIC, Programa de Formação Integral das Crianças. Nós colocamos nas escolas públicas de São Paulo, em menos de um ano, 514 mil crianças em tempo integral. Selecionamos as crianças mais carentes de cada escola, aquelas com mais dificuldades de aprendizado, as crianças com desvios comportamentais e as convidamos para ficarem o dia inteiro na escola. Não na sala de aula, e sim no recreio, lidando com a horta comunitária do doutor André, trabalhando questões de ética, estética, música, arte, no pós-escola. E, quatro anos depois, esse programa foi avaliado e se percebeu, em uma tese de doutoramento da USP, que em 86% das escolas as crianças do PROFIC, que eram as mais pobres, com a maior dificuldade de aprendizado, com a maior dificuldade comportamental, estavam com melhor comportamento, com melhor performance escolar e com melhor saúde do que as crianças que não freqüentavam o PROFIC. Naquele tempo, o Rio de Janeiro, com Brizola e Darcy Ribeiro, tinha 51 mil crianças em tempo integral. Qual era a diferença? A diferença é que no governo Montoro não se construiu uma escola de tempo integral. Se fez um projeto de tempo integral em todas as escolas, selecionando as crianças que mais precisavam disso. E os resultados foram realmente fantásticos. De maneira que eu gostaria de dar este depoimento porque nem sempre está escrito na história do nosso governador doutor André. E fico muito feliz em estar aqui hoje uma vez que aprendi a conhecê-lo e a admirá-lo. Era um homem que tinha não apenas um discurso, mas uma prática de descentralização.

José Aristodemo Pinotti
Deputado Federal
(na época, Secretário de Ensino Superior)

Conheci Franco Montoro como dirigente universitário por causa de um congresso mundial da Democracia Cristã. E ele me impressionou como ser humano, não pela oratória, mas por pensamentos e idéias, que realmente provocaram um grande impacto em todos nós naquela oportunidade. Impressionou-me também sua modéstia, sua maneira simples e sensível de lidar com todos. Depois continuei a me relacionar com Franco Montoro por causa da nossa luta pela recuperação da democracia na América Latina. E o encontrei em muitos fóruns internacionais e o acompanhei, eu já sendo presidente da Democracia Cristã Internacional, em que Franco Montoro nunca deixou de batalhar pela recuperação da democracia em nosso país. Era um homem que tinha paixão em defender suas idéias. E provocar convicções. Era um homem que me impressionou ainda porque era coerente, praticava o que pensava. Uma personalidade que me chamou atenção porque dentro daquilo que estudamos, no movimento humanista cristão e dentro da formação dos valores cristãos, era alguém que praticava no sentido

mais profundo. Isso eu escutei várias vezes: era mais importante ser do que ter. Isso era algo que pregava com muita clareza. Uma pessoa que nunca deixou de lutar, mesmo quando recuperou a democracia em seu País e na América Latina. Mas também é importante destacar em Franco Montoro algo que foi fundamental na América Latina e que já se disse aqui: ele, junto com Eduardo Frei, do Chile; Rafael Caldera, na Venezuela, e outros mais, foram os que levaram adiante o desenvolvimento do pensamento humanista cristão, ao mesmo tempo em que o fizeram Adenauer e De Gasperi na Europa. Daí se destacou a grande capacidade de relações internacionais de Franco Montoro. A qualquer país da Europa que Montoro ia, era escutado com respeito e com muita admiração. Por isso, quando fui convidado para este seminário, tive de vir para expressar meu pensamento e meu reconhecimento a alguém que se não formou a idéia do pensamento cristão, traduziu os pontos importantes. Era uma pessoa que pregava e lutava pela descentralização e, mais do que a descentralização, eu diria, sobretudo, os governos comunitários, municipais, que é uma maneira efetiva de descentralizar e de levar o poder mais para perto das pessoas.

Andrés Zaldivar Larrain
Ex-Senador da República do Chile

Cumprimento o sempre deputado Fernando Leça pela iniciativa desta oportuna homenagem, além de Fernando Montoro e do professor Guilhon, coordenadores do programa. Quero cumprimentar também o presidente Fernando Henrique e o secretário José Aristodemo Pinotti.

O dia 14 de julho não é uma data qualquer. Não por acaso que Franco Montoro se chama Franco Montoro. Liberdade, igualdade, fraternidade, era uma verdade, um lema de vida do professor, e governador que nós tivemos, Franco Montoro. Feliz coincidência de também marcar os 18 anos do seu passamento.

Parabéns, Fernando Leça.

Montoro legislador. Montoro nunca deixou de ser um legislador, mesmo quando exerceu funções executivas como ministro do Trabalho no governo parlamentarista de Tancredo Neves, em 1961, ou como governador, a partir de 1983. Teve uma experiência completa, como governador, deputado federal e estadual e senador,

sempre levando o aprendizado da visão municipal para a função estadual, a experiência de legislador estadual para o âmbito federal e depois para o senado. Montoro manteve sempre as virtudes do legislador. A formulação de normas que orientam as políticas públicas. Também sempre manteve a atitude do parlamentar. O hábito da negociação, a disposição para transigir e fazer as concessões indispensáveis para obter os resultados necessários.

Montoro liderança parlamentar. Montoro foi eleito presidente da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo no dia de sua primeira posse como deputado estadual, no primeiro dia de sua legislatura. Todo o seu capital político provinha de sua atuação como vereador e como líder partidário. Sua única moeda de troca sempre foi o interesse público. Sua liderança, comprovada na grande virada eleitoral da oposição ao governo militar em 1974, e, depois, confirmada na campanha das Diretas, era baseada na capacidade de convencer seus pares e mobilizar apoio popular. Montoro honrou o Legislativo paulista por suas idéias, por seu exemplo, por sua capacidade de diálogo. E, para mim, é motivo de orgulho ter sido precedido por este tão grande brasileiro na presidência da Assembléia. Justa homenagem, a Assembléia possui hoje um plenário que se chama Franco Montoro. Existe lá também uma praça Franco Montoro. Um pequeno símbolo, uma tentativa de homenagem ao vereador Montoro. Eu queria usar uma expressão que está em um dos salmos da Bíblia, que diz assim: “O justo permanece na memória eterna.” A justiça, que tanto foi mote da vida de Montoro, o transforma, evidentemente, no sempre eterno Montoro.

*José Carlos Vaz de Lima
Presidente da Assembléia
Legislativa do Estado de São Paulo*

PRIMEIRA PARTE: O LEGADO DE MONTORO

CAPÍTULO I
A LIDERANÇA POLÍTICA DE FRANCO MONTORO
Fernando Henrique Cardoso

Quero começar reiterando: que saudade. Que saudade. Saudade do homem, da pessoa, do ser humano, mas saudade também de ver-se uma referência política do calibre de Franco Montoro. Franco Montoro é descendente intelectual e político dos grandes fundadores do Brasil, que foram muitos e que tiveram características que às vezes são até menosprezadas nos dias de hoje.

Começa pelo nosso patriarca, José Bonifácio. Também era um visionário, também era um intelectual, foi professor. Foi membro da Academia de Ciências da França, professor em Coimbra, mineralogista famoso, escreveu um livro admirável que, lendo-se hoje, tem uma atualidade definitiva. Propunha a abolição da escravatura, antes da independência do Brasil. Propunha acabar com o analfabetismo no Brasil, tinha uma visão democrática, e tinha um embasamento teórico e tinha convicções.

Mas não foi só o José Bonifácio. A nossa história está marcada por personalidades desse calibre, desse porte, como foi o porte de André Franco Montoro. Não quero cansá-los, mas se nós formos ver o que fez

o Visconde do Uruguai, meu Deus do Céu, o que este homem escreveu, conservador que era. Ou o Marquês do Paraná, José Honório Hermeto Leão. Todos eles tinham uma formação, uma visão, e tinham crença, acreditavam, tinham convicções. Uns liberais, outros conservadores, outros escravocratas, outros abolicionistas, como Joaquim Nabuco, é a mesma estatura: li, recentemente, uma conferência que Joaquim Nabuco fez na Universidade de Yale sobre Camões. É uma coisa admirável.

Montoro vem desta filiação. Sempre teve uma visão, e essa visão não foi apenas uma aspiração, estava embasada num conhecimento, numa reflexão, numa prática que não afastava a teoria. Por isso ele nos marcou. Marcou porque tinha com o que marcar. Não é um homem que passou pela história, teve votos e foi embora. Não, não. Teve votos, teve muitos votos. Mas o que marca não são os votos que se recebe. É quando os valores nos quais nós acreditamos se transformam em prática. Montoro fez isso.

A mim me coube, hoje, falar sobre Montoro como líder político. Posso dizer, como muitos aqui, ou como todos, o quanto ele marcou cada um de nós. A primeira vez que eu encontrei com o Montoro foi num avião, por acaso. Semanas depois, ele foi nomeado ministro do Trabalho. E foi o primeiro encargo público que eu tive. Eu era professor da universidade, em 1961, eu tinha 29 anos, e ele me nomeou para uma comissão, porque ele achava que era importante que sociólogos – naquela altura, ninguém nem sabia o que era isso – discutissem a questão da moradia. E Montoro, como ministro do Trabalho, pregou a habitação popular. E lá fui eu, participar de uma comissão, designado por Franco Montoro.

Mais tarde, eu segui, muito de perto, um pedaço da vida do Montoro. Ele era anterior a mim e quando eu entrei na vida partidária foi para competir internamente numa prévia, para saber se eu poderia ser ou não candidato ao Senado numa chapa de sublegenda, como havia naquela época. Os votos se somariam, mas sempre havia uma certa dificuldade. Pode ser que, de repente, ganha. Mas não porque era o Senado. Montoro tinha uma vantagem, uma superioridade de experiência sobre mim imensa, não só, àquela altura, intelectual, mas política. Mal terminou a campanha, daí por diante, Montoro passou a ser realmente meu ponto de referência. O que eu disse aqui é verdade, porque eu senti.

Assim Montoro foi líder. E foi líder porque tinha o que dizer; tinha com o que liderar. E a liderança do Montoro era democrática, coisa muito rara no Brasil até hoje. Montoro não impunha, ele convencia, ele procu-

rava convencer. E mais ainda: até na forma de organizar a liderança ele inovava, porque ele fazia liderança colegiada. Ele organizou um governo em que realmente havia um colegiado. Às vezes até exagerava. Uma vez estávamos nós dois lá, passando uns tempos em Brasília. Ele já não era mais governador, eu era senador e nem me lembro mais o que o Montoro era na ocasião. No carro, ele me disse: - “Você se lembra lá em São Paulo? Nós governamos a quatro mãos”. Eu disse: - “Montoro, o que é isso? Nós nunca governamos a quatro mãos. Eram tantas mãos, que havia algumas mãos mais fortes do que as nossas”. Não direi quem é porque é governador, hoje, aqui. Mas era o modo de o Montoro dirigir. Ele nunca dizia: “Eu faço, eu mando, eu quero.” Não precisava. Ele inspirava. E, como ele inspirava, nós o seguíamos, e com tanto entusiasmo que nós assumíamos como nosso o que era inicialmente dele. E foi assim no decorrer da vida.

Foi assim e eu não preciso repetir. Aqui se disse muito o que o Montoro propunha: é preciso descentralizar, é o pequeno, é o povo, a liderança tem de estar apoiando as questões concretas da população... E Montoro dava lições práticas de como liderar. Um pequeno episódio: nesta campanha de senador íamos sair por São Paulo afora e o Montoro, em todos os lugares que ia repetia o mesmo discurso. Um, dois, três, um, dois, três... Alimentação, emprego e uma outra bandeira, cuja lembrança agora me foge. Bom, eu, recém-entrado na vida política, professor da universidade, tinha vergonha de repetir o discurso. Em cada cidade eu dizia uma coisa diferente. Resultado: não ficava nada. Não sobrava nada. Quer dizer, o Montoro sabia como, realmente – além de ele ter idéias, além de ele inspirar – ele sabia como incutir nos outros as suas idéias. E ele repetia. E a repetição é um instrumento fundamental na vida política quando você está lidando com uma sociedade de massas como é a nossa.

Montoro tinha cuidados específicos na forma de comunicação. Isso era raro naquela época. Os políticos tradicionais não se preocupavam com a forma de comunicação. Montoro sempre ligou, prestou muita atenção à pesquisa e à forma de comunicação. E inventava símbolos. Por exemplo, o nosso partido, o PSDB, cujo símbolo é o tucano. Quem é que inventou isso? Foi o Montoro. Inventou por várias razões. Uma, porque ele não gostava do nome: PSDB, porque era partido social-democrático, e ele era um democrata-cristão. Era SPD na Alemanha, e ele era do outro lado. Bom, nós inventamos um outro nome: Partido Popular Democrático. Eu fiquei

do lado do Montoro, eu também queria que fosse Partido Popular Democrático. Perdemos. Ficou Partido da Social-Democracia Brasileira. Ele ficou assustado com a social-democracia e inventou o tucano. Para substituir a expressão. Ficaram as duas, mas o tucano foi uma invenção do Montoro para evitar que houvesse uma conotação que a ele não parecia adequada, (e não era mesmo), de trazer para o Brasil uma briga européia entre os social-democratas e os democratas cristãos. De alguma maneira Montoro antecipava o que hoje ocorre no Chile, e minha relação com Montoro era uma antecipação da *Concertación*, como se diz no Chile hoje, da fusão de correntes de opinião, que têm diversidade em várias questões, mas no fundamental são capazes de se integrar.

Mas Montoro, além dessa inovação na forma de fazer política, inovava nos temas. Aqui já se disse: América Latina. Por que existe hoje, na nossa Constituição, um artigo que diz que a integração é fundamental para o Brasil? Porque Montoro inspirou a idéia de que o Brasil, pela Constituição, é favorável à integração da América Latina. Foi Montoro quem inspirou isso. Aqui já se disse, mas é fundamental, e acho que com muita razão. Montoro tinha paixão pela descentralização. Ora, nos anos 50, 60, tudo era centralizado. Era o Estado, e o Estado tinha de ser planificador, o grande organizador da sociedade. Até hoje, quando as pessoas dizem que falta um projeto nacional, são saudosistas dessa época, em que havia um grupo de pessoas lá em cima, intelectuais, políticos, definindo os rumos do País, o que o Estado vai se impor à sociedade. O pensamento do Montoro era o oposto disso. Havia que descentralizar; e ele descentralizou. “O município, ninguém mora no Estado, nem no País, mora no município.” Era uma expressão que Montoro repetia, repetia. No concreto, é preciso ir para as coisas simples. E fez isso. A horta comunitária. É expressão do mesmo. Às vezes dá certo, às vezes não dá certo, mas a tendência, o correto é descentralizar. E nós todos não fizemos outra coisa na vida, porque éramos amigos dele, somos seguidores dele, do que descentraliza. Agora estão recentralizando. Estamos num momento de volta neste aspecto e pensam que estão avançando. Na verdade, Montoro entendeu que a democracia requer a descentralização. E mais: ele tinha uma visão, como aqui já se disse, ampla.

Montoro era cosmopolita. Montoro não só tinha convicções, tinha formação intelectual, não tinha uma visão provinciana. Ele era cosmo-

polita. Eu convivi, aqui no Brasil, com Eduardo Frei, o pai. E, cada vez que Frei vinha ao Brasil, Montoro me chamava e nós íamos almoçar ou jantar com Frei. Eu tinha vivido no Chile por muitos anos, mas Frei era presidente da República, eu era um pobre exilado, funcionário da CEPAL. Eu mal o conhecia. E depois, com Montoro, convivi com Frei e vi o relacionamento que Montoro tinha com a democracia cristã e com as lideranças chilena e venezuelana. Com o Rafael Caldera, que foi presidente da Venezuela por duas vezes. Eu conheci o Caldera através do Franco Montoro. Montoro tinha visão, conhecia os líderes europeus. Quer dizer, era um homem que estava ligado ao sentimento do mundo, não era um político provinciano. Tinha visão intelectual e relações que permitiam que ele situasse a política brasileira, num contexto mais amplo, num contexto mais global.

Mas tudo isso, no entanto, não define o líder, não forma, em si, o líder. Forma o homem de boa vontade, o intelectual, o homem bem relacionado, com uma visão ampla, mas não é o líder. Mas Montoro era líder. Por que Montoro era líder? Porque ele se antecipava àquilo que ia acontecer, ele contrariava o que estava acontecendo, propunha outro modelo e abria espaço para esse novo modelo. Ele fazia com que as coisas mudassem na direção daquilo que era antecipado na sua visão. Esse episódio a que se refere, o episódio das Diretas Já, é um episódio muito forte. Me permitam dar alguns detalhes adicionais a respeito. Montoro resolveu que era chegado o momento de convocar o povo para uma grande campanha das Diretas. Eu era presidente do PMDB em São Paulo. Convoquei o diretório: não há condição política para isso, não há clima para se fazer nada aqui, diziam.

Conversei com as lideranças de outros partidos, incluindo o PT. O PT tinha um discurso de que ia fazer sozinho. Não havia clima, ninguém aceitava. Montoro insistiu: vamos fazer. Eu me lembro que nessa ocasião houve um encontro na minha chácara, lá em Ibiúna, de alguns líderes políticos. Jarbas Vasconcellos, Ulysses Guimarães, e vários mais. E nós estávamos vendo na televisão, quando o general Figueiredo, presidente da República, disse que Diretas-Já era subversão. Até então se imaginava que o general Figueiredo iria ser mais ou menos aberto à idéia da eleição direta. Mas, você qualificar algo como subversão naquela época, não eram simplesmente palavras como se diz hoje. Era uma coisa bastante dura, teria conseqüências severas. A partir daí pensamos que Montoro

desistiria da idéia. Não desistiu: “ Não, senhor, vamos fazer no 25 de janeiro, 25 de janeiro, 25 de janeiro... Vamos fazer”.

Chega o dia 25 de janeiro, eu fui à Universidade de São Paulo com ele, porque era a data do aniversário da fundação da Universidade. Eu estava com ele, na celebração da universidade, quando José Gregory me telefona: “ Venham para cá.” “Por quê?” Ele estava na Praça da Sé, o locutor que era o Osmar Santos, e a massa começava a chegar. E nós nunca imaginávamos que teria tanta gente, e nem havia alto-falante para atingir a população. Não se sabia o que fazer com aquela massa que vinha, que vinha, que vinha. E desabamos na correria para chegar à Praça da Sé e perceber que realmente a convocatória do Montoro correspondia ao que mais tarde eu escreveria no programa do PSDB: a voz rouca do pulsar das ruas. Montoro ouviu a voz rouca, sentiu o pulsar das ruas, se antecipou, e forçou a eleição direta. Mas não foi só aí.

Isso mostra a tenacidade, ele tinha a tenacidade, a capacidade de se antecipar e não se dobrar às conveniências, e mesmo às ponderações. Quando a pessoa tem convicção, insiste. E ele tinha essas características de líder. Ele tinha outra que a liderança tem: a generosidade. Montoro podia ter sido candidato a presidente da República pelo Colégio Eleitoral. Ele era governador de São Paulo, Estado mais forte da Federação, recebera a maior votação que tinha havido, e nessa altura eu era senador, e o Montoro tomou a decisão contrária. Tomou a decisão de abrir mão de qualquer pretensão à candidatura para fortalecer a candidatura do governador de Minas, Tancredo Neves. Coube a mim transmitir ao presidente nacional do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, essa decisão.

Imaginem, senhores e senhoras, o que significava informar o deputado Ulysses Guimarães que o governador de São Paulo estava disposto a apoiar o governador de Minas no Colégio Eleitoral. Porque o doutor Ulysses Guimarães era contrário à ida para ao Colégio Eleitoral, porque ele queria insistir na tese das Diretas Já, e nós achávamos que tínhamos, embora nós tivéssemos perdido a votação para aprovar a emenda no Congresso.

Quando nós perdemos a votação das Diretas, a partir daí pensamos o que fazer: continuar denunciando ou tentar ganhar no Colégio Eleitoral? Decisão muito difícil, porque envolvia valores, princípios, suspeitas até hoje rumores que os setores mais radicais espalharam, que nós não queríamos que houvesse a vitória das Diretas Já. Mentira, nós queríamos,

mas depois que perdemos, o que fazer? Entregar o governo, continuar deixando o governo nas mãos de quem governava, ou tentar reverter?

Recordo-me, num jantar, com o deputado Ulysses Guimarães, o senador Pedro Simon, o deputado Pacheco Chaves, nós jantamos numa churrascaria em Brasília, quando e o doutor Ulysses perguntou a opinião de cada um de nós sobre a ida ao Colégio Eleitoral. Eu disse que, de todos ali presentes, quem pagou o preço maior para a ditadura fui eu. Eu perdi minha função na universidade, fui para o exílio, fui preso, estive na Oban, e eu não estava disposto a que isso permitisse a continuidade do regime autoritário. “Eu vou ao Colégio Eleitoral”, respondi, “porque nós podemos ganhar no Colégio Eleitoral”. O doutor Ulysses disse: - “Você corre o risco de ir sozinho”. Eu disse: - “É verdade, mas eu estou convencido de que é este o caminho”. Montoro tinha a mesma opinião, e nós criamos as condições. O próprio Tancredo assumiu um papel fundamental nisso para que fosse eleito presidente para criar essas condições. Se Montoro fosse disputar, podia ganhar no Colégio, mas abriria uma disputa dentro do partido. Ele se antecipou a todos e disse:- “Eu apóio Tancredo”.

Então, eu transmiti essa informação ao doutor Ulysses, na antiga sede do PMDB, aqui em São Paulo. Ulysses perguntou – “E você, o que acha?” – “Eu acho que ele tem razão. Se você quiser saber do meu sentimento, eu queria que o senhor fosse o presidente da República. Mas, nas circunstâncias atuais, o único que pode ser o presidente da República, que soma forças para ser, é Tancredo Neves, de modo que devemos apoiar o Tancredo Neves”.

“Eu quero ouvir isso do Montoro”, disse o Ulysses (ele dizia assim). Nós fomos jantar no Palácio e o “Montóro” (o Ulysses pronunciava o nome do Montoro com a segunda vogal aberta) disse, com toda a tranquilidade ao Ulysses Guimarães, e estava presente o Roberto Gusmão, que ele apoiava Tancredo Neves. Ulysses era um homem correto, era um gigante também, entendeu a situação e assumiu o comando da candidatura de Tancredo Neves. Mas se não há essa grandeza, como naquele momento houve, se não há capacidade de entender o momento e abrir mão dos pequenos espaços que cada um pode ter, não se constrói uma situação nova, uma força capaz de dirigir. Pode-se até ganhar uma eleição. Mas, depois de ganhar, vira-se nada. Não se altera tudo o que está acontecendo. Então, em suma, Montoro tinha a capacidade de liderar, porque ele tinha

convicções, porque ele inspirava, persistia, tinha generosidade. Ele era capaz, em grandes momentos, de entender qual era o quadro geral e o que fazer. Ele permaneceu até a morte com essa posição.

Eu me recordo já, depois que nós perdemos o plebiscito do parlamentarismo. Eu fui eleito presidente de República, Montoro foi eleito deputado... Quantas vezes o Montoro foi falar comigo para me convencer de que era preciso fazer o parlamentarismo. E nós tínhamos perdido o plebiscito do parlamentarismo. Se ele estivesse entre nós neste momento, ele estaria dizendo isso: - “Olha aqui, o desastre que está o Brasil, não há comando de nada. Vamos fazer o parlamentarismo!”

E não adiantava falar: você acha que, neste momento, alguém vai votar pelo parlamentarismo, passar o poder ao Congresso? – “Não, a gente muda o Congresso!”

Essa era a atitude do Montoro, um otimista, mas adepto das utopias viáveis. E Montoro tinha, na prática, a convicção daquilo que acreditava, naquilo que eu também acredito: a política não é a arte do possível, a política é a arte de tornar possível o necessário. E Montoro fez isso a vida toda. Quero ainda dizer o seguinte: se nós todos estamos hoje aqui, lembrando a memória de Montoro, é porque ele foi grande. E quem é grande deixa semente. As incompreensões eventuais do momento desaparecem. É claro que a vida política pode ser cruel, porque realmente quem julga é a história. E, quando a história julga, já se está morto. Mas, de qualquer maneira, a memória fica. Montoro teve a alegria de ver ainda em vida, seu reconhecimento. E cada vez que eu volto ao Brasil – eu viajo bastante – e ouço: o avião está para aterrissar no Aeroporto Governador André Franco Montoro, tenho alegria de ver que Montoro hoje é alguma coisa que transcende até quem não o conhece. Mesmo quem nunca ouviu falar dele. Um estrangeiro, chega a São Paulo, e passa a saber quem foi Montoro. Porque Montoro realmente deixou uma marca que é indelével. É com grande alegria, portanto, com emoção mesmo, que digo que continuo achando o que sempre disse sobre Montoro. Só lamento terminar como comecei: dizendo que tenho uma saudade imensa. É pena que ele não esteja mais conosco. Obrigado.

Fernando Henrique Cardoso
Sociólogo e ex-presidente da República

CAPÍTULO II

MONTORO PROFESSOR DE DIREITO: O ENSINO E A PRÁTICA

Eduardo Muylaert

MONTORO PROFESSOR: O ENSINO E A PRÁTICA

Embora mais conhecido como homem público, André Franco Montoro sempre se apresentava primeiro como professor. É comum encontrar, como profissão, nos registros biográficos de Montoro, Professor, Advogado e Servidor Público. Era assim que Montoro se via.

Montoro não chegou a escrever, como pretendia, sobre suas atividades de professor e jurista. Seu falecimento, em 16 de julho de 1999, aos 83 anos, interrompeu o trabalho precioso de a narração de suas memórias.

De grande importância, assim, a iniciativa do Memorial da América Latina de procurar por em destaque essa imprescindível faceta do Franco Montoro, mesmo sabendo que nada poderá suprir a falta da entusiasmada narração que faria o próprio Professor.

Quase todos conhecem o ser político Franco Montoro. Poucos sabem, entretanto, que o ser lógico e pedagógico Franco Montoro veio an-

tes e que essa natureza é indissociável de sua atuação na esfera pública.

Na verdade, não se trata de uma segunda natureza, mas de um atributo essencial e constitutivo da rica personalidade de Montoro.

Na academia, Montoro foi professor de filosofia, de lógica, de direito. Na vida, foi professor de ética, de política, de justiça, de direitos humanos. Como bom professor, deixou inúmeros discípulos e influenciou toda uma geração.

Muitos acham que Montoro era ora homem público, ora professor. Na verdade, as funções nunca se dissociaram. A vida acadêmica de Montoro só se interrompeu ao tempo em que governou São Paulo, entre 1983 e 1987, tarefa que absorvia todas as suas horas e minutos.

Poucos dias depois de encerrado seu governo, lembro-me de sua voz alegre ao telefone, convidando-me a retornar com ele à PUC. Naquele momento, outra tarefa me chamava. Montoro voltou às aulas com entusiasmo. Mesmo entusiasmo com que lecionava sendo vereador, deputado, ministro, senador. E com que lecionou até os últimos dias de sua existência.

Alguns imaginavam que Montoro delegava muitas tarefas aos assistentes. Nada mais longe da realidade. Com invejável disposição, ao tempo de Senador, por exemplo, Montoro chegava de Brasília na sexta-feira à tarde, começava sua aula de pós-graduação na PUC por volta de sete e meia e terminava por volta da meia noite. Na manhã seguinte, lá estava lépido às oito e só saía por volta da uma da tarde de sábado. Com a mesma energia com que começou, aos 18 anos, sua carreira de professor, que durou 65 anos.

PROFESSOR DE FILOSOFIA

Montoro formou-se no Ginásio de São Bento em 1933. Em seguida, cursou a Faculdade de Direito da USP e os cursos de filosofia e pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento. Formou-se em Direito e Filosofia em 1938.

Com 18 anos, Montoro já era assistente do Professor Leonardo Van Acker, lecionando Lógica, Psicologia, Filosofia e História da Filosofia no Colégio São Bento de 1935 a 1945.

Na Faculdade de Filosofia, Montoro entrou em contato com a

obra de Jacques Maritain, que teria profunda influência em sua formação intelectual e humanística.

Além das atividades acadêmicas, sua turma reunia-se fora da escola em grupos de estudo, muitas vezes nas tardes de domingo em sua própria casa. Montoro conservaria essa disposição ao longo da vida. Quando começou o curso de pós-graduação em Teoria Geral do Direito da PUC, a partir de 1975, além de dar suas aulas Montoro reunia-se com seus assistentes e alguns alunos interessados em grupos de estudo.

Novamente, quarenta anos depois, lia-se um texto, discutia-se um assunto e ao final havia sempre um bate-papo mais informal ou um lanche. Algumas dessas reuniões aconteceram em minha própria casa e, além de muito agradáveis, preenchiam a mesma função com que Montoro define os grupos de estudo de seus tempos da São Bento: “Éramos amigos”. (*Memórias*, pág. 60).

MONTORO NO LARGO

Na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco Montoro teve como contemporâneos Ulisses Guimarães, Jânio Quadros e Roberto de Abreu Sodré.

Algumas particularidades do “estilo Montoro” são decorrência direta da sua passagem pelas Arcadas. Montoro situa no seu tempo de faculdade a descoberta dos dois vícios comuns entre os oradores, livrando-se deles para sempre. De um lado a obscuridade, o emprego de palavras raras. De outro, a gratuidade, o discurso sonora que não transmite idéia alguma:

Essa característica seria mantida por Montoro durante toda sua vida, em suas aulas, seus livros e no seu governo.

Quando Governador, Montoro continuou a dar muita importância aos textos, encarregando-se pessoalmente de escrever, e também de rever, às vezes por longo tempo, os textos oficiais. Procurava sempre o tom mais adequado, as palavras mais simples, a forma mais didática.

REPULSA AO AUTORITARISMO

Foi também em seu tempo de faculdade que Montoro desenvol-

veu verdadeiro horror pelo integralismo, então em voga mesmo entre alguns intelectuais de inegável brilho:

Nos meus tempos de estudante, duas características do integralismo desagradavam-me muito especialmente: o culto do chefe e o cerimonial grotesco.

O próprio Montoro registra a lição que extraiu dessas práticas:

“No meu tempo de governador procurei reduzir ao estrito necessário o protocolo do Palácio dos Bandeirantes. Sentia-me muito mais à vontade em mangas de camisa do que envergando uma casaca.

Da mesma forma, enquanto ocupei o Palácio dos Bandeirantes, procurei banir o centralismo e autoritarismo”. (*Memórias*, pág. 48/9).

AS TESES DE MONTORO

Tão logo formado em 1938, Montoro foi Secretário-Geral do Departamento de Serviço Social da Secretaria da Justiça até 1940. Nesse ano ingressou na carreira de Procurador do Estado onde permaneceria até 1950.

Participou também da criação do Instituto de Serviço Social - I.S.S., hoje Faculdade Paulista de Serviço Social – FAPSS, na qual foi professor de 1940 a 1947.

Em 1941 Montoro casou-se com Dona Lucy Pestana Silva Franco Montoro, “uma professora de História do Brasil da Escola Caetano de Campos, minha colega na Faculdade de Filosofia e companheira da JUC” (*Memórias*, pág. 61).

No ano seguinte publicou seu primeiro livro, *Os Princípios Fundamentais do Método do Direito*, pela Editora Martins. Essa primeira tese é ao mesmo tempo um exercício de ética e de lógica, matéria que Montoro retomaria muitos anos depois na pós-graduação da PUC, a partir de 1975.

Em 1945 Montoro defendeu sua tese de doutorado na Faculdade de Filosofia São Bento. O trabalho já provocou celeuma, pois abordava a questão da função social da propriedade (“Três temas sobre a propriedade humana, propriedade privada e formas particulares de propriedade”)

Montoro conta que Alexandre Correia, Professor Catedrático, recusou-se a fazer parte da banca, por não concordar com as idéias expos-

tas, e que os demais professores, talvez para não se comprometerem, concederam aprovação, mas apenas com nota sete.

Narra também que a tese foi preparada num escritório que era ao mesmo tempo sala de reunião e sala de jantar, conforme a hora, numa casa alugada da rua Ambrosina Macedo, na Vila Mariana: “ Volta e meia as crianças saltavam a janela do jardim e vinham espiar sobre meus ombros o que estava escrevendo”. (*Memórias*, pág. 70).

FACULDADE DE ECONOMIA

Montoro obteve o Doutorado em Direito na PUC em 1946 e, a partir de 1947, tornou-se também Professor Catedrático das Instituições de Direito Privado, na Faculdade de Economia da USP, cargo que ocupou até 1982.

Em 1954, elegeu-se deputado estadual e presidia a Assembléia Legislativa quando Jânio Quadros tornou-se Governador do Estado. Tão logo empossado, Jânio mandou rescindir o contrato de Montoro com a Universidade de São Paulo, da qual estava afastado para exercer o mandato parlamentar.

A reintegração foi determinada pelo Supremo Tribunal Federal, pois Montoro fora contratado regularmente, após concurso de títulos no qual alcançara primeiro lugar. Montoro anota, em *Memórias*:

Quando o processo chegou de volta ao palácio trazendo a sentença final, Jânio Quadros não teve outro remédio senão anotar embaixo: “Cumpra-se, pois” (pág. 98).

Na sua fase de exercício da advocacia pública na Procuradoria, Montoro publicaria dois trabalhos importantes: Ação de investigação de paternidade e alimento (1949) e, em co-autoria com Anacleto de Oliveira Faria, Condição jurídica do nascituro no Direito brasileiro (São Paulo, Saraiva, 1953. 76 p.).

MONTORO E A PUC

Embora formado na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e também professor na Faculdade de Economia da USP, é na PUC

que Montoro obteria seu Doutorado e encontraria sua realização plena como Professor de Direito.

Em 1945, no momento da redemocratização e fim do Estado Novo, foi instituída a Fundação São Paulo, mantenedora da PUC. Montoro descreve sua intensa participação, que começa com uma reunião com o Cardeal Dom Carlos Carmelo e arremata:

“Lembro-me que da Cúria Metropolitana fomos diretamente para o Restaurante Giordano, no início da Avenida Brigadeiro Luís Antônio, onde encomendamos algumas pizzas. Como havia entre nós vários advogados, terminada a refeição, aproveitamos as bandejas de papelão em que haviam sido servidas as pizzas para anotar uma primeira versão dos estatutos da Fundação São Paulo, que seria a encarregada de instituir, manter e dirigir as faculdades e demais institutos da Universidade Católica”. (*Memórias*, pág. 71)

A narrativa termina com um gostoso comentário, bem nos moldes da ironia de Montoro:

“Se me permitem o gosto duvidoso da imagem, é de se notar que, num país em que tantos projetos começam bem e acabam em pizza, houve pelo menos um que começou em pizza e terminou em belas realizações”.

Também a presteza da iniciativa foi própria do estilo Montoro. Mais tarde, ao tempo de seu governo, quando alguém lhe trazia uma idéia, ou sugestão, Montoro dizia logo: – Escreva, ponha no papel e me traga!

Brincava-se que bastava passar perto do Professor ou do Governador para sair com uma tarefa.

A Faculdade Paulista de Direito foi criada em 1946 e Montoro, além de abrir os cursos, dando a aula inaugural, tornou-se desde então Professor Catedrático de Introdução à Ciência do Direito, matéria que depois, a partir de 1972, passaria a se denominar Introdução ao Estudo do Direito.

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO DIREITO

Só depois de muitos anos de docência da disciplina, em 1968 Montoro lançaria o seu *best seller*, a sua Introdução à Ciência do Direito. A obra encontra-se em sua 26a. edição e continua sendo adotada

na Faculdade de Direito da PUC e em inúmeras outras faculdades pelo Brasil afora (Editora Revista dos Tribunais, 2005, 702 páginas).

Montoro narra que foi no seu chalé em Campos do Jordão que, em uma mesa diante da janela, escreveu a grande maioria dos seus livros, no silêncio quase absoluto, deixando registrado: Escrevo à mão. Nunca me habituei à máquina de escrever e muito menos ao computador. (*Memórias*, pág. 137). Apesar disso, foi um dos primeiros a introduzir o tema da cibernética jurídica em suas aulas.

Montoro já havia sido, durante os anos em que lecionava Introdução na PUC, vereador, deputado estadual e deputado federal sempre reeleito.

Um episódio pouco conhecido dessa época, mas que mostra bem o estilo Montoro, foi a visita que fez à sede do MDB, na rua Nestor Pestana, em São Paulo, acompanhado de alguns estudantes, entre os quais Chico Buarque, que se dispusera a fazer um hino para o partido que então representava a resistência democrática. Chico ainda não era famoso e o partido não levou adiante a iniciativa.

Montoro só se afastou da PUC quando foi eleito Governador de São Paulo, no período de 1983 a 1987.

Montoro foi também, sem abandonar o magistério, Ministro do Trabalho do gabinete parlamentarista de Tancredo Neves, de 1961 a 1962. Curiosamente, seria substituído por Hermes Lima, outro Professor de Introdução à Ciência do Direito.

SERVIR À JUSTIÇA

No frontispício da Introdução já vem inscrita a dedicatória que resume a postura de Franco Montoro:

Aos meus alunos, com a esperança de que bem conhecendo o Direito, melhor possam servir à Justiça.

Segue-se a citação de Eduardo Couture, nos seus Mandamentos do Advogado, que seria também um dos mandamentos do Professor Montoro:

“Teu dever é lutar pelo direito, mas no dia em que encontres o direito em conflito com a justiça, luta pela justiça”.

Nessa obra contém-se já a maior parte da visão filosófica e prática de Montoro, tanto assim que acabou sendo adotado como livro de texto de Filosofia do Direito em muitas faculdades. Criada

na PUC em 1969, a matéria de Filosofia do Direito foi também ministrada pelo Professor Montoro até 1980.

Também na UNB, a Universidade Nacional de Brasília, Montoro foi professor de Teoria Geral do Direito, de 1978 a 1982.

De grande importância a idéia de Justiça traduzida por Franco Montoro em sua obra. Num momento em que o Brasil vivia os rigores da ditadura, muitos professores de direito se refugiaram no comodismo da dogmática e do positivismo mais estreitos, apegando-se à idéia de que aplicar o direito é cumprir as leis em vigor.

Alguns chegaram até a fazer escola, sofisticando seu positivismo com a invocação, nem sempre correta, da Teoria Pura do Direito, de Hans Kelsen. Trata-se de uma das mais ricas obras de teoria geral e de filosofia do direito até hoje escritas, mas cuja leitura enviesada se prestou a toda sorte de acomodações.

Montoro ensinava conceitos básicos, recorrendo a todas as correntes, para buscar sempre o essencial. Algumas dessas lições merecem ser recordadas hoje, pois estão fazendo falta em nosso País.

Montoro invoca a sonora lição de Ulpiano: *Juris praecepta sunt haec: honeste vivere, alterum non laedere, suum cuique tribuere*. Qualquer homem, ou mulher, do povo pode entender que esses são os preceitos do direito: viver honestamente, não lesar a outrem, dar a cada um o que é seu.

Diferentemente dos professores que se pretendem líderes de uma escola, e que procuram marcar sua diferença em relação aos demais e até mesmo cultivar antagonismos, Montoro procurou sempre conciliar tendências e apontar caminhos, sugerindo eliminar pseudo-problemas: no fundo da variedade de formulações e aparentes contradições, há um núcleo de pensamento comum que se torna cada vez mais amplo: o reconhecimento de que a justiça é o valor fundamental do direito. (Introdução, pág. 279 e 281).

JUSTIÇA E GOVERNO

Recentemente tivemos a satisfação de ver o tema da justiça retomado pelo Presidente Fernando Henrique. Desafiado a analisar o Brasil na perspectiva da economia e da democracia, afirmou que o grande

passo que falta para nosso País avançar é um maior respeito às leis.

A idéia de que as normas devem ser cumpridas por todos os cidadãos, e de que se impõe tratamento igual a todos perante a lei, sem imunidades e sem proteções de qualquer natureza, assume hoje inegável importância.

Independente da luta por assegurar condições de vida digna para todos, o Brasil clama também por mecanismos mais eficientes e mais eficazes de aplicação da justiça, já que um Estado Democrático de Direito não se solidifica sem garantia de que as leis serão cumpridas por todos, indistintamente.

Também para Montoro, a Justiça sempre foi central como questão de governo, jamais acessória. Averso às declarações sonoras, Montoro queria ver os princípios transpostos para a realidade.

Após ter sido Governador, Montoro acrescentou um Prefácio à edição de 1991 da sua Introdução à Ciência do Direito, para incorporar o pensamento e a experiência dos anos de governo e especialmente para destacar o que chama de novos direitos da pessoa humana, o direito ao ambiente sadio; o direito ao trabalho; os direitos do consumidor e o direito de participação.

Assim como levou sua experiência de professor para o governo, Montoro também trouxe sua experiência do governo para o ensino.

PÓS-GRADUAÇÃO NA PUC

Em 1975 foi criada na PUC a pós-graduação em direito. Montoro ficou desde logo responsável pelo curso de Teoria Geral do Direito, matéria básica e obrigatória. Escolheu, como fio condutor, a questão da lógica jurídica.

Montoro sempre se preocupou com a questão do método no ensino do direito. A idéia de participação desponta clara na sua lição e nas suas aulas. A metodologia por ele proposta e desenvolvida inspiraria seus cursos e também seu governo.

A maioria dos professores da própria Faculdade de Direito ainda não era pós-graduada. Toda uma geração de professores e juristas que desejava aprofundar seu conhecimento jurídico ou seguir a carreira do magistério recebeu, assim, a influência marcante de Montoro.

Numa época em que predominava o formalismo, Montoro elegeu o tema da lógica jurídica para mostrar que, mais do que silogístico, o raciocínio jurídico tem de ser razoável, fruto do debate e do contraditório, voltado para a busca de Justiça.

Tive o prazer de trabalhar como assistente de Montoro, em seu curso de pós-graduação, desde a primeira aula até sua eleição como Governador do Estado, no fim de 1982. Aí o acompanhei como assessor especial para assuntos jurídicos e, no último ano de governo, como secretário da Justiça e da Segurança Pública.

Muitos dos juízes que hoje ocupam os mais altos postos da Magistratura conviveram com Montoro e absorveram seu conceito humano de aplicação da justiça. Vejo-os no Supremo Tribunal Federal, no Superior Tribunal de Justiça, nos Tribunais Regionais Federais, nos Tribunais de Justiça, nos Tribunais Eleitorais e em importantes funções.

Posso atestar que os que absorveram as lições de Montoro se tornaram melhores juízes. Num País em que uma empregada que rouba um frasco de xampu fica presa um longo tempo e só é solta depois de ter perdido um olho em decorrência das agressões que sofreu na cadeia – caso infelizmente real e recente – essas lições são mais do que nunca atuais e necessárias.

ESTUDOS DE FILOSOFIA DO DIREITO

Alguns dos temas do curso de pós-graduação são aprofundados nos Estudos de Filosofia do Direito de Montoro, publicados em 1981, pouco antes de sua candidatura ao Governo de São Paulo. Uma segunda edição foi lançada em 1995 (Editora Saraiva, 276 p.), ano em que Montoro voltaria à Câmara dos Deputados, eleito pelo PSDB (1995-1998).

Nessa obra, Montoro propõe uma visão crítica do Direito e retoma e aprofunda alguns dos temas de sua predileção, especialmente a necessidade de formação de juristas brasileiros, libertos do colonialismo cultural, e o papel da filosofia na luta pelo desenvolvimento.

O papel de Montoro como professor não poderia ter sido mais fecundo. Sempre procurou difundir suas idéias com a maior clareza e simplicidade, tratando com atenção e cordialidade seus alunos, colegas e colaboradores.

Como Chefe do Departamento de Teoria Geral do Direito da PUC, que englobava as cadeiras de Introdução e Filosofia do Direito, entre outras, participava de longas reuniões sem nenhum enfado e com constante entusiasmo, recolhendo com atenção todas as contribuições, mesmo de menor relevância.

Formou, assim, uma grande equipe de colaboradores, que até hoje lecionam essas matérias na PUC. A orientação ainda adotada é a do Professor Montoro, os livros recomendados são os do Professor Montoro. De longe, Montoro continua regendo suas cadeiras na Faculdade de Direito da Rua Monte Alegre.

UM PROFESSOR NO GOVERNO

A dissociação entre o discurso e a prática tem sido uma constante em nosso País, em especial no campo da política. Da mesma maneira, no campo do direito nem sempre os textos têm nexos com a prática que se observa.

Franco Montoro, nesse ponto, é um exemplo ímpar de coerência. O mesmo que escreveu em seus livros, pregou em suas aulas, em seus discursos de campanha, ele procurou fazer em seu governo.

À época, isso nem foi bem compreendido. Montoro foi visto por muitos como uma espécie de Quixote, um governante com pouco senso prático.

Montoro começou seu governo com o País enfrentando dramática recessão, que o obrigou a estabelecer desde logo, com a ajuda decisiva do hoje Governador José Serra, uma política de saneamento financeiro. Isso não o impediu de honrar os compromissos de campanha, direcionando os investimentos públicos para a área social e corrigindo inúmeras injustiças e distorções, inclusive as relativas à remuneração do funcionalismo;

Governador, Montoro efetivamente se empenhou em fazer um governo de modernização e humanização nas áreas de justiça, sistema penitenciário e segurança pública, procurando introduzir, não sem resistências, filosofias de austeridade, respeito à dignidade das pessoas e cumprimento da lei.

A adaptação dos métodos que preconizava para a formação de seus alunos e o desenvolvimento dos trabalhos universitários foi trazi-

da por Montoro para o governo, priorizando os critérios de capacidade intelectual e de afinidade ética na escolha de seus colaboradores.

Tal seleção começou já na casa da rua Madre Teodora, onde se debatia e preparava o programa de governo. Montoro anota com bom humor:

“Devido ao grande número de universitários, o grupo passou a ser conhecido como “a turma Sorbonne”. O apelido, embora deixasse entrever uma certa ironia, foi muito útil, pois transmitia uma impressão de seriedade e peso intelectual na elaboração dos planos de governo e na sua execução”. (*Memórias*, 175)

A idéia de examinar em conjunto os problemas, por outro lado, em trabalho de colaboração, também se inspira na organização dos alunos em grupos de trabalho. Daí decorreu a divisão das secretarias em quatro áreas (econômica, social, de infra-estrutura e jurídico-administrativa).

Todos podiam falar. Na participação de todos os integrantes do governo havia espaço para a formação de novas lideranças. Muitos dos que vieram a colaborar com Montoro nunca tinham trabalhado na administração pública, mas aprenderam a administrar sob a direção de um grande Mestre.

Mais um exemplo do estilo Montoro foi o jantar que o governador ofereceu a Jorge Luis Borges, quando em visita a São Paulo. Em torno da mesa do Palácio dos Bandeirantes, o Governador propôs a Borges que cada convidado pudesse fazer uma pergunta. Foi assim que Borges se viu, entre surpreso e divertido, sabatinado por secretários de governo, poetas, intelectuais.

O governo de Franco Montoro implantou as experiências de participação e de descentralização que ele pregava em suas lições. Podemos destacar a criação do Conselho Estadual de Defesa do Meio Ambiente, do Conselho Estadual da Condição Feminina, que gerou a experiência das Delegacias da Mulher, do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, bem como a criação de conselhos destinados a discutir questões relacionadas aos jovens, aos idosos, aos portadores de deficiência, além dos Conselhos Comunitários de Segurança.

Em parte, o governo Montoro foi um governo do professores. No início, muitos criticaram, achando que os professores eram bons para ensinar, mas não para fazer. Os professores aprenderam. Muito. E estão aí à disposição do País. Na verdade, o governo Montoro foi o governo

de um Professor, um grande Professor, o Professor Franco Montoro.

Hoje, Montoro é quase uma unanimidade. No tempo de seu governo, suportou com galhardia as críticas da oposição, da imprensa, e até mesmo de seus partidários e colaboradores. Superando as críticas, soube ser Montoro o tempo todo, um ser humano cordial e acolhedor, extremamente generoso, incapaz de qualquer espécie de retaliação, mesmo quando merecida.

A proclamação é de Alceu Amoroso Lima Filho, Presidente do Instituto Jacques Maritain do Brasil: Sejamos cada um de nós “um Montoro”, já que ele não está mais aqui, embora, lá do céu, há de estar com seu riso maroto a nos perguntar: “como vamos sair dessa?” (*Ensaio*, pág. 20).

Vendo aqui alguns de seus alunos reunidos, podemos imaginá-lo, olhando carinhosamente para Dona Lucy e dizendo: –Você vê, nossa luta continua!

Eduardo Muylaert

Advogado e Conselheiro do Tribunal Regional Eleitoral

CAPÍTULO III
O LATINO-AMERICANISMO DE
FRANCO MONTORO: PENSAMENTO E AÇÃO
Rubens Barbosa

Conheci o Deputado Franco Montoro em 1963, quando, jovem diplomata, fui transferido do Rio de Janeiro para o Gabinete do Ministro do Exterior em Brasília e passei a atuar como assessor parlamentar do Itamaraty junto ao Congresso Nacional.

A partir de então conheci e passei a conviver muito proximamente com o então Deputado. Eram momentos delicados da vida brasileira. A relação profissional e de trabalho transformou-se em amizade baseada não só na afinidade de idéias, mas também no desenvolvimento de laços pessoais com sua família, sua mulher, D. Lucy, seus filhos e filhas. Participei de muitos encontros, organizados por Montoro, em sua casa ou na Pontifícia Universidade Católica, para discutir diferentes aspectos da política externa e da integração regional. Em 1969, o Senador Montoro e D. Lucy muito me honraram ao aceitarem ser padrinhos em meu casamento. Na época, no auge do regime autoritário, Montoro era líder do MDB no Senado e eu jovem diplomata do Itamaraty.

De certa maneira, durante os anos em que servi em Brasília, até 1966, procurei trabalhar junto a Montoro na área externa, como uma espécie de assessor informal, sempre focando em assuntos da área externa, inclusive quando, bem mais tarde, ele já Senador e eu de volta a Brasília, tornou-se presidente da Comissão de Relações Exteriores (CRE).

Nessa ocasião, tive a oportunidade de discutir muito com o Senador como fortalecer a atuação da comissão, com base na experiência do funcionamento nos Estados Unidos e em outros países. A CRE do Senado tem a função de examinar e discutir temas de política internacional, acordos assinados pelo governo e a indicação de embaixadores para a chefia de nossas missões diplomáticas no exterior. Naquela época, ainda sob o regime militar, o Congresso estava fragilizado e o escrutínio era mera formalidade constitucional, com raras exceções. Pouco se debatia sobre os rumos da política externa e sobre tópicos específicos da ação diplomática. A tentativa de Montoro foi justamente a de discutir em mais profundidade temas como o da integração regional e da dívida externa. Tive ocasião de assisti-lo na preparação desses encontros e de discursos que fazia no plenário do Senado.

Mais tarde, no final da década de 80, quando embaixador junto à Associação Latino-Americana de Integração (ALADI), também procurei assistir Montoro em relação aos temas de integração. Lembrome que, depois da eleição de Fernando Collor a presidente da República, o presidente eleito decidiu viajar para os países do MERCOSUL. Durante os preparativos da viagem ao Uruguai para encontrar-se com o presidente uruguaio, Alberto Lacalle, Montoro consultou-me sobre a oportunidade e conveniência de uma visita a sede da ALADI, em Montevidéu. Estimulei fortemente a idéia, pois seria a primeira vez que um presidente brasileiro visitaria a instituição, símbolo da integração comercial da América do Sul, mais o México. Montoro foi a Collor e insistiu na visita, lembrando-lhe o caráter histórico do encontro do presidente eleito com todos os embaixadores representantes de dez países do continente sul-americano e conseguiu sua concordância para a organização da reunião. Nesse mesmo dia, recebi a incumbência de iniciar os preparativos para a visita que ocorreu num dia de sábado, com grande repercussão. A iniciativa de Montoro foi de gran-

de senso político por ser um fato concreto, simbólico do interesse do Brasil pelo processo mais intenso de integração regional que desaguardaria meses depois na assinatura do Tratado de Assunção, em março de 2001, que criou o MERCOSUL. O que Montoro nunca soube foi que meu envolvimento indireto na organização da visita iria render não poucos problemas burocráticos com meu colega, o embaixador junto ao governo uruguaio, desagradado por ter de dividir com a representação junto a ALADI as atenções do presidente recém eleito.

Montoro era um congressista ímpar. Poucos e, sobretudo hoje, são os congressistas que se interessam por assuntos da área externa. Acham que se trata de um setor sem repercussão interna e que, por isso, não dá voto. Hoje essa percepção começa a mudar, em grande parte pela crescente projeção externa e pela importante participação do Brasil no processo de integração sul-americana. Com o MERCOSUL, temas concretos passaram a ser tratados e interesses domésticos passaram a justificar um maior envolvimento dos congressistas. O comércio exterior afinal tem a ver com a geração de emprego e o envolvimento das diversas regiões. Também sob esse ângulo, Montoro teve cedo a clara percepção da crescente importância do tema.

Montoro, pela sua formação e, sobretudo, pela sua vinculação internacional com a democracia cristã, tinha uma ampla visão de mundo. Não era um político paroquial. Tinha a percepção da necessidade de se conhecer as experiências de outros países e de que o Brasil deveria procurar se inserir de forma mais ampla no contexto internacional.

O humanismo cristão, valorizando e pondo o indivíduo no centro das preocupações, teve grande influência na formação do pensamento de Montoro. Era, portanto, natural a prioridade que Montoro atribuía à participação, à descentralização e à valorização do indivíduo na sociedade, na defesa da democracia e dos valores éticos. Jacques Maritain e padre Lebreton foram fontes inspiradoras e eram sempre por ele citados.

É interessante notar que a participação de Montoro no Partido Democrata Cristão (PDC) – existente quando Montoro começou a militar politicamente – na realidade se iniciou em uma reunião no exterior, em Montevidéu. Em 1947, numa reunião de representantes da democracia cristã naquela cidade, Montoro esteve presente junto com Alceu de Amoroso Lima. Ao voltar, ambos pensaram

em criar um partido em São Paulo onde pudessem militar politicamente. Depois de muitas consultas e conversas, no entanto, ficou decidido que, ao invés de se criar um novo partido, a militância deveria ocorrer dentro da própria democracia cristã, num Partido já criado em São Paulo. Ao ingressar no PDC, o político Montoro e lideranças ligadas a ele logo passaram a ter grande influência e, em curto espaço de tempo, assumiram a direção do partido.

A democracia cristã já era vista por Montoro como uma espécie de terceira via, antecipando por muitos anos o movimento que viria a ser liderado por Tony Blair na Inglaterra nos anos 90.

Tony Blair assumiu as funções de Primeiro Ministro do Reino Unido em 1997, depois de histórica eleição em que o Partido Trabalhista infringiu a maior derrota até então ao Partido Conservador, com uma maioria no Parlamento que se mantém até hoje. O Partido Trabalhista, de forma inédita na história política britânica, venceu as três últimas eleições e aumenta o longo interregno das sucessivas vitórias conservadoras. A eleição de Tony Blair, em 1997, externou a reação dos britânicos às políticas extremamente conservadoras de Margareth Thatcher. Apesar de o “thatcherismo” ter sido muito bem sucedido na estabilização da economia e da libra esterlina, e de Margareth Thatcher ter ainda grande prestígio junto a uma parcela significativa da população britânica, o custo social das políticas adotadas por seu governo havia sido muito grande.

A produção industrial havia caído, com o conseqüente aumento do desemprego, tendo triplicado desde a chegada de Thatcher ao poder. As quebras de empresas e instituições financeiras haviam passado a se multiplicar.

Quando Thatcher deixou o poder em 1990, substituída por outro líder conservador, John Major, 28% das crianças inglesas eram consideradas pobres – o pior desempenho dentre os países desenvolvidos. Os índices de pobreza e concentração de renda continuaram subindo até o seu ponto mais alto em 1997.

A vitória trabalhista e a escolha de Tony Blair como primeiro ministro britânico foi uma reação às políticas que ignoraram as condições sociais da população desassistida. A partir de 1997, Tony Blair, para começar a corrigir essa situação extremamente distorcida, adotou uma

série de medidas de inspiração keynesiana, como o restabelecimento de um salário mínimo, a criação de um programa escolar para crianças e aumento dos créditos fiscais (isenções) para a classe trabalhadora (medida de transferência interna de renda). Ao longo dos anos, essas medidas deram resultado, com a redução da pobreza (a proporção de crianças britânicas que vivem na pobreza caiu do pico de 30%, em 1994, para 11% em 2005) e foram atenuadas as desigualdades sociais.

Socialismo com face humana era lema muito repetido naquela época, como tive ocasião de escutar na função de embaixador em Londres, que então exercia. Nessa época, tive ocasião de receber Franco Montoro e D. Lucy. Como sempre, Montoro muito interessado em tudo saber sobre as modificações que estavam ocorrendo e as medidas de cunho social que Blair começaria a aplicar. A reforma na educação, na saúde e na previdência social foram foco de sua atenção. Interessou-se também em entender o processo de transformação do Partido Trabalhista e o movimento para o centro do espectro político britânico, o que permitiu ganhar a confiança da maioria da população e assim derrotar os conservadores.

Blair procurou dar uma grande ênfase social na implementação da política econômica do Reino Unido. A Terceira Via, que foi o caminho proposto pelos trabalhistas, procurou conciliar os interesses capitalistas das grandes empresas com as reivindicações da classe média e das camadas mais pobres, sempre com o objetivo de retomar o crescimento com justiça social. Essa filosofia e a maneira de ver as perspectivas políticas e sociais do Reino Unido não escaparam à atenção de Montoro durante sua visita a Londres.

As idéias renovadas do trabalhismo britânico, as políticas que a Terceira Via procurava implementar, eram próximas e afins às percepções de Montoro.

O Senador Montoro percebia o PDC como uma terceira via entre o capitalismo selvagem e o comunismo ditatorial.

No início de sua militância no PDC, o mundo estava bi-polarizado, dividido entre capitalismo e comunismo, e havia pouca margem de atuação para os países e os governos da época. Era difícil abrir um caminho entre essas duas forças. O movimento não-alinhado, criado em Bandung em 1954, procurou – sem sucesso – ocu-

par esse espaço. Em termos de política interna, os grandes partidos (PSD, PTB e UDN) deixavam pouco espaço para partidos menores e, sobretudo, partidos que tinham uma visão de mundo diferenciada, com grande ênfase social e com distanciamento das políticas que afagassem os interesses conservadores tradicionalistas, ou as que favorecessem a predominância do Estado sobre o indivíduo.

É curioso notar que, mesmo no que se refere à participação política partidária, a ação de Montoro nasceu fora do Brasil, quase como uma antecipação da sua visão internacional. A partir da militância política no âmbito da democracia cristã, Montoro começou a manter vinculações partidárias externas, com lideranças como Rafael Caldera, Herrera Campins, na Venezuela; Gabriel Valdez, Rodomiro Tomic, Eduardo Frei, no Chile; na Alemanha, na Itália, com Adenauer e com De Gasperi. Eram interlocutores freqüentes. Isso fez com que, a partir dessas conexões, passasse a haver uma integração muito grande do pensamento internacional com a ação política. Ele conseguiu fazer a conciliação entre a intensa militância política interna e a preocupação com questões externas. Muitos contatos externos político-partidários, viagens e conferências passaram a integrar regularmente sua agenda.

Montoro tinha, diferente da maioria dos políticos de seu tempo, e mesmo de agora, a visão da ação política conjugada com o seu pensamento.

Além da intensa militância política interna, ele se voltava freqüentemente para questões externas. A integração latino-americana e, na época, a questão da dívida externa passaram a fazer parte de sua ação política interna e externa.

Montoro, dessa forma, se antecipou, e muito, no mundo da política nacional e na questão da integração regional.

Montoro foi um pioneiro, durante mais de 30 anos, pregando a necessidade de um movimento pela integração regional. Na sua perigração se pôde verificar a antecipação de muitos dos assuntos discutidos hoje.

Em seu primeiro pronunciamento como Deputado Federal, em 1959, na Câmara dos Deputados, já escolhera como tema a necessidade de integração política, econômica, cultural e política do continente.

Em mais de meia centena de ensaios, conferências e artigos, e

desde seus escritos iniciais sobre integração regional, datados de 1958, Montoro dizia que a integração significará para os povos da região, em primeiro lugar, a participação no processo histórico para a formação de um mundo multipolar; em segundo lugar, o caminho para enfrentar os riscos e os benefícios da globalização e da inserção competitiva na economia mundial; em terceiro lugar, oportunidade, para os países da região, de ampliarem o seu mercado; e em quarto, a possibilidade de aproveitamento conjunto dos recursos naturais da região e a oportunidade do desenvolvimento solidário dos países da região nos campos cultural, econômico, político e social.

Como político sensível, Montoro entendia que o processo de integração regional seria um fator importante para acelerar o fim da divisão do mundo entre o capitalismo (EUA) e o comunismo (URSS). O exemplo da integração política, econômica, financeira e social na Europa certamente estava presente em suas reflexões, a partir dos contatos que mantinha com líderes europeus ligados à democracia cristã.

Anteviu com clareza que a integração regional seria uma das respostas mais significativas para a globalização. *Think globally but act locally*. Pensamento global, porém a ação local é um dos princípios que norteiam o comportamento dos governos e das empresas no mundo contemporâneo. Europa, América do Sul, África e agora a Ásia, inclusive China e Japão, que sempre se opuseram aos processos de integração regional, modificaram suas políticas e hoje estão engajados em negociações de grande alcance regional e que terão profundas repercussões globais.

Em um mundo globalizado, o mercado interno não é suficiente para permitir o aumento da competitividade e a expansão da produção. Na década de 80 e 90, em meio à grave crise econômica internacional, com a disparada dos preços do petróleo e o surgimento do problema da dívida externa, e com a queda do crescimento econômico em virtude da recessão que afetou tão fortemente o país, Montoro já antecipava o movimento da internacionalização das empresas brasileiras na busca de novos e mais amplos mercados para seus produtos.

No discurso sobre questões da integração regional, sempre sobressaía a preocupação de Montoro com o social, com a participação e com a democracia.

“A integração da América Latina não é apenas a aspiração ou o ponto de vista de alguns grupos. Não é também uma opção facultativa. Ela é hoje um imperativo histórico e caminho necessário para o desenvolvimento econômico, social e político dos países da região e para sua integração na economia mundial”, afirmou com clara percepção e antecipação do que viria a acontecer anos depois com as grandes transformações no cenário internacional, criadas pela globalização.

Essa integração, no entender de Montoro, não poderia ficar limitada às questões de comércio intra-regional, de transporte fluvial, ferroviário e rodoviário, nem aos sistemas de energia elétrica, petróleo e gás natural, mas estender-se às áreas cultural, política, jurídica e social.

Coerente com suas idéias – participação e descentralização – que procurava difundir internamente, Montoro acreditava, em termos de integração regional, que ela não poderia ser feita apenas pelos organismos governamentais, mas exigia a participação de todos: empresários, trabalhadores, igrejas, mundo político, universidades, institutos de pesquisa e tecnologia, jovens, mulheres, artistas, meios de comunicação, especialistas, fazendo com que a integração fosse obra e ação de toda a sociedade.

Dizia que a integração da América Latina não se processaria de forma democrática e não se faria de forma organizada se não houvesse a consciência e a participação da população. Propugnava que essa integração fosse social, participativa e pluralista.

Firmemente ancorado em suas convicções, Montoro não se cansava de ensinar que a força do desenvolvimento do processo de integração da América Latina tem sua origem no avanço democrático na região. Cairam as ditaduras e com elas a pretensão de hegemonia de cada país, naturalmente contrárias à integração democrática em um único bloco continental. Torna-se cada vez mais claro que o regime democrático é o caminho único possível para a integração e o efetivo desenvolvimento dos países da região. É a confirmação do grande ensinamento de Maritain: “Apesar de suas imperfeições e de seus limites, a democracia é o único caminho por onde passam as energias progressivas da história humana”, insistia Montoro.

As experiências autoritárias e ditatoriais do passado recente foram economicamente desastrosas e socialmente insuportáveis. Deixaram

uma dívida externa escandalosa, graves violações de direitos humanos e aprofundaram desigualdades sociais inadmissíveis.

A defesa ativa e permanente da democracia, no momento difícil e delicado por que passam quase todos os países do Continente é uma preocupação geral. Não se trata de voltar ao passado e estabelecer uma democracia apenas formal e representativa. A democracia moderna que se procura construir, além de representativa, procura ter três características fundamentais: ser social, participativa e pluralista.

Social, ao dar ênfase à correção das graves desigualdades e injustiças sociais que marcam dramaticamente a região e dar prioridade não às obras suntuosas, mas ao atendimento das necessidades básicas da população, como alimentação, saúde, educação, habitação, preservação do meio ambiente e, sobretudo, a criação de empregos e oportunidades de trabalho, o melhor caminho para combater a pobreza

Participação é outra exigência da democracia em um Continente marcado por longa tradição de centralismo autoritário e personalista. A população local e os diversos segmentos da sociedade conhecem melhor seus problemas e soluções, por isso a substituição do centralismo pela descentralização, do autoritarismo pela descentralização, do autoritarismo pela participação organizada da sociedade é fator insubstituível de desenvolvimento real e bem-estar social.

Pluralismo significa, de um lado, o respeito às opiniões e pensamentos divergentes e, de outro, o reconhecimento da multiplicidade de organizações, interesses e forças da sociedade, como os chamados grupos intermédios: a família, a escola, a empresa, o partido, as associações, os grupos e movimentos sociais. O pluralismo é uma decorrência da liberdade e o reconhecimento prático de que ninguém é o dono da verdade. Seu instrumento é o diálogo, o entendimento e a abertura.

Reproduzo nos parágrafos acima essa sùmula do pensamento e da ação de Montoro no contexto da discussão sobre integração regional, porque nela vamos encontrar a essência da filosofia e da prática de toda uma vida de militância política.

As observações e comentários de Montoro não poderiam ser mais atuais para o momento em que vivemos na região. O nacional-populismo implantado em alguns países da região ameaça a democracia representativa e pluralista e introduz um elemento de desa-

gregação entre os países sul-americanos. Ao invés do fortalecimento da integração, alicerçada nos princípios defendidos por Montoro, o quadro hoje é preocupante. O processo de integração está praticamente paralisado por causa de iniciativas individuais e o alicerce democrático começa a fraturar-se. A lembrança dos princípios que Montoro gostava de repetir, sempre que podia para qualquer auditório, continuam atuais e cada vez mais significativos ao se examinar a evolução recente do cenário político sul-americano.

Para Montoro, a opção da América Latina é clara: integração ou atraso e dependência.

Depois de deixar o governo de São Paulo, Montoro resolveu criar o ILAM, o Instituto Latino-Americano, entidade não-governamental, sem fins lucrativos e de caráter suprapartidário com o objetivo de cooperar no processo e união dos países da América Latina.

Criticado no início por alguns que viram no ILAM apenas uma forma de manter o nome do político Montoro no noticiário, com vistas às eleições presidenciais no final do mandato de José Sarney, as inúmeras atividades do Instituto mostraram que as intenções eram reais, sinceras e muito positivas para chamar a atenção de uma questão que considerava de grande relevância para o Brasil e para a região.

José Gregory foi seu diretor-executivo e eu passei a integrar o Conselho, junto com outros companheiros de Montoro, que com ele compartilhavam os mesmos ideais e atribuíam a mesma prioridade à integração. Como conselheiro, ajudei, em muitas conversas e discussões, na definição e na execução das ações do Instituto, por meio de seminários, conferências e inúmeras visitas que fiz a São Paulo. Quando Montoro criou o ILAM, eu era justamente o embaixador junto a Associação Latino Americana de Integração (ALADI). Sendo então o representante brasileiro, em área de interesse de Montoro, foi possível trocar experiências e em muitas das reuniões por ele organizadas, participei e o ajudei. Lembro-me de várias reuniões que fazia pioneiramente com sindicatos brasileiros e sul-americanos para promover a integração regional em um momento em que apenas as empresas eram o foco das atenções oficiais para participarem dos esforços de integração.

A ação de Montoro, no tocante à integração, não se limitava à discussão conceitual. Ele foi, durante todo este tempo, não só um pen-

sador da integração, mas também um homem de ação, perseguindo um objetivo que tinha muito claro.

O artigo 4, parágrafo único, da Constituição foi inspirado e teve na sua elaboração grande influência de Montoro, mesmo fora das lides parlamentares. Diz o artigo 4 que o Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de integração. O artigo passou a ser uma referência de política externa para todos os governos que se sucederam.

É com base nesse artigo que, recentemente, o atual governo, criou a comunidade latino-americana de nações (CASA), que o presidente Chávez resolveu renomear de União das Nações do Sul (UNASUR) em substituição a designação inicial sugerida pelo Brasil.

Montoro também teve uma ação muito importante na criação do Parlamento Latino-Americano (Parlatino). Criado em 1964, num momento em que os governos de quase todos os países da região eram autoritários, controlados por militares e os Congressos estavam fragilizados ou dissolvidos.

Por essa razão, somente com a redemocratização, a partir do Tratado de Lima, de 1987, o Parlatino se tornou de fato efetivo. Montoro, como Governador, se empenhou enormemente para que a sede do Parlatino fosse instalada no Brasil e não em um dos países de língua hispânica, e foi também instrumental na criação de todo o complexo arquitetônico do Memorial da América Latina, numa das principais obras de Oscar Niemeyer. Montoro não presidiu sua inauguração, pois ela veio a ocorrer na gestão de seu sucessor no governo de São Paulo. Ao deixar o governo, tornou-se presidente do Conselho Consultivo do Parlatino e teve atuação de realce em decorrência de seus laços políticos e pessoais com o principais líderes da região.

Outro aspecto da integração regional que Montoro desenvolveu muito fortemente, com ações concretas, foi o aproveitamento das hidrovias, sobretudo a Hidrovia Paraná-Paraguai. Franco Montoro tinha uma clara visão estratégica, sobretudo porque percebia a hidrovia como um meio eficiente de comunicação que perpassa cinco países, Argentina, Brasil, Bolívia, Paraguai e Uruguai. Naquela época, na década de 80, ninguém falava em hidrovia, mas Montoro se entusiasmava com a

perspectiva da ligação das bacias do Prata, do Amazonas, do Orenoco, e da integração fluvial, que apenas agora começa a sair do papel. Como embaixador na Aladi, tive a oportunidade de assistir ao descarregamento da primeira carga de soja transportada por barcaças de Puerto Suarez a Nueva Palmira no Uruguai, em 1998, depois de percorrer mais de três mil quilômetros na Hidrovia Paraná-Paraguai.

Em uma das muitas atividades visando a respaldar a viabilidade do transporte pela Hidrovia Paraná-Paraguai, fui convidado por Montoro para participar, em 1997, de uma reunião com governadores, congressistas, empresários, se não me falha a memória, em Porto Murtinho. Nesses dias, na ALADI se discutida justamente um acordo de transporte na hidrovia. Lembro que nesse encontro de dois dias houve ampla e democrática discussão sobre como apoiar e como tirar do papel esse importante projeto estratégico para o Brasil. Já começava a haver oposição ao projeto por parte de organizações ambientalistas. Montoro se antecipou no tempo na defesa desse projeto que ainda está por se completar pela falta de uma visão estratégica do Governo brasileiro, enredado em querelas burocráticas nos escalões intermediários da máquina administrativa.

Montoro dizia que a integração tinha inimigos internos e externos. Entre os inimigos internos ele reconhecia setores domésticos que alimentavam sentimentos de divisão, de confronto e de desconfiança, entre os países da região. Estou certo de que hoje, por razões objetivas e concretas, estaria ampliando e enfatizando ainda mais seus comentários sobre esse tema.

Não se cansava de repetir uma história que aparentemente teria acontecido no Congresso Nacional da Democracia Cristã em 1957, em São Paulo, quando o Clóvis Garcia, então representante do Brasil no Congresso, condenou veementemente a compra do porta-aviões adquirido pelo Brasil no governo Juscelino. Montoro estava presente e estimulou os participantes a condenar a aquisição. Os representantes da Argentina diziam que como o Brasil havia comprado o porta-aviões, a Argentina teria de seguir esse exemplo. Em seguida, o representante do Chile, dizia: “Se a Argentina comprou o porta-aviões, nós também vamos ter de comprar”. E aí, o Peru, que tem uma rivalidade histórica com o Chile, também iria comprar um porta-aviões. Eram governos autoritá-

rios e havia uma acirrada disputa entre todos eles. Montoro completava: “Se o Brasil compra o porta-aviões, e depois, imitando, a Argentina, o Chile e o Peru também compram, até a Bolívia vai querer ser convencida a comprar um porta-avião para colocar no Lago Titicaca”.

A mesma disposição e entusiasmo ocorreu no tocante à criação do MERCOSUL. Montoro foi um grande entusiasta da iniciativa e discutia e apoiava algumas ações concretas. A primeira era a questão da moeda comum. Montoro defendia muito a idéia, apresentada pelos Presidentes Sarney e Alfonsín, de criação da moeda comum, o gaúcho, para substituir o dólar nas trocas comerciais. Apoiava também o fundo de reserva da América Latina, embrião de um banco de fomento regional. Estou seguro que Montoro estaria preocupado com os rumos que o MERCOSUL tomou nos últimos anos. Os problemas institucionais e a falta de vontade política dos países membros para levar adiante o processo de integração sub-regional vão contra a sua pregação e sua ação política. O crescimento do número de países membros plenos, sem o respeito às regras e ao regulamentos do MERCOSUL despertariam a atenção do jurista e homem público, que certamente chamaria a atenção da importância do cumprimento dos acordos assinados.

Além desses, Montoro procurava focalizar alguns outros temas específicos, que mencionava seguidamente e apoiava de maneira muito veemente.

Quando governador de São Paulo, estimulou a criação da Latino-Equipe, empresa trilateral, integrada pelo BANESPA, pelo Banco da Província de Buenos Aires e pelo Banco Financiero do México, para estimular o comércio de máquinas e equipamentos e a prestação de serviços na região. Naquela época, em meados de 80, tratava-se de uma idéia avançada, dentro de uma visão de integração entre México, Argentina e Brasil no sentido de aumentar o mercado entre os maiores países da região.

A integração energética também mereceu a atenção e o engajamento de Montoro. Passou a apoiar e divulgar a necessidade de um programa latino-americano de energia. Já naquela época, além das formas clássicas de energia, do petróleo e do gás, Montoro defendia a biomassa. Isso nos anos 80, quando ninguém ainda falava em energia renovável. A energia eólica e solar eram igualmente discutidas com o objetivo de alcançar a auto-suficiência energética na região.

Montoro antecipou as questões relacionadas a energia na América do Sul, região que embora auto-suficiente em todas as fontes energéticas, como o carvão, o petróleo, gás, a água e agora as diversas formas de energia renovável, não consegue integrar-se de forma satisfatória. Imagino sua reação às ações tomadas pelo governo da Bolívia ao expropriar duas refinarias da Petrobras e de outros países questionando a legitimidade de contratos assinados com o Brasil.

Apesar de não ter militância política-partidária devido às minhas funções no Itamaraty, em 1988, participei, muitas vezes, com Montoro, no Hotel Nacional e em sua casa, em Brasília, das discussões preparatórias para o lançamento do PSDB, um novo partido político, cisão do PMDB. Ajudei informalmente, a seu pedido, na elaboração de trabalhos sobre política externa.

No programa de lançamento do PSDB, em diversas passagens do documento, é facilmente reconhecível a influencia conceitual de Montoro. No parágrafo sobre política externa foram incluídos, por sua inspiração, referências à integração regional e sobre a dívida externa.

“O PSDB entende que a política externa tem uma importância estratégica para o desenvolvimento do País. O Brasil deve continuar a marcar sua presença no cenário internacional pelo diálogo e por formas de relacionamento externo baseadas na cooperação e na não-confrontação. Os objetivos tradicionais de longo prazo da política externa brasileira – soberania, autodeterminação, segurança e integridade territorial – deverão ser afirmados no desempenho de um papel mais ativo da nossa diplomacia em questões como integração regional e dívida externa, assim como nas gestões a favor da paz mundial”, reza o capítulo sob o título “Presença ativa no cenário internacional”.

A convicção democrata-cristã e suas vinculações externas não deixaram de preocupar Montoro, quando associou-se, como um dos fundadores, à social-democracia brasileira. Na Europa, a social-democracia era rival da democracia cristã e vinculava-se à Internacional Socialista. Talvez para minimizar os efeitos dessa vinculação e reduzir o uso da denominação partidária, Montoro insistiu na criação de um símbolo para o novo partido. Nasceu, assim, por inspiração montoriana, o tucano como forma de representação do PSDB.

Montoro foi um precursor, no meio político, no acompanhamento

e na discussão de temas de política externa. Acho que se pensarmos dentro de uma perspectiva histórica, nos últimos 30, 40 anos, poucos políticos militaram ou tiveram interesse em relação às questões de política externa como ele. Montoro tinha a percepção da importância da gradual, porém crescente, projeção externa do Brasil e da importância do país em seu entorno geográfico. E atuava no sentido de promover a defesa intransigente dos interesses nacionais sem bravatas e sem a aspiração de assumir uma liderança na região.

É de grande simbolismo o fato de Montoro ter falecido quando se preparava para viajar para o México, em 14 de julho de 1999. Foi até o fim de sua vida lutando e promovendo a integração regional.

Gostaria de terminar esse depoimento, lembrando uma frase do político chileno Rodomiro Tomic, que muito me impressionou porque acho que ela resume o que foi Montoro.

“Para que uma nação progrida, ela precisa de homens que sonhem, homens que pensem e homens que realizem.” Na pessoa de Montoro, essas qualidades se somam. Seu exemplo, sua pregação e sua obra mostram o homem público que sonha, que pensa e que realiza. Este foi Franco Montoro.

A bem do Brasil, que seus sonhos, ações e pensamentos sirvam de exemplo para as novas gerações.

Rubens Barbosa
Ex-embaixador e Consultor

CAPÍTULO IV
PLANO DE GOVERNO: INSTRUMENTO DE
MOBILIZAÇÃO DA SOCIEDADE
Marcos Giannetti da Fonseca

INTRODUÇÃO

Quero aproveitar a oportunidade desse seminário para contar uma história. A história da formação de um governo que foi um marco de seriedade, modernismo, responsabilidade e eficácia no Brasil. E, também, para mostrar como um político realmente empenhado a favor da coisa pública orientou seus quatro anos de mandato para cumprir os compromissos que assumiu com a população de São Paulo.

Muito do que vou falar não é novidade para os aqui presentes, mas, de qualquer maneira, estarei despertando lembranças que com certeza são gratas e, deixando para o futuro, uma vez que desse seminário deve resultar uma publicação, um depoimento que, dentre outros objetivos, expõe o trabalho de um dos maiores homens públicos da política brasileira.

Esta história começa em 1974. Nesse ano, o governo militar que

dirigia o Brasil sofre sua primeira derrota, com a eleição de vários políticos oposicionistas para o senado. O MDB faz 16 senadores contra seis da Arena. Dentre os políticos oposicionistas, em São Paulo, elegeu-se André Franco Montoro, com uma votação expressiva.

A vitória do MDB colocou sobre os políticos da oposição uma enorme responsabilidade. Perceberam que o regime militar começava a ruir e a oposição precisava começar a se preparar para assumir o poder.

Em 1980 a eleição de governadores volta a ser direta, e são uniformizados os mandatos em quatro anos de duração, na forma da Emenda Constitucional n.º 15, de 19-11-1980. Essa Emenda restabeleceu, também, o voto direto nas eleições para senador da República, extinguindo a figura do “senador biônico”, e com mandato de oito anos.

Estava criada a possibilidade concreta de a oposição avançar mais um passo na direção da redemocratização do país, principalmente através da eleição de governadores.

Montoro percebeu a oportunidade e imediatamente começou a se preparar para concorrer ao governo do Estado de São Paulo. Uma das primeiras iniciativas tomadas nessa direção, dentre outras, como a criação do IBEAC que até hoje desenvolve importantes trabalhos na área social, foi a criação da AED – Associação de Estudos para o Desenvolvimento.

O objetivo dessa associação era o de realizar estudos e trabalhos voltados para o desenvolvimento nacional e, ao mesmo tempo, reunir a “inteligência” em torno de propostas e programas para o país e para o Estado de São Paulo.

A primeira diretoria da AED foi constituída por Chopin Tavares de Lima, Paulo de Tarso Santos, Glenys Laurenza, Beno Suchodolski e por mim como presidente da associação. Os primeiros trabalhos tiveram como sede uma pequena casa na Rua Bela Cintra. Participava ativamente das atividades da AED, ainda que sem um cargo formal na associação, o filho do Governador Montoro, André Franco Montoro Filho.

Juntamente com a diretoria da AED e auxiliado pelo André Filho, começamos a mobilizar cientistas, estudiosos, especialistas e intelectuais, nas mais diversas áreas de atividade. Foram criados dezenas de grupos de trabalho cobrindo assuntos tão diversos

quanto energia (na época muita controvérsia em torno do acordo nuclear com a Alemanha), ecologia (Montoro foi dos primeiros políticos brasileiros a se preocupar com o tema), economia, educação, cultura, etc. etc.

Ao mesmo tempo Montoro manifestava sua intenção de criar um “contraponto” para as atividades do então governador Paulo Maluf e do então presidente João Figueiredo. Foi criada uma espécie de *shadow cabinet* a exemplo do que se fazia em países como a Inglaterra. Temas como a nefasta Paulipetro, a atuação do governo estadual na área de segurança pública, dentre muitos outros, foram exaustivamente discutidos e as posições da oposição, nos mais variados assuntos referentes ao governo federal e governo estadual, eram muitas vezes gestados nesses grupos de trabalho.

Montoro acreditava na união do Poder e do Saber e a ação da AED foi uma de suas iniciativas no sentido de preparar a oposição para o poder. Sua preocupação acerca de estar bem preparado para assumir o governo era enorme. Acreditava que o poder não é um objetivo em si mesmo, mas sim, um meio de atuar no sentido de criar uma sociedade mais justa e solidária. Acreditava ainda que só o saber dá ao poder o caminho para esses objetivos. E sua ação sempre foi uma consequência direta de suas crenças.

Os trabalhos da associação eram financiados por pessoas físicas e jurídicas (sócias da AED) e a totalidade das centenas de cientistas, especialistas, estudiosos, e intelectuais trabalhavam voluntariamente, mobilizando recursos que custariam uma fortuna para serem contratados como profissionais. Na verdade, todos sentiam estar participando da história do Brasil e do grande arranque para a redemocratização do país.

Ainda com o objetivo de levantar os recursos necessários (que no início não eram muitos) para o desenvolvimento dos trabalhos, a AED criou uma série de cursos de formação política que, além do objetivo de levantar recursos, usava os técnicos e cientistas que participavam dos grupos de trabalho como professores para alargar a idéia da oportunidade para a redemocratização.

Os professores das melhores universidades brasileiras e muitos especialistas estrangeiros se engajaram nesse trabalho. Além das reuniões

dos grupos de trabalho muitos seminários importantes foram organizados pela AED.

Ao longo do tempo, várias modificações foram feitas na equipe de direção dos trabalhos de elaboração da Proposta Montoro, sendo que as mais importantes foram a incorporação do José Serra e do Fernando Henrique Cardoso na equipe diretiva e, mais adiante, por sugestão do Mario

Covas, então presidente do MDB, a incorporação do Paulo Renato de Souza, então presidente do Instituto Pedroso Horta. Esta última adição ao grupo dirigente da AED se deu com o objetivo de entrosar as atividades da AED com as atividades partidárias, na mesma área, desenvolvidas pelo Instituto Pedroso Horta.

CINCO DIRETRIZES

Montoro, número 5 nas eleições, fez do número 5 um dos ícones da sua campanha e de sua atividade política. Já que 5 era o número do PMDB nas eleições, vários foram os documentos de campanha e de divulgação do governo que foram produzidos sob inspiração da AED e posteriormente pela área de publicidade do governo e que tinham 5 assuntos abordados. Alguns exemplos foram “5 Montoro - É preciso Mudar – PMDB” que era uma cartilha resumindo a “Proposta Montoro” para efeito de divulgação ampla das propostas de governo e “5 Verdades – Você que votou no nº 5 Montoro PMDB para Governador em 1982, precisa saber no mínimo, 5 verdades”.

A cartilha “5 Montoro - É preciso Mudar – PMDB” além de listar os 5 pontos referenciais da Proposta Montoro, a saber:

1. Descentralização do poder e da economia pelo fortalecimento das regiões e dos municípios.
2. Participação de todos os setores da população nas decisões de interesse coletivo.
3. Geração de empregos por meio do financiamento e da execução de projetos que utilizem intensamente mão-de-obra.
4. Combate à corrupção e às mordomias.
5. Prioridade na aplicação de recursos públicos em educação, saúde, habitação, transporte coletivo e produção de alimentos.

Apresentava 5 medidas concretas em 5 áreas prioritárias acrescentando que “5 é o nosso número”.

Essa cartilha apresentava medidas nas áreas de:

1. Saúde para todos.
2. Melhor educação e escolas para todos.
3. Mais alimento, menos carestia.
4. Melhores condições de moradia.
5. Mais empregos e cidades mais humanas.

Adiante veremos como cada uma dessas 5 áreas foi tratada ao longo do governo e, dando consequência aos seus compromissos, como Montoro atacou os problemas em cada uma delas.

GRUPOS DE TRABALHO

Dentro da orientação das Diretrizes já mencionadas, foram criados grupos de trabalho sobre os mais variados assuntos. Esses grupos de trabalho ao longo dos anos 1980 e 1981 reuniam-se semanal ou quinzenalmente na casa da Rua Bela Cintra, quase sempre com a presença do Governador Montoro, que acompanhava com grande interesse as discussões que se travavam e, sempre sugeria questões novas a serem discutidas. Posteriormente, as atividades da AED foram transferidas para a casa da Rua Madre Teodora e finalmente, após as eleições para os escritórios da Rua Berrini.

Cada grupo de trabalho era composto por um coordenador e por membros escolhidos pela direção da AED, ou pelo coordenador da área. Mas a participação era a mais abrangente possível, até porque descobrimos ao longo do processo, que a participação na elaboração da proposta, servia de fantástico elemento de mobilização para a campanha. Assim, desde que os trabalhos não fossem prejudicados, procurávamos fazer a participação na AED tão ampla quanto possível.

Muitos dos coordenadores de áreas e participantes dos grupos de trabalho tornaram-se secretários de estado ou dirigentes de empresas estatais. Mesmo correndo o risco de omissões indesculpáveis, vou mencionar algumas dessas pessoas:

José Serra – membro da equipe diretiva, principal coordenador da redação da Proposta Montoro e posteriormente Secretário de Planejamento.

José Goldemberg
José Carlos Dias
Miguel Reali Filho
Paulo de Tarso Santos
Chopin Tavares de Lima
Luiz Carlos Bresser Pereira
João Sayad
Roberto Gusmão
Paulo Renato Souza
Carlos Alfredo de Souza Queiroz
João Yunes
José Pedro de Oliveira Costa
Jacques Markovitch
Adriano Murgel Branco
Denisard Cneio de Oliveira Alves

E muitos outros cujas contribuições foram muito importantes, ainda que minha memória limitada, não seja grande o suficiente para lembrar-se das centenas de pessoas que participaram desses trabalhos.

Periodicamente, a direção da AED se reunia com os coordenadores de áreas para discutir o andamento dos trabalhos, as diretrizes a serem consideradas, ou para fazer solicitações sobre assuntos mais específicos que, por qualquer razão, se tornaram relevantes ao longo da campanha. Muitas vezes essas reuniões serviam para avaliar proposições dos outros candidatos, e estabelecer diferenciais entre as nossas propostas e as dos destes candidatos.

METODOLOGIA

Os grupos de trabalho, conforme já mencionado, reuniam-se no início uma vez por quinzena e nos últimos meses antes das eleições, com frequência de pelo menos uma vez por semana. Não raro, alguns grupos de trabalho reuniam-se diariamente, principalmente na fase final da campanha na Rua Madre Teodora e na fase de transição, nos escritórios da Rua Berrini e, do SEADE após a eleição.

Além da área de estudos e proposta de governo, a campanha tinha ainda uma área de propaganda e marketing cuja sede era na Av.

Brigadeiro Luiz Antonio, a uma quadra de distância da sede na AED na Rua Madre Teodora, e uma área de recursos, coordenada pelo Eugenio Montoro, situada também numa rua próxima.

A cada tema discutido, uma vez obtido um mínimo de concordância sobre as propostas elaboradas, a critério do coordenador de área, era produzido um documento que era encaminhado à coordenação geral, ao então candidato Montoro e, algumas vezes, para a área de propaganda e marketing da campanha.

Finalmente, quando da ocasião da redação final da Proposta Montoro, os coordenadores dos grupos de trabalho, assim como especialistas em diferentes assuntos, se reuniam com os redatores da proposta e, com a coordenação de redação para discutir a redação preliminar da proposta.

Depois de realizado esse trabalho, a Proposta Montoro em sua versão preliminar foi discutida com a direção da AED, com os grupos de trabalho e, como não podia deixar de ser, com o próprio candidato Montoro. Após essas discussões, e os necessários aperfeiçoamentos, essa proposta foi editada em duas versões abrangendo todos os temas e, em vários documentos, abordando temas específicos.

As duas versões, abordando todos os temas, objetivavam públicos específicos. A primeira, com uma abordagem mais rigorosa e com cunho técnico mais caracterizado, estava voltada para um público de maior escolaridade e maior familiaridade com os temas abordados. A segunda, na forma de cartilha, era voltada para um público mais amplo. Essa segunda versão contava ainda com ilustrações e uma linguagem mais acessível.

PROPOSTA MONTORO

O resultado concreto de todo esse esforço não foi só um programa de governo resumido em um documento que levou o título de Proposta Montoro. Além disso, o governo recém-eleito, tinha a sua disposição os melhores quadros existentes no país, já engajados no processo eleitoral e, prontos para assumir o governo, juntamente com o Governador Montoro.

Mais ainda, as diretrizes fundamentais do governo davam um

norte único a todos os programas e propostas para o novo governo e, os quadros que elaboraram esses programas e propostas, estavam prontos para colaborar na sua implantação e completamente afinados com a ideologia geral do governo.

Entendo que essa situação foi uma das grandes responsáveis pelos sucessos do governo Montoro. Apesar de não ser um especialista em história, acredito que até então, nunca um governo se preparou tanto em termos de propostas e de quadros quanto o Governo Montoro. Essa preparação foi uma conjugação da postura do candidato e da conjuntura política que uniam todos a favor da restauração da democracia no país. Sob esse ponto de vista o Governo Montoro não tinha o direito de decepcionar. Um mau desempenho do principal governo de oposição eleito em 1982 poderia representar décadas de atraso no processo de redemocratização do país.

E desde o período de preparação do governo, o Governo Montoro serviu de exemplo. Exemplo, aliás, seguido até hoje não só pelo PSDB nas várias eleições em que lança candidato, mas, também, por outros partidos.

A seguir, destacamos alguns dos mais importantes itens da Proposta Montoro:

Saúde: “A política estadual na área da saúde será parte de um programa que promoverá uma efetiva e permanente ação no sentido de erradicar a pobreza absoluta e atenuar as desigualdades sociais, problemas que estão na raiz da maior parte das doenças que afetam a população”. Essa era a síntese do compromisso assumido na Proposta Montoro.

Educação: A Educação é um direito fundamental da criança e, em São Paulo, eram cinco milhões de crianças que precisavam ser escolarizadas anualmente. Na Proposta Montoro de 1982, Franco Montoro prometia garantir esse direito através de um “amplo processo de mudança no sistema educacional do Estado, recuperando a dignidade da escola pública”.

Habitação: Na Proposta Montoro, sobre habitação destacamos o seguinte trecho: “Ciente das dificuldades para resolver o drama da habitação a curto prazo, o Governo compromete-se a lutar por mudanças que se ajustem às necessidades de um desenvolvimento urbano que melhore as condições da população, principalmente a de baixa renda, e

iniba a proliferação de casas precárias” .

Descentralização e participação: todos conhecem as frases que Montoro repetia à exaustão “o que pode ser feito pelo Estado não deve ser feito pela União; o que pode ser feito pelo Município, não deve ser feito pelo Estado e o que pode ser feito pela comunidade não deve ser feito pela União, pelo Estado ou pelo Município”. Este foi um dos nortes da Proposta Montoro.

Austeridade: Sobre esse assunto a Proposta Montoro dizia “A moralização e a austeridade na aplicação dos recursos, invertendo a triste realidade da corrupção, do desperdício e da distribuição de favores, é uma condição fundamental para que o Poder Público recupere sua dignidade”.

Meio Ambiente: “Os seres humanos, em sua busca do desenvolvimento econômico e na utilização das riquezas naturais, devem considerar as limitações desses recursos, a capacidade dos ecossistemas e as necessidades das gerações futuras”. Foi com base nessa declaração da União Internacional para Conservação da Natureza que Montoro assumiu compromissos na área da preservação ambiental.

RESULTADOS DE GOVERNO

Eleito 15º governador de São Paulo, entre 15 de março de 1983 e 15 de março de 1987, Montoro colocou em prática tudo aquilo que foram suas propostas e compromissos assumidos na campanha. Diferentemente da maior parte dos governantes que, ao assumirem o poder, rompem com o que falaram, escreveram, e prometeram, Montoro foi ao longo de todo seu governo absolutamente coerente com sua história. Seus compromissos com descentralização do poder e da economia, com a participação de todos os setores da população nas decisões de interesse coletivo, com a geração de empregos, com o combate à corrupção e às mordomias e com a prioridade na aplicação de recursos públicos em educação, saúde, habitação, transporte coletivo e produção de alimentos foram fielmente observados.

Apenas a título de ilustração, a tabela abaixo mostra a participação de alguns gastos no total dos orçamentos de 1983 (orçamento deixado pelo governo anterior), nos orçamentos de 1984 a 1986 e no orçamento

de 1987, último elaborado pelo governo Montoro. Conforme pode ser observado, os gastos de caráter social e de Justiça e Segurança foram significativamente aumentados como participação no orçamento total.

Tabela 1: Gastos Orçamentários de 1983 a 1987 (em %)

Funções	1983	1984-1986	1987
Saúde	6,70	9,50	8,43
Educação	8,23	31,07	30,07
Justiça e Segurança	13,31	16,20	21,85
Assistência e Previdência	14,19	15,09	13,53
Total	62,43	71,86	73,88

Saúde: Foram construídos ou ampliados mais de 700 centros de saúde. Sem paternalismo, ambulâncias foram destinadas a mais de 500 municípios. Na área preventiva, foram distribuídos mensalmente, em média, três milhões de litros de leite às crianças e foram construídos 6 mil quilômetros de redes de esgoto e de água que passou a ser fluoretada. O programa de médicos municipais levou serviços médicos a muitos municípios que até então não contavam com um profissional da saúde. Municipalização dos serviços. Conselhos Comunitários de Saúde. Exemplos de participação.

A conseqüência direta de tudo isso foi uma expressiva melhoria nas condições de saúde da população, o que fica bem evidenciado pela significativa redução no índice de mortalidade infantil – este índice caiu de 51 para 36,4 mortos por mil crianças nascidas vivas – o mais baixo da história de São Paulo até então.

Educação: na área da educação, municipalizou a merenda e as construções escolares, além de implantar o ciclo básico no extinto primeiro grau. Foram construídas em média uma escola por dia ao longo de todos os quatro anos de governo, num total de 10.824 salas de aulas, ou seja, praticamente uma sala de aula a cada três horas de governo. Municipalização da merenda escolar e produção local de alimentos. Compra do material escolar pela própria escola. Estatuto do magistério. Participação da comunidade.

Habitação: As mudanças preconizadas na Proposta Montoro foram implementadas. O governo Montoro inverteu o antigo processo

centralizador, substituindo as fechadas decisões do BNH pela participação das prefeituras e das comunidades. Em vez de privilegiar as camadas de maior poder aquisitivo, passou a beneficiar os que realmente precisavam de moradias. Estimulou novas técnicas de construção, com o uso de materiais alternativos, e as casas foram em muitos casos erguidas com a colaboração das próprias pessoas que nelas iriam morar. Foi criada a pioneira Loteria da Habitação sob administração da Caixa Econômica do Estado de São Paulo e os recursos dessa loteria eram destinados através dos municípios, exclusivamente à solução dos problemas habitacionais que afetam a parcela carente da população.

Foi criada inicialmente a Secretaria Executiva da Habitação e posteriormente a Companhia de Desenvolvimento da Habitação que passou a construir habitações a um ritmo 3 vezes maior que suas antecessoras CECAP/CODESPAULO e a um custo quase quatro vezes menor.

O programa de urbanização de favelas, com ligações de água, luz, asfalto, iluminação pública e tarifas sociais para os serviços públicos beneficiou mais de 100 mil moradias e quase 900 mil pessoas.

Descentralização e participação: como governador, Montoro descentralizou a administração do estado em 42 regiões de governo. Orçamento participativo. Consórcio Intermunicipais. Descentralização nas secretarias. O programa Nossa Caixa Municipal era voltado a aplicar no município uma parcela significativa dos recursos que captava no próprio município.

Os Conselhos Municipais BANESPA buscavam aumentar a interação da atuação do banco com as necessidades dos municípios. Conselhos de representantes dos empregados foram criados em todas as empresas. Juizados de pequenas causas.

Os fundos de solidariedade foram descentralizados. Descentralizou-se o atendimento ao menor, o apoio à entidades sociais e foram criados programas municipais de alimentação e produção de alimentos.

Ainda na linha da participação, foram estimulados mutirões voltados para a habitação popular.

Foram criados conselhos de mulheres, jovens, negros, idosos, deficientes físicos, conselhos comunitários de segurança e de defesa do meio ambiente, todos voltados a estimular a participação da sociedade na atuação do governo.

Austeridade: ao longo de sua gestão e a partir do primeiro orçamento elaborado pelo governo Montoro, o orçamento de 1984, Montoro reduziu significativamente o deficit orçamentário do do governo, sendo que no último ano esse déficit foi de somente 0,6% do orçamento (Tabela 2).

Tabela 2: Evolução do déficit (superávit) orçamentário. Em % da receita

Ano	1983	1984	1985	1986
Déficit (Superávit)	9,7	3,7	1,4	0,6

Na área financeira, os resultados obtidos no governo Montoro foram ainda melhores, obtendo-se um superávit financeiro em 1985 depois de 32 anos de deficits consecutivos (Tabela 3).

Tabela 3: Evolução do déficit (superávit) financeiro. Em % da receita

Ano	1983	1984	1985	1986
Déficit (Superávit)	11,3	1,1	(6,9)	1,4

Ainda na linha da austeridade e do combate ao desperdício, Montoro atuou fortemente na redução do custo de obras. Alguns exemplos dos resultados dessa atuação são:

- As obras de retificação de rios foram barateadas em média 30%.
- Na área das construções escolares, as obras foram barateadas em média 50%.
- Por 40% do custo da merenda escolar até então, o governo Montoro distribuiu uma merenda mais abundante e nutritiva
- Na construção de estradas, além de significativo barateamento na construção de vicinais e duplicações, além da construção de terceiras faixas que custam menos da metade das duplicações, no DER foram reformadas mais de 1500 máquinas que estavam paradas por falta de manutenção.

Meio ambiente: descentralizando as decisões nessa área e conseguindo a participação da comunidade, visando a formação de uma consciência ambientalista, o Governo Montoro conseguiu importantes

vitórias. Dentre elas, a não implantação de usinas atômicas no Estado de São Paulo, a redução em 79% das emissões de poluentes em Cubatão, a eliminação de 970 toneladas/dia de poeira no ar da Grande São Paulo, a criação de estações ecológicas como a da Jurêia-Itatins, e o tombamento da Serra do Mar. Pela primeira vez um Estado brasileiro aprovou uma política limitando e disciplinando a exploração e o uso do meio ambiente e dos recursos naturais. A política Estadual do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais, aprovada em maio de 1984 pelo Consema e em agosto do mesmo ano, por unanimidade, pelo Conselho de Meio Ambiente da Assembléia Legislativa foi um marco no setor da conservação ambiental. Montoro criou ainda a Secretaria Extraordinária do Meio Ambiente, iniciativa pioneira no setor.

É claro que estas 6 áreas abordadas, saúde, educação, habitação, descentralização e participação, austeridade e meio ambiente não esgotam a atuação de um governo como o governo Montoro. Não se pode nem mesmo falar com segurança que estas foram as áreas em que o governo teve melhor desempenho. Esses segmentos da atuação governamental foram escolhidos para serem lembrados aqui pela importância que Montoro dava a essas áreas. E elas ilustram de forma inquestionável o ponto principal que quero destacar que é o da coerência entre discursos eleitoral e atuação governamental de Montoro.

Mas não seria justo não mencionar algumas outras áreas em que o governo Montoro se destacou dos demais governos estaduais.

Montoro construiu quatro mil e quinhentos quilômetros de estradas vicinais, recuperou mais de 6 mil quilômetros dos 18 mil que compunham a malha estadual, expandiu a linha Leste-Oeste do Metrô (a atual Linha 3 - Vermelha). Ao tomar posse, Montoro encontrou o Metrô paulistano com 24 quilômetros de linhas em operação e 26 estações construídas, transportando 1,1 milhão de passageiros/dia em 51 trens. Em 1987, com a entrega da linha Leste-Oeste de Itaquera à Barra Funda, o governo Montoro deixou o Metrô com 41 quilômetros de linhas, 37 estações, e uma frota de 98 trens oferecendo transporte a 2,3 milhões de passageiros/dia.

O trem metropolitano, na época da FEPASA chegou até Santo Amaro, e a hidrovía Tietê-Paraná tornou-se navegável por 443 quilômetros.

Na área de segurança, reequipou as Polícias Civil e Militar, criando a Operação Pólo e o Tático Móvel, como iniciativas para reduzir a criminalidade.

Na área de saneamento, ampliou as redes de água e esgoto e a quantidade de municípios atendidos pela SABESP.

A lista de realizações expressivas é enorme e o espaço para listá-las limitado.

Finalmente, a maior de todas as conquistas do governo Montoro: foi pavimentado o caminho para a restauração da democracia no Brasil. A luta pelas diretas e a eleição de Tancredo pelo colégio eleitoral, ambas com o decisivo apoio de Montoro, viabilizaram o retorno do governo democrático no país.

A presença de São Paulo e de Montoro foram essenciais e indispensáveis à vitória. Milhões de brasileiros foram às ruas, participando da maior campanha cívica jamais realizada na história do país, detonada com a convocação feita por Montoro para o grande comício das Diretas, em 25 de janeiro de 1984, na Praça da Sé, seguido por outro, monumental, no Anhangabaú.

Montoro também articulou sucessivos encontros de governadores opositoristas dos quais surgiram importantes documentos exigindo mudanças e a realização de eleições diretas para a presidência da República.

Com a derrota da emenda Dante de Oliveira que restabelecia eleições diretas, Tancredo foi lançado como candidato único das oposições, obtendo-se no Colégio Eleitoral uma expressiva vitória sobre o regime autoritário.

Montoro foi fundamental na viabilização de Tancredo como candidato único das oposições entendendo que Tancredo era o nome que reunia maiores chances de vitória no Colégio Eleitoral. Mais uma vez Montoro mostrou o tipo de político que era, para quem a questão do bem comum e da coisa pública estavam acima das questões pessoais.

Essa conquista do povo, juntamente com o primeiro governo paulista eleito pelo voto direto depois de quase 20 anos, virou mais uma página da história do país e Montoro foi decisivo em todo esse processo.

Marcos Giannetti da Fonseca
Economista e
Professor da USP

CAPÍTULO V
DESCENTRALIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO:
FILOSOFIA E PRÁTICA DE GOVERNO
José Augusto Guilhaon Albuquerque

O tema da participação é geralmente entendido de maneiras bem diversas. Isso naturalmente cria um problema de indefinição conceitual, e boa parte da controvérsia sobre a viabilidade e a eficiência da participação se deve à confusão não resolvida entre essas diferentes concepções.

Participação pode ser uma idéia generosa, sem que isso implique um compromisso com sua viabilidade e eficiência. Em princípio, ninguém é contra a participação, é na prática que a controvérsia se estabelece em termos de viabilidade, custos e benefícios concretos das formas específicas de participação. Assim sendo, muita gente que simpatizava com a generosidade da idéia de participação, defendida por Montoro nas campanhas, e depois adotada por ele no governo, não estava preparada para adotá-la como método para compartilhar as decisões e, o que é mais, sua execução.

Participação pode ser entendida como um método de organização, de decisão e de operação. Como método de organização, partici-

pação diz respeito ao fluxo de informações e à distribuição de encargos e responsabilidades. Em grupos ou organizações mais participativos, informação, responsabilidade e autoridade são distribuídas de forma mais aberta, enquanto nos processos menos participativos, informação, responsabilidade e decisões tendem a ser estanques.

Como método de decisão, a participação implica maior ou menor sensibilidade da autoridade às influências externas, resultando em maior espaço para consultas e sugestões. Não implica necessariamente compartilhar as decisões com instâncias inferiores ou abrir mão da autoridade, mas torna esta menos isolada, ou “blindada”, como se prefere dizer atualmente.

Como método de operação, a participação é indissociável da descentralização. Não pode haver participação sem um mínimo de descentralização, nem descentralização sem um mínimo de participação. Mas os dois processos não se confundem. Assim, muitas políticas são operadas de maneira descentralizada, mas são decididas de maneira inteiramente autoritária, sem qualquer tipo de participação das unidades operacionais descentralizadas.

Mas a participação não é apenas entendida como método, mas também como processo de relacionamento entre as lideranças e as bases de um processo decisório ou de um processo de execução de políticas associativas ou de políticas públicas. Assim sendo, nem sempre a idéia de participação está associada a um método de descentralizar informações e decisões, mas sim a um método para cooptação das bases de uma organização ou de um movimento social por suas lideranças.

Nesse particular, é crescente a constatação de que a participação das bases nos movimentos semi-insurreicionais, que hoje grassam no País, segue um método de cooptação claramente manipulativo. Também é crescente a constatação de que os auto-intitulados orçamentos participativos, difundem a informação de maneira limitada e dirigida e pouco compartilham as decisões e ainda menos o poder. Infelizmente, apesar de amplamente difundida, a constatação do caráter crescentemente manipulativo do participacionismo dirigido dos movimentos sociais mais radicais, nem sempre isto leva à conclusão óbvia de que há formas de participação pouco generosas e, na verdade, intrinsecamente antidemocráticas.

Além de comportar uma pluralidade de conceitos, o processo de participação também comporta uma pluralidade de dimensões. Ele implica níveis diferenciados da ação política. Montoro tinha clareza sobre isso quando afirmava, por exemplo, que “participação é, em primeiro lugar, informação”¹. Mas o método participativo adotado por Montoro, como procurarei demonstrar em seguida, incluía outros níveis mais elevados: de consulta, de compartilhamento das decisões e, mais importante, mas menos conhecido, de participação na execução.

É natural, portanto, sobretudo para quem não vê na participação algo mais do que uma idéia, generosa que seja, confundir os argumentos entre essas três concepções, de idéia, de método de ação política e de manipulação, bem como misturar os quatro níveis de comunicação, consulta, decisão e execução, tornando confusa a avaliação sobre a eficácia da participação e sua relação efetiva com a democracia e a estabilidade das instituições. Para evitar a discussão abstrata e a confusão conceitual vou ater-me a resultados de pesquisas desenvolvidas especificamente sobre o governo Montoro.

Duas palavras sobre o contexto em que se desenrolaram os processos que foram objeto dessas pesquisas. Foram incontáveis as experiências e modalidades diversas de participação da população na administração de municípios e Estados em todo o País, com executivos eleitos pela oposição em 1982. A peculiaridade de Montoro é que a participação foi a pedra de toque de seu governo e definiu, juntamente com a descentralização e a criação de empregos, o eixo básico da Proposta Montoro, adotada na campanha eleitoral e posteriormente consubstanciada no Programa de Ação Governamental. Na opinião geral, foi um governo que fez da participação uma estratégia deliberada de administração e, não menos importante, de consolidação da democracia.

Como disse um entrevistado em uma das pesquisas mencionadas: “ele era senador, e já era candidato (ao governo de São Paulo), e disse: ‘Olha, quando eu for governador, vocês vão participar da administração da empresa’. Então (depois de eleito) a gente foi procurar o Montoro cobrando dele esse compromisso”².

¹ “Prefácio” a *Participação nas Empresas no Governo Montoro, uma Revolução Democrática*, de J. A. Guilhon Albuquerque e Elizabeth Balbachevsky, São Paulo, Ibeac Documentos 7, 1990, p.8.

² Entrevista de membro do conselho de Representantes dos Empregados do Metrô, obra citada, p. 18.

Outro empregado, respondendo como teriam tomado conhecimento da legislação sobre a participação dos empregados na Administração das empresas estatais, adotada por Montoro, afirmou: “Já na campanha! Campanha onde o Montoro se elegeu. Fazia parte do Programa de Governo³.”

O que se constatou, em outra pesquisa de que falaremos mais adiante, é que, juntamente com o saneamento financeiro, a descentralização e a participação eram percebidas, pela equipe de governo de Montoro, como metas inerentes a todos os programas setoriais do governo, mesmo por aqueles que, apesar de fazerem parte da equipe, não concordavam com essas “idéias generosas” do governador pois, no dizer de um de seus colaboradores, “era a coisa de que o Montoro mais gostava”⁴

Assim sendo, a percepção generalizada da relevância da participação para Montoro criava expectativas entre governantes e governados, e até mesmo na burocracia permanente do Estado, que reforçavam as reivindicações de uns e diminuía as resistências de outros. Montoro gostava, tinha prometido, e o que é mais, a pressão vinha de baixo, então o que fazer, senão abrir algum espaço para a participação?

Outro fator contextual relevante foi a legitimação do método participativo proporcionada pela campanha das Diretas-já, que congregou iniciativas dos mais diversos horizontes, aliou setores de todos os partidos e reuniu politicamente toda a sociedade civil. Foi tipicamente um caso em que a resposta entusiástica e a participação das bases ultrapassaram de longe as expectativas e as dimensões dadas pela iniciativa das lideranças. Com efeito, vários depoimentos reunidos neste volume indicam que, com a notória exceção de Montoro, as lideranças foram surpreendidas pelo sucesso da iniciativa, enquanto a quase totalidade de seus colaboradores mais próximos considerava a convocação do primeiro grande comício das diretas-já uma aventura baseada apenas no idealismo do Governador.

O compromisso de Montoro com a participação foi, neste caso, mais uma vez exemplar, correndo o risco calculado de desafiar o cenário traçado pela ditadura militar, porque contava com a certeza de um

³ Empregado da antiga CDH, *idem*, p.43.

⁴ *Idem*, p.14.

sólido apoio popular e com uma participação madura e conseqüente. Montoro, como teremos visto ao longo deste seminário, e dos inúmeros depoimentos colhidos para avaliar o seu legado humano e político, ficou isolado quando se propôs a dar, à campanha das Diretas, uma dimensão de movimento social de âmbito nacional, ultrapassando, assim, a de um mero movimento simbólico de protesto contra as regras do jogo autoritário. Foi sua convicção na eficácia da participação popular que o levou a insistir, contra a opinião geral, na realização do comício de 25 de janeiro na Praça da Sé, em São Paulo, evento que mudou o caráter do movimento de resistência democrática.

Outro fator contextual diz respeito à controvérsia sobre a participação, que tem dois aspectos, o da eficácia e o do valor para a democracia. A questão da eficácia traduz-se em saber se as diferentes formas de participação promovem alguma alteração na estrutura de poder das instituições do Estado ou se, ao contrário, são instrumentos de manipulação que reforçam a estrutura existente de poder, ou ainda se a participação não tem qualquer relevância prática.

A questão do valor é de saber se a participação contribui para consolidar a democracia ou ao contrário, pode provocar instabilidade ou um enrijecimento dos mecanismos de poder, ou ainda não tem qualquer relação com o processo de consolidação e estabilização da democracia.

A diversidade de iniciativas e experiências de participação durante o governo Montoro é imensa - a maioria, talvez, certamente inspirada por Montoro mas não necessariamente desencadeada diretamente por ele - sobretudo nas administrações municipais. Vou mencionar apenas uma lista não-exaustiva, a título de exemplo, pois seria impossível analisar cada caso. No âmbito da estrutura do governo, o melhor exemplo é a criação dos Conselhos de Governo, cada um com competência setorial específica, criados como instrumentos de informação, consulta e, em muitos casos, de compartilhamento das decisões setoriais entre os Secretários de Estado e entre esses e o Governador.

Ainda no âmbito do governo, temos também a criação de Conselhos de Participação, organizados para atender a grupos e comunidades com necessidades especiais, que podiam, assim, compartilhar a formulação de políticas de apoio ou proteção de seus direitos e interesses es-

pecíficos. Para dar alguns exemplos, Montoro criou o Conselho da Condição Feminina, o Conselho de Participação da Comunidade Negra, o Conselho de Direitos Humanos. Não se tratava de órgãos executivos, mas sim de fóruns de manifestação de valores e interesses, com acesso direto à alta administração do Estado e com grande área de influência.

No âmbito operacional do governo, um bom exemplo é a instituição da participação de empregados em empresas estatais, que será analisada em seguida. Mas a execução das políticas não se resumiu à participação na estrutura do Estado, incluiu também a participação dos usuários na execução de programas relevantes.

Um exemplo é o das cozinhas comunitárias, criadas para dar assistência alimentar em áreas com forte incidência de desemprego, especialmente em favelas. Esse programa dependia totalmente da capacidade de auto-organização da comunidade para ter resultados, pois o governo fornecia os insumos e os equipamentos de cozinha apenas quando os moradores organizavam a divisão do trabalho para a preparação e a distribuição dos alimentos.

O primeiro programa foi implantado em Osasco, na gestão do prefeito Humberto Parro e, depois de uma visita que deixou Montoro entusiasmado, foi adotado pelo governo do Estado, para ser estendido, mediante convênio, para os demais municípios da região metropolitana. Curiosamente, para comprovar que Montoro era mais atento aos resultados do que aos organogramas, o programa – depois apelidado carinhosamente de “sopão” – foi operacionalizado pela Secretaria de Economia e Planejamento, pois as áreas do governo mais diretamente envolvidas alimentavam sérias dúvidas e objeções, seja a respeito da validade, seja a respeito da viabilidade do programa⁵.

Também programas de habitação popular e urbanização de áreas deterioradas tiveram um forte componente de participação dos usuários, como nos mutirões da casa própria.

Outro aspecto da participação tem a ver com a descentralização administrativa e política. Uma tendência, já presente na estrutura operacional do Estado de São Paulo, era a existência de uma rede de escritórios e delegacias regionais ligadas a cada órgão

⁵ Uma dissertação de mestrado, analisando as percepções e o discurso dos atores envolvidos – representantes do governo, servidores municipais e comunidade – foi defendida pela Dra. Helena Sampaio no Departamento de Ciência Política da USP.

setorial, como educação, saúde, transportes, etc. O governo Montoro, além de ampliar a criação desses órgãos regionalizados, deu um passo a mais com a criação de conselhos descentralizados nos quais tinham assento os prefeitos da região. Existe uma diferença de natureza entre a existência de órgãos setoriais regionalizados, que se limitam a repercutir as decisões tomadas centralmente pelas Secretarias de Estado, e uma descentralização de influência e poder que refrata as políticas adotadas centralmente, na medida em que as submete ao filtro dos interesses locais.

Outro aspecto, ainda, igualmente interligado com a política de descentralização, foi a participação dos municípios na execução de programas descentralizados. Algumas das políticas de governo, sobretudo na área social, operavam programas executados, necessariamente, de forma descentralizada, embora administrados centralmente. Programas como a merenda escolar, por exemplo, eram executados localmente, mas toda a programação, as despesas e a distribuição eram concentradas na administração central até a gestão de Franco Montoro.

Montoro introduziu, sob a forma de convênios com as prefeituras, uma profunda descentralização do programa, que diminuiu a possibilidade de fraude, possibilitou uma variação maior do cardápio e uma diminuição dos custos e riscos de estocagem. Em muitos casos, dependendo das prefeituras, a participação chegou até o nível da direção da escola, pelo menos para a compra de alimentos de perecimento mais rápido.

Outros programas já foram criados com a filosofia da participação. Assim, Montoro instituiu vários programas novos executados em convênio com as prefeituras e envolvendo algum tipo de participação da população. Eram programas voltados para fomentar a produção econômica regional e melhorar o padrão de bem-estar das populações locais. As cozinhas comunitárias, já mencionadas, iniciadas na prefeitura de Osasco, e adotadas para a Grande São Paulo em convênio com as prefeituras da Região Metropolitana, são um exemplo já descrito. Outros programas abriam crédito a fundo perdido, para aquisição, pelas prefeituras, de equipamentos e insumos para “padarias comunitárias” e “vacas leiteiras”. Estas últimas eram máquinas de beneficiamento de soja destinadas à produção de leite. Nesses progra-

mas, a participação ia além da consulta e mesmo da participação nas decisões, envolvendo o compartilhamento da execução, não apenas pelos governos municipais, mas pela própria população.

O tema da participação, entretanto, tomou muitas outras formas, em outros estados e nos municípios de São Paulo, nem sempre com a metodologia adotada por Montoro. Em muitos municípios, as novas administrações ligadas às oposições criaram, por exemplo, conselhos de entidades (que a moda atual chamaria de ONGs) encarregadas de carrear solicitações e reivindicações ao Executivo municipal, em algumas das quais o orçamento era apresentado e eventualmente discutido. Geralmente tais conselhos eram controlados pelos grupos de militantes mais organizados que os empregavam como moeda de troca em suas relações com o Executivo, o que incluía, por exemplo, contrapor-se à representação eleita, isto é, às Câmaras de vereadores.

Montoro sempre se recusou a esse tipo de manipulação e, com o advento da Constituição Estadual oriunda da nova Constituição de 1988, tentou implantar um modelo de descentralização do poder municipal que representaria um verdadeiro experimento constitucional. Trata-se do projeto de inclusão, na Lei Orgânica do Município da Capital, prevista na Constituição Estadual, de um dispositivo original, autorizando a criação de Subprefeituras dotadas de um órgão deliberativo eleito por voto popular direto.

A idéia, baseada no modelo de poder regional adotado em Bolonha, na Itália, era agregar algum grau de descentralização política às Administrações Regionais das Prefeituras que, de órgãos de pura execução descentralizada, passariam a órgãos de operacionalização das políticas adotadas pelos órgãos centralizados da Prefeitura, com autonomia para decidir sobre as alternativas de execução dessas políticas no âmbito local. O órgão deliberativo, um Conselho eleito por voto popular distrital direto, elegeria um colegiado administrativo encarregado da aplicação local das políticas setoriais, tais como saúde, educação, transporte local, de acordo com um modelo parlamentarista, enquanto o Subprefeito seria nomeado livremente pelo Prefeito.

Esse projeto envolveu dezenas de colaboradores, entre vereadores, deputados, membros das executivas municipal e estadual do PSDB, empresários e acadêmicos, e custou mais de um ano de dis-

cussões, tendo resultado em uma emenda à Lei Orgânica dos Municípios, apresentada pela bancada do PSDB. A Emenda foi aprovada parcialmente, deixando a forma de credenciamento da representação popular para a regulamentação. Infelizmente, a recém-eleita gestão Luiza Erundina opôs-se terminantemente à eleição direta de representantes, optando por conselhos compostos pelas entidades organizadas mediante a indicação pura e simples de delegados.

Para uma análise mais acurada da eficácia da participação, vou recorrer a alguns resultados de uma pesquisa sobre a participação dos empregados nas empresas estatais de São Paulo, já mencionada. Ela nos permite demonstrar que a institucionalização de mecanismos de participação, longe de diminuir, serve para aumentar a eficácia da participação. Como implica modificações legais, a institucionalização supõe o consentimento e a iniciativa vinda “de cima” e, portanto, a ação governamental, longe de ser um empecilho é, nesse caso, uma condição de eficácia da participação.

As variáveis necessárias para a análise do processo de participação no governo Montoro envolvem a ação de diversos atores internos à empresa, como a Diretoria, ou os sindicatos e associações, além de atores externos, como o governo e outros setores, inclusive partidos ou facções, resultando em três dimensões: a ação empresarial, a ação dos empregados e a ação governamental. A pesquisa mostrou que a ação governamental foi a condição sine qua non da participação institucionalizada.

Assim, por exemplo, a criação do Conselho de Representantes dos Empregados (CRE) e a eleição direta de um Diretor representando os empregados não estavam definidos na Lei, mas foram introduzidas no Decreto de Regulamentação expedido pelo governador Montoro. A ação governamental foi decisiva na questão da eficácia porque definiu um método (a instituição de um Conselho de Representantes eleitos), mas não forjou uma camisa-de-força, permitindo que o livre jogo do processo de participação seguisse seu próprio caminho na confrontação entre os diversos atores que compõem cada empresa.

A pesquisa constatou que, em todas as empresas em que o CRE se instituiu, a iniciativa foi da direção, enquanto nas empresas em que as resistências à criação do CRE foram bem suce-

didadas, a direção representou o principal empecilho. Assim, nos casos em que encontramos uma empresa forte e um movimento fortemente organizado de empregados, a institucionalização do CRE foi rápida. Nos casos em que uma empresa forte encontrava um interlocutor ausente, a criação do CRE encontrou imensas dificuldades. Nos casos em que ambos, empresa e empregados, eram fracos, não foi possível criar o Conselho.

Em outra pesquisa, sobre o processo decisional no governo Montoro⁶, também desenvolvida por este autor, foi possível distinguir três patamares de concretização do processo decisório, a saber, a fixação de prioridades, a definição de programas, e a execução de projetos: A fixação de prioridades é algo mais do que a inclusão de uma meta na plataforma eleitoral ou no discurso do governo. Fixação de prioridades é entendida como eleição, dentro de uma hierarquia de metas e, sobretudo, eleição de metas a serem atingidas dentro de um prazo bem definido. E isso em detrimento explícito de metas com prazos mais amplos ou sem prazo definido.

Já a definição do programa - o patamar seguinte no processo decisório, aquele que abre espaço para a execução - é totalmente dependente da fixação de prioridades. Objetivos sem prioridades claras e sem metas nem prazos, só podem redundar em programas com baixa competitividade no que diz respeito às decisões sobre gastos do governo.

Assim sendo, durante a gestão de Franco Montoro, as metas previamente priorizadas com clareza na Proposta Montoro, à época da campanha eleitoral, rapidamente se transformaram em programas, com orçamentos empenhados e prazos definidos. Tais programas foram executados no essencial e, sob certos aspectos, superaram as metas iniciais, como no caso do Metrô e do Plano de Estradas Vicinais. Em decorrência da clareza na fixação de prioridades, eles se beneficiaram de unidade em sua concepção e no controle de sua execução.

A participação, entretanto, é uma meta peculiar, no sentido de que constitui, ao mesmo tempo, objetivo e método. Enquanto método, não poderia ter prazos e metas passíveis de execução material. Entretanto, sua inclusão na Proposta Montoro como ponto-chave lhe garantiu uma

⁶ Fundap, *Documentos de Trabalho*, 1986.

prioridade claramente percebida como pairando acima das prioridades setoriais, juntamente com a descentralização e o saneamento financeiro do Estado. O que a pesquisa permitiu constatar é que a descentralização e a participação foram percebidas como metas inerentes a todos os programas setoriais do governo, mesmo por aqueles que não concordavam com essa prioridade, pois, como já assinalamos, no dizer de um de seus colaboradores, “era a coisa de que o Montoro mais gostava”.

Assim sendo, a participação tendia a se beneficiar de um preconceito favorável, com um efeito indireto na ação governamental. O que foi possível constatar na pesquisa é que essa legitimidade do método de participação constituiu um poderoso inibidor das ações contrárias aos programas de participação dentro do governo. Aqueles que não aprovavam as decisões ou programas que implicassem mecanismos de participação eram obrigados a utilizar subterfúgios para opor-se à sua execução, à base de argumentos técnicos ou de oportunidade. Mas opor-se à participação enquanto tal, ou negar seu valor era, na prática, pouco viável.

Assim sendo, podemos concluir, em primeiro lugar, com base no material de pesquisa analisado neste trabalho, que o tema da participação no governo Montoro diz respeito mais à ação do que às idéias. As idéias estavam lá, como assinala o próprio Montoro: “A idéia da representação dos empregados na vida das empresas corresponde a uma filosofia política: a democracia participativa. Eu pensava assim antes de assumir o governo de São Paulo, e a experiência tem demonstrado, desde então, e cada vez mais, que esse é o caminho para a solução dos problemas da desigualdade, da injustiça e da ineficiência da máquina administrativa”⁷.

Mas as idéias não bastam, é preciso dar-lhes viabilidade institucional: “Por isso, introduzimos a obrigação legal da “participação” nas empresas do Estado, através do Conselho de Representantes dos Empregados e a possível indicação de um diretor. Ao fazê-lo, abrimos uma ampla margem de flexibilidade para dar lugar às diferenças e à criatividade das empresas. As situações em cada empresa eram muito diferentes umas das outras, e não é por Decreto que se resolve tudo”⁸.

⁷ In *Participação nas Empresas no Governo Montoro*, já citado, p. 7.

⁸ *Idem*, *ibidem*.

Para passar das idéias às ações, não basta, portanto, abraçar as idéias e dar-lhes amparo legal. A consistência institucional e legal define apenas as condições para que se desencadeie um processo propriamente político, um jogo de forças e interesses que redundará, ou não, em avanços. “Para chegar a bom termo – diz Montoro⁹ - é preciso conjugar os esforços de uma diretoria competente e corajosa com funcionários interessados e representantes responsáveis. Tudo isso é um processo lento, complicado, às vezes cheio de marchas e contramarchas (...)”.

Do ponto de vista da diversidade de acepções, a participação, com Montoro, é completa e abrangente, compreendendo todas as dimensões, de informação, consulta, decisão e execução. E se inscreve entre os métodos de compartilhamento da autoridade, por oposição às técnicas de simples manipulação das relações entre as bases e as lideranças.

Em contraposição à visão externa da participação no governo Montoro, como um conjunto de idéias, sem dúvida meritórias mas pouco práticas (e era assim como parte do espectro ideológico encarava as iniciativas de Montoro); em contraposição a uma simples redefinição de funções burocráticas dentro de um Executivo centralizador e dividido entre encargos estanques, Montoro revolucionou a natureza e o modus operandi das relações entre o governador e seus colaboradores, entre os centros de decisão e os operadores locais, e entre a autoridade pública e o cidadão.

Só isso já teria justificado toda uma gestão de governo. Montoro, como estamos vendo em cada capítulo e cada depoimento desta obra, fez muito mais.

José Augusto Guilhon Albuquerque
Professor de Relações Internacionais da USP

⁹ *Idem, ibidem.*

CAPÍTULO VI:
FRANCO MONTORO: AÇÃO DE GOVERNO E
AÇÃO POLÍTICA
José Serra

É muito fácil e, ao mesmo tempo, muito difícil, escrever sobre Franco Montoro, especialmente no meu caso. Montoro foi um homem público de grande notoriedade durante praticamente toda a sua vida adulta e exerceu uma liderança nacional incontestada desde o início dos anos 70, quando comandou a reorganização das oposições e conduziu o MDB a uma surpreendente vitória nas eleições parlamentares de 1974, até sua morte em 1999. Essa condição fez com que seu nome, sua voz, e uma parte significativa de suas idéias, soassem familiares para o eleitor brasileiro e, particularmente, para a elite política. Por outro lado, tendo sido uma pessoa tão reservada e ciosa de sua privacidade quanto era aberto e comunicativo na vida pública, pouco se conhece do homem Montoro, de suas motivações, de parte significativa de suas ações, de sua visão das pessoas que o cercaram, e sobretudo de seus feitos mais honrosos, pois a vanglória não era o seu estilo.

Para aqueles que, como é o meu caso, conviveram diuturnamente com Montoro no período mais envolvente e fecundo de sua vida públi-

ca, em que ele imprimiu mudanças revolucionárias na arte de governar e conduziu o País num movimento social e político que culminou com a eleição de um governo democrático e a restauração do Estado de Direito, a familiaridade pode ser ao mesmo tempo um obstáculo. Muitos aspectos, talvez essenciais do Legado de Franco Montoro que, com o recuo do tempo, e com a experiência da comparação com líderes políticos que vieram antes ou depois, poderiam revelar-se extraordinariamente marcantes, podem parecer triviais.

Mostrar o extraordinário por trás do aparentemente trivial é uma tarefa árdua. Mas essa figura humana que foi, e continuará sendo, por muitos anos, o Doutor André, como era tratado familiarmente por aqueles que com ele conviveram no dia-a-dia, faz jus ao esse esforço de entender este que foi possivelmente o político mais talentoso e completo do Século 20, período em que não faltaram homens públicos da estatura de um Getúlio, de um Juscelino ou de um Fernando Henrique.

Minha contribuição consistirá em tentar mostrar, neste capítulo, como Montoro foi ao mesmo tempo um homem de idéias e um homem de ação, um governante austero e ao mesmo tempo realizador, um campeão de votos e grande mobilizador de massas e ao mesmo tempo um líder executivo competente. Foi capaz de conciliar a democracia representativa com a participação popular, de exercer o poder com autoridade, mas sem nenhum traço de autoritarismo, e de ter uma grande tolerância para com a diversidade de idéias e de interesses, sem, no entanto, deixar de obter unidade de objetivos e de ação de seus colaboradores.

1. UM HOMEM DE ESTADO COMPLETO

Alguns governantes se destacam por sua capacidade de representar um povo, provocar identificação, aprovação. Outros se destacam pela combatividade, lutam por uma causa, mobilizam contra uma ameaça ou um adversário. Outros, ainda, são grandes realizadores.

É comum contrastar essas qualidades, e mesmo considerá-las excludentes entre si. Para ter liderança e obter sucesso eleitoral, seria preciso adotar um desses perfis e segui-lo fielmente, sobretudo os dois últimos, o “palanqueiro” e o “tocador de obras”, já que o *policy-maker* seria pouco atraente para o eleitor comum.

Com qualquer desses perfis é possível obter sucesso pessoal no governo para quem souber explorar uma dessas qualidades em detrimento das demais. Quando um político se sobressai por sua capacidade de identificação com uma parcela da sociedade, e isso geralmente implica algum tipo de contraste com outras identidades, e envolve um maniqueísmo que é originário de ressentimentos. Ele é reconhecido pelo que é, ou pelo que diz ser. Não se exige dele desempenho, nem mesmo combatividade para consertar as injustiças, basta ter compartilhado a mesma condição e as mesmas carências, ou sofrido as mesmas adversidades. Sua virtude se limita a ser quem é, todos os vícios lhe são perdoados.

O palanqueiro, o mitingueiro, é reconhecido por sua veemência nas denúncias, e não por sua justeza; por sua combatividade e capacidade de destruir, e não por suas realizações ou pela viabilidade de suas propostas. Dele não se esperam projetos ou, se os anuncia, que sejam cumpridos. O ódio que distila e a falta de escrúpulos nas acusações se tornam virtude.

Já o tocador de obras em estado puro não tem políticas nem projetos, apenas cronogramas; não busca seguidores nem correigionários, apenas clientes; mede seu desempenho pelo volume de inaugurações, não pela coerência das políticas implantadas ou pelos benefícios efetivamente oferecidos, nem muito menos pelos custos, geralmente impagáveis, de uma tal conduta. É desnecessário estender-se sobre os sérios prejuízos e insuficiências para a sociedade resultantes de cada um desses perfis unilaterais.

Montoro combinava de maneira harmoniosa aspectos desses três modelos de liderança. Ele possuía imensa capacidade de identificação, mostrada seguidamente em campanhas memoráveis que fizeram dele um campeão de votos. Eleito para o Senado pela primeira vez em 1970, em pleno regime militar, com votação memorável, comandou nacionalmente a campanha do PMDB para o Senado em 1974, que consolidou a identidade do partido com a maioria do eleitorado e levou a oposição a conquistar dois terços da Câmara Alta, dando início ao processo que levou ao fim do regime.

Tinha, do palanqueiro, a enorme capacidade de comunicação com o eleitor comum, mas a isso acrescentava a habilidade para mobilizar

apoios em torno de objetivos comuns, claros e viáveis. Assim, conduziu, contra o descrédito de quase todos e a oposição de muitos, a imensa mobilização popular da campanha das Diretas-já e, quando a emenda constitucional não obteve quórum para aprovação, foi capaz de mobilizar grandes massas e segmentos significativos das elites em torno da candidatura de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral.

Ademais, Montoro também tinha, do tocador de obras, não o furor da inauguração, mas o perfil executivo do grande realizador. Montoro foi ridicularizado por uma frase facilmente distorcida, sobre ser sua grande obra uma “soma de pequenas obras”. Bastaria citar o Programa de Estradas Vicinais, a expansão do Metrô, a expansão da construção escolar ou a implantação das hidrovias, para saber que a grande obra de Montoro era feita de pequenas, médias e grandes obras, mesmo no sentido mais banal do termo. É indiscutível que Montoro foi um grande realizador no sentido forte da palavra: realizou uma revolução na arte de governar, foi o principal ator na eleição de um governo democrático após mais de 20 anos de autoritarismo, e fundou um partido que em menos de 5 anos elegeu o Presidente da República. Difícil dizer qual seria sua maior obra.

2. HOMEM DE IDÉIAS X HOMEM DE AÇÃO

É comum contrastar os homens de idéias e os homens de ação. Um homem de idéias pode seduzir pela palavra ou mobilizar corações e mentes, mas não é capaz de aglutinar pessoas em torno de objetivos e ações concretas. Tem pouco sentido prático, e frequentemente sua ação se esgota na manifestação de idéias, mas os objetivos são raramente atingidos.

Já o homem de ação, ao contrário, seria engolido pelo sentido prático, pela necessidade de ajustar-se às dificuldades, de transigir para obter o possível, afastando-se, com isso, do ótimo.

Em Montoro, entretanto, homem de ação e homem de idéias não se excluía, conviviam, ao contrário, ainda que sob tensão. Montoro era um homem de convicções. Para ele as idéias de democracia, liberdade e justiça social, estavam sempre presentes, mas não se limitavam a meros ideais sem compromisso com as realidades do dia-a-dia: com ele as idéias se transformavam em ações concretas.

Suas convicções democráticas o levavam a respeitar os conflitos de ideais, e mesmo de interesses, que as decisões de governo podiam eventualmente contrariar. Por isso, ele evitava as decisões precipitadas, mesmo as que lhe pareciam justas, e se obrigava – e obrigava seus colaboradores – a ouvir, sobretudo, os eventuais dissidentes ou insatisfeitos. Não porque estivesse indeciso ou lhe faltasse convicção, mas porque acreditava que sua principal obrigação era liderar pelo consentimento, o que implicaria convencer seus colaboradores e a opinião pública.

Montoro sabia que os que duvidavam hoje seriam os obstáculos de amanhã, e sacrificava seu tempo à consulta e ao diálogo. Mas uma vez desencadeada a ação era incansável e imbatível, como foi o caso da campanha das Diretas, como atestam vários ensaios e grande número dos depoimentos reunidos neste volume.

Entretanto, Montoro não sacrificava, pela pureza dos ideais inatingíveis, as realizações e o alcance real dos resultados possíveis pela pureza dos ideais inatingíveis. Suas convicções sobre a liberdade dos cidadãos se transformavam em ações de governo para proteger os direitos humanos e os direitos das minorias, mas não o paralisavam quando se viu diante da necessidade de impor, pela força, a autoridade pública para manter a ordem quando esta era desafiada por minorias radicais.

3. AUSTERIDADE X REALIZAÇÕES

Costuma-se comparar governos de acordo com sua preocupação com a austeridade, isto é, com o saneamento financeiro, a estabilidade econômica, a cautela nas decisões ou, ao contrário, sua inclinação para o desenvolvimentismo, as decisões audaciosas, a prioridade ao crescimento em detrimento da estabilidade. Montoro fez um governo de grande austeridade – saneando as finanças, mantendo o endividamento sob controle, equilibrando o orçamento, racionalizando o gasto.

Mas não fez isso cortando gastos indiscriminadamente e comprometendo, com isso, a eficiência do governo e inviabilizando ações vitais. O governo anterior, de Paulo Maluf, tomando o rumo oposto, fez uma administração de grandes obras centralizadas que provocou um endividamento excessivo e comprometeu a capacidade de ação do governo. Para dar um exemplo, os equipamentos de segurança pública tinham sido sucateados, com um grande número de viaturas paradas por

falta de pneus ou reparos de rotina. Apesar da contenção de gastos, esse foi um setor que, desde o início do governo, recebeu atenção especial em termos de reequipamento.

Entretanto, a relevância concedida ao reequilíbrio orçamentário não era uma obsessão, nem mesmo uma prioridade, se se entende por isso colocá-lo como um objetivo em si mesmo e acima de todos os demais. Seria uma prioridade na medida em que constituía uma condição para o alcance dos demais objetivos de governo e, portanto, tinha que ser alcançado em primeiro lugar. Apesar da austeridade e, na verdade, por causa dela, Montoro fez um governo que se destacou pelos grandes programas de inversão.

Montoro governou com um olho no equilíbrio orçamentário e na conseqüente redução do endividamento, e outro olho – o que via mais longe – em programas que implicavam considerável gasto público porque criavam a infraestrutura para o crescimento econômico e a criação de empregos, um dos motes de sua campanha. Programas como o das estradas vicinais, da expansão do Metrô, da hidrovía do Tietê, estão longe do que se poderia entender como “pequenas obras”.

4. CAMPANHA ELEITORAL X GOVERNO

A campanha eleitoral é geralmente entendida como um tudo ou nada, em que o único objetivo é ganhar votos, custe o que custar, e o futuro governo é uma miragem de promessas. O governo, em contraste, não teria qualquer compromisso com as expectativas criadas nas eleições, mas sim com a necessidade de sobrevivência dos eleitos.

É próprio da eleição direta do Executivo presidencialista que os candidatos em campanha montem uma plataforma que seja o mais abrangente e includente possível, enquanto no governo um chefe de Executivo precisa exercer coerência programática. Na campanha é preciso ter a habilidade de conjugar agendas conflitantes, enquanto no governo é preciso escolher entre elas. Em campanha é preciso traduzir apoio político em popularidade (e popularidade em votos), enquanto no governo é preciso exatamente o oposto, isto é, obter apoio político no Congresso com base na popularidade e no capital de votos.

Acima de tudo, em campanha um candidato precisa acomodar interesses diferentes, e frequentemente heterogêneos, tendo em comum

apenas o objetivo compartilhado de eleger o candidato. Um governante tem que acomodar objetivos pessoais divergentes com o mesmo interesse geral, o de apoiar o governo.

Quando um candidato satisfaz ao primeiro conjunto de talentos, dificilmente será um governante capaz de exercer o segundo conjunto de competências.

Montoro foi sempre muito popular e soube muito bem transformar essa popularidade em voto. Mas nunca se rendeu ao cultivo obsessivo da popularidade. Tampouco ignorou a necessidade de atingir o povo com um discurso simples e objetivo, envolvido em uma grande dose de entusiasmo. Sua forma de cativar era por meio da tradução, em termos compreensíveis para a grande massa, das idéias e iniciativas que ele pretendia trazer para o governo.

Para tanto, ele inovou na adoção de uma “Proposta Montoro”, construída em plena campanha com grande participação da sociedade. Esse projeto foi depois rigorosamente traduzido em textos mais acessíveis, reunindo a síntese da Proposta. Mais que isso, a “Proposta Montoro” estabeleceu uma ligação direta entre a campanha e o governo, porque se tornou uma referência na administração, estabelecendo parâmetros para as decisões e prioridades na execução.

5. DEMOCRACIA E PARTICIPAÇÃO

A teoria política distingue os governos representativos dos governos assembleísticos, em que prevalece a participação direta. Montoro tinha uma profunda convicção de que a participação popular, sob suas diversas formas – informação, consulta e execução direta de funções públicas – era perfeitamente compatível com os governos representativos e, o que é mais, levava ao seu aperfeiçoamento. Mas de nenhuma forma Montoro cultivou a idéia, nem sempre ingênua, de que a participação deveria substituir ou contrapor-se à representação eleita.

Muitos governantes, que chegam ao poder pelo sistema representativo empregam, à sua conveniência, a mobilização das ruas como instrumento de intimidação e cerceamento da representação eleita pelo voto popular. Montoro acreditava, ao contrário, que a democracia representativa é a fonte de legitimidade dos governantes, e incentivava uma participação dos níveis inferiores de governo, das organizações

e dos indivíduos como uma forma de complementar e aperfeiçoar o exercício do poder. Mas nunca permitiu que a participação dos grupos, instituições e coletividades viesse se sobrepor ao mandato popular.

Montoro criou instâncias de participação – das mulheres, dos negros, das comunidades locais para tratar de questões de segurança, etc. – mas em nenhum caso se tratava de instâncias de poder que iriam substituir ou opor-se ao poder representativo, seja o Executivo, seja o Legislativo. Para começar, quando Montoro fazia convites para os Conselhos que criou, ia logo avisando que não haveria dinheiro. Portanto, o direito de participação não era um poder de decisão, mas uma capacidade de influência sobre a própria comunidade, o conjunto da sociedade, e sobre o governo.

No fundo, sua visão era didática: ele acreditava que a participação levaria a uma visão mais completa e pragmática das coisas em jogo, o que levaria a um estabelecimento de prioridades, com mútuas concessões dos interessados, e finalmente a uma capacidade maior de exprimir e defender interesses diante da sociedade e do governo. Para ele, o principal resultado da participação em seu governo, além de limitar a fraude, trazer idéias novas e combater o desperdício e a inação, era o de formar consciências públicas.

6. PODER X ONIPOTÊNCIA

Uma máxima do cinismo político brasileiro resume o Poder Executivo à sua expressão mais simples: “O governo nomeia e demite, prende e solta”, máxima hoje redefinida como o “poder da caneta”. Assim, a liderança, enquanto capacidade de expressar interesses e visões comuns, ou de atrair adesões para idéias e ações, seria plenamente dispensável. O governante estaria, com isso, dispensado de provocar a adesão moral de seus colaboradores, substituindo-a pela moeda crua do poder de fato.

Estabelece-se, assim, um padrão intelectual e moral para os liderados: qualquer traço de independência intelectual e política se torna um obstáculo à colaboração. A escolha fica reduzida a quem não tem idéias próprias nem convicções políticas ou, se as tem, não as preza o suficiente. Cria-se um processo mútuo de auto-seleção: quem adere esquece o que pensa e o que sabe, quem nomeia evita sa-

ber o que ainda não sabe e pensar diferentemente do que já pensava. Em suma, para ser seguido e, eventualmente admirado, o poderoso cerca-se daqueles a quem despreza.

Montoro, ao contrário, procurou cercar-se de colaboradores com visões e experiências diversas, muitos dos quais conheciam os problemas e tinham experiência executiva maior do que a sua. Longe de enciumar-se ou de diminuir seus colaboradores e chamar para si todo o mérito, ele se vangloriava de aprender constantemente.

No fundo, talvez, ele não temesse a competição porque tinha confiança em suas próprias convicções e em na superioridade de seu tirocínio político. E tanto a convicção como o tirocínio político não derivam apenas do conhecimento, mas do talento político para liderar e agregar outros talentos. O comando político era sempre dele, embora muitas de suas iniciativas parecessem ter muitos pais. É que Montoro tinha esse raro dom de convencer sem impor, a ponto de fazer com seus interlocutores adotassem as idéias de Montoro como suas próprias.

Em relação a muitos de seus colaboradores, mostrava uma admiração explícita. Assim, sua liderança se nutria de sua capacidade de aprender com seus colaboradores, de ouvir novas idéias, de procurar soluções novas, sem por isso sentir-se diminuído, ao contrário, sentia-se engrandecido por ser capaz de mobilizar e liderar grandes competências.

Muitos relatam o hábito que tinha Montoro, novamente deputado federal, anos depois de deixar o governo de São Paulo, de carregar consigo uma verdadeira lista de ex-colaboradores seus que se tinham tornado ministros de Estado ou ocupavam cargos de relevância, do que ele genuinamente se orgulhava. A recíproca também é verdadeira: dentre seus colaboradores mais próximos, que tiveram a oportunidade de alguma convivência com Montoro, nunca encontrei alguém que não manifestasse certo orgulho de ter pertencido ao seu governo.

Eu me incluo entre eles e é por isso que, em meu discurso de posse como Governador do Estado de São Paulo, mencionei duas entre as inúmeras coisa que aprendi com Montoro: “Aprendi com o governador Franco Montoro: montar o melhor time possível sem fazer loteamentos político-fisiológicos. Não por ser contra os políticos, pelo contrário, os secretários têm vocação política, mas têm aptidão técnica. E trabalharão

voltados para o interesse público e não para as conveniências deste ou daquele partido, grupo ou indivíduo”.

Outra coisa que aprendi, e também mencionei em meu discurso de posse, como justa homenagem ao governador Franco Montoro: “nunca concorrer com os subordinados, impedindo que se soltem e adquiram luz própria; nunca estimular ou admitir disputas entre eles, na linha do dividir para reinar”.

7. DIVERSIDADE X HETEROGENEIDADE

A combinação entre a eleição direta do Executivo pelo processo majoritário e a eleição do Legislativo pelo processo proporcional com lista aberta, que vigora entre nós, produz uma representação da soberania popular cindida em duas fontes não coincidentes – o colégio majoritário e nacional que elege o Executivo, e os colégios proporcionais e regionais que elegem a Câmara. Para governar, o Executivo precisa construir uma maioria governativa necessariamente diversa daquela que o elegeu.

Com isso, partidos e parlamentares distintos, com visões e interesses distintos, agregam-se à base de apoio parlamentar do governo que, em decorrência da própria natureza da eleição proporcional, tampouco pode ser considerada homogênea. A consequência é a formação de uma administração heterogênea, orientada para objetivos distintos e muitas vezes incompatíveis entre si.

Tendo começado sua vida política em um partido doutrinário, teoricamente unido sob uma concepção religiosa e moral da ação política – o PDC – mas ainda assim dividido em correntes mais conservadoras ou mais reformistas, Montoro passou toda a sua vida em agremiações de amplo espectro. O MDB, que ajudou a criar, era, pela própria natureza de sua constituição por decreto da ditadura, uma grande coalizão de todas as tendências ideológicas e partidárias da oposição ao regime.

Originário do MDB, o PMDB herdou dele a heterogeneidade, embora tivesse perdido o monopólio da oposição. E o PSDB, seu último partido que, como os demais, ele fundou, originou-se de uma dissidência do PMDB, acrescida de dissidências regionais do PFL e outras siglas, também herdou parte dessa amplitude de espectro político.

Agregador por inclinação e por cálculo, Montoro era pro-

fundamente consciente da diversidade de sua base política, diversidade que ele, também por inclinação e por cálculo, introduziu em suas iniciativas e particularmente em seu governo. Mas a diversidade de visões não gerava inação ou impasse, porque Montoro era capaz de mostrar a convergência em longo prazo ou, quando tal convergência não era evidente, criar condições para que a possibilidade de convergência se manifestasse.

Assim, Montoro enfrentou situações políticas de grande incerteza, sem permitir que a ausência de consenso levasse à paralisia decisória. A campanha das diretas foi, entre suas idéias e iniciativas, a que provocou uma rejeição mais universal entre seus colaboradores mais próximos. Quando Montoro propôs mobilizar a população para ir às ruas, manifestar seu apoio à Emenda Constitucional que restabelecia a eleição direta para a Presidência da República que, se aprovada, abreviaria o fim do regime autoritário, provocou unanimidade quase total contra a idéia.

Montoro persistiu, não por teimosia, nem por aventureirismo, mas por convicção de que conhecia melhor os sentimentos e expectativas populares, e era capaz de prever com maior precisão a reação da sociedade à lentidão do processo de transição comandado pelo Planalto. Montoro tomou a decisão solitária de assumir, praticamente sozinho, a responsabilidade de ir em frente.

Entretanto, quando se examinam as circunstâncias em que ele buscou o apoio de seus colaboradores mais próximos e de lideranças da sociedade, bem como outras lideranças regionais, o quadro se revela o contrário de uma decisão intuitiva e aventureira. Ao mesmo tempo em que buscava ampliar o espectro dos apoios, convertendo duvidosos em convictos, cétricos em duvidosos e opositores em neutros, ele foi preparando a logística das manifestações. E só tomou a decisão final quando teve certeza de que obtivera apoio suficiente para organizar uma manifestação maciça, segura e livre.

Na seqüência da campanha das diretas, da qual fora o líder incontestado, Montoro era um candidato natural e legítimo à disputa pela Presidência no Colégio Eleitoral. Tancredo, que relutara em apoiar as Diretas-já, era apresentado como um candidato mais viável, por suas antigas relações com os setores moderados do regime militar, que pos-

teriormente abriram a dissidência da Frente Liberal e mais tarde formaram o PFL. Montoro resistiu às pressões de muitos de seus aliados e colaboradores e à sua própria ambição legítima de presidir a Nação e, baseado em sua convicção de que o risco de Tancredo perder a eleição indireta era menor do que o seu, tomou a decisão solitária e correta de apoiar a candidatura de Tancredo, que se mostrou vitoriosa.

Passados cinco anos, a sucessão de José Sarney deu lugar a uma pulverização de candidaturas entre as forças políticas que haviam vencido o regime autoritário, do PFL ao PDT, passando pelo PMDB e o PSDB, pulverização que elegeu Fernando Collor e jogou o País num precipício. Ninguém seguiu o exemplo de racionalidade e desprendimento de Montoro que permitira, com Tancredo, a eleição do primeiro governo democrático desde o golpe militar de 1964.

Neste capítulo me propus a traçar um paralelo entre ação de governo e ação política, tendo como paradigma o perfil de homem público de Franco Montoro, um líder com imenso talento político e incontestável competência executiva. Nesse perfil creio que se resume a essência de seu legado, o modelo de um homem de Estado completo.

Para tanto, tentei mostrar como Montoro possuía grande capacidade de identificação popular, uma combatividade exemplar e, além disso, liderança executiva. Com efeito, Montoro aliou o perfil de um campeão de votos, ao de um líder de oposição, ao mesmo tempo em que se distinguiu por um governo eficiente e realizador.

Mostrei também que Montoro foi um homem de idéias e um homem de ação. Era um homem de convicções claras e firmes, adquirida ao longo de uma formação intelectual sólida e uma ampla experiência da vida pública. Mas tinha a paciência de não colocar suas idéias na frente da realidade. Mas suas realizações são amplamente reconhecidas, na administração do Estado de São Paulo e na construção de instituições, sem esquecer a realização de um dos mais grandiosos movimentos políticos de nossa História, a campanha das Diretas e a conseqüente eleição de um governo democrático após mais de 20 anos de autoritarismo.

Tentei evidenciar como Montoro conciliou a democracia representativa com a participação popular, transformando em ações de governo seus motes eleitorais de “descentralização e participação”. Suas

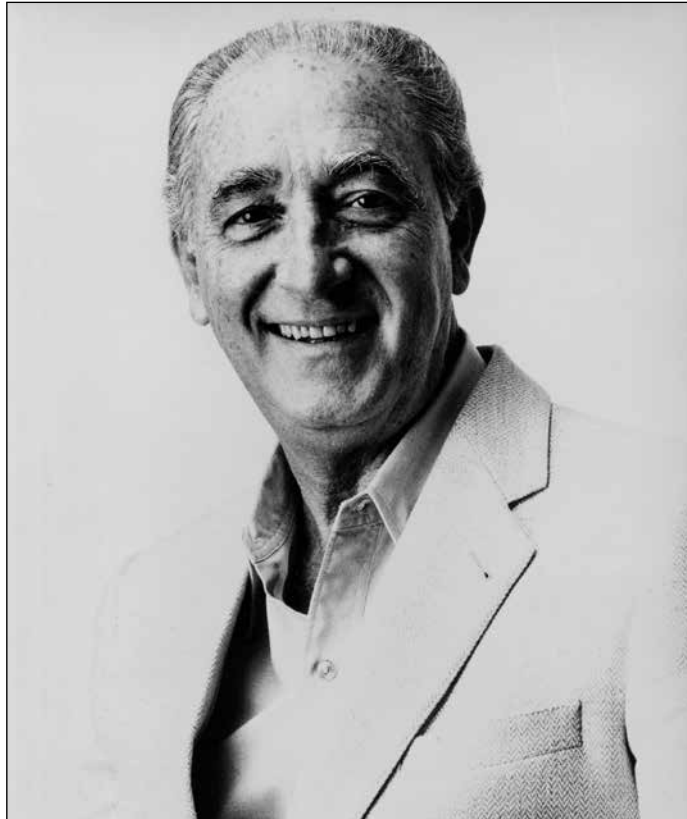
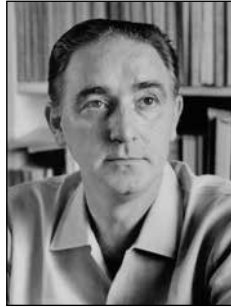
iniciativas, criaram instâncias de participação de minorias e transferiram responsabilidade e funções executivas do Estado para as instâncias municipais e locais, abundantemente citadas ao longo deste livro.

Mostrei, também, sua capacidade de exercer o poder com autoridade, mas sem autoritarismo e seu temperamento agregador, que redundava em grande tolerância com a diversidade, mas sem por em risco a unidade de objetivos e a convergência de ação de seus colaboradores.

Esse legado de um homem de Estado completo dificilmente poderia ser mais árduo de emular. Por isso me envaidece ter contado entre os colaboradores mais próximos de Franco Montoro e ter completado minha formação intelectual e política com sua convivência. Se algum dia puder dizer que aprendi a melhor parte de suas lições, poderei considerar-me realizado como homem público.

José Serra

Governador do Estado de São Paulo



“Aquele que
antecipa o futuro
é aquele que vive
profundamente o
presente.”

Franco Montoro



“Eles eram um casal de militantes, uma família muito bonita.”
Plínio de Arruda Sampaio



Família Montoro, num momento de descontração durante a campanha de 1982, quando ele venceu as eleições para o governo do Estado de São Paulo.



Franco Montoro, senador e candidato ao governo de São Paulo, e D. Lucy Montoro, em visita ao Vaticano, onde foram recebidos, em audiência especial, pelo Papa João Paulo II, 05/05/1981.



Franco Montoro, governador de São Paulo, Juan Carlos I, rei da Espanha, e D. Lucy Montoro, primeira-dama de São Paulo, durante a visita do rei a São Paulo. (1983-1987).



François Mitterrand (no centro), presidente da França, e Franco Montoro, governador de São Paulo, durante a visita do presidente francês a São Paulo, 17/09/1985.



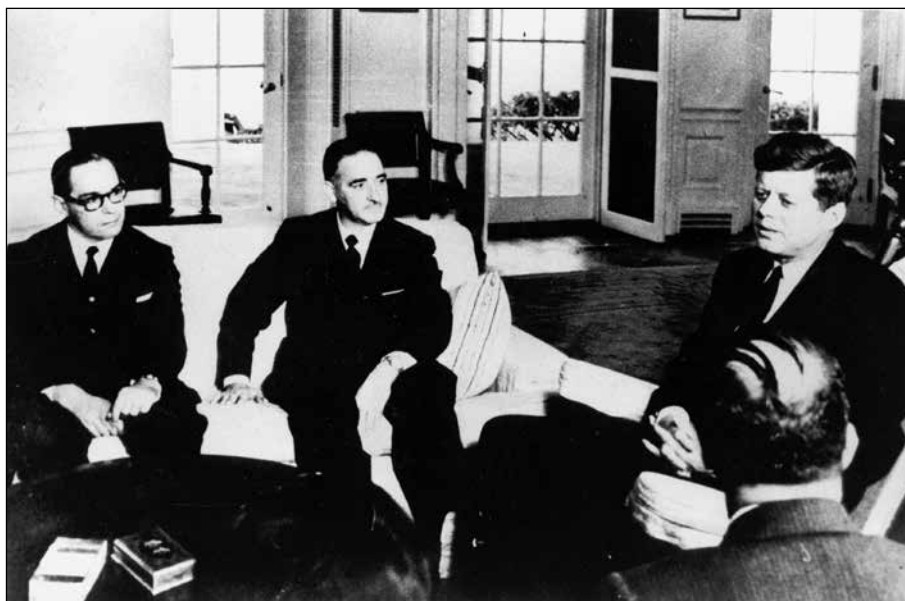
Franco Montoro integra a Missão Parlamentar em visita à China, recebida por Mao-Tsé Tung.



Franco Montoro, ex-governador de São Paulo, e Fidel Castro, presidente de Cuba, durante visita de Franco Montoro ao Palácio da Revolução em Havana, Cuba, 23/03/1987.



Edward Kennedy, Senador Norte-Americano, é recebido pelo Governador Franco Montoro e sua família.



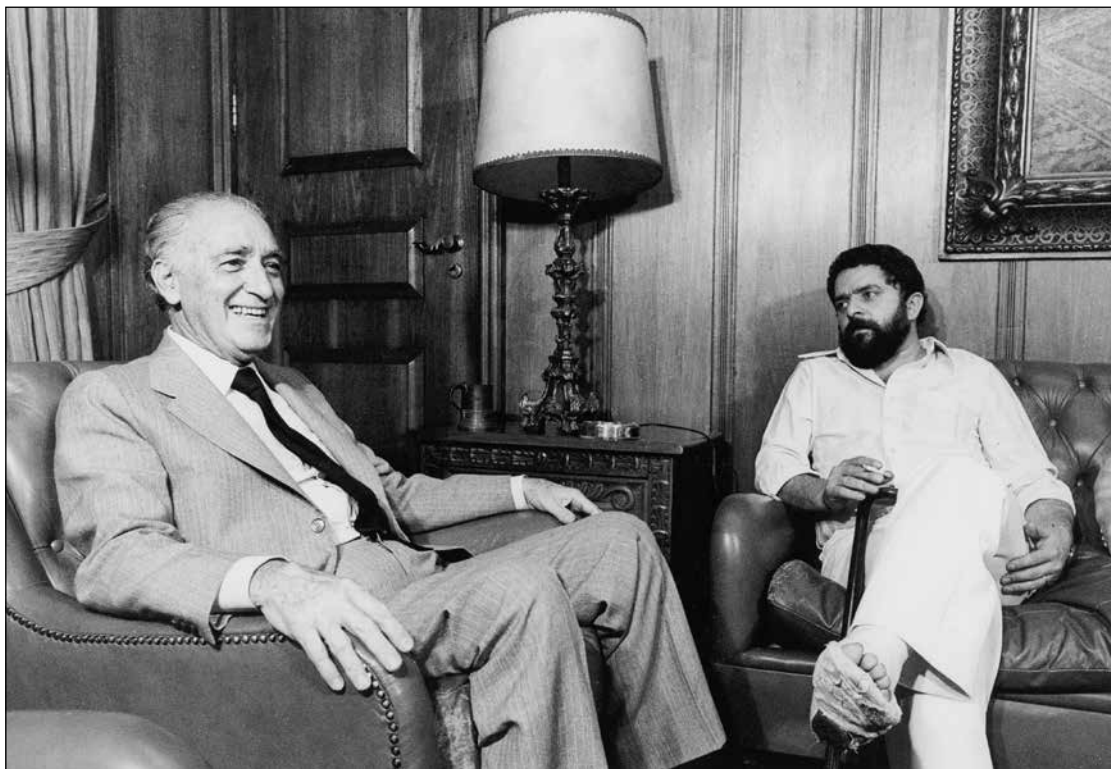
Clóvis Garcia, coordenador Nacional de Habitação; Franco Montoro, e John Kennedy, presidente dos Estados Unidos da América, durante visita à Casa Branca, 19/02/1962.



Franco Montoro, deputado federal, e Hugo Chávez, presidente da Venezuela.



Ronald Reagan, presidente dos Estados Unidos, Ulisses Guimarães, deputado federal, Tancredo Neves, senador, e Franco Montoro, governador recém-eleito pelo Estado de São Paulo, 01/12/1982.



O governador Franco Montoro e o ex-líder sindicalista Luiz Ignácio Lula da Silva, hoje presidente da República.



Leonel Brizola e Franco Montoro.



Governador Franco Montoro, num momento de descontração.



Esq/dir: Carlos Alberto Torres (3º), capitão da seleção brasileira na Copa de 1970, Franco Montoro (4º), governador de São Paulo; Hilderaldo Luiz Bellini (5º), capitão da seleção brasileira na Copa de 1958. Durante a passagem da taça Jules Rimet pelo Palácio Bandeirantes.



Franco Montoro, governador do Estado, e o empresário Antonio Ermírio de Moraes.



Franco Montoro, ex-governador de São Paulo e candidato a deputado federal eleito por São Paulo, Fernando Henrique Cardoso, candidato à presidência da República recém-eleito, e Mário Covas, candidato ao governo de São Paulo recém-eleito, 23/11/1994.



Fernando Henrique Cardoso, José Serra, atual Governador de São Paulo, e Franco Montoro, governador na época.



Oswaldo Leiva Filho, secretário de Obras, Franco Montoro, governador de São Paulo, e Orestes Quércia, vice-governador, durante a autorização de assinaturas de contratos para construção de 67 Centros de Saúde na Região Metropolitana de São Paulo, 28/09/1983.



Almino Afonso, secretário dos Negócios Metropolitanos, e Franco Montoro, governador de São Paulo, durante a cerimônia de inauguração da estação Anhangabaú do Metrô, 26/11/1983.



Franco Montoro, deputado federal, e D. Lucy Montoro, por ocasião da noite de autógrafos do livro de Franco Montoro, “Introdução à ciência do direito”, na XV Bienal do Livro em São Paulo, 1998.



D. Mora Guimarães, Ulisses Guimarães, deputado federal; Beth Carvalho, Fafá de Belém, Franco Montoro, governador de São Paulo, Luiz Inácio Lula da Silva, D. Lucy Montoro, primeira-dama de São Paulo, Dante de Oliveira, deputado federal, e Mário Covas, prefeito de São Paulo, durante manifestação Pró-diretas em São Paulo, 16/04/1984.



Populares durante manifestação Pró-diretas em São Paulo, 16/04/1984.



Orestes Quércia, Franco Montoro e Fernando Henrique Cardoso na convenção do PMDB.



Reinaldo de Barros, candidato ao governo de São Paulo, Ferreira Neto, apresentador, e Franco Montoro, candidato ao governo de São Paulo, durante a gravação do debate político, 24/03/1982.



Cláudio Khans, produtor executivo, Franco Montoro, governador de São Paulo, Rodolfo Nanni, assessor cultural, André Klotzel, diretor de cinema, e D. Lucy Montoro, primeira-dama de São Paulo, presentes na pré-estréia do filme “Marvada Carne” realizada no Palácio dos Bandeirantes, 10/09/1985.



Oswaldo Leiva Filho, secretário de Obras, e Franco Montoro, governador de São Paulo, durante o evento realizado para a assinatura da autorização do convênio Pontes Metálicas em Ribeirão Preto, 23/11/1984.



D. Lucy Montoro, primeira-dama de São Paulo, Franco Montoro, governador de São Paulo, e Tancredo Neves, durante comício da campanha de Tancredo Neves à presidência da República, realizado na Praça da Sé em São Paulo, 07/12/1984.



Professor Franco Montoro durante a cerimônia de outorga do título de Doutor Honoris Causa, da Universidade de Taubaté 23/10/1983



Ex-Presidente José Sarney e o Governador Franco Montoro.



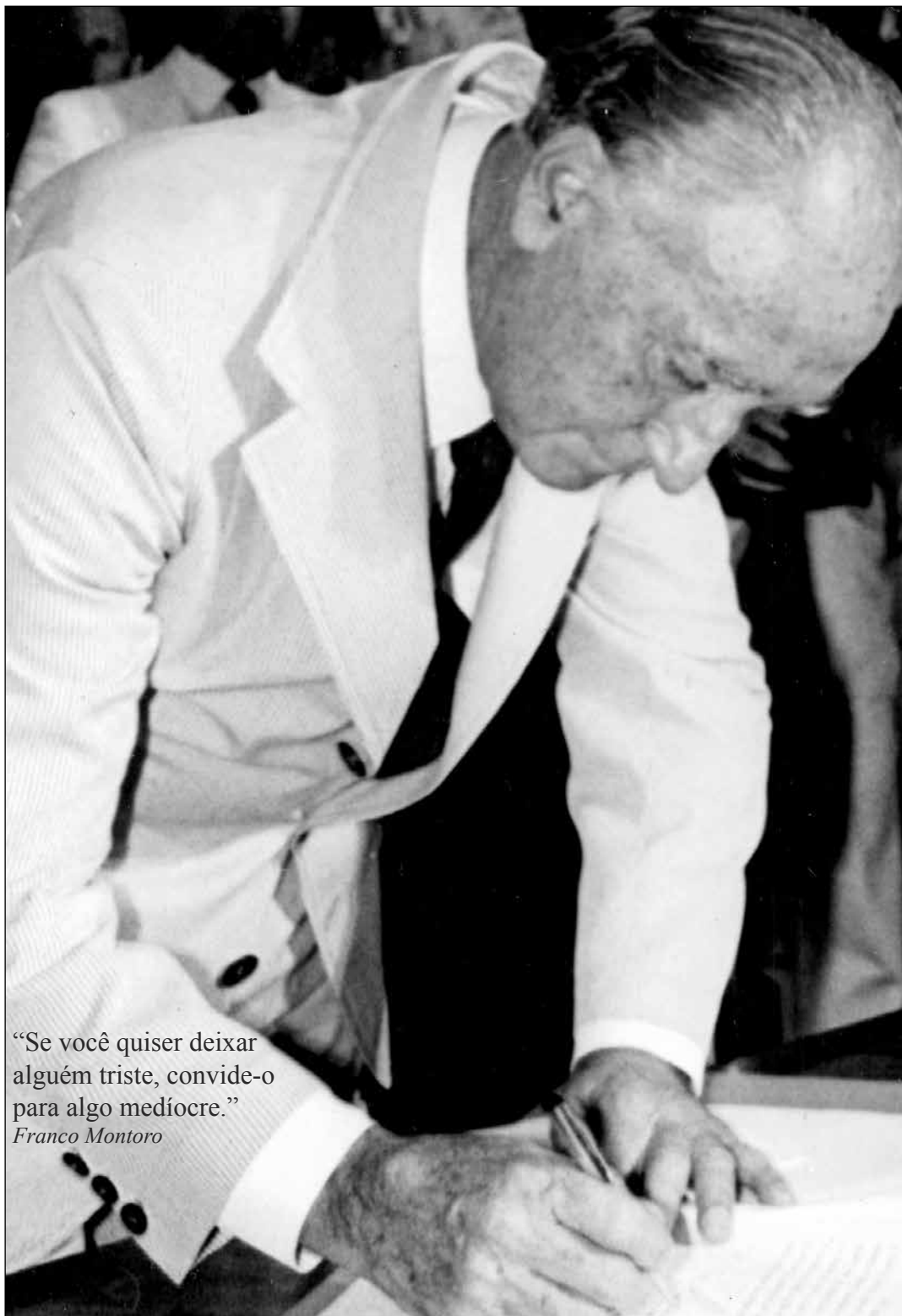
Parsifal Barroso, governador do Ceará, e Franco Montoro, ministro do Trabalho e Previdência Social, durante a visita do ministro a Fortaleza, 06/05/1962



Governador Franco Montoro e Tancredo Neves.



Sala André Franco Montoro, sala dos professores da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)



“Se você quiser deixar
alguém triste, convide-o
para algo medíocre.”

Franco Montoro

SEGUNDA PARTE - DEPOIMENTOS:
O HOMEM E A OBRA

FAMÍLIA

FAMÍLIA

Eu talvez seja, dos sete filhos, o que mais se aproximou dele. Em casa éramos todos iguais, mas na vida pública, eu fui secretário particular dele, nos quatro anos de governo. E como eu, diferentemente dos mais velhos, enveredei para a área empresarial, com o restaurante Esplanada Grill, tinha mais tempo para acompanhá-lo. Morei na Venezuela, em 80 e 81, e em 82 voltei para São Paulo, por insistência dele, para ajudar na campanha de governo. Sempre me dei muito bem com ele. A política o deixou um pouco ausente de casa, ele era político 24 horas por dia. Respirava política, mas ao mesmo tempo não deixou de ser pai. Ele foi efetivamente pai pelos exemplos que deu. Eu nunca apanhei na vida, o máximo que ele fazia, e que nos deixava ofendíssimos, era dar um tapa na mão. Mas ele era companheiro. Ele gostava muito de Campos do Jordão e, sempre que podia, passava

uns dias lá. Crescemos indo a Campos, muito em função também do 14 de julho. O nome dele é Franco por causa disso, não é sobrenome. Meu avô era André Montoro. Lá em Campos a gente tinha uma casa em Descansópolis, e quem era o chefe do loteamento era Monsieur Perroir. Por isso todo 14 de Julho tinha festa, o Perroir fazia discurso e papai respondia ao discurso, era muito divertido.

Ricardo Montoro

Na educação que recebi em casa, a idéia da igreja sempre esteve ligada à idéia do humanismo, dos homens, das pessoas, respeito a qualquer ser humano. Dentro de casa isso acontecia nas mínimas palavras, com qualquer pessoa que fosse, havia respeito.

Mônica Montoro

Eu cuidava das contas da residência, da família. O secretário particular era o Ricardo Montoro, mas, como ele era filho, não quis ser o organizador das despesas da família e da residência, das verbas de representação. Então, eu como chefe de gabinete da Casa Civil, passei a ser a ordenadora das despesas da família, da verba de representação. Era uma coisa fantástica o rigor dele com isso, a simplicidade da vida da dona Lucy e dele. Jamais houve esbanjamento, ostentação, querendo mostrar poder. Eu me lembro que dona Lucy relutava muito, porque com a verba de representação é possível comprar roupas, e a primeira-dama deve comprar roupas para participar de recepções oficiais. E ela relutava demais em usar esse recurso. Às vezes, eu conseguia convencê-la, como na visita de François Mitterrand e, logo em seguida, a do príncipe da Inglaterra, e outras. A sobriedade da família, principalmente do casal, era tão grande, que começaram a parecer estranhos os gastos dos governos anteriores, que eram realmente elevados. Havia previsão de gastos, por exemplo, de 300 pães para a residência. E eu disse: “Olha, o governador Montoro e a dona Lucy, nem que queiram, vão comer 300 pães. Nós vamos começar a baixar isso, baixar, baixar, baixar, até chegar a 50 pães”. E assim nós fomos fazendo com todas as outras despesas.

Gilda Figueiredo Portugal Gouveia

FAMÍLIA E POLÍTICA

Ele fazia quase todas as reuniões políticas em casa, tinha essa característica de levar as pessoas para lá. Me lembro que o primeiro revólver que vi na minha vida foi o de Carlos Lacerda. Papai fazia toda a articulação, os encontros políticos, lá em casa, e eu ficava sapeando, ouvindo conversas. Me lembro do Jânio chegando com a Tutu, que era da minha idade. Nós brincávamos juntos. A gente achava ela meio chatinha, mas brincávamos, andávamos de bicicleta. Eu tinha sete, oito anos, e ela também. Com essas reuniões a gente acabava participando bastante e tendo contato com muita gente.

André Franco Montoro Filho

Principalmente quando eu era mais jovem, às vezes eu discordava dele, de algum palpite, de alguma idéia e ele dizia: “Então vamos discutir, vamos fazer um projeto de lei”. Ou seja, qualquer coisa, para ele, era motivo para você ter uma discussão. Tudo era motivo para se pensar sobre o assunto. Então, isso era uma coisa legal.

Mônica Montoro

Em casa ele também fazia reuniões conosco. Fazia todos nós, os sete, discutirmos política. Nós achávamos que estávamos formulando a política do Brasil. Ele punha todo mundo para falar, sabe para quê? A idéia dele era para apoiar. Ele acreditava na reunião, no diálogo. Quando foi governador do Estado, colocou os trabalhadores no Conselho das Estatais. Ninguém fala sobre isso; ele fazia o pessoal participar.

Eugênio Montoro

Poucos filhos entraram para a política. No fundo, apesar de nunca ter manifestado, eu acho que ele não queria que eu entrasse. Não por rivalidade. Se escolhesse uma área intelectual para ele seria mais interessante. Porque a vida pública levada a sério, com a seriedade que ele levava, tira o pai da família, é muito ingrata.

Ricardo Montoro

Eu também reconheci em Montoro o homem que cuidava da família. Uma vez, o Ulysses Guimarães me disse: “Eu invejo um comportamento em Montoro: ele cuida da família.” E o Ulysses ainda completou: “Eu não vi meus filhos crescerem. A política absorve. E o Montoro faz política e vê os filhos crescerem. Isso realmente é uma qualidade extraordinária”.

Roberto Saturnino Braga

Na campanha em que eu o acompanhei, sempre ficava a seu lado. Subia junto com ele em carro de boi quando ele ia fazer discurso, assim como família a toda. Era uma farra fazer campanha no interior. Eu fiz algumas viagens com o papai e com a mamãe e alguns dos meus irmãos. Eu sentia que em qualquer lugar do mundo a que papai chegasse, era recebido como um chefe de Estado. Eu achava isso incrível, o respeito que todo mundo tinha por ele. E ele sempre com aquele jeito muito discreto, mas sempre com pressa. Papai não tinha manhas. Com ele tudo era feito rapidamente: vamos estudar; vamos trabalhar; vamos aqui rápido. Era o tempo todo trabalhando, o tempo todo discutindo, o tempo todo na pressa, todo o tempo sem tempo a perder.

Mônica Montoro

Na época do Estado Novo, eu e Montoro seguimos rumos diferentes. Eu senti a vocação monástica. Ele se casou com Lucy, que integrava o grupo inicial da Faculdade de Filosofia do Mosteiro de São Bento. Ele deve ter conhecido Lucy nesta ocasião, porque nós dois fizemos, ao mesmo tempo, as faculdades de Filosofia e de Direito e nos formamos em 1938. Então, toda aquela situação social, principalmente dos rumos da sociedade, reagindo às imposições da ditadura, nos fez naturalmente ficar marcados pela segurança. Mas, depois, eu entrei para o Mosteiro e, mais tarde, fui eleito bispo em 1962. Fui o primeiro bispo da Ação Católica do Brasil. Mas só pude ficar quatro, cinco anos, por causa da infeliz revolução de 1964, tornando suspeitos todos os que tinham o ideal de reforma social.

Dom Cândido Padim

Eu convivi muito com Montoro, com a família dele, conheci seus filhos ainda pequenos. Freqüentei bastante sua casa, lá na Rua Conselheiro Zacarias, e tive sempre grande estima e admiração por ele. Só posso dizer que ele foi um excelente político, um chefe de família exemplar. Ele tem filhos bem preparados. Um deles, Eugênio Montoro, foi meu secretário de Governo, quando fui prefeito de São Bernardo. Engraçado, porém, é que a gente freqüentava bastante a casa dele, os filhos não se interessavam por política. Só depois, com surpresa, vi que Ricardo tornou-se vereador e em seguida deputado, e André, o mais velho, também se candidatou a deputado.

Tito Costa

A família de André Franco Montoro é o retrato da alegria dele diante da vida. Ele e Lucy nos deram sempre lições dessa alegria cotidiana, alegria de dizer que vale a pena fazer política.

Yeda Crusius

Malu Montoro foi a principal conselheira do governador durante seu mandato. Entre os sete filhos ela foi, talvez, a que herdou maior senso político. Por isso mesmo foi convidada por diversas vezes para ocupar cargos públicos. Apesar de ela negar, eu sei que isso ocorreu. Durante todo seu governo, o primeiro telefonema de Montoro, pela manhã, era para Malu, para comentar os jornais e trocar idéias. Eu ficava sabendo porque ela me contava.

Luiz Eduardo Cerqueira Magalhães

DONA LUCY

A maneira de Franco Montoro enxergar a família chamava a atenção. Sempre que estava numa roda, podia ser com quem quer que fosse, mesmo altas autoridades, se a dona Lucy chegasse por trás e desse um toque nele, ou se algum dos filhos fizesse o mesmo, ele parava para ouvi-los. Era realmente impressionante o relacionamento, a proximidade, que ele tinha com dona Lucy.

Lafayette Pozzoli

Além dessa amizade que nos uniu politicamente durante muitos anos, havia uma amizade pessoal. De Dona Lucy com minha mãe; da Malu, a filha mais velha do doutor André, com minha mãe, Maria Sílvia. Em Campos do Jordão, tínhamos casas vizinhas. Ainda temos. A casa que era do doutor André é do Eugênio, a outra casa de baixo é da Mônica e do Fernando Montoro, ainda são nossos vizinhos, e hoje já há o relacionamento dos filhos e dos netos. Então são três gerações que unem as duas famílias.

João Dória Jr.

Papai nunca deixou de estar presente em situações familiares. Sempre comemorava o aniversário da mamãe e costumava dizer que, se ela fosse antes, ele não iria suportar. Ele foi, e a mamãe não aguentou a falta dele. Ela morreu num acidente, voltando do Guarujá. O carro acelerou, entrou embaixo de um caminhão, e ela faleceu. Embora os médicos não acreditem que haja relação, eu sou daqueles que acham que a tristeza dói e mata. Sem dúvida, a doença de Alzheimer foi causada pela perda do meu pai. Era impressionante a relação dos dois. Todas as vezes que tínhamos algum compromisso, na hora de sair, ele ligava para a mamãe, ou quando chegava, ele perguntava: “Ligou para a sua mãe?” Isso no tempo em que não existia celular.

Ricardo Montoro

Éramos compadres. Eu, ele e dona Lucy tínhamos estreita convivência. A Lucy era uma política fantástica. Era extraordinária, primeiro como cabeça brilhante. De maldade, eu dizia: “Se tirasse o Montoro e pusesse a Lucy, o partido ganhava a eleição”. Ela era uma pessoa muito aberta e preocupada com a coisa pública. Eles eram um casal de militantes. Uma família muito bonita, enorme.

Plínio de Arruda Sampaio

Lucy dedicou-se à casa e à família, pois eles tiveram muitos filhos. No entanto, jamais deixou de acompanhar o André, sempre com dedicação. As pessoas iam bastante à casa deles; ela recebia muito. Minha amizade com ambos continuou sempre, até o fim.

Nadir Gouvea Kfourri

Em 1980, houve a questão da declaração da Juréia como área de utilidade pública, para que fossem instaladas usinas atômicas. Isso resultou em passeatas e discussões na Assembléia, e Montoro se posicionou contra. Lembro-me até de dona Lucy participando de uma passeata conosco, na Praça da Liberdade.

José Pedro de Oliveira Costa

A campanha do agasalho foi idéia da dona Lucy Montoro, e ela sempre dizia que a população de São Paulo nunca se omite diante dos apelos de solidariedade. A última campanha recolheu 19,7 milhões de peças. Hoje é um movimento de caráter social muito grande. Todo mundo colabora. É sensacional e não é caridade, ou seja, quem tem mais dá para os que não têm, e sim um movimento de solidariedade.

Roberto Duailibi

FUTEBOL, ESPORTE

Quando tinha jogo no Pacaembu, ele almoçava, descansava uns 10 minutos, ia para o estádio e sempre nos levava junto. Costumava ficar na tribuna de honra, afinal ele era deputado, e a gente ficava com ele. Eu me lembro muito do Queiroz Filho, da Zenaide, que eram muito amigos da família. Me lembro também do Roberto Cardoso Alves, o Robertão. Ambos eram do PDC, e íamos todos ao estádio.

Ricardo Montoro

Poucos sabem que doutor André gostava muito de jogar futebol e, além disso era muito bom de bola. Costumava jogar nos fins de semana, e quando não jogava, era um torcedor animado. Isso durou alguns anos, mas aos poucos esses jogos foram rareando e ele acabou deixando esse prazer para os filhos Ricardo e Andrezinho, que era o que mais gostava de jogar. Então o Rico, o Ricardo Franco Montoro, hoje nosso deputado, e o André Franco Montoro Filho foram os herdeiros do futebol.

João Dória Jr.

Quando cursava o Ginásio de São Bento, eu tinha um pequeno grupo de colegas, entre os quais o André Montoro. Formávamos um clubinho esportivo na minha casa, que era muito grande e ficava na rua Veridiana, no centro da cidade. Em feriados, reunia-se lá um pessoal que fazia de tudo: corridas, salto a vara... O André era ótimo esportista, saltava muito bem com vara, e nós tínhamos um lugar para isso no fundo de casa. Para meninos de nossa idade, a altura que pulávamos era relativamente baixa, mas havia varais de pendurar roupa. Os garotos mais baixos pulavam sem problemas, mas o André, que era muito comprido, um dia, pulou e enganchou a perna num varal e caiu. Teve uma fratura exposta horrorosa. Minha irmã estava lá e o levou para o hospital Santa Catarina. Fizeram a sutura; ele saiu de lá sem se queixar, mas ganhou uma cicatriz no braço. Foi corajosíssimo. Desde aquele momento ele mostrou sua fibra e para mim e meus colegas foi um exemplo de coragem. Ele tinha 12 anos, era moleque ainda.

Einar Alberto Kok

Tenho uma relação de proximidade com a família Montoro. Fui professor de seus dois filhos mais jovens, o Fernando e a Mônica. Minha amizade com a Malu se estendeu para os outros irmãos e, assim, eu tive o privilégio de freqüentar a casa do governador, de estar com ele em situações especiais. Em São Sebastião, na Praia das Cigarras, eu assistia Montoro jogar futebol com seus filhos e, no sítio de Itapecerica da Serra, nadávamos juntos e conversávamos sobre planos futuros. O que me chamava atenção era a personalidade vibrante do governador, sempre acreditando em ideais que muitas vezes nos pareciam utopias.

Luiz Eduardo Cerqueira Magalhães

PERSONALIDADE

INOVADOR

Era um inovador, sempre obedecendo a valores nos quais acreditava, como a questão da participação. Como democrata, ele não tinha essa postura, a da democracia teórica, embora tivesse muitos estudos a respeito. Ele era um democrata voltado para a vida concreta, para a vivência da democracia. Daí essa implementação que ele fez dos valores da palavra participação.

Clóvis de Barros Carvalho

Quando se avalia hoje o governo dele, a gente nota a diferença frente ao que veio depois. Ele revelava uma preocupação com o social, com questões importantes, como por exemplo, a hidrovía. Montoro levantou temas. Não levantou as questões que eu queria, mas levantou outras importantíssimas. Meio ambiente, América La-

tina, hidrovia, as hortas comunitárias, o Montoro era meio fascinado pelo *small is beautiful*. Ele gostava disso.

Plínio de Arruda Sampaio

Quando ninguém falava em integração latino-americana, e os países estavam praticamente de costas uns para os outros, embora vizinhos, e nem se pensava no Mercosul, Montoro pregava a integração. Quando o governo era centralizado em Brasília, na época do período militar, o Montoro já pregava a descentralização, dizendo que o que o município puder fazer, o Estado não deve fazer. E o que o Estado puder fazer, a União não deve fazer. E o que a sociedade puder fazer, o governo não deve fazer. Quando o chamado terceiro setor ainda estava começando, o Montoro já pregava a participação. Que o caminho não iria pelo governo, mas pela organização da sociedade civil. Era um estadista.

Geraldo Alckmin

ENTUSIASMO

Era um homem muito entusiasmado e transmitia isso, fazia com que a gente vivesse aquele entusiasmo dele. Ele era uma pessoa que estava sempre ativa. Sabia que tinha um trabalho a ser feito. No último dia em que tivemos contato, ele estava muito animado, porque já havia preparado o discurso que faria no México. Era o dia do aniversário dele e, nesta data, quando não fazíamos uma festa maior, fazíamos uma pequena reunião, com as pessoas mais próximas. Nesse dia, eu me lembro como se fosse hoje, ele disse: “Você me avisa quando forem oito horas, que eu preciso ir para casa”. Estávamos no Ilam. E ele tinha apenas uma dor de estômago, até pediu para que eu ligasse para o médico, que disse que não era nada, algo digestivo, qualquer coisa assim. Às oito horas, fizemos a reunião, alegre, gostosa, ele se emocionou, tudo normal, naquele entusiasmo dele. Dona Lucy também estava. Fiz sinal no relógio e ele se despediu, me fez algumas recomendações para o dia seguinte. Ele estava ótimo.

Célia Ventura de Brito

Foi uma fase difícil aquele período em que ele disputou uma eleição que não ganhou. Ele não demonstrava muito, mas a gente percebia. Houve um intervalo pequeno entre a saída dele do governo e a sua reentrada na política. Uma época em que a gente percebeu que ele estava meio deprimido. Depois passou, ele tornou a se entusiasmar.

Célia Ventura de Brito

A retórica de Montoro era de quem não apenas tinha o nervo do relevo, mas o nervo da voz e da convocação. Quem vai se esquecer da voz de Franco Montoro? Sobretudo da sua capacidade de crescer em escala vocal e de sempre nos trazer aquilo que no fundo era objeto de qualquer classe sua, uma mobilização fantástica.

Cândido Antonio Mendes de Almeida

André Franco Montoro, tinha uma capacidade incrível de trabalho. Uma disposição enorme, às vezes quando alguém dizia: “Vamos parar para o almoço?”. Então, ele respondia: “Nada de almoço”. E aí a gente seguia naquele Montoromóvel, era uma van, naquela época era um *cover* das vans em uso aqui, uma van vinho, vermelha, e saíamos todos para um giro naquelas cidades todas. E não tinha almoço. Ele pedia um refrigerante, um sanduíche e dizia: “Vamos embora! Porque se você almoçar, vai se encostar, dormir, perder tempo”, e o tempo para ele era uma coisa importante. Ele era cumpridor de horários.

Antonio Rubens Costa Lara

Outro aspecto que marcava a vida de Franco Montoro era seu bom humor. Era um homem sempre com um sorriso, um sorriso marcante. Aliás, ele e dona Lucy, os dois, tinham uma característica marcante, entre outras, que era o sorriso largo, aberto, simpático, que não atemorizava as pessoas, que não intimidava as pessoas. Ao contrário. As pessoas se sentiam bem ao conviver com ambos numa mesa de trabalho, numa reunião, num encontro, numa cerimônia ou num palanque.

João Dória Jr.

O que realmente caracterizava o papai era o otimismo e o entusiasmo. São características absolutamente vinculadas a essa opção

de vida feita a partir de valores que ele cultivava, daí o prazer na atividade que realizava. E ele gostava de viver. Ele era um ser de bem com a vida. Daí tanto otimismo e entusiasmo. A raiz grega da palavra entusiasmo quer dizer: aquele que está tomado pelos deuses, tomado pela graça, preenchido pela felicidade, pelo desejo de luta, de agir, de fazer. O entusiasmo de papai realmente chamava a atenção. Logo no começo da campanha do FHC para presidente da República, ainda bem no começo, ele teve uma reunião no apartamento do papai, e no fim da reunião, desci no elevador junto com o Fernando Henrique e ele me disse: “Malu, não tem jeito. Seu pai é um otimista mesmo. Você acredita no que ele falou para mim? Você acredita que o Montoro acha que eu vou ser eleito, e no primeiro turno. Mas é otimismo demais do Montoro, não?” E foi eleito!

Malu Montoro Jens

O Montoro foi um jovem, permanentemente. E sempre com entusiasmo. Eu nunca vi o Montoro desanimado. Lembro-me quando nós fundamos o PSDB – e não é fácil fazer um partido novo e na oposição, é difícil construir um novo partido. Na primeira viagem ao Vale do Paraíba, a última cidade era Cruzeiro. Chegamos muito atrasados, eram mais de nove horas da noite, mês de julho, o PSDB foi fundado em julho, muito frio, ninguém na rua, e eu falei: Nossa, acho que não vai ter ninguém lá em Cruzeiro. E, realmente, chegamos à Câmara Municipal, havia três pessoas e nós éramos oito para fazer discurso. Aí combinamos o seguinte: só o Montoro fala. Estava o Serra, FHC, eu, deputados lá do Vale do Paraíba. E o Montoro não se fez de rogado. Foi à tribuna e, dos três na platéia, um dormia. E ele foi crescendo no discurso e disse: “É o entusiasmo de vocês que nos motiva, que nos estimula”. Esse é o Montoro, um homem que nunca desanimava.

Geraldo Alckmin

Sempre admirei o André por uma coisa: o entusiasmo. Ele chegava a um lugar onde havia alguém para ouvir, ele se entusiasmava, ele falava, tinha um entusiasmo, um fervor, que pouca gente teve. É uma figura que faz uma falta enorme hoje. Os líderes hoje são frios,

indiferentes, não tem uma pessoa da categoria intelectual e profissional de Montoro. Quando ele pegava uma idéia, ele ia até o fim. Ele era a liderança dos políticos, porque era um homem sério, inteligente, capaz. Mesmo a esquerda, que tem elementos entusiasmados, não seria capaz de transmitir o calor que o Montoro transmitia nas suas palestras, nas suas conferências.

Einar Alberto Koch

TENACIDADE

Conheci Montoro na militância do velho MDB, que, na verdade, era a convergência das oposições à ditadura. Foi um período importante, já que, à medida que o tempo passava, a gente descobria a figura humana que em determinadas ocasiões transcendia a figura do político. Ele era tolerante, tinha a capacidade de juntar pessoas, de conviver com os contrários, que é a essência da democracia, nossa grande meta naquele momento.

Audálio Dantas

Como secretário de Montoro do Planejamento, eu ficava no Palácio. Então, todo pequeno ato que havia, receber prefeitos, associações, lançar algum projeto novo, era no Palácio. E os secretários precisavam estar presentes. Lá pelas tantas, Montoro não parava de falar das propostas dele, um dia tomei a liberdade e disse: “Governador, o senhor não acha que está na hora de mudar um pouquinho?” Ele disse: “Olha, você um dia ainda vai aprender. Primeiro, o seguinte: você está em todos os discursos, mas os outros não. Para eles, é um discurso novo. O que você acha que eu devia falar? Das coisas em que acredito, de nossos projetos. Para cada público, eu jogo de volta o nosso projeto, as nossas idéias”.

Clóvis de Barros Carvalho

Eu escrevo no jornal há tempos contra o câmbio, contra a taxa de juros, mas até certo ponto eu diria que tenho vergonha. Eu pareço um pastor pregando uma tese impossível: castidade até o dia do casamento, coisa desse tipo. E o Montoro, não. Ele tinha

coragem de levar aquela tese consistente, continuamente, até que ela fosse vencedora. E acho que ele estava certo.

João Sayad

Ele tinha uma capacidade de trabalho impressionante: de dia, de noite, sábado, domingo. Era difícil agüentar. Eu era mais moço que ele, uns quatro ou cinco anos, e tinha dificuldade de acompanhá-lo, porque ele tinha uma atividade, uma força, uma energia. Eu sempre dizia que o Montoro era um tanque. Ele não via obstáculos. Ele tinha um projeto bom, ele tocava, ia para a frente. E fazia tudo para que o projeto fosse aprovado.

Clóvis Garcia

CONCILIAÇÃO, DIÁLOGO, NEGOCIAÇÃO

No governo de Montoro, logo no início, nós vivemos um outro acontecimento que revelou a sensibilidade e a infinita paciência do governador, seu elevadíssimo grau de compreensão e de tolerância. Foi a greve dos professores, uma greve famosa, pela série de referências. O secretário da Saúde havia concedido um aumento, aliás justamente, aos médicos do Estado, e aquilo serviu de estopim para um longa greve dos professores. Nesta greve, o governador teve uma excelente idéia. Ele criou uma comissão de negociações no governo, algo inédito. Ele determinou que se formasse uma comissão que ficaria encarregada, no governo do Estado, de receber todas as reivindicações. E, na impossibilidade de conceder reajustes, pelo menos nós conversávamos. E eu aprendi muito nessa comissão. Aprendi tanto que um dia disse ao ministro Ivan de Souza Mendes, que era o ministro-chefe do SNI, já no governo Sarney, quando eu era ministro do Trabalho: “Ivan, nós não podemos adotar uma atitude muito dura nesse processo de negociações, se não tivermos muito o que oferecer, pelo menos vamos convidar o pessoal para entrar, para sentar e oferecermos um café”.

Almir Pazzianotto Pinto

Outro momento difícil de Franco Montoro ocorreu com a revolta de Guariba, na região de Ribeirão Preto. Um fator decisivo para o mo-

vimento de Guariba foi a tentativa de alterar o sistema de corte de cinco para sete ruas. E havia dúvidas quanto à mudança, e não se aceitava passar de um sistema de cinco para sete ruas, passagem que favorecia a mecanização do corte, ou no trato, porque era preciso adaptar o tamanho das ruas às máquinas agrícolas. Uma fagulha provocou um grande incêndio em Guariba e uma pessoa que assistia morreu, levou um tiro, que hoje se chama de bala perdida. Como a população interiorana nunca tinha visto nada naquelas proporções, ficou muito amargurada, e eu fui para lá, por determinação do Montoro. Eu fui a Guariba e, depois de uns dias de negociação, conseguimos fazer um acordo.

Almir Pazzianotto Pinto

Supondo que poderíamos dar uma nota ao governo Montoro, daríamos uma nota bem alta. Nós tivemos algumas amarguras lá na Vasp. Tivemos duas greves muito complicadas. Uma delas, engendrada pelo sindicato; outra, selvagem, dos aeroviários. Mas o que deve ser registrado é que o Montoro foi absolutamente correto. Ele me dizia o seguinte: “Não deixe de conversar com grevistas. Não feche as portas. Mas mantenha a sua autoridade, ela não pode correr nenhum risco”. Essa é a lição que o Montoro deu nos primeiros dias de governo, quando cercaram o Palácio.

Antonio Angarita

Uma das coisas que aprendi com ele foi o respeito muito grande pelo próximo, a sua atitude de sempre estar dialogando de uma maneira construtiva. Eu sinto afinidade com ele também por ser ele uma pessoa que sempre procurou soluções democráticas. Ele era um democrata por excelência.

Eduardo Matarazzo Suplicy

Nós tínhamos relações muito amenas e a divergência política nunca perturbou. Nunca tivemos um atrito pessoal. Embora eu me colocasse em posições diametralmente opostas. Mas toda vez que precisávamos negociar eu ia à casa do Montoro e era uma festa. Era muito bem recebido.

Plínio de Arruda Sampaio

DIÁLOGO

O governo do Montoro tinha esquerda e direita. Ele não chegou a ser governador para provocar o Figueiredo, que era o presidente. O secretário da Justiça consultou Brasília, e o Manoel Pedro Pimentel foi o escolhido. Ele havia sido o secretário da Justiça do Paulo Egydio. Portanto, tinha um bom trânsito. Ele não ia colocar alguém para dirigir a polícia frontalmente contrário ao regime. Mas tinha gente de esquerda. Tinha o Almino Affonso, o Chopin, e gente de direita.

Ricardo Montoro

Com duas semanas de governo ocorreu o movimento de rua, de professores, sindicatos, aqueles que derrubaram as grades do Palácio. E alguns secretários eram impressionantes: “Montoro, tem que atirar, tem que atirar!” Eu estava na sala com ele, junto à minha mãe, e ele não deixou atirar: “Só não deixa entrarem do Palácio. E eu vou descer!” Pegou mamãe pelo braço. Ele desceu sozinho, mamãe ao lado dele. Tem foto. Ele desceu e perguntou: “O que vocês querem?” Na foto está o Eduardo Jorge, que na época era bem radical, de sandálias. Você também vê o Castelo Branco na foto. Acho que eu apareço. Era tudo o que eles queriam, que o Montoro reagisse. Ele dava bronca nos militantes e dizia: “Vocês não sabem o que estão fazendo. Vocês estão prejudicando o início do processo da democracia do qual nós estamos participando. Se vocês provocarem, o governo vai cassar todos os governadores. É um bom pretexto. Vocês são idiotas”. Ele explicava muito didaticamente: “Vocês estão fazendo o jogo da direita. Eu estou há duas semanas no governo. Tenho idéia de fazer um bom governo, mas os problemas são muitos”. Houve um ataque a supermercados e o Estadão deu a manchete: “Aja, Montoro!” Ele foi muito criticado, por ser democrata. Ele era adepto do diálogo mesmo, no enfrentamento, no Palácio, ele conseguiu, não houve nenhum derramamento de sangue e tudo foi voltando à normalidade depois. Ele realmente praticou a democracia, por isso acho que ele é muito lembrado.

Ricardo Montoro

Tanto na área de energia quanto na área de tecnologia, Montoro tinha uma visão de futuro, e como mobilizador era aquele capaz de reconhecer diferenças nas idéias, nas correntes de pensamento. Podemos encontrar em suas fileiras e entre seus colaboradores pessoas que apresentavam diferenças na forma de abordar um problema. Ele tinha a capacidade de encontrar um denominador comum e somar. Sempre somar.

Jacques Marcovitch

Eu acho que vale a pena iniciar este depoimento relembrando uma das palavras mais sinceras, importantes e belas que eu ouvi a respeito de Franco Montoro, que foi um artigo do jornalista Elio Gaspari: “O Montoro era uma pessoa que fazia qualquer um que estivesse ao lado dele se sentir importante”. Ele fazia com que as pessoas se sentissem válidas, importantes com uma missão a cumprir.

José Pedro de Oliveira Costa

O que eu me lembro de ter aprendido com Montoro? Primeiro a discussão democrática. Para todos os problemas, todos os conflitos que tínhamos que resolver, Montoro insistia e ensinava que era necessário ouvir todas as partes. E ouvir quer dizer deixar todas as partes falarem, mesmo que nós não concordássemos. Eu aprendi com ele que a regra era ouvir. Essa foi uma lição que ele deixou.

João Sayad

Os ecologistas passaram a respeitar Montoro por suas ações no meio ambiente. Ele participava de reuniões de ONGs, ia às inaugurações das exposições, abria seminários, dialogava com todos de igual para igual, enfim fazia coisas que pouca gente poderia imaginar.

José Pedro de Oliveira Costa

ABERTURA DE IDÉIAS

Montoro tinha uma frase: “As pessoas sofrem se você as convida para algo medíocre”. No fim do governo Montoro, João Russo editou o extrato do que havia sido feito, as 12 batalhas do governo

Montoro. Uma delas era a da democracia. Outras: alimentação, a condição do menor, saúde, descentralização e participação, tecnologia. As frases são assim: “É preciso ter uma mensagem para todos os brasileiros. É preciso propor um grande objetivo. As pessoas sofrem quando são convidadas apenas para algo medíocre”. Essa questão, pensar grande, também tem muito a ver com a globalização: pensa global, age local. São as frases que comandam o processo de globalização. Montoro não só dizia, como fazia isso.

Clóvis de Barros Carvalho

Logo no início do governo Montoro, havia algumas pessoas muito ligadas a um movimento de resistência no litoral de São Paulo, no litoral do Brasil, contra a especulação imobiliária. Um dos casos mais importantes que ocorreram naquela época foi o de Trindade, perto de Paraty. E Trindade se tornou um símbolo da época porque havia uma discussão em torno da instalação de um loteamento que acabou, inclusive, sendo em parte resolvida quando a televisão européia fez uma matéria e veiculou em horário nobre. Mas as pessoas que participaram desse movimento tinham 20 e poucos anos, estavam muito ligadas à contracultura, foram morar em Trindade buscando uma vida alternativa. Montoro convida esse pessoal para fazer parte do governo, na Sudelpla, a Superintendência do Desenvolvimento do Litoral Paulista. Eram quase *hippies* dentro do governo, pessoas completamente alternativas; imaginem o trabalho que davam. Eram pessoas que, no meio do expediente, resolviam tomar banho de cachoeira, e o Montoro abriu um espaço, tiveram um papel enorme nos primeiros movimentos de regularização fundiária da população caiçara no Estado de São Paulo. E o Montoro, inclusive, dentro da Sudelpla, criou um grupo de apoio aos índios aqui no Estado, especialmente aos índios guaranis.

Fábio Feldman

Montoro era o melhor deles todos. Não tinha ninguém mais aberto do que ele, e o presenciei dizendo uma frase e percebi o

que era democracia naquele instante. Ele dizia: “Venha o capitalismo, se em nome da liberdade se esquece a justiça. E venha o comunismo, se em nome da justiça se esquece a liberdade”. Ele era a terceira via. Católicos, cristãos tinham aquela alternativa interessante politicamente.

João Quartim de Moraes

Montoro desenvolveu um sistema de educação e cultura no Estado de São Paulo. Não posso falar da Unesp sem falar da Fapesp, do Conselho Estadual de Educação, do próprio Cruesp, que ele criou, que era o Conselho dos Reitores das Universidades Estaduais Paulistas, além da Fundação Padre Anchieta.

Jorge Nagle

O governo Montoro logo se deparou com um problema crucial, que ia tomar os quatro anos da gestão: o problema dos precatórios judiciais. Precatório judicial é uma obrigação de pagar, depois de transitado e julgado, não há mais o que discutir. Tem que colocar no orçamento e pagar de acordo com as regras pré-estabelecidas pela Carta da República. Só que, como acontece sempre no Brasil, como as desapropriações não são feitas como a Constituição manda, previamente e justamente, os precatórios acabam sendo extraordinariamente volumosos. Foi no governo Montoro que caiu o precatório da desapropriação da Paulista Estrada de Ferro, que era um precatório colossal. E logo o problema tomou uma proporção tão grande, que houve uma reunião no Palácio. Estava o governador na cabeceira e eu na extremidade oposta da mesa. E a área jurídica explicou para o governador, corretamente, qual abordagem deveria ser feita. E percebia-se a angústia do governador a cada vez que ele se convencia de que não havia saída. Já estava praticamente sacramentado que essa era a solução. Tinha que pagar, encontrar um jeito. Nessa oportunidade, Serra disse ao governador: “Governador, parece que o Ricupero tem uma abordagem um pouco diferente do problema”. E o governador pediu para eu expor. Ao longo da explicação, ele começou a se entusiasmar. Ele era um homem tão sensível, tão despido de qualquer problema menor, que a certa altura, quando alguns conversavam, ele se levava

tou da cabeceira e veio sentar-se ao meu lado para ouvir melhor. E, enquanto eu falava, ele percebeu que alguns não estavam prestando atenção e passou um pito nos secretários, pedindo silêncio. O governador ouviu a área jurídica, os argumentos ponderados dos colegas e ouviu, depois, os argumentos da área econômica, que eram aqueles que iam viabilizar o seu governo.

Romeu Ricupero

Era um sujeito formal, de visual, digamos, ‘careta’. Mas quanto às idéias, era uma pessoa aberta a qualquer assunto, qualquer discussão, qualquer proposta. Então, ele era muito moderno, nesse sentido. Era contemporâneo. Tudo para ele era motivo para se pensar, para se refletir, para ler.

Mônica Montoro

Montoro tinha idéias. E não tinha medo das idéias.

Walter Barelli

Como ele era muito avançado, as pessoas às vezes não compreendiam. Por exemplo, hortas comunitárias, hortas de quintal, uma produção ecológica. Hoje todo mundo está falando em ecologia, mas naquele tempo as pessoas não compreendiam e riam. Está aí a proposta. Hoje você vai para a Europa e vê que é este o caminho. Quanto às mulheres, ele fez uma grande revolução aqui, porque as coisas nunca mais voltaram a ser tão atrasadas como eram. Então, hoje o Conselho Estadual da Condição Feminina talvez não seja suficiente, mas precisou existir o Conselho durante décadas para a gente pensar num passo à frente. Sem isso não teríamos avançado. As delegacias da mulher, a mesma coisa. Tudo teria que ser modernizado, aperfeiçoado, mas sem aquele impulso corajoso inicial, não haveria nada. Não vi nenhum outro governante fazer isso.

Eva Alterman Blay

CORAGEM POLÍTICA

Eu estava, vamos dizer, muito marcado pela ditadura. Fazia investigações sobre o esquadrão da morte. Fui retirado das investigações

depois de um ano, e aí começaram as ameaças. Fui falar com o Carvalho Pinto e ele, não obstante todos os nossos esforços em contrário, se filiou à Arena. Eu tinha excelentes relações com ele, contei o que estava acontecendo e pedi: “Eu gostaria que o senhor desse um depoimento no Senado a respeito da minha atuação em seu governo, fora do seu governo, durante o Ministério da Fazenda e agora, com essas investigações sobre o esquadrão da morte, para ver se esse negócio se acalma um pouco”. E ele me disse: “Olha, eu sou do governo, na verdade você está na oposição. Então, eu não sei se ficaria bem para mim um discurso nesse sentido que você está me pedindo. Mas por que você não vai falar com o Montoro?” Achei que era natural falar primeiro com o Carvalho Pinto, porque eu o servi como governador e como ministro. Mas ele tirou o corpo fora. E o Montoro disse: “Não tem problema. Eu vou falar sobre isso, fazer o que você está me pedindo, e mais: vou fazer o Carvalho Pinto também falar sobre isso”. Ele foi para a tribuna do Senado, fez um discurso, chamou o testemunho do Carvalho Pinto, e o Carvalho Pinto teve que falar. E eu fiquei devedor do Montoro numa questão fundamental. Porque ninguém pode viver sistematicamente ameaçado.

Hélio Bicudo

Eu penso que o Estado de São Paulo deve muito a ele, assim como a política brasileira, porque na questão das Diretas, a presença do governo do Estado de São Paulo foi decisiva. Foi ele quem criou as condições de fazer com que a campanha das Diretas ganhasse rumo em São Paulo, com as dimensões que ganhou. Ele enfrentou o governo federal, proporcionou todos os meios para que se realizasse o comício e de São Paulo partisse o movimento a favor das eleições diretas.

Almir Pazzianotto Pinto

Quando Wladimir Herzog morreu, os jornalistas se reuniram e começaram a convergir para o sindicato, onde convocavam a categoria para o sepultamento. Isso era uma subversão, todas as vítimas da ditadura eram sepultadas em silêncio. No velório, havia uma espécie de revezamento de jornalistas, estudantes e artistas. Políticos eram poucos. Um deles era Franco Montoro. Havia quem dissesse que Montoro era um sujeito medroso. Não

era não. Três, quatro anos depois, nos piquetes das fábricas e na Praça Matriz de São Bernardo do Campo, Montoro estava lá, junto com Teotônio Vilela, Alberto Goldman e outros.

Audálio Dantas

Montoro é processado até hoje, porque ele mandou abrir as portas do Metrô durante o comício das Diretas. Ele achou que o movimento ia ser tão importante, que correu o risco. Ele estava sendo processado, não sei como está agora. Mas naquele dia, eu fiquei muito orgulhoso.

Ricardo Montoro

Papai tinha coragem de se cercar de homens brilhantes. Isso eu acho importante. Por exemplo, a gente vê os governos cercados por pessoas medíocres, no fundo por medo de que elas possam chamar mais a atenção. Ou seja, ele teve coragem de trabalhar com pessoas brilhantes.

Malu Montoro Jens

A influência de Montoro na minha vida não foi acadêmica, porque nunca fui aluno dele, mas tive grande respeito pelas credenciais de seus ex-alunos, pela liderança política, pela coragem que ele tinha governando dentro de um regime no qual tudo podia degenerar para o arbítrio, e até desaparecimento de pessoas, humilhação de adversários. Ele enfrentou tudo.

Roberto Duailibi

No fim da década de 70, ainda sob o regime militar, as reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência foram proibidas, o que nunca havia acontecido antes, desde que ela foi criada, em 1949. O governo federal também decidiu impedir que a USP se reunisse em Fortaleza. A reunião foi transferida para São Paulo, onde também foi proibida, e foi graças ao cardeal Dom Evaristo Arns e ao senador Montoro que a reunião foi realizada na PUC. Foi uma grande reunião e acabou atuando como um prego a mais no regime militar, porque a repercussão foi tal, que se acabou mostrando que a proibição de uma reunião com a importância que tinham as reuniões da SBPC era completamente nociva ao próprio governo.

José Goldemberg

Ele visitou a Unicamp em duas ocasiões. Quando o Pinotti era reitor, e houve manifestações, em meio a uma greve. E depois, na minha posse, porque os alunos, apesar de eu ser o primeiro da lista, não se conformavam com a minha indicação. Eles fizeram uma manifestação, se vestiram de palhaços, fizeram discursos, e eu com uma vergonha danada porque o governador estava lá me vendo passar por aquele constrangimento. Mas ele era uma pessoa destemida. Não tinha medo de enfrentar situações adversas. Era de muita coragem e respeito.

Paulo Renato de Souza

Era um homem de profundas convicções democráticas. Montoro soube ser firme e corajoso na condução – e ele foi um dos principais protagonistas daquele processo – da redemocratização do País. Firme e ousado no comando das eleições diretas, que depois de frustrada continuou tendo em Franco Montoro seu principal artífice, para que nós, mesmo pela via que não queríamos, que era a do Colégio Eleitoral, encerrássemos o ciclo autoritário no Brasil. Além disso, eu acrescentaria que foi de Franco Montoro que eu ouvi as mais dedicadas, as mais aprofundadas repetições sobre a Federação Brasileira. Montoro acreditava na federação, acreditava que somente a partir do fortalecimento dos municípios e dos Estados nós íamos ter condições de atender mais adequadamente às demandas da sociedade brasileira. Portanto, Montoro deixou, não apenas ao meu partido, do qual foi um dos principais fundadores, mas à classe política brasileira um grande exemplo de seriedade, dedicação, ousadia e coragem.

Aécio Neves da Cunha

FIRMEZA DE PRINCÍPIOS E DE CONVICÇÕES

A despeito de conviver com os clássicos da Filosofia, Montoro tinha um pensamento prático da vida. Montoro era um pouco mais velho do que eu e comecei a ver a coerência dele nos planos pessoal e político. Na época em que ser cristão militante era duvidoso do ponto de vista da seriedade, e o esquerdismo muito difundido, Mon-

toro manteve a coerência da sua política cristã durante toda a sua vida. É muito importante fazer o registro, porque poucos políticos brasileiros praticam a coerência como o Montoro praticou.

Antonio Angarita

Num certo momento, o Ministério da Fazenda chamou o secretário da Fazenda para ajustes antes de autorizações de emissões de títulos de dívida. E não queria, na ocasião, receber o presidente do Banespa, que era o Bresser. E o Sayad, muito firme, apoiado por Montoro, disse: “Se o ministro da Fazenda não receber também o presidente do Banespa para discutir uma questão do Banespa, então o secretário da Fazenda também não vai”.

Andrea Calabi

O governador Montoro foi um dos poucos políticos com quem eu convivi, ao longo de tantos anos de militância, que tinha sua ação política permanentemente orientada por suas idéias, por sua ideologia. Eu falo ideologia como um conjunto de idéias inspiradoras da ação, e não como idéias que levam a ilusões. O Montoro tinha algumas idéias muito arraigadas, e lutou ao longo de toda a sua vida, como parlamentar, como ministro, como líder da oposição, como governador, para implementá-las.

Aloysio Nunes Ferreira Filho

Como advogado eu vivi uma experiência curiosa. Fui advogado do deputado Aloysio Nunes Ferreira. E Aloysio, num discurso de campanha, em 82, havia se referido ao presidente da República de forma pouco elogiosa. E, por mais palavras que eu tivesse para falar em defesa do Aloysio, acho que nenhum argumento foi tão forte quanto a presença, na primeira fileira, do vice-governador Orestes Quércia e da dona Lucy Montoro, que foram ao julgamento, na justiça militar, seguramente com o conhecimento, anuência e o pedido do governador. Eles se sentam na primeira fila, como quem diz: “Aqui nós estamos, eleitos democraticamente, dona Lucy, na sua figura jurídica, Montoro ali representado. A democracia está sentada na frente do juiz,

aguardando um pronunciamento”. Então, era um dos gestos dele que ainda hoje são lembrados.

Belisário dos Santos Junior

Em um momento muito difícil, em uma noite em que se previa uma grande movimentação no dia seguinte, em São Paulo, até de tentativa de desestabilização, no começo do governo, ele reuniu seus secretários da área jurídica. Estavam lá o Manoel Pedro Pimentel, secretário de Segurança Pública, eu, o Chopin, o assessor na ocasião, Eduardo Muylaert, Almino Affonso, o Serra, enfim ele juntou um grupo grande. Precisavam ser tomadas decisões com relação à greve marcada para o dia seguinte. O secretário de Segurança fez um relato dramático, esperava-se uma manifestação com muita violência, saques. Havia uma recomendação, por parte dos serviços de informação, para que fossem tiradas de circulação algumas pessoas que poderiam insuflar, e que eram lideranças comunistas. Ele pediu nossas opiniões. Senti no olhar dele uma certa revolta. Nessas horas ele ficava tenso. A posição dele foi a seguinte: “Eu jamais vou permitir um discurso ou uma ação neste governo democrático que não seja absolutamente de acordo com nossas convicções”. O Manoel Pedro, que era o chefe de Polícia, comentou: “Mas governador, pode haver uma intervenção aqui em São Paulo?”. Montoro respondeu: “Que intervenham! Eu prefiro a ser manietado, um boneco nas mãos da ditadura. A ditadura está no fim e nós devemos lutar para que ela realmente seja exterminada e a democracia triunfe”.

José Carlos Dias

Resta a imagem de homem absolutamente íntegro e honrado, mas também um homem profundamente coerente com seus ideais. Era um idealista do solidarismo, da prática democrática e do aperfeiçoamento democrático da maior participação do povo organizado nas decisões políticas. Foram diretrizes e pontos de vista que Montoro jamais se desviou. E marcou sua presença na vida pública com esse exemplo de dignidade, de coerência e de sentimento de justiça, de solidariedade para com a população, especialmente o povo mais carente.

Roberto Saturnino Braga

Em 1990, ele se candidatou a senador e perdeu. Montoro teve duas grandes derrotas: uma foi para a prefeitura de São Paulo, em 1965, outra a eleição de 1990 para o Senado. E ele perdeu a eleição porque manteve as seguintes convicções, que eu acho válido destacar: “Tem partido, tem princípio, eu defendo os princípios do partido, sejam eles quais forem”. Ele tinha o conceito de atuação partidária. E não aceitou, em 1990, o apoio de Collor, presidente da República, que garantiria a eleição dele para o Senado. Foi à Brasília e eu fui junto, lá no Bolo de Noiva. Collor ofereceu – e eu estou dizendo algo que testemunhei – sete ministérios para o PSDB, incluindo o de Relações Exteriores para o Fernando Henrique, o da Educação para o próprio Montoro e o da Economia para Serra. Montoro fazia-se admirar pelos seus próprios méritos, pelos seus atos e, acima de tudo, pelos seus exemplos. Eu sempre tive o maior e o mais profundo respeito pela figura política e, torno a repetir, pela extraordinária figura humana de André Franco Montoro. Ele praticava aquilo que pregava.

José Maria Marin

Havia pressões de todo lado para que o Montoro viesse a apoiar o Antônio Ermírio, que era candidato também, mas o Montoro se manteve firme no apoio ao Quércio. Eu me lembro de uma reunião da qual eu participei no Palácio, quando a situação era muito ruim para o Quércio, que tinha cerca de 3% nas pesquisas, quando o Montoro reafirmou o apoio ao Quércio. A partir daí, Quércio começou a subir, houve aquele negócio do desabastecimento, do Plano Cruzado, o Quércio com aquela história do boi gordo, etc., e ele acabou crescendo e ganhou a eleição. Mas o fato é que Montoro o apoiou sempre. Apesar de muitas lideranças terem abandonado o Quércio para apoiar o Ermírio, Montoro se manteve muito firme no seu compromisso partidário.

Paulo Renato de Souza

Gostaria de lembrar outro fato que marcou a história do Brasil, que foi o início do movimento pelas Diretas Já. E o governador Franco Montoro teve a idéia de iniciar esse movimento dentro daquela persistência. Ele consultava todo mundo, mas tinha a idéia

dele. Quando coincidia, ele sorria. Quando não coincidia, ele começava então a conquista. Mais do que nos convencer, ele nos conquistava. De tal forma que depois de conquistados saíamos com a bandeira, defendendo com toda a força aquilo que o Montoro havia nos passado. Foi assim que ele iniciou as Diretas Já.

Marco Antonio Castello Branco de Oliveira

Ele, apostolicamente, assim como um pregador, insistia em suas teses, às vezes ousadas, às vezes deslocadas no tempo. E muitas estavam certas, era a função correta de um homem político.

João Sayad

É claro que a gente tem de falar um pouco das Diretas. A campanha das Diretas só começou por convicção do governador Montoro. Porque, na realidade, na época que ele quis fazer o comício, em janeiro, em São Paulo, o primeiro comício das Diretas, ninguém do partido achava que isso era possível naquele momento. O PT já tinha, inclusive, tentado um outro comício, no Pacaembu, com pouca gente, foi um comício de militantes. E nós sabíamos que a campanha das Diretas só teria sentido se fosse uma campanha do povo. E, realmente, ele convenceu a todos pela sua convicção, todos foram meio desconfiados, e nós enchemos a Praça da Sé. Tinha tudo para não dar certo, mas a convicção dele, a certeza, eram muito fortes. E a intuição. Porque é claro que nesta certeza ele não era um lunático, ele sabia que essas convicções tinham respaldo na realidade. E, a partir daquele comício da Praça da Sé, a campanha das Diretas tomou o rumo que todo mundo sabe.

Gilda Figueiredo Portugal Gouveia

O governador Montoro, apesar de ser um democrata, que ouvia todo mundo, tomava decisões. Essa idéia de que o debate democrático é infundável não fazia parte da política de Montoro. Quando ele tomava a decisão, mantinha. No caso da companhia estadual do gás, ele explicou ao Covas, em termos bastante firmes, sobre sua decisão de estadualizar a companhia. Eu estava no gabinete quando Covas telefonou, reclamando. E ele disse: “É assim mesmo, a Assembléia

vai ter de aprovar a estadualização”. E aprovou. Ele foi muito firme. A mesma coisa quando Montoro designou Covas para prefeito. A Assembléia Legislativa vacilou em apoiá-lo, porque alguns deputados queriam obter vantagens, e ameaçavam recusar o nome do prefeito. Eu me lembro nitidamente do Montoro falando pelo telefone com o presidente da Assembléia: “Se a Assembléia não aprovar, eu tenho o direito de manter Covas por 30 dias e depois renovar isso. Faço isso quantas vezes forem necessárias até que a Assembléia aprove”. Ele manteve essa postura e a Assembléia aprovou.

José Goldemberg

Montoro era um democrata visceral, aberto a qualquer tipo de diálogo. Eu, com dois meses de secretaria, aumentei o pedágio da Via Anchieta em 200%. Foi um cataclisma. Eu o preveni: “O meu antecessor segurou o pedágio. A Dersa está quebrada e não tem por que deixá-la quebrar.” Aí houve um movimento, uma tentativa de bloqueio da Anchieta, nosso amigo deputado foi dizer que a estrada ia parar. E eu disse que não. E ele argumentou: “Você sabe que dez caminhões na estrada interrompem a via?” “Eu sei, mas eu tenho 350 homens da Polícia Militar para não deixar parar.” Aí foram levar a notícia para o Montoro, que me ligou às sete horas da noite, falando que estava com ele o secretário de Segurança e que ele estava preocupado: “Se ele está preocupado, deveria falar comigo, porque não foi o senhor que armou isso. E vamos fazer um trato, desde já. Na sexta-feira eu recuso este movimento do pessoal. Na segunda-feira, o senhor me manda embora, faça o que o senhor quiser se esta atitude não tiver dado certo”. Isso foi em 1984. Ele era um homem extraordinário. Na segunda-feira ele ligou para mim, cumprimentando-me. Não saiu nem notícia no jornal. Desarticulamos todo o movimento sem nenhum alarde. Na conversa anterior, disse a ele uma coisa da qual me arrependi depois: Olha, governador, o senhor tem uma experiência dramática de ceder neste particular, que foi o episódio da grade do Palácio. Eu não vou deixar isso acontecer na minha secretaria em nenhum momento. Fui meio atrevido, mas estava muito grave o problema. E ele reconheceu isso.

Adriano Murgel Branco

Montoro somava um homem muito tranqüilo com uma pessoa muito tenaz. Ele era um pregador incansável. Havia as frases emblemáticas dele, como “tudo aquilo que pode ser decidido no município deve ser decidido pelo município, porque está mais próximo do cidadão”; “O que o governo estadual decide é aquilo que o governo municipal não pode decidir”. E eu me lembro de uma coisa curiosa, pitoresca: uma de suas idéias fixas era o leite de soja, que ele queria implementar na alimentação infantil, nas escolas públicas. Quando vi, após pedir uma série de laudos técnicos a respeito do assunto, que leite de soja não tinha cálcio, fiquei pensando como eualaria aquilo para o governador, já que o leite de soja era um programa prioritário do governo. Quando falei, ele parou de fazer o que estava fazendo e pediu que eu repetisse. “Leite de soja não contém cálcio”. Se formos implementar leite de soja na merenda escolar, teremos de fazer uma complementação de cálcio. Aí, ele percebeu a dimensão do problema e o leite de soja foi preterido na proposta da merenda escolar. Então, ele era um homem que, apesar de ter idéias fixas, percebia, rapidamente, com lucidez, os riscos presentes.

Gilberto Dupas

Hoje, as pessoas não se dão conta do sacrifício pago para a volta do Estado democrático e de direito no Brasil. Às vezes até desprezam as normas que regem seu funcionamento, esquecem que isso custou esforço, o sangue de pessoas assassinadas, a integridade física de pessoas torturadas, e foi possível graças à atitude de serena firmeza que Montoro expressava na sua vida, como cidadão, homem público, e como líder político e também de idéias. E foi como governador eleito democraticamente, mas ainda sob as sombras da ditadura, que ele ajudou a reconduzir o Brasil ao regime democrático.

Luiz Antonio Marrey

Quando se discutiu sua sucessão, Montoro era contra a candidatura de Orestes Quécia, mas jamais movimentou uma palha para que não se cumprisse, ou não se respeitasse a decisão da convenção, que acabou por indicar Quécia candidato a governador.

Pedro Simon

Na minha eleição para governador, houve um grupo ligado ao Montoro que lançou o Antônio Ermírio, mas, na campanha, Montoro nunca me abandonou. Eu posso ter queixas do Covas e do Fernando Henrique, que fizeram comitê junto com o Antônio Ermírio, mas o Montoro, não. Ele foi leal, ele era governador e eu era candidato do partido. Em todas as inaugurações, ele falava de mim, mesmo naquele momento de dificuldade, em que havia gente dele com o Antônio Ermírio. Eu me lembro que no fim da campanha, quando houve a virada, ele foi o primeiro que percebeu essa virada. Estávamos conversando, ele, eu e o Mateus, do Gallup. Ele pegou a pesquisa para ver e eu estava longe de ganhar. Mas ele olhou a pesquisa e disse: “O Quércia vai ganhar a eleição”. A gente tinha esperança, eu e o Mateus, mas gostei de ouvir Montoro, com toda aquela experiência, afirmar aquilo. O que foi bom, porque entusiasmou Montoro e ele saiu doido para fazer a campanha. Ganhamos a eleição.

Orestes Quércia

Ele acabara de indicar o nome de Mário Covas para prefeito da capital. A correlação de forças na Assembléia era impressionante. Eram 42 deputados do PMDB contra 42 deputados de outros partidos na oposição. E começou a discussão do projeto de resolução indicando Mário Covas para prefeito da Capital. A oposição se articulou, tanto à direita quanto à esquerda, contra o governo democrático de Franco Montoro. E a obstrução era séria. Nós não conseguíamos romper aquela obstrução porque, por incrível que pareça, cerca de três ou quatro deputados do PMDB participavam da obstrução, junto com a oposição, negando dar quórum ao plenário para que nós pudéssemos romper a obstrução e partir para a votação. Porque, se houvesse a votação nominal, 42 a 42, nós ganharíamos, já que o voto de Minerva era do presidente, Nefi Tales, que era do PMDB. Mas nós já estávamos num processo desgastante. Há dias se arrastava a obstrução pela oposição. E aqueles parlamentares do PMDB faziam o jogo da oposição, não movidos por qualquer idealismo, mas pura e simplesmente como combustível para uma barganha política, para uma troca fisiológica, com o governo do Estado. Quando levei o fato ao conhecimento do governador, dizendo que eu tinha conseguido achar, numa construção interpretativa do regimento

interno, uma saída para rompermos a obstrução, mas só que não tínhamos garantia de que teríamos o número de votos suficientes para garantir a aprovação de Mário Covas, ele perguntou: “O que você sugere?” “Olha, governador, só se o senhor conversar com estes deputados para ver o que eles querem. Barganha política.” “Não. Volte e diga que não tem barganha política, não faço isso. E você é o meu líder. Você tome a decisão que tomar que terá meu respaldo.” Era o fisiologismo nascendo dentro de seu próprio governo, estancado logo no início. Isso revelou, para todos nós, uma integridade de caráter. E com aquele procedimento nós ganhamos força, levamos adiante o processo, conseguimos romper a obstrução e ter o nome do Mário Covas aprovado. A partir daí, a bancada entendeu que estava diante de um governador sério, íntegro e que não iria jamais barganhar princípios para ter votos na Assembléia.

Luiz Máximo

Conheci o governador Montoro em 1978. Eu trabalhava na campanha de Fernando Henrique para o Senado, e ambos eram candidatos. Ele a senador, e Fernando Henrique a suplente. E já me impressionava muito a forma como Montoro conduzia a campanha. Eu achava estranho ele repetir, nos discursos, suas convicções. Eu até criticava, porque achava que os problemas eram mais complexos do que a maneira como ele colocava. Quando, porém, em 1982, ele foi candidato a governador, nós ficamos mais próximos, porque Fernando Henrique coordenava a campanha dele. E acompanhei o candidato Montoro em várias viagens pelo interior. Ele continuava repetindo os discursos. Ele falava muito em descentralização e geração de empregos. Desta vez, porém, comecei a perceber que essas convicções eram profundas e muito meditadas. Que não eram, como para mim tinham parecido em 1978, motes ou slogans de campanha. Eram pontos nas quais ele realmente acreditava. E foi realmente o que acabou acontecendo, quando ele se elegeu governador.

Gilda Figueiredo Portugal Gouveia

André Franco Montoro é dessas personalidades públicas cuja dimensão só aumenta com o passar do tempo. O contraste de sua figura histórica com o tipo de político que prevalece nos dias atuais não

podia ser maior. Montoro era um político que acreditava em idéias. Ele as formou cedo, na militância da juventude católica, quando uma corrente expressiva da Igreja procurava alternativa cristã ao confronto entre capitalismo e socialismo - ou entre a desigualdade social e a opressão do Estado. Pautar a conduta por idéias já é raro num político. Manter-se fiel às mesmas idéias é algo ainda mais raro, mas Montoro figura nessa categoria incomum. O apreço pelos direitos individuais e pela democracia, o empenho em corrigir os excessos do mercado por meio de legislação social, a descentralização como princípio administrativo, o municipalismo como doutrina – Montoro sustentou essas teses durante toda a sua fecunda vida política.

Otávio Frias Filho

DESPRENDIMENTO

Certa ocasião, houve um caso curioso: um convite ao governo para ir à China. Montoro não poderia aceitar porque havia a questão da compatibilização. Se ele passasse o governo ao vice-governador, também seria incompatível. Então, nem Montoro, nem Quércia poderiam chefiar a missão para a China. Ele me escolheu, e fui no lugar dele para fazer uma viagem oficial, representando o Estado de São Paulo, com um grupo de industriais e agricultores. Poderia ter escolhido qualquer outro secretário, mas ele achava que o assunto era pertinente à indústria, ao comércio e a relacionamento entre países. Fui à China e representei o Estado, por delegação do Montoro. De modo que a minha passagem na secretaria só me traz recordações felizes. Era amigo pessoal do governador, desde a tenra idade, no Ginásio de São Bento, entramos juntos e saímos juntos. Depois nos separamos. Ele foi fazer o curso de Direito, e eu Economia, caminhos muito diferentes.

Einar Alberto Kok

Montoro poderia ter sido presidente da República. Não foi por desprendimento. Porque na mudança do regime militar para o regime civil, tanto Franco Montoro como Ulysses Guimarães perceberam que, naquele momento, a pessoa que aglutinava melhor as oposições não era nenhum deles.

Flávio Flores da Cunha Bierrenbach

Passado o movimento das Diretas, no dia seguinte, Montoro teve o desprendimento e a grandeza de abdicar de sua candidatura à Presidência em favor de Tancredo Neves. Era ele o potencial candidato a presidente, mas logo se verificou que Tancredo reuniria apoios para ganhar no Colégio Eleitoral mais facilmente. Após a derrota das Diretas, começou outro movimento, e Montoro à frente, interessado em articular uma candidatura que derrubasse o regime militar. Foi grandiosidade, desprendimento de Montoro, porque ele era um homem que, evidentemente, querendo ser o presidente da República, e tendo todas as condições para tanto, abre mão da possibilidade em favor de alguém capaz de aglutinar forças com mais facilidade. E Montoro era uma lição de vida. Há outro episódio que define a grandeza desse homem: quando ele perdeu a eleição para senador, em 1990, no dia seguinte à apuração, eu telefonei para ele e marquei um encontro no escritório dele, no Ilam, para lhe dar um abraço, a minha solidariedade. Assim que entro na sala dele, vi sobre uma mesa, alguns mapas do Brasil, que ilustravam bacias hidrográficas. Fiquei uma hora e meia com Montoro, e ele não falou da eleição. Ele falou uma hora e meia sobre a necessidade que o Brasil tinha de interligar as bacias, por meio do transporte hidrográfico. Ele ficou uma hora e meia discutindo um projeto para o Brasil, tinha essa grandiosidade, já havia pulado a etapa da eleição.

Marcos Mendonça

Montoro era totalmente contrário ao personalismo. Ele sabia que o nome Montoro era importante para uma campanha, mas evitava ser personalista, o homem que define e decide tudo, o salvador da pátria. Ele rejeitava esse modelo.

José Luiz Portella Pereira

Na minha avaliação, faltou para Montoro habilidade político-eleitoral, apesar de todas as qualidades que ele tinha. Até porque ele não colocava isso em primeiro lugar. Se necessário, renunciaria para que a coisa andasse melhor. Era completamente desprendido. No episódio de sua candidatura para o governo do Estado, ele quase desistiu quando houve o conflito

na escolha do candidato. Foi preciso Ulysses Guimarães dizer a ele: “Você senta aí e não fala nada”. Eu não estava lá, mas ouvi dizer que Quércia queria ser o candidato. Covas, então, para acomodar as coisas, resolveu abrir mão da vice-governança para criar espaço para o Quércia. E, mesmo com Montoro tendo 35% dos votos dos convencionais, quando Covas abriu mão, ele também quis desistir da sua candidatura, seguindo a linha de que, se é para recompor tudo, vamos recompor. Foi uma falha diante das feras políticas que estavam ali.

Adriano Murgel Branco

Lembro-me também de seu espírito de renúncia, pois só ele explica que Montoro não tenha ocupado a Presidência da República, já que era homem que reunia todas as qualidades de um grande estadista. Outro exemplo de desprendimento: na sucessão da presidência do MDB, quando Oscar Passos era presidente, Montoro era o primeiro vice e Ulysses Guimarães, o terceiro vice-presidente. Aí surgiu um impasse: o Rio de Janeiro tinha três senadores, era a facção mais forte do MDB e não tinha ninguém na executiva. E, numa reunião fechada com a executiva, exigiram a vice-presidência. Ou seja, Montoro ou Ulysses tinha que renunciar, porque São Paulo tinha dois vices. Na hora Montoro abriu mão. Ulysses ficou quieto, não disse uma palavra. E, naquele momento, Ulysses assumiu a vice-presidência. Oscar Passos não se elegeu e a presidência acabou ficando para Ulysses. Presidência essa que Montoro tinha todas as condições de ocupar. Quando caiu a emenda das Diretas e o MDB resolveu participar da eleição indireta no Colégio Eleitoral, havia um movimento de governadores para que Montoro fosse o candidato. Mas ele reuniu os governadores do MDB na época e lançou a candidatura de Tancredo Neves. E ele que devia ter sido o candidato à Presidência da República, ele, que era o governador do maior Estado, tinha o apoio do Paraná, outro Estado importante, com Richa, também vindo do PDC. Mas preferiu que Tancredo fosse o candidato. Assim era Franco Montoro. Um homem de idéias, um homem de princípio.

Pedro Simon

O momento mais importante da vida política de Montoro foi a compreensão que ele teve de que a sua candidatura não era a adequada para o Colégio Eleitoral. E, no Colégio Eleitoral, o nome de Tancredo Neves era mais apropriado, o que mais poderia unificar, trazer um pedaço da Arena e ganhar a eleição indireta. Acho que esse foi o momento mais importante de sua vida política, quando o respeito de todos em relação a ele passou a ser extraordinário.

Alberto Goldman

Ele era generoso não só com as pessoas, mas com as idéias, com os princípios e valores que tinha. Um traço muito forte de sua personalidade, tão forte que ele não resistia e repetia os discursos. E era um excelente orador. Já como deputado em Brasília, em alguns minutos de conversa ele já chegava aos princípios morais, aos valores. Isso é algo importante, as pessoas não percebem, mas a política de grandes homens é uma política de princípios, em que o chefe de governo ou o chefe de Estado tem como obrigação definir, com a sociedade, os objetivos, os valores, a serem alcançados.

Luiz Carlos Bresser Pereira

Quando Montoro era governador, fui designado para trabalhar na Prodesp (Companhia de Processamento de Dados do Estado de São Paulo), inicialmente como diretor-administrativo, depois assumi a presidência. Na ocasião, tive câncer. A doença pegou-me num momento de intensa colaboração com o Estado. E o governador Montoro mostrou a grande alma e a compreensão que ele tinha, sem nenhuma discriminação ou restrição. Além de dar todo o apoio à continuidade do trabalho na Prodesp, foi mais longe: tentávamos trazer para o Brasil um grupo originário do Kansas, EUA, de exercícios terapêuticos e de terapia de grupo, uma técnica muito interessante. Precisávamos de recursos para trazê-lo, formar monitores e profissionais, e ele apoiou a causa de uma maneira aberta e franca. Desenvolvemos com a tutela da Unicamp, que foi a instituição indicada para conduzir o projeto. E esse movimento foi instalado aqui no Brasil, existe até hoje, e é conhecido por CORA – Centro Oncológico de Recuperação e Apoio, extremamente interessante, que já

formou vários profissionais para ajudar pacientes com câncer e as suas famílias, oferecendo suporte psicológico e emocional.

Egydio Bianchi

AFABILIDADE

Era um homem extraordinário, que me impressionava pela afabilidade no trato pessoal, traço que ele trouxe da vida privada para o espaço público com muita naturalidade. Afabilidade que era a projeção de uma filosofia, de uma crença, de um valor que ele cultivou a vida inteira: o respeito à dignidade da pessoa.

Feres Sabino

Ele não era um chefe. No dia-a-dia, era uma pessoa muito agradável. Para se ter uma idéia de como era o relacionamento dele com os funcionários, ele nunca me chamou a atenção nos 13 anos em que trabalhei com ele. Era muito delicado, muito amável. O que me deixava mais emocionada era o entusiasmo que ele tinha por tudo o que abraçava.

Célia Ventura de Brito

Nunca vi Montoro perder a paciência. Jamais ouvi uma grosseria dele. Já o vi revoltado com situações de injustiça, de violências. Contra tentativas de rompimento dos princípios que norteavam sua atuação política. Cada dia que passa, sinto mais falta daquela luz que Montoro representava na história da política brasileira.

José Carlos Dias

Olhava nos olhos das pessoas, tinha ouvidos para todos, e aceitava a entrada de quem quer que fosse numa reunião política. E Montoro gostava de fazer reuniões amplas, em mesas grandes, com várias cadeiras. Era uma pessoa simples na maneira de se vestir, de comer, enfim, na maneira de viver. Não era um homem que procurasse ser sofisticado, ainda que fosse dono de uma cultura pessoal sofisticadíssima, de um ideário político refinado.

Pedro Falabella Tavares de Lima

Durante o regime militar, meu filho era líder estudantil no Institu-

to de Tecnologia da Aeronáutica (ITA), foi preso e foi a julgamento na auditoria militar. E, na época, as pessoas tinham medo, não compareciam às audiências. E Montoro, como senador, compareceu à audiência em que meu filho depôs, o que tinha um significado óbvio. E o juiz auditor, uma pessoa muito interessante, que eu conheci depois, acabou absolvendo não só meu filho, como todos os demais envolvidos naquela atividade, porque não tinha absolutamente nada de subversivo.

José Goldemberg

Montoro era um homem generoso. Ele jamais competia com seus subordinados. Ele era Montoro, o governador, e não havia dúvida sobre sua liderança na equipe. Ele montou uma equipe extraordinária, porque abria espaço para todo mundo e dava oportunidade para as pessoas desenvolverem as suas competências.

Luiz Carlos Bresser Pereira

Montoro visitou a penitenciária de Araraquara, quando governador, uma penitenciária de segurança máxima. Era uma visita que significava um risco político, que ele nunca deixou de avaliar e assumir. Ele chegou lá pontualmente, foi uma visita bastante extensa, e não houve nenhum problema. Foi importante, porque significava um olhar sobre os presos e o sistema penitenciário que até então raras pessoas tinham tido. Naquela ocasião, não tínhamos ainda as organizações criminosas que se instalam nos presídios, mas nem por isso deixava de ser arriscado um governador visitar um presídio. Foi uma experiência que me marcou, esse gesto para com pessoas que cumprem pena, talvez fiel ao ensinamento bíblico que prega: “Estive preso, e tu me visitaste”.

Luiz Antonio Marrey

Se Montoro brigasse, seguramente chegaria à Presidência. Só que ele, como o Covas, tinha na política uma generosidade, que às vezes fico pensando se foi positiva. Ele poderia ter sido um pouco mais ambicioso. Quando, por exemplo, ele abriu mão da candidatura à Presidência em favor de Tancredo para não pôr em risco a democratização do País: se ele brigasse, teria todo o direito, não estaria sendo egoísta. E ele, como bom político, tinha aspirações, sonhos, esperanças de ser presidente. Mas, diante do ris-

co, ele não vacilou. É uma generosidade pessoal, de quem acha que o poder é importante para fazer as coisas, mas não é a meta final.

José Carlos Seixas

AGLUTINADOR

Uma característica dele era sua personalidade agregadora, uma de suas grandes virtudes: agregar, fazer contatos, conseguir juntar as pessoas, e reuni-las.

Célia Ventura de Brito

A técnica do PDC e que foi para o PMDB era de reuniões domiciliares. Acho que a origem disso está no Partido Comunista Francês, na JEC, e na Ação Católica também. Isso foi feito sempre, eu me lembro, na campanha do Montoro, e na minha campanha para deputado, o voto era vinculado e isso incluía o Montoro. Uma pessoa reunia seus parentes, seus amigos e vizinhos. Trinta, quarenta pessoas, providenciava-se no máximo cafezinho e água, para não virar uma reunião social, e a pessoa apresentava o candidato.

Darcy Passos

Montoro foi um agregador, um professor e um homem público. Tive contato com ele ainda muito jovem. Ele era uma espécie de figura referencial da nossa geração no plano político. E ele agregava. As reuniões eram na casa dele, ele tinha uma disponibilidade enorme, e com muitos filhos, a casa vivia cheia de jovens, para discutir questões teóricas. Qualquer coisa que acontecia, a referência era na casa do Montoro. E as pessoas de minha geração que criticavam o Montoro, porque estavam do outro lado, foram todas para o governo dele. Eu achei muito engraçado, porque ele agregou realmente as pessoas que o criticavam, que o achavam muito conservador. Essas pessoas foram trabalhar com ele no governo.

Plínio de Arruda Sampaio

De fato, era um homem extremamente acolhedor e aglutinador. Estava sempre otimista, olhando o que era melhor na circunstância.

Padre Edênio Valle

Um fato marcante na vida do Montoro foi sua capacidade de mobilização, de juntar pessoas. Ele era professor universitário e tirou da universidade, seus alunos, uma série de vocações políticas. Participação política e compromisso com as questões de seu tempo mobilizaram jovens, e eu era um deles. Não fui aluno dele, porque sou engenheiro, mas tivemos um convívio muito grande. Além disso, ele tinha essa capacidade de mobilizar os demais estamentos da sociedade.

João Carlos Meirelles

SIMPLICIDADE

Ele demorou a chegar de manhã para uma reunião com jornalistas da região no hotel em Catanduva. Eu já estava lá. Aí fui ver o que o nosso candidato a governador estava fazendo. Ele estava, simplesmente, na portaria do hotel conversando e preenchendo o cheque, pagando sua continha. Quando ele saiu, o recepcionista do hotel, disse: “Olha, eu já estou aqui há bastante tempo. Já passaram por aqui várias autoridades. Mas fazer chequinho para pagar com simplicidade, só o governador Franco Montoro”.

Marco Antonio Castello Branco de Oliveira

Durante um evento do Instituto Jacques Maritain, no Colégio São Bento, houve um episódio que ficou marcante pra mim. Estava o doutor Cândido Padim, Walter Barelli e outras pessoas de expressão nacional. Terminou o evento, havia um coquetel, simples, aí o doutor Lafayette Pozzoli me perguntou: “Você tem carona?” “Não, vou pegar o metrô, porque eu moro no Jabaquara e é fácil”. Aí Montoro estava com a dona Lucy e disse: “Você vai pegar o metrô?” Respondi: “Sim, vou pegar o metrô.” E ele: “Ah, então eu vou com você.” E foi. As pessoas que estavam dentro do vagão perguntaram: “Mas o senhor não é o governador Montoro? Não acredito que o senhor está no metrô junto conosco”. Fomos da São Bento até a Vila Mariana, onde ele desceu. As pessoas vieram cumprimentá-lo. Uma senhora da Zona Leste disse: “Esse é o dia mais feliz da minha vida, as pessoas não vão acreditar. Se eu

disser que o governador Montoro pegou o metrô junto conosco!”

Manoel Felismino

O jornal o Estado de S. Paulo tinha um jornalista no Pontal do Paranapanema que era o único que dava boas notícias, ou melhor, dava as notícias corretas a respeito dos assentamentos realizados pelo governo Mário Covas. Uma das vezes em que estávamos lá e Montoro ia falar com as pessoas, quando nos dirigíamos para o caminhão, esse jornalista me parou para saber o que iria ser anunciado. Todos sabem que Mário Covas foi um homem de muitas declarações nesta área de terras. O Montoro estava indo na frente, e eu parei para falar com o jornalista. O Montoro volta, me pega pelo braço e fala o seguinte: “A imprensa pode esperar. O povo não pode.” Na minha cabeça, eram coisas concomitantes. E ele disse: “Não, isso é um princípio. Você fala, dá as notícias e depois dá as entrevistas que você quiser”.

Belisário dos Santos Júnior

FORMAÇÃO INTELECTUAL

FORMAÇÃO CATÓLICA

Não nos esqueçamos que ele foi um dos grandes introdutores no Brasil de toda a ideologia do padre Lebret, de toda a ideologia que nos fascinou em nossa época, que era, na visão da Igreja do tempo, algo mais do que o assistencialismo, algo mais do que a simples caridade. Montoro viu isso. E tinha, na sua noção da importância do Estado e da participação do Estado no processo, alguma coisa que deixava muito clara: o que seria, para ele, a social-democracia sem se transformar apenas numa longa mão da liberal-democracia. Nesse caminho esquivo quem pôde nos dar os olhos para ver com nitidez foi André Franco Montoro.

Cândido Antonio Mendes de Almeida

O primeiro pensador com quem ele conviveu foi o Alceu de Amoroso Lima, o Tristão de Atahyde, pensador da Igreja, escritor, mais velho do que ele, mas com quem ele tinha uma enorme ligação. Outro grande pensador que influenciou sua formação e o acompanhou até a morte –

foi o que celebrou a missa de corpo presente no Palácio do Governo, a missa de sétimo dia, de 30º dia – foi um colega dele lá da faculdade São Bento, Dom Cândido Padim. E que no colégio São Bento, agora, com a visita do Papa, foi vizinho de quarto. Justamente para conversar com o papa, exatamente por ter sido um dos ideólogos nessa nova posição da Igreja, que aparentemente conflita com a visão do papa Bento XVI. Dom Cândido foi de enorme importância e influência na formação de meu pai. Outro pensador, brilhante, foi Cândido Mendes.

Eugênio Montoro

André Franco Montoro foi um católico típico da época em que ele se tornou estudante e começou a militar como advogado e professor. Ele sempre se manteve cristão. Acompanhava o pensamento da chamada Doutrina Social da Igreja, mesmo quando companheiros dele tinham aderido à esquerda, assumindo muitas coisas que são mais da linha marxista.

Padre Edênio Valle

Eu conheci a faceta católica do governador, que freqüentava o Colégio Santa Cruz, na época em que seus filhos lá estudavam. Eu não era o diretor-geral, os diretores-gerais eram os padres, e ele era muito amigo deles, freqüentava as missas do colégio. Eu tenho a impressão de que o via em toda missa de Natal, enquanto ele era governador. Montoro era um católico absolutamente progressista, sem mergulhar naquela opção preferencial pelos pobres no qual a Igreja, em um certo momento, mergulhou. Ele tinha além de forte consciência e um certo ecumenismo, equilíbrio de posições, sem abandonar nunca a doutrina.

Luiz Eduardo Cerqueira Magalhães

A Democracia Cristã à qual Montoro sempre esteve afiliado foi a que saiu da Segunda Guerra, com muita autoridade internacional. Graças ao Adenauer, na Alemanha, ele participou desse movimento e só o abandonou quando, em 1965, os partidos foram extintos. Então, foi necessário escolher entre o MDB e a Arena, e ele escolheu o MDB. Mas ele era um democrata-cristão. Como político, com formação intelectual, com formação

muito forte na doutrina cristã, nas disciplinas mais favorecidas pela formação cristã e intelectual.

Bolívar Lamounier

HUMANISMO CRISTÃO

Eu diria que Montoro recebeu uma influência muito grande do padre Lebret, que teve vocação religiosa tardia. O padre Lebret, foi criador do movimento de Economia e Humanismo. Era oficial da Marinha de Guerra francesa, participou da Primeira Guerra Mundial, e tinha a vocação dominicana. Foi ser pároco em região litorânea da Bretanha e verificou que a vocação religiosa da paróquia dele era muito pobre, então ele resolveu formar lideranças.

Darcy Passos

Montoro costumava dizer que o administrador público, para saber se está agindo corretamente, pode-se perguntar: “O que é que as pessoas humildes pensariam do que eu estou fazendo”. Acho que o que há de mais importante na vida, na política do Montoro, é sua preocupação de diminuir a desigualdade social, de erradicar a pobreza, seu olhar para a camada mais humilde da população. E isso, fundamentado num pensamento, numa vida de humanista cristão.

Pedro Falabella Tavares de Lima

Um dado importante na trajetória do papai foi que a motivação o levou a entrar na política. Desde que eu era pequena, reunia-se lá em casa um grupo de intelectuais católicos cuja perspectiva era refletir um pouco sobre a situação do mundo. No começo, me parecia uma visão mais filosófica, depois essa filosofia, mais teórica, foi se desenvolvendo, tornando-se mais prática. Lembro-me que todo domingo à noite nós tínhamos de ir dormir mais cedo porque o grupo ia estudar. Quando eu tinha cinco anos, um dia caí da cama, chorava muito, e a mamãe não teve outro jeito senão me levar para baixo. Deste grupo fazia parte o padre Enzo. Todos acharam muita graça, meia-noite, uma hora da manhã, conversar com uma criança e ainda brincar. Bom, esse grupo foi se aperfeiçoando,

se aprofundando. Havia uma pessoa muito importante entre eles, era o Frei Rosário. Eu me lembro que esse padre era um grande intelectual dominicano que foi viver na Serra da Piedade, em Minas, onde ficou absolutamente isolado do mundo. Em vez de uma ação concreta, partiu para uma ação mais reflexiva, uma tentativa de comunicação com Deus por meio da oração. Há dez anos, eu estava com um grupo de amigos em Minas, e fomos à Serra da Piedade. Chegando lá procurei pelo Frei Rosário, que marcou a trajetória política do meu pai. Eu esperava uma pessoa diferente. Para nossa surpresa, ele nos mostrou um grande conhecimento da revolução de 64. Então, a gente vê que aquele grupo teve o seu embrião nas reuniões na casa dos meus pais, que realmente deu origem a uma ação das pessoas.

Malu Montoro Jens

Esta visão universal de Montoro, essa insistência em trazer gente de outros países para dar seu testemunho, mandando gente nossa para fora, mostra o quanto ele era generoso nesse aspecto. Ele não fazia as coisas só para ele, ele levava os outros, e mandava os outros. Nós, em 1957, se não me falha a memória, ou 58, realizamos aqui em São Paulo um congresso latino-americano da democracia-cristã, que foi resultado de um esforço pessoal do Montoro. Veio gente da Europa, dos demais países vizinhos, eu me lembro que pessoalmente fiquei conhecendo – eu estava na Politécnica e era um dos organizadores do congresso – gente notável, os próprios democratas-cristãos aqui da América Latina. Enfim, foi um grande momento em que se buscava dar esta dimensão à vida política, para que ela não se perdesse no varejo, o que é importante, mas sobretudo que se desse essa visão do homem global. Porque todo o cerne da doutrina que nós partilhamos, defendemos, é o cerne da doutrina humanista, que tem sua história vinculada desde os gregos e que fazia com que nós tivéssemos uma frase, que é a frase de que não há nenhuma frase política, que não tenha como sujeito, predicado e complemento o homem. Este é o pensamento que nós levamos para a vida política com o Montoro.

João Carlos Meirelles

No Instituto Jacques Maritain, Franco Montoro também teve uma participação muito ativa, não só na cidade de São Paulo, mas em várias partes do Brasil onde tentava criar núcleos humanistas. Pensava em criar núcleos maritainistas na Venezuela, no Chile, no Uruguai, para dar uma dimensão latino-americana ao movimento de Jacques Maritain.

Maria Luiza Marcílio

Ele tinha, independentemente de a gente concordar ou não, um profundo pensamento cristão. Ele era um cristão na acepção da palavra, da coisa da solidariedade, de entender o outro, o diferente.

José Luiz Portella Pereira

Uma das coisas que o Montoro antevia com clareza é que o desenvolvimento econômico precisa estar voltado à idéia da incorporação da população ao mercado e ao processo político. O que quer dizer que o crescimento econômico só tem sentido se ele beneficiar a maioria da população. Os economistas ortodoxos abandonaram esta tese a partir de metas abstratas, como meta da inflação, da taxa de juros, do superávit, enquanto as metas deveriam ser da distribuição de renda, do salário, etc. É uma visão tão distorcida que os velhos humanistas da época de Jacques Maritain, nos quais Franco Montoro bebia a sua ideologia, inclusive os economistas franceses mais importantes daquela época, lembravam que o objetivo da economia é só um: o homem. Se nós perdemos de vista este objetivo, todos os tratados de economia não têm mais função. E Montoro bebia neste humanismo, que era da vertente da chamada esquerda cristã, católica, na época. Essa esquerda cristã acabou radicalizando esse discurso, depois do governo dele, com a Teologia da Libertação, além de outros movimentos como o dos sem-terra, que, no fundo, são reações, às vezes um pouco distorcidas, pelo fato de que a economia abandonou a razão de ser da sua lógica, que deveria ser a promoção do ser humano.

Gilberto Dupas

Qual a visão que Montoro tinha do mundo? Ele atuou no PDC, tinha uma visão do catolicismo pós-Segunda Guerra Mundial, em

que era muito forte a impregnação da reflexão de Maritain, que era um pensador de grandes virtudes. Maritain procurou uma cristandade menos sacra, mais laica, sobretudo não sectária, aberta às necessidades e valores do mundo moderno, com leitura renovada do Tomismo, com preocupação moderna com o bem comum e com a prevalência dos direitos humanos. Maritain foi um homem que marcou muito o nosso governador Franco Montoro. Eu me lembro de uma conversa com ele em torno da importância de Maritain. Então, por causa disso, creio que se pode dizer que Montoro era um democrata convicto. Era um homem que acreditava nas virtudes da participação política. Então, a noção da democracia dele era uma noção viva da democracia e de participação. Não é por acaso que um dos temas fundamentais da carreira política dele foi a importância da participação. Ele tinha, para usar a linguagem de Norberto Bobbio, a perspectiva que não é a do príncipe, mas a perspectiva do povo. E isto ele deixou muito claro também na sua atuação partidária, no MDB, PMDB, PSDB, esta dimensão que vem da leitura que ele fez de Maritain. Além disso, ele tinha clara a relação da doutrina social da Igreja, uma doutrina na qual, na leitura de Montoro, teve papel destacado o padre Leuret, que morou e trabalhou no Brasil, e era sempre a noção de solidariedade, um pouco da interligação que deve haver com o humanismo e a economia. Daí também a preocupação com a desigualdade social e o tema desta reflexão sobre a importância do social como uma nota que ele imprimiu a toda a sua ação como governante, como parlamentar e também como líder partidário. Um dado importante, inclusive, da construção da identidade do PSDB.

Celso Lafer

Ele era humanista, ele pregava os princípios de Jacques Maritain. Ele tinha uma formação sólida, católica, era alguém que não só somava à sua convicção religiosa, como pregava os valores coerentemente com suas convicções. Não se tratava de uma visão religiosa piegas, nem teórica ou conservadora. Creio que o governador Montoro procurava aliar às suas convicções valores humanistas muito fortes, que ele viveu a vida inteira com a transformação desses valores em algo concreto. Franco Montoro manteve a coerên-

cia e, no entanto, ele manteve a sua coerência entre pensamento e ações, o que é muito difícil na vida pública.

Luiz Antonio Marrey

Ele tinha formação cristã e humanista. Ele assume os fundamentos humanistas de Jacques Maritain. O Montoro era a expressão política do pensamento de Maritain, trazido para o Brasil pelo Alceu de Amoroso Lima, de quem era muito amigo. E aí ele começa. Ele resumia sempre, nas palestras brilhantes que fazia no Ilam, e depois, ainda com dom Cândido Padim, que foi colega dele no ginásio, na Faculdade de Direito e Filosofia, os dois juntos resolveram fundar o Instituto Jacques Maritain, filiado ao Instituto Internacional de Roma. Funciona até hoje e o doutor Alceu de Amoroso Lima Filho é o presidente atual. Para Montoro, a ação pública de todos nós deve se pautar pelo esforço de desenvolver o homem como um todo e todos os homens. Ele defendia que a ética da solidariedade é essencial. Não adianta ser ético e estar bem consigo mesmo. A ética da solidariedade social é que é importante, se estamos atendendo ao bem comum ou não.

Guilherme Ramalho

Em 1992 foi fundado o Instituto Jacques Maritain no Mosteiro de São Bento, onde funcionava a biblioteca da Faculdade de Filosofia do Mosteiro. O Instituto tinha como objetivo trabalhar a difusão do pensamento humanista. Na reunião inaugural, em que estavam presentes Jorge da Cunha Lima, Dom Cândido, Pinheiro Neto, e outras pessoas da velha guarda ligadas ao pensamento de Maritain, num dado momento o doutor André Montoro tirou de uma pastinha, que costumava carregar, uma folha de sulfite, com apenas algumas coisas escritas, sem os vários artigos presentes em um estatuto. De repente, firme e com poucas palavras, anunciou: “Esse será o estatuto do Instituto Jacques Maritain”. O grupo presente estranhou, o que parecia somente algumas anotações, pelo fato de que um estatuto costuma conter várias páginas e artigos. E doutor André completou: “Nós queremos um Instituto para trabalhar a questão humanista, a difusão do humanismo, nós não queremos um Instituto para burocratizar e não

fazer aquilo que nós devemos fazer, que é a difusão do pensamento humanista. Depois, tivemos a oportunidade de trabalhar nesse registro desse instituto e tivemos dificuldade no cartório, tivemos de aumentar para duas folhas, mais alguns artigos, ficou então em duas folhas. Hoje ele está presente no *site* do Instituto Maritain.

Lafayette Pozzoli

POLÍTICA ESTUDANTIL (JEC, JUC, AÇÃO CATÓLICA)

Eu conheci o Montoro em 46, eu era de um ginásio do Estado e ingressei na JEC (Juventude Estudantil Católica), dos dominicanos. E o Montoro era da Liga dos Intelectuais Católicos. Ele era formado em Direito, Filosofia, professor de Direito e Filosofia. E nós nos reuníamos, além das reuniões da JEC, havia as reuniões mensais da Junta Diocesana de Ação Católica. Eu era membro, ele também, e nós nos conhecemos nessa ocasião, na militância dele na ação católica. E a JEC, acho que ele não tinha sido da JEC, estava sendo reorganizada. Ele tinha sido de JUC (Juventude Universitária Católica) e era do grupo de intelectuais católicos. Ele era uma liderança muito destacada, advogou muito para a Cúria Metropolitana, e eu, depois que me formei em Direito, advoguei um pouco no escritório dele.

O Montoro, na votação do divórcio, se ausentou, e foi crucificado. Pela Igreja, como traidor, e pelos divorcistas como covarde. Ele foi embora, não votou.

Darcy Passos

O Montoro assumiu uma liderança religiosa muito importante, que foi da JUC (Juventude Universitária Católica). Ele era presidente da JUC geral, e as campanhas todas eram feitas sempre em disputas muito grandes, tanto com os integralistas quanto contra os comunistas. Eu me lembro que uma vez nós fizemos uma campanha de Páscoa, com conferência, e os dois lados soltaram bombas contra nós.

Clóvis Garcia

Eu conheci André Franco Montoro em 1939, quando entrei para a Faculdade de Direito e ele já estava no quinto ano. Ele organizou um

novo partido político na faculdade, o Arcadas. Até então, a faculdade tinha dois partidos que se alternavam no poder do Centro 11 de Agosto: o Partido Conservador e o Partido Renovador. E Montoro já tinha aquela visão, de um outro caminho entre dois extremos. Então montou o Arcadas, um partido intermediário, e se candidatou a presidente do Centro Acadêmico. Em todas as chapas, inclusive na do Arcadas, deveria haver uma vaga para alguém que representasse o primeiro ano do curso e ele me convidou. Claro que fomos derrotados. Um partido novo, contra aqueles dois partidos tradicionais. Foi a minha primeira experiência política com Montoro. Logo a seguir, eu entrei na Faculdade de Filosofia de São Bento e ele estava lá, já no segundo ano. Montoro também assumiu uma liderança religiosa muito importante, na JUC. Eu também entrei para a JUC e, por isso, tínhamos reuniões semanais. Fiquei como coordenador da JUC na Faculdade de Direito e ele era presidente geral da JUC. Fizemos várias campanhas, sempre em acirradas disputas com os integralistas e os comunistas. Não sei se vocês sabem, ou alguém se lembra, da famosa frase dele: “Nem o comunismo, nem o capitalismo, mas a democracia cristã, que são os braços abertos”.

Clóvis Garcia

Quando eu entrei na Faculdade de Direito, nós formamos a Juventude Universitária Católica (JUC). Então, nós éramos companheiros de JUC e de faculdade. Nós nos formamos juntos, em 1936. A Ação Católica era justamente a renovação do pensamento social, no sentido de uma participação dos leigos em toda a ação da Igreja e da sociedade. Montoro chegou a competir pela eleição no 11 de Agosto. Foi um período excepcional de luta, pois não era normal participar da direção do 11 de Agosto, que era um elemento fundamental para a ação social naquela época. Quase conseguimos eleger Montoro, mas, infelizmente, a turma dos integralistas furou completamente o compromisso que nós tínhamos de modificar a relação política dentro da Faculdade de Direito. Tanto que, para a eleição para candidato a orador do 11 de Agosto, nós exigimos, por meio do nosso partido, o Arcadas, a candidatura de Montoro. E nós tínhamos uma adesão enorme, era quase certo que elegeríamos Montoro. Mas, na última hora, os integralistas furaram o compromisso e não pudemos elegê-lo.

Dom Cândido Padim

O André Franco Montoro veio ao nosso seminário junto com Zezé Moraes Neto, também vereador pelo PDC em São Paulo e que foi um dos líderes mundiais da JOC (Juventude Operária Católica), sendo que eu vinha da JEC, ao lado de vários estudantes mineiros, que vieram para São Paulo, migraram para Brasília e Rio, um pouco em função da visão cristã e política que nós recebemos na JEC na época dos dominicanos, alguns deles depois até se tornaram famosos pela ação política de esquerda. Então, chegando aqui, eu entrei num seminário fechado, tradicional. E a presença do Montoro reativou uma série de preocupações que eu, com 19 anos, já tinha a respeito do nosso País, do que estava acontecendo. E eu me recordo que o Montoro e o Moraes Neto se apresentaram como políticos cristãos. E eu tenho a impressão que ele tinha como modelo a Democracia Cristã italiana.

Padre Edênio Valle

As primeiras notícias que tive de Montoro foi na época em que eu era estudante de História da USP, e entrei na JUC. Lá o diretor espiritual era o saudoso padre Enzo, que se referia aos fundadores da JUC com muito carinho, principalmente os líderes, os que mais marcaram. Dentre eles, estava Montoro. Isso foi no fim dos anos 50.

Maria Luiza Marcílio

O ambiente intelectual e religioso na época na qual o Montoro se formou como um democrata cristão era intenso. Quando eu entrei na Faculdade de Direito, e o grupo todo de amigos que era do curso de Direito, nós formamos a Juventude Universitária Católica (JUC). E então, nós éramos companheiros dentro da JUC.

Dom Cândido Padim

Montoro é uma figura que vem de uma nova consciência social, política e religiosa, decorrente dos impactos da Segunda Guerra Mundial. E, portanto, ele tem que ser visto como um representante, sem dúvida nenhuma, extremamente autêntico daquele movimento que, naquele instante, se fez representar, primeiro por uma ação na Igreja Católica, chamada Ação Católica, que reunia diferentes estamentos da sociedade, jovens, na JUC, na Juventude Operária Católica, e assim

por diante, e até mesmo na vida universitária, com o próprio surgimento de uma universidade católica no Brasil, com um peso muito maior do que foi a Universidade de São Paulo. O Montoro está neste contexto. Ele surgiu na vida política como representante deste pensamento moderno da Igreja, do seu compromisso social, e é, portanto, neste quadro que temos de entendê-lo.

João Carlos Meirelles

Eu fiz movimento universitário. Eu digo que fiz universidade por meio do movimento universitário. Costumo brincar dizendo que ia à aula de vez em quando. Eu fui matriculado na Faculdade de Direito da USP de 66 a 70. Na época, eu era da JUC. Aquele povo todo que estava comigo na JUC, hoje você encontra em todos os partidos, com exceção dos mais à direita, e falando uma linguagem razoavelmente comum, que é a linguagem dos valores, da preservação dos direitos. O que influenciou aquela geração católica foi de Marx a Engels, conflitos ideológicos, etc., mas o que os unia era a linguagem de cumprimento dos valores reconhecidos.

Belisário dos Santos Júnior

MONTORO INTELECTUAL

Ele escrevia trabalhos, propunha coisas, fomentava, insistia no debate, então teve esse lado muito bom, que o Fernando Henrique também teve, o Serra tem, que é o componente intelectual muito forte, associado a um político de nível muito alto. O Brasil foi privilegiado em ter homens assim. O Montoro combinava isso com um lado muito interessante, que era o intelectual com o senso prático. O Fernando Henrique e o Serra também têm isso. Mas o Montoro, vindo lá de trás, é interessante que também tenha tido isso. Formação intelectual, um homem com muito boa formação, que antevia questões e temas que teriam importância muito grande. Isso é extraordinário.

Bolívar Lamounier

No ginásio nós tínhamos grandes professores, muitos. O Montoro se distinguia, ele era o primeiro em latim, em filosofia, em lógi-

ca e ciências humanas. Mas sempre fomos muito amigos, amigos de infância. Amigos correligionários e meu chefe.

Einar Alberto Kok

Ele era um político com conteúdo intelectual. Isso lhe deu autoridade no Congresso, presença no Estado de São Paulo e no Brasil. Além de projeção internacional.

Bolívar Lamounier

Eu estava cercado de pessoas, amigas, muito mais ignorantes do que eu. Então, eu fiz uma frase em latim. Aí me perguntaram se eu sabia latim, e eu falei que sim, que dava para o gasto, mas era uma grande mentira. Aí o Montoro chegou na roda e um dos rapazes disse: “Professor, o Angarita está falando latim.” E o Montoro começou a falar em latim comigo, fluentemente, como se estivéssemos falando português. Para sua formação religiosa, aprendeu latim como uma língua viva e não como uma língua morta. Aí eu disse: Governador, o senhor me desculpe, mas eu não sei falar. Eu não sei coisa nenhuma de latim.

Antonio Angarita

Eu me lembro muito dele como deputado federal, junto comigo, já na década de 90, 95 para cá. Era o único deputado federal que eu olhava no plenário. Todos conversando, todos fazendo alguma coisa não muito importante, porque lá na tribuna revezavam os discursos, discursos inúteis, que não levam a nada. E ele estava escrevendo. Ele estava sentado, escrevendo. Eu me aproximava e dizia: “Governador, o que o senhor tanto escreve?” Ele respondia: “Estou preparando um estudo que preciso fazer”.

Zulaiê Cobra

Ele tinha uma formação cristã que eu diria tradicional. Só que já enfrentava uma tensão muito grande na Igreja de São Paulo. Uma ala mais de direita, que deu origem à TFP, doutor Plínio, que também era professor da PUC, nessa ocasião, e de outro lado a Democracia Cristã. E eu penso que nessa época o Montoro emergia um pouco como intelectual do grupo.

Padre Edênio Valle

Meu pai não parava de estudar, era uma coisa louca, a qualquer hora. Às vezes eu ia a uma festa, e quando chegava de madrugada, ele estava estudando. Eu pensava: “Ai, meu Deus, ele continua estudando, lendo...”

Mônica Montoro

DEMOCRACIA CRISTÃ

DEMOCRACIA CRISTÃ

Em 1957, se não me falha a memória, ou 58, nós realizamos aqui em São Paulo um congresso latino-americano da Democracia Cristã, resultado de um esforço pessoal do Montoro. Ele trouxe gente da Europa, de vários países vizinhos. E eu me lembro que fiquei conhecendo – eu estava na Politécnica e era um dos organizadores do congresso – gente notável, os próprios democratas-cristãos aqui da América Latina.

João Carlos Meirelles

Da alternativa ao comunismo italiano pós-Guerra, Montoro procurou desenvolver de uma maneira criativa e audaciosa a Democracia Cristã no Brasil. Nisso ele acompanhou o doutor Alceu, o inspirador de todo esse movimento laico do Brasil, e na seqüência da famosa reunião do movimento na América Latina em volta do Prata, lá estavam Eduar-

do Frei e Montoro, que foi, por assim dizer, o quarto evangelista da Democracia Cristã na América Latina.

Cândido Antonio Mendes de Almeida

Estava muito no centro do debate político, em nível latino-americano, a chamada terceira via. Havia os marxistas de um lado, os capitalistas de outro e, numa terceira via, com os defensores da Democracia Cristã. Eram pessoas como o Eduardo Frei, presidente do Chile; Dado Regules, do Uruguai; Manoel Ordones, da Argentina; Rafael Caldera, da Venezuela, que eram as principais lideranças nesta época. E o Montoro participou muito diretamente nisto, dado que ele, como depois na vida dele se comprovou, sempre foi um apaixonado pela América Latina.

Almino Monteiro Álvares Affonso

O movimento de ação católica carregou vários partidos políticos a participarem ativamente da vida pública nos países. Então surgiu no Chile, na Argentina, aqui, etc. E surgiu o PDC, pelas mãos de Antonio de Queiroz Filho, um homem inesquecível, e o André Franco Montoro, um homem ativo, da rua. O Queiroz, mais de gabinete, fazia muita brincadeira com o André, a respeito da atividade dele.

Décio Moreira

Com formação sólida, papai e um grupo de pessoas entraram na política lá pelos idos de 1952. Entrou, escolheu um partido. Ele dizia: “A política é suja, a política é lama, temos de pôr o pé no barro.” Então Antonio Queiroz Filho, alguns pensadores ligados à Democracia Cristã, entraram e montaram o PDC. Estou falando da base e da característica da personalidade dele. Ele sempre fez política, na faculdade, fez política assim que começou sua vida pública e fez dela a sua profissão. A sua profissão era o PDC. Como articulador político, ele foi um leão para mudar o PDC. Era um outro grupo, uma outra idéia, e o grupo que entrou no PDC na década de 50 transformou o PDC num partido mais de programa, de ideologia.

Eugênio Montoro

Eu sempre tive o privilégio de conviver com ele, com os filhos. Vivi um ano fora do Brasil graças ao doutor André. Viajei com um de seus filhos, o Fernando Montoro, fomos viver em Roma, na Itália, graças a uma bolsa que nos foi oferecida pela Democracia Cristã, da qual o doutor André ainda era um grande líder e reconhecido como uma liderança mundial. A Democracia Cristã, que na época tinha poder na Itália, ofereceu ao doutor André uma bolsa e ele ofereceu a mim e ao Fernando, e nós residimos juntos lá, em Roma.

João Dória Jr.

A motivação que levou papai, em determinado momento, a ir para o Uruguai, entrar em contato com alguns líderes do partido Democrata Cristão, foi fazer com que aquela motivação religiosa, de preocupação social, se transformasse de uma teoria numa prática, e a teoria só poderia ser efetivada, obviamente, por meio de uma ação política. A idéia do trabalho em função do bem público na vida do papai não foi uma palavra, foi uma ação, uma realidade. O tempo todo a gente via a preocupação dele em fazer com que aquilo tudo que o moldou dirigisse seu olhar sobre a população excluída, sobre uma realidade com menos condição, e que isso se tornasse uma prática. Então, as idéias de participação, de inclusão social, são respostas que ele deu a uma vivência profunda da religião. É claro que transformada depois numa ação política, daí se diferenciou. Mas essa motivação inicial existiu, e eu acho que ela teve o seu fundamento nesse primeiro grupo, que se alimentou, teoricamente, filosoficamente, teologicamente, de conceitos, de experiências, que eu acho que é uma grande lição da vida de papai, porque seria bom que alguns outros políticos pudessem ter uma inserção na sua atividade baseados primeiramente nessa ideologia. Quer dizer, foi uma opção ideológica, não foi pragmática e muito menos uma opção financeira, ou de vaidade, ou muitas outras que possam estar acontecendo em outros momentos. O papai foi para o Uruguai, e eu estou querendo falar um pouquinho desse processo de formação. Durante esse processo, ele se defrontou com um convite. Queiroz Filho e, se não me engano, o doutor João Batista, pai do Plínio de Arruda Sampaio, foram para o Uruguai participar de uma reunião política, e lá verifi-

caram que quem centralizava esses elementos era o PDC. Voltando ao Brasil, verificaram que já existia o PDC, só que na verdade não era constituído de pessoas com essa ideologia, ou com essa consistência ideológica. Então, de certa maneira, eles foram se apropriando do partido e dando dimensão mais ideológica. Nesse sentido, foram tomando o lugar dos que estavam no PDC, na década de 50. Ao voltar ao Uruguai, ele fez uma viagem internacional, já começando sua atuação política inserido praticamente no contexto de globalização. Posteriormente, papai freqüentou inúmeros congressos da Democracia Cristã, na Itália, na Alemanha, e mesmo aqui na América Latina, na Venezuela, Chile, Uruguai, Argentina. Ele tinha essa visão da América Latina, importantíssima.

Malu Montoro Jens

Eu fui colega de Lucy na escola normal e, depois, fomos colegas na Escola de Serviço Social e, neste meio tempo, Lucy foi fazer Filosofia no São Bento. Aí conheceu o André. E, quando ele começou a sair com a Lucy, começamos a freqüentar a casa dele e a imaginar um novo partido. O partido Democrata Cristão nasceu na casa do André. Nós nos reuníamos ali, todo fim de semana, para discutir a Democracia Cristã.

Nadir Gouvea Kfourri

Minha ligação principal com o doutor André foi por meio da Fundação Konrad Adenauer, que é a fundação política do Partido da Democracia Cristã na Alemanha. O doutor André era o presidente do Conselho Consultivo da fundação aqui no Brasil. E sempre foi a grande liderança democrata-cristã no País, antes da ditadura, no PDC. Ele trouxe a Fundação Konrad Adenauer para São Paulo, um centro de estudos, e era o grande articulador das relações com a academia.

José Mario Brasiliense Carneiro

No discurso dele com o povo, Montoro repetia as teses centrais nas quais acreditava, da Democracia Cristã, dos grandes pensadores católicos, muito ligado às posições da Democracia Cristã da Alemanha e da Itália. Ele achava Adenauer uma grande figura, capaz de negociar em situações muito difíceis. Era um homem de

princípios, sem deixar de ter uma válvula muito aberta às mudanças. Eu me lembro, numa outra passagem de fundação de partido, que foi o PSDB, quando ele assimilou vários pontos da social-democracia. Porque a social-democracia e a democracia cristã aqui parecem iguais. São posturas mais ou menos semelhantes, ou quase semelhantes. Agora, na Europa, numa civilização mais avançada, onde a democracia existe há mais tempo, a história é diferente. Tanto que na Alemanha, por exemplo, há atritos entre a Social-Democracia e a Democracia Cristã. Na Itália também. Socialistas jamais se juntaram à Democracia Cristã. E ele tinha essa posição democrata-cristã. Teve de engolir o nome do PSDB. E engoliu porque aceitou mudanças. Ele foi contestado na Alemanha e na Itália por isso. Eu me lembro, na época, da formação do PSDB, com Covas, Fernando Henrique, aquelas confabulações todas por conta do Quércia e de Fleury; poucos perceberam que ele teve de dar um passo atrás, se segurar um pouco em nome da unidade, e, já que existiam princípios maiores, ele aceitou, mas não foi fácil para ele. Eu sentia o Montoro angustiado, ele não queria este nome: Partido da Social-Democracia. Eu não consegui nunca saber o que ele estava querendo propor, eu tinha impressão de que era um pouco de retorno ao PDC, mas ele percebeu que não seria possível.

Carlos Alfredo de Souza Queiroz

Ele mesmo repetia que foi meu pai quem o fez entrar na política. Em meados do século 20, meu pai e outras pessoas, interessados na divulgação da Democracia Cristã na América Latina, e movidos por uma energia que vinha dos evangelhos e de grandes bispos da Igreja Católica, empreenderam algumas viagens a países como Argentina, Uruguai, Peru, Chile e Venezuela, com o objetivo de propagar as idéias da Democracia Cristã. Meu pai convocou o então jovem líder estudantil André Franco Montoro para acompanhá-lo nessas viagens, movido certamente pela continuidade que essas idéias deveriam ter pelas gerações à frente. E, dessas viagens, foram surgindo novos líderes, que durante muito tempo vieram a influenciar os caminhos democráticos e cristãos de suas populações.

Alceu de Amoroso Lima Filho

Quando se decidiu fundar o PSDB, Montoro teve um grande problema com a Democracia Cristã alemã. O problema foi o seguinte: como explicar para os alemães que Montoro, líder da Democracia Cristã no Brasil, ia fundar um partido socialista? E o pior: social-democrata, que era o adversário dos democratas cristãos alemães? Só que, aqui no Brasil, não existia a divisão entre Democracia Cristã e Social-Democracia, como existia na Alemanha. O PSDB se originava de um PMDB, que, para aquele grupo de pessoas, que estavam unidas há muitos anos, já não atendia mais à realidade. Pior seria se continuassem no partido. Enfim, Montoro fez um artigo, publicou e conseguiu superar um pouco a questão. Mas só até certo ponto, porque a Fundação Adenauer, que é a fundadora do partido democrata-cristão alemão, abriu uma representação no Brasil. E, antes da fundação do PSDB, ela era representada, no Brasil, pelo Ibeac, que era o instituto do qual Montoro fazia parte. Era ele quem fazia a ponte entre a Democracia Cristã do Brasil e a alemã.

João Hélio Marques Russo

Meu contato com Montoro nasceu por volta de 1950, no PDC. Nós éramos um grupo pequeno, empenhado em fazer as coisas de uma maneira séria. Eu era estudante de Direito. Mas o PDC era formado por um pequeno grupo, idealista ao extremo, às vezes até ingenuamente idealista. Fazia parte do grupo o Queiroz Filho, que foi presidente do PDC várias vezes. Nós dizíamos que ele era o líder do PDC. E ele dizia: Não, eu zelo pelo PDC. Lembro-me também de Roberto Cardoso Alves, Plínio de Arruda Sampaio, Décio Moreira, Chopin Tavares de Lima. O PDC elegeu inicialmente o Zezé Moraes como vereador em São Paulo. Depois, Montoro, que começou sua vida política como vereador pelo PDC. O PDC estava no auge quando houve o evento militar, após o presidente Castello Branco extinguir todos os partidos políticos. Estava até lançando Carvalho Pinto como candidato a governador, mas então a coisa desmoronou e o grupo que fazia parte do PDC foi praticamente todo para o MDB.

Tito Costa

Sempre apreciei Franco Montoro pela sua capacidade de dialogar, de respeitar o outro, e sua efetiva lição de cristão. Era alguém que pre-

gava a Democracia Cristã e ao mesmo tempo fazia com que ela pudesse ser aplicada na prática. Como governador de São Paulo, ele demonstrou que a Democracia Cristã podia ser algo que pudesse ser realidade política, exercitando a idéia muito brilhante de que o pequeno é bonito. E ele fez com que, efetivamente, em todo o interior do Estado de São Paulo, coisas pequenas se transformassem em grandes obras.

Cláudio Lembo

A verdadeira Democracia Cristã eu aprendi com Franco Montoro. Hoje nós verificamos, infelizmente, que alguns partidos, alguns políticos, ocupando a televisão, o rádio, as páginas dos jornais, pregam a Democracia Cristã. Pregam, mas não praticam a verdadeira Democracia Cristã. Entendia André Franco Montoro, como entendo eu, que a política deve ser um instrumento de ação para procurar oferecer uma melhor qualidade de vida ao nosso semelhante. Era a sua pregação.

José Maria Marin

O grande exemplo de Montoro vem da sua origem democrata-cristã, ou seja, buscar formas de fazer um Estado democrático e que atenda às pessoas mais necessitadas. O salário-família foi um exemplo. Montoro sabia e fazia campanha mostrando que a Constituição estabelecia o direito, havia um direito que precisava ser regulamentado, de o trabalhador receber o salário-família. E quem colocou o salário-família numa lei e o tornou viável, sem que significasse um grande prejuízo para quem ia pagar, foi André Franco Montoro. A idéia vitoriosa dele foi criar o fundo do salário-família. Todas as empresas teriam que contribuir para este fundo. Então se criou uma obrigatoriedade. Ou seja, uma empresa, cujos trabalhadores não tivessem filhos, também contribuía para o salário-família.

Walter Barelli

Montoro foi uma figura que me impressionou de uma maneira muito marcante, nos idos de 1950, 1960, quando ele, com Queiroz Filho, criou o PDC. Impressionou-me não pela ideologia, que eu conhecia, pois era assíduo freqüentador da Igreja e conhecia bem as origens da ideologia da Democracia Cristã. Impressionou-me por

um fato singular. Montoro e Queiroz Filho tinham uma visão ética e ímpar da política. E isso ficou demonstrado num episódio, que me marcou. Eles conseguiram, naquela época, a adesão de um político com grande prestígio popular, que era o senhor Jânio Quadros, que ingressou no PDC, carregando aquele prestígio para o partido, que era pequeno, de formação político-ideológica excepcional, mas que não tinha realmente penetrado nas raízes populares.

Paulo Egydio Martins

Montoro começou a vida política como líder católico. O doutor Alceu de Amoroso Lima, durante uma reunião de vários presidentes da América Latina, na qual Montoro representava o Brasil, isso no pós-Guerra, quando se retomava a democracia na América Latina, disse: “Eu sou ingênuo, não tenho jeito para a coisa, mas você tem, é mais moço. Comece o movimento pela Democracia Cristã no Brasil”. Aí o Montoro começou o PDC e iniciou sua carreira política.

Guilherme Ramalho

No começo da década de 80, nós estávamos empenhados em desenvolver um movimento que se chamava Movimento Solidarista Brasileiro. O movimento tinha sido criado em Brasília e Montoro foi um dos fundadores. Foi o patrono-fundador, junto com outras expressões, alguns ligados à antiga Democracia Cristã, outros ligados a um movimento mais recente, ao Pensamento Social Cristão. Enfim, gente que estava disposta, naquele momento em que havia uma efervescência, no período pós-redemocratização, de voltar a ter força nos movimentos voltados a resgatar a essência do pensamento social cristão. O movimento fincou raízes de diversas formas. Montoro criou vários grupos e, em muitos desses momentos, participou e ajudou a desenvolver esse processo, mas depois, como era sua característica, ajudou a estruturar os grupos e dizia que o caminho a ser trilhado estava certo. Ajudava a criar as bases, dava seu apoio e força para crescer e depois deixava cada grupo seguir seu rumo.

Manoel Felismino

Montoro conseguiu juntar, além da juventude operária, representantes de diversos outros segmentos e até de comunidades negras,

o que não era normal naquele tempo. Nós tínhamos no PDC representantes das mulheres, dos negros, dos operários. Era um partido que, realmente, procurava mobilizar isso. E procurava a dimensão global, que se tornou muito evidente depois, e a interação com o restante do mundo, com os partidos equivalentes ao nosso no exterior. Eu tinha cerca de 21, 22 anos, e a Venezuela tinha acabado de sair de um processo de ditadura terrível. Lá estava preso um grande companheiro nosso, e que depois foi eleito presidente da República, o senador Rafael Caldera. Uma figura extraordinária. Na Venezuela, o PDC não se chamava democrata-cristão. Chamava-se Copei. Esta preocupação do Montoro com a América Latina, que depois resultou nessa face aparente do Memorial, era intrínseca à sua maneira de pensar. E, sobretudo, um vínculo muito forte com a Democracia Cristã européia, que naturalmente era muito forte na Itália, onde vinha elegendando, logo após a Segunda Guerra, primeiros-ministros e presidentes da República e que foi um grande berço da capacidade inclusive de revisão histórica. O PDC, em determinado momento na Itália, fez aquilo que se chamou abertura à esquerda. Eu fui candidato a vereador em São Paulo, eleito em 63, apoiado pelo Montoro, que me emprestou o pequeno escritório dele, no tempo em que advogava, e que ficava no começo da Rua da Liberdade. Durante cinco, seis meses, fizemos uma campanha paupérrima, e com o apoio de Montoro. E eu me lembro que elegemos três vereadores na Câmara Municipal de São Paulo, na Rua Líbero Badaró. Logo em seguida, veio o golpe de 64, assim que havíamos tomado posse, e o Montoro começava de novo para reorganizar um novo momento dentro do MDB, que se organizava como partido de oposição. Nós perdemos naquele momento uma série de companheiros nossos, cassados, banidos do País, e o Montoro teve sempre uma atitude muito firme, forte e cautelosa, para não derramar o balde de uma vez.

João Carlos Meirelles

PARTIDO DEMOCRATA CRISTÃO

A luta no PDC se travou entre a direita, que era o aparelho antigo, mais os intelectuais centristas, que era o Montoro,

o Queiroz Filho, etc. E os nacional-reformistas, que eram o Plínio e o Paulo de Tarso. Houve dentro do PDC uma ruptura de uma esquerda com uma ala direita. Houve um encontro em Águas da Prata, onde a liderança de esquerda era o Plínio de Arruda Sampaio, a liderança de direita do grupo cristão era o Montoro. Houve esse encontro, isso está na história do PDC. Na época das reformas de base, de novo o PDC racha. A favor das reformas, de novo, estavam o Plínio, o Paulo de Tarso, e não é que fosse contra, mas não a favor das reformas, estava o Montoro.

Darcy Passos

No PDC, a democracia cristã tinha, nitidamente, duas vertentes, uma mais conservadora, ligada à matriz alemã do PDC, e a vertente mais progressista que se preocupava com a questão da justiça social e a solidariedade cristã e, que era a do Montoro e dos chilenos. Destacavam-se Eduardo Frei e Franco Montoro na América Latina, os dois grandes líderes do solidarismo cristão. Eu conheci Montoro naquele momento, na Câmara. Eu era mais jovem, estava chegando naquele momento, e logo percebi que se tratava de uma figura dessas marcantes, exemplares.

Roberto Saturnino Braga

O que eu tinha em comum com Montoro era a vida religiosa. Ele era muito católico e eu também. Estávamos sempre juntos por causa disso. Frequentávamos grupos de estudos da Ação Católica. Foi desses grupos que surgiu o PDC.

Paulo de Tarso Santos

Naquela época, havia opção pela terceira via. Nem capitalismo, nem marxismo, mas não tinha um grupo forte, coeso, que elaborasse uma doutrina, nada disso. Então foi, se não me engano, numa reunião em 63, em Águas da Prata, que Montoro, Queiroz Filho, Plínio de Arruda Sampaio, foram basicamente estes três que disseram: “Nós temos não só que vitalizar, mas também abrir uma alternativa diferente e sair do ramerrão dos partidos da América Latina, que acabam não fazendo nada”.

Luiz Eduardo W. Wanderley

Montoro já tinha idéia de uma política mais ampla, que era o PDC. Ele organizou um Congresso Internacional da Democracia Cristã, nos anos 50, quando existia em todo o mundo interesse pela democracia cristã, que é, até hoje, um partido muito forte na Alemanha. Foi um partido de renovação e a grande campanha que se fez foi para vereador. Montoro começa como vereador de São Paulo e logo depois o partido lançou o candidato a prefeito, que foi o Jânio Quadros.

Clóvis Garcia

Montoro era um homem extremamente prático em termos eleitorais. Era um idealista, mas pragmático. Ganhou todas as eleições que disputou e tinha essa capacidade de mobilizar votos para o PDC. O PDC, pouco antes do golpe de 64, já era o terceiro partido nacional. E este pragmatismo de Montoro fazia com que nós estimulássemos a participação de um grande número de pessoas para serem candidatos, e o partido ia crescendo neste sentido. Na Média Sorocabana, eu tinha uma presença forte, por causa da minha família. E eu me lembro que Montoro foi várias vezes até lá para nos ajudar a organizar o PDC. E lembro-me que, na eleição de 58 ou 60, campanha que ele disputou como deputado federal, conseguiu uma votação enorme na minha região. Nós organizamos o partido em 17 municípios, disputamos as eleições em 15, elegemos 13 prefeitos e 14 vice-prefeitos. Isso mostra o lado pragmático do Montoro.

João Carlos Meirelles

Montoro era um dos maiores militantes e fundador do PDC, que na época era um partido pequeno, mas que teve uma grande importância na vida pública de São Paulo, até ser extinto por força de Ato Institucional.

Flávio Flores da Cunha Bierrenbach

Meu contato com Montoro começou em 58, quando eu era presidente da Juventude Democrata-Cristã e, por inspiração dele, a partir de sua visão de participação dos setores minoritários, o partido criou tanto um diretório estadual quanto nacional, lugar, assento, para a juventude e para as mulheres. Então tive oportunidade de fazer parte do diretório

estadual e nacional do PDC naquela época, e a cadeira que foi destinada à mulher foi preenchida pela professora Helena Junqueira. De forma que, com 20 e poucos anos, ainda na faculdade, pude participar de reuniões nesse diretório com pessoas do valor de Franco Montoro, Queiroz Filho, Afonso Arinos, Juarez Távora, Ney Braga, e o que representou uma oportunidade extraordinária para o jovem.

Ney Castro Alves

O PROFESSOR

PROFESSOR

Montoro aparecia num seminário, numa reunião sobre determinado assunto, às vezes atrasado, e qualquer que fosse a circunstância, ele sempre tinha um monte de panfletos embaixo do braço. Sobre descentralização, sobre integração latino-americana, sobre o parlamentarismo. Era um militante das idéias, um homem de idéias. É preciso sempre frisar isso. Montoro foi professor de Direito, escreveu sobre o método no ensino do Direito. Ele era professor, autor e, se ele não fosse um político, seria um acadêmico, sem nenhuma dúvida.

Bolívar Lamounier

Montoro tinha mania de fazer agenda, sempre achava que era ainda governador, antes e depois do governo. Um dia nos disse que precisávamos conversar e já propusemos uma agenda,

Severo Gomes, o governador Montoro e eu. E um dos pontos era a questão da matriz energética do Brasil. Eu fiquei impressionado com sua capacidade de organizar o saber e temer. Porque quem não organiza, não teme nada, é um ignorante, não sabe de nada, e segue em frente. E ele organizou e disse que precisávamos ter cuidado, e queria distribuir tarefas para mim e para o Severo.

Antonio Angarita

Montoro estava num encontro com líderes sindicais quando meu adjunto ligou para ele dizendo que havia alguns jovens estudantes da redondeza para uma conversa. Ele disse que estava atrapalhado, numa reunião. Meu adjunto insistiu: “Mas governador, os jovens estão aqui.” Então, isso acionou um comando na forma de pensar do Montoro, que respondeu: “Se os jovens estão aí esperando, eles não podem esperar. Estou indo para aí”. Ele veio e promoveu uma conversa.

Quantos gestos até hoje são lembrados. Nós tivemos um problema recentemente, numa estatal pública aqui em São Paulo, e num debate para resolver isso, lembrou-se de uma lição de filosofia do Direito que o governador contava, e essa lição de filosofia do Direito era muito prática, como que ensinando como a gente deve interpretar o Direito. E a historietta que ele contava era no fundo uma lição de filosofia. O palco era uma estação de trem, na qual havia uma placa “proibido entrar cachorro”. O filósofo da história era o chefe da estação, que vislumbra a seguinte situação: vem vindo um sujeito com uma corrente e um urso amarrado à corrente. E o chefe da estação diz que não podia entrar. Aí o sujeito diz: “Não pode entrar cachorro”. “Não, urso é mais selvagem do que cachorro. E, pela mesma razão não pode entrar urso.” O metrô teve um problema há uns anos, ele proibiu a entrada de um cachorro com uma cega. E, com base na lição de Montoro, na verdade o metrô voltou atrás. Não pode entrar cachorro em outra situação, mas na situação de acompanhar cegos, sim. Então essa forma de ver o direito por meio de exemplos práticos que ficam era bem típica do Montoro. Era uma pessoa conceitual, do exemplo, que fica.

Belisário dos Santos Júnior

Esse é um pouco dos episódios que vivi próximo a ele, de aplicação prática da forma de pensar. Ele se interessava, por exemplo, por educação. E acho que educação tem que ser a prioridade de qualquer governo. Porque desenvolvimento basicamente tem um nome e este nome se chama educação. E o Montoro, como professor, até por formação, era um homem que defendia muito a educação, e foi uma coisa que eu também procurei fazer no meu governo.

Laudo Natel

Ele deu aula até morrer. Durante a aula, ele jogava a questão e botava todo mundo para responder. Todo mundo discutia, aí ele vinha e fechava. Ele adorava reuniões. E fazia em casa isso também. Em casa, era política o dia inteiro. Os sete viviam política. Eram só assuntos sociais.

Eugênio Montoro

Ele foi professor, por isso explicava as coisas e com muita clareza, muita simplicidade. Sua posição às vezes era objeto de crítica e ele dizia: nem à direita, nem à esquerda, mas à democracia cristã. Montoro tinha frases didáticas. Eu nunca estive com ele sem que me desse um folhetinho. Nunca. Ele era um professor, queria explicar, queria que as pessoas conhecessem sobre o 13º salário, hora extra ou a idéia da América Latina. Ele foi um dos primeiros a falar sobre isso. Hoje a América Latina é assunto do dia, mas naquela época não era.

Plínio de Arruda Sampaio

Para mim Montoro era um modelo de professor. Fazer comparação entre professores é sempre inevitável. Um bom professor é aquele que estabelece uma relação de ensino e aprendizagem com o aluno. Montoro nunca chegou com superioridade, mas apenas ensinando. Com seu estudo na área da filosofia, o professor Montoro tinha uma sólida formação aristotélica-tomista. O livro dele e suas aulas desenvolviam aspectos interessantes da teoria filosófica aristotélica-tomista sobre a justiça. E o que me marcou foi a justiça social, justiça distributiva. Essa novidade,

digamos assim, dessa retomada que ele já fez há tantos anos. Nesse mundo, de um neoliberalismo espantoso, levando à uma exclusão nunca vista, já tínhamos naquela década, o professor Montoro preocupado com isso e repassando para nós.

Sílvia Pimentel

Montoro era professor de Teoria Geral do Direito e tinha uma equipe de seis professores da PUC, que os ajudava. Professor há décadas, muitas vezes me chamava na casa dele, no domingo à tarde, para definir como seria a aula de segunda de manhã. Repassava a aula com detalhes, com atividade complementar, atividade de texto, análise de texto, que ele sempre pedia no início da aula, como forma de aquecimento dos alunos. Tinha, portanto, sempre uma grande preocupação. Todo fim de semestre, ele organizava um almoço em algum restaurante. Tinha de ser numa sala grande, ele chegava ao almoço, e todos ficavam sentados, um virado para o outro, e ele ouvia cada um, e muitas experiências acabaram surgindo lá. Para ele, pós-graduação *stricto-sensu* formava o professor e o pesquisador. Na PUC, o pós-graduação *stricto sensu* tem duas matérias obrigatórias: Teoria Geral do Direito, que era ministrada pelo doutor André, e Filosofia do Direito. No final do curso, ouvíamos depoimentos belíssimos, de pessoas que estavam somente na área administrativa, ou na tributária, dizendo: “Eu hoje vejo com outros olhos o Direito, consigo perceber a importância da intuição dentro do Direito, do pensamento extra-lógico do Direito, não só pensar logicamente o Direito”. Uma coisa que me fascinava muito em ir às aulas de manhã e ficar lá com ele era a humildade com que ele se relacionava, o vínculo que estabelecia com os alunos, em ouvir os alunos e dizer coisas do tipo: “Eu não sabia disso, é ótimo que você tenha me trazido essa informação, eu vou pensar no assunto, levar ao Congresso, discutir, etc”.

Lafayette Pozzoli

Franco Montoro foi um professor excepcional. Sua obra doutrinária na área do Direito até hoje é reeditada e utilizada pelos professores e alunos. Ele soube transferir todo seu pensamento, a questão da

democracia, da Democracia Cristã, mais do que isso, soube entender como poucos a doutrina social da Igreja.

Cláudio Lembo

O que ele ensinou? As leis são para serem aplicadas e é preciso ter criatividade para que elas sejam efetivamente colocadas no papel e na prática. Montoro trazia sempre, distribuía, ia fazer uma palestra numa faculdade, num sindicato, em algum lugar público, ele sempre levava uma súmula do que ia falar e distribuía para as pessoas. Essa é uma grande lição, porque hoje sinto que se trabalha muito pouco a questão das idéias. Elas existem. Um grande pregador de democracia de governo, de governo participativo, como Montoro, não era só o discurso falado. Ele era um bom tribuno, sabia conquistar as multidões, tinha o dom da palavra, mas ele deixava ali a síntese do discurso e você levava e podia guardar. E, quando tinha mais recursos, era um livrinho. Foi famosa a Cartilha do Trabalhador. Não era demagogia. Quando fui ministro, fiz homenagens a Montoro, porque foi com ele que o Brasil aprendeu muito.

Walter Barelli

Eu me encontrei, numa segunda-feira, com Montoro, que também dava aulas na mesma noite. Iniciamos naturalmente a carreira um pouco nervosos. E eu lhe contei que estava com um certo nervosismo, porque era minha primeira aula, e ele ficou conversando comigo, para me animar, me deixar tranqüilo em relação à aula que ia dar.

Michel Temer

Montoro dizia que o desenvolvimento das pessoas deveria ser no aspecto físico, cultural, espiritual e social. Ele era um grande professor, um grande didata, um grande e permanente defensor de princípios.

Guilherme Ramalho

O doutor André não era um sábio brilhante, mas era muito estudioso, organizado e esforçado nas coisas que ele queria. E tudo o que ele analisava, ao incorporar isso, usava sempre como estratégia. Como

um bom professor, também, repetia sempre os mesmos princípios, de uma maneira muito pedagógica.

Carlos Alfredo de Souza Queiroz

Montoro era um jurista, mas ele sempre falava como se estivesse dando aula. Nos ensinava, sempre. Eu acho que a chave do sucesso dele, a chave da cultura democrática, era essa capacidade de acolher, de transmitir e de promover. Ele era um brilhante professor e um grande jurista. Ele me explicou o conceito que me é caro e que utilizo sempre sobre a diferença entre o legal e o legítimo. Há aspectos legítimos que não são legais e há aspectos legais que não são legítimos. Em cima disso, foi uma aula magnífica, tomando café da manhã, na casa dele.

Silvio Sawaya

PROFESSOR DE DIREITO

O outro lado do Montoro é o Montoro jurista, o Montoro homem de Direito. Ele foi procurador do Estado de São Paulo, foi professor de Direito na PUC e é curioso que, no ano em que ele se elegeu governador do Estado de São Paulo, em 1982, no meio de uma campanha eleitoral árdua, extensa, encontrou tempo para publicar um livro dedicado aos seus alunos. Um livro que se chama *Estudos de Filosofia do Direito*.

Flávio Flores da Cunha Bierrenbach

Como quase todo politécnico, eu não tinha a vivência política de aderir a um partido, de participar de conversas políticas. O que eu podia fazer? Não fazia política nestes termos de me enturmar. Mas eu conhecia o Montoro, porque a minha mulher estudava na PUC, onde ele sempre foi valorizadíssimo. Ela nunca foi aluna dele, mas sempre falava muito do Montoro, de histórias que corriam sobre ele na faculdade. Dizia que ele ia de ônibus dar aula, que ele ficava em pé porque ninguém dava lugar para ele, que ele andava de ternos e paletós bem surrados, então havia uma aura de simpatia em torno de Montoro.

Antônio Hélio Guerra Vieira

Como professor e jurista, André Franco Montoro foi professor de muitas gerações de profissionais de Direito, de bacharéis. Ele dava aula de Introdução à Ciência do Direito na PUC e também de Filosofia do Direito. Não tive a oportunidade de ser seu aluno, mas sabemos, pela convivência no mundo jurídico, que ele ajudou na formação de gerações de profissionais e humanistas que depois foram exercer papéis fundamentais na sociedade brasileira, aqui em São Paulo ou fora do Estado. Também nessa circunstância, ele deu uma grande contribuição.

Luiz Antonio Marrey

Eu gostaria de lembrar do nosso tempo da Faculdade de Direito da PUC. Eu era aluno do professor Montoro e presenciei aquele professor dedicado e aquele professor que os alunos gostavam tanto. No dia da eleição para o Senado, na época a boca-de-urna era permitida, aquele movimento de angariar votos na entrada dos locais de votação, os alunos de Direito iam lá e diziam: “Para senador, vote em nosso professor”. Uma boca-de-urna instantânea, maravilhosa, que foi feita para ele. As urnas daquela votação na Universidade Católica eram apuradas no Ginásio de Esportes do Palmeiras, ali perto. Na apuração, 90% dos votos válidos para senador eram para o Montoro. Quer dizer, isso foi uma reação daquela força que ele tinha perante os seus alunos.

Marco Antonio Castello Branco de Oliveira

Ele foi professor da Faculdade de Direito da PUC e era o único professor, nos cinco anos em que cursei Direito na Católica, que ia à lousa, usava o giz e se sujava. Aquilo me marcou profundamente. Se eu tinha aula todos os dias com vários professores, e nenhum dos professores sequer saía de suas cadeiras, por que aquele homem, que já não era criança, cujos cabelos já eram brancos, tinha tanto entusiasmo para ensinar?

Zulaiê Cobra

MONTORO E AS UNIVERSIDADES

Antes, havia bispos na direção da PUC. Essa mudança tem a ver com o Montoro. Acho que, se o Montoro não fosse político, ele teria

sido indicado, seguramente, como reitor. Ele se sentia, e de fato era, fundador da PUC. E há esse episódio engraçado, ao qual ele sempre voltava, de quando o novo arcebispo, 1945, 46, era dom Vasconcelos Mota – um mineiro, também formado em Direito e que depois se tornou padre – chegou a São Paulo com uma visão política da presença cristã. E, nesta fase, a cidade estava se tornando a locomotiva do Brasil, e ele queria uma universidade católica. Houve uma reunião na casa de Dom Mota e depois esse grupo – eu tenho certeza de que o Queiroz Filho estava junto com o Montoro – foi discutir numa pizzaria, e o Montoro tomava nota dos pontos que seriam a base para o estatuto. Eu acho que ele realmente foi o redator do primeiro estatuto da PUC-SP. Então, ele era realmente fundador no sentido etimológico do termo.

Padre Edênio Valle

Como reitor da reitoria temporária meu grupo acabou fazendo um projeto para quatro anos. E, por incrível que pareça, esse projeto foi realizado, graças ao governo Montoro, em dois anos. Eu posso dizer que se mais coisas o meu grupo na reitoria não realizou foi por falta de tempo, não por falta de apoio do governador. Todas as reitorias das três universidades públicas se desenvolveram de uma forma que até então não teve comparação.

Jorge Nagle

A transição entre o governo Marin e o Montoro foi tranqüila. O governo cumpriu seu papel de um lado, porque, com a inflação desenfreada, as correções monetárias do orçamento eram feitas com cuidado. A gente batia num determinado orçamento e o governo corrigia de uma maneira unilateral, mas eu acho que corrigia, tanto quanto a gente sabe, com honestidade. O Montoro era a principal instância, mas tinha o Serra, que fazia o seu papel. Estava lá para defender o erário, para segurar qualquer tentativa de exagero, usando a proverbial linha dura que ele usava nessas ocasiões.

Antonio Hélio Guerra Vieira

Quatro coisas bastante simples: primeira, o Montoro sempre foi uma espécie de embaixador não-oficial da PUC, lá nos ministérios e

mesmo no Planalto, porque a PUC tinha muitos problemas, sérios. Na época tínhamos um regime de vigilância. Havia um coronel da Aeronáutica que queria ter até um gabinete dentro da PUC, um censor interno. A situação não era fácil e o Montoro sempre estava disposto a nos ajudar. Tivemos contatos diretos com a Presidência da República, não apenas em nível de gabinete, chegando ao presidente, trazendo pleitos da PUC, porque, afinal, era uma universidade séria, importante, e nós tínhamos o direito de indicar aquilo que nos cabia. Os escritos de Montoro e as aulas que ele dava de Introdução ao Direito, no fundo eram aulas de filosofia política. E eu vejo aí o idealista que ele era e o desejo de ter uma visão, eu diria, de estadista. Uma proposta política para o País. Eu acho que isso ele nunca perdeu.

Padre Edênio Valle

AUTONOMIA UNIVERSITÁRIA

Os reitores tratavam diretamente com o governador antes do Quêrcia. Eles detinham status correspondente ao de secretário. Nós tínhamos o Cruesp, e havia uma vantagem, porque se fala muito na vantagem dessa ligação direta do reitor, basicamente com função de secretário, com o governo do Estado. A relação ganhou uma dimensão coletiva, que acho mais importante, porque as reivindicações não eram mais individuais, desta ou daquela universidade, mas eram coletivas. Havia uma discussão de conjunto e essa discussão ia para o governador.

Jorge Nagle

Em 1985, como professor atuante da USP, apesar de ter o cargo nas companhias de energia do Estado, decidi que seria a ocasião adequada para me candidatar a reitor da USP e me apresentei como candidato. Naquela época, os três elementos da universidade, alunos, funcionários e professores, votavam, mas a única escolha que tinha valor legal era a do Conselho Universitário, embora o conselho costumasse seguir os resultados das eleições, mas não necessariamente. Eu jamais consultei o governador sobre este assunto e ele não fez nenhuma objeção. Houve a eleição e eu obtive uma maioria muito significativa dos professores e fui muito bem votado pelos alunos e funcionários. Mas o Conselho Uni-

versitário me elegeu e o governador Montoro me escolheu. Tanto que eu continuei reitor depois que Quércia se elegeu governador, até 1990.

José Goldemberg

Montoro também foi professor da Faculdade de Economia da USP, tinha uma aposentadoria que nunca recebeu. Ele dizia que isso era bolsa de estudo para aluno carente. Era uma aposentadoria discreta, nada significativa, mas mesmo assim ele sempre doou a aposentadoria para alunos carentes, que era utilizada pelo Serviço Social da USP. E foi um respeitador absoluto da autonomia universitária. Como governador, ele conversava muito com o então reitor, Hélio Guerra, no sentido de que as opiniões das faculdades em relação às eleições fossem ouvidas, que ele prestigiasse sempre os mais votados, que a opinião do coletivo devia ser acatada. Outro fato importante foi quando o reitor da USP já era José Goldemberg, que também havia sido indicado por Montoro. Na época, o Ministério da Educação, sob o regime militar, exigia uma lista sêxtupla para a escolha do reitor. Eles pediam seis nomes para poder ter uma abrangência razoavelmente grande de escolha. Mas Goldemberg, com apoio de Montoro, fez questão de que, no Conselho Universitário, se bancasse a questão da autonomia universitária e se voltasse para a lista tríptica. E Goldemberg aprovou isso no Conselho, com o amparo de Montoro, e essa forma de escolha existe até hoje.

Flávio Fava de Moraes

Há um episódio em que houve a participação direta de Montoro, referente a um plano de reclassificação dos funcionários da USP. Fizemos um plano e o levamos ao Palácio. Mas era ano eleitoral e este fato virou um obstáculo à adoção do plano, pois há a regra de que alguns meses antes das eleições é proibido dar aumentos salariais. E estávamos chegando à data-limite a partir da qual não daria mais para adotar o plano de carreiras. Mas o pessoal da assessoria jurídica entendeu que, dentro do quadro de autonomia da USP, nós poderíamos adotar o plano. Como o Palácio dos Bandeirantes estava demorando a responder, decretei unilateralmente o plano. Foi uma tempestade. A coisa estourou. Foi convocada uma reunião entre o reitor, o Serra, mais alguns secretários e o Montoro para tratar do assunto. Na reunião, destaquei a autonomia

da Universidade e que, entre outras coisas, a questão da reclassificação era só organizacional, não iria dar despesas ao governo, e que não dava para esperar mais seis meses após as eleições. O Serra argumentou que, se a USP estava fazendo isso, todas as outras universidades iriam querer fazer. Montoro escutou tudo e deu uma de estadista: “Essa questão da autonomia, se ela se inclui ou não neste caso, é discutível, mas, já que é assim, vou pegar a opinião que convém como administrador. Vai ser muito desgastante fazer a USP voltar atrás. A autonomia não permite ao governador determinar que a USP cancele a decisão, mas eu acho que a gente deveria adiar a sua aplicação”. Eu achei razoável.

Antonio Hélio Guerra Vieira

DEMOCRACIA

ESTADO DE DIREITO

Um momento do governo Montoro que me lembro bem foi quando ocorreu a primeira ocupação de terras no Pontal do Paranapanema. Era um fim de semana, eu estava em minha casa, recebi um telefonema do Palácio para comparecer com urgência. Fui até lá, o governador reuniu-se com o secretário da Justiça e o da Segurança e eu participava como secretário do Trabalho. O governador perguntou: “Qual dos senhores se oferece para ir ao Pontal do Paranapanema?” Eu perguntei: “O que aconteceu lá?”. As fazendas foram invadidas por um movimento que ainda não era o MST, eram posseiros desalojados em virtude da construção de grandes barragens: Taquaruçu, Rosana, Porto Primavera e Pereira Barreto. Ele disse: “Há uma ordem de reintegração de posse, foi requisitado o apoio da PM, que está lá, comandada pelo coronel que comanda todo o interior, coronel Bonifácio Gonçalves, e eu preciso que um de vocês compareça para evitar qualquer ação mais

violenta. Cumpra-se a ordem judicial, mas sem violência contra os posseiros.” Eu fui para lá. Conversei com o coronel Bonifácio, que me pôs num helicóptero sem portas para sobrevoar a região, e quando desemos, as tropas já estavam retirando as pessoas, e ele me disse: “Eu vou desocupar e dispersar.” Eu disse: “Não, o senhor não vai dispersar. O senhor só vai desocupar, porque a sua ordem judicial é só para desocupar. O senhor vai dispersar e esse pessoal vai para onde? Esse pessoal não tem para onde ir. E as instruções que eu tenho do governador Montoro é que se faça tudo sem nenhuma atitude de violência”.

Almir Pazzianotto Pinto

Montoro era convencido da excelência da democracia. Minha convivência com ele foi um aprendizado extraordinário. Eu me recordo de vários episódios do governo dele, em que ele teve a oportunidade de dar essa demonstração de tolerância, acima de tudo. Nós tivemos o episódio, por exemplo, da tentativa de invasão do Palácio, da famosa derrubada das grades do Palácio, em que o Montoro, não obstante tivesse sido até provocado, induzido, convencido, a tomar atitudes mais drásticas, preferiu seguir a sua própria intuição e o seu temperamento. E acabou sendo condescendente, evitando uma grande tragédia, que era o que os adversários, os inimigos pretendiam para justificar um grande envolvimento político-partidário contra o governador. Mas ele era exatamente assim: o cotidiano do Montoro era uma demonstração de sua tolerância.

José Henrique Reis Lobo

Há alguns pontos extremamente importantes que precisam ser registrados na história de Montoro, que são os papéis dele decorrentes de sua vinculação com a Igreja Católica. Não por ligações menores, mas pelas ligações maiores. Montoro, por força do seu testemunho cristão, estava muito próximo do cardeal de São Paulo, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota e o que isto politicamente representou para o Brasil. Montoro estava com o Jango na China, quando Jânio renunciou. E o vice-presidente de Jânio era o Jango. Naquela época elegiam-se o presidente e o vice separadamente, e eles poderiam pertencer a correntes políticas diferentes. Como Jango era um homem mais à esquerda, os gol-

pistas, que já ensaiavam o que iriam fazer em 64, tentaram impedir sua posse e sua volta ao Brasil. E é preciso que se registre que João Goulart só pôde voltar por força da intervenção de Montoro junto ao cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota. Pouca gente se lembra ou tem registrado isso como um fato decisivo para a vida política nacional. O Jango não tomaria posse não fosse o Montoro estar com o João Goulart na China, em 61, e telefonar várias vezes ao cardeal, testemunhar ao cardeal, responsabilizar-se pelo comportamento de Jango, pois temiam que Jango voltaria ao Brasil para dar o golpe da esquerda, ou coisa parecida. Foi o Montoro quem pediu ao cardeal, que interferiu junto aos comandos militares, naquele momento insuflados pelos Lacerdas de plantão, decididos a impedir a posse de João Goulart, como já haviam tentado impedir, em 54, a posse do Juscelino Kubitschek. Foi a ação do D. Carlos, que assumiu a responsabilidade perante os comandantes, que naquele momento aprovariam ou não a volta do Jango. Então vai se percebendo aí alguma coisa que é um traço marcante do Montoro: é um homem que está muito à frente de seu tempo, ele se enquadra num grupo de pessoas que vão ser naturalmente muito valorizadas no futuro. Há gente vinculada ao passado, que é o eterno revisionista, conservador. Montoro, não. Montoro era contemporâneo de seu tempo. Não era um visionário. Era um visionário a partir dos elementos de seu tempo.

João Carlos Meirelles

A PUC não foi invadida porque teve a coragem de dizer não à censura à universidade. Naquele congresso, tratava-se de defender a autonomia de quem estuda neste País. A invasão se deu por outras razões, inclusive pela reconstituição da UNE. Seria mais uma vez na USP, mas como o campus estava muito vigiado, todas as lideranças foram presas. Em setembro de 77 reconstituíram a UNE lá na PUC. Eu era o vice-reitor e não sabia. Realmente não sabia. Eu não deixei. Seria um suicídio reunir três mil estudantes dentro do Tuca, cercados por policiais e pela PM. Mas houve a tentativa do ato público e a invasão foi bárbara. A invasão foi um ato absolutamente ditatorial, injusto, e atingiu gente inocente. Os alunos em sala de aula e os professores, tratados como se fossem criminosos. E foi uma noite que lembrava momentos lúgubres da vida dessa República. No dia seguinte, o Montoro apareceu. Durante

a invasão, ele não estava, porque tudo aconteceu de noite. Bom, ele foi e levou o senador Teotônio Vilela. Por coincidência veio Dom Paulo também. E Montoro levou a voz dele de protesto contra o comportamento do governo ditatorial. Eu acho o fato muito importante.

Padre Edênio Valle

CONVICÇÃO DEMOCRÁTICA

Veio o regime de 64 e é importante lembrar um fato: Montoro não vacilou um minuto. Criaram-se o partido daqueles que apoiavam o regime, que era a Arena, e o partido da oposição, que era o MDB. Ele ingressou no MDB, que naquela época era uma aposta difícil. Ninguém imaginava que o partido iria crescer e ser tão eficiente. Montoro, durante muito tempo, para instigar, e até assumir uma posição, dizia que tinha o partido do Sim e o partido do Não, Senhor. Mas com isso ele fez um belíssimo trabalho, realmente implantar uma oposição no Brasil, não deixar o pessoal se intimidar, manter uma posição ativa, o que era uma marca muito montorista do MDB.

Bolívar Lamounier

Articulador político que era, ele foi o primeiro governador do MDB eleito para o Estado mais forte do Brasil, e ia tentar a Presidência. Então, resolve articular o quê? A campanha das Diretas. Você pode pegar os testemunhos. A idéia nasceu na cabeça dele, era um sonho, uma viagem, dizia o Fernando Henrique, e acabou sendo um acontecimento fantástico. Mas perdeu, o Brasil amanheceu triste, a emenda das Diretas não foi aprovada. E o governador de São Paulo juntou outro time, mais difícil: Fernando Henrique e um terceiro, o Tancredo Neves. Aí, fizeram o que nós vimos. Esse movimento derrubou o regime militar. Foi esse o papel dele, como articulador da campanha do Tancredo, vital. E aí ganhou o Tancredo. Fernando Henrique, Mário Covas, Richa começaram a articular novamente: “Vamos sair do MDB?”. Papai não gostava disso. Ele dizia que não podia, partido era um só. Mas os outros argumentavam que o MDB não ia bem, e então nasceu o PSDB. E qual articulação eles resolveram fazer? “Nós vamos ganhar a presidência da República.” Eu me

lembro que papai chegou em casa e falou: “Vamos lançar o nosso candidato a presidente: Fernando Henrique. E eu sou candidato a deputado federal.” FHC tinha menos de 10% nas pesquisas. Mas papai, com todo aquele entusiasmo. E deu no que deu. Fernando Henrique se elegeu e fez um governo de profunda transformação no Brasil, correto, reformador. Evidentemente que política é difícil, e papai conversava muito com o FHC. Eles eram muito ligados.

Eugênio Montoro

Montoro foi um desbravador da democracia. Sua maior obra em São Paulo e no Brasil não foi o que ele construiu, nem sua nova forma de administrar. Isso tudo foi maravilhoso. Sua maior obra foi quando ele desfraldou para o País inteiro a bandeira das Diretas Já. Aí ele mostrou a grandeza de sua missão na Terra. Acho que todos nós devemos agradecer e orar para que ele nos proteja, porque nós estamos precisando de um santo forte.

José Carlos Dias

Montoro foi assim, o primeiro símbolo num processo de luta democrática que eu identifiquei como alternativa de agregação. E foi exatamente a ele que dirigi todas as atenções para que eu pudesse construir a minha vida política. Então, ele foi o símbolo mais importante num momento de fechamento político, de autoritarismo, que me chamou a atenção como jovem, ainda, com 20 anos, na luta estudantil, para entrar na vida pública. E procurei o partido ao qual ele pertencia para logo em seguida me filiar e começar a fazer a minha militância. Montoro, para mim, é o símbolo de meu ingresso na vida pública.

Vanderlei Macris

A avaliação que eu faço dele nesses 20 anos de convivência é o privilégio de nós termos tido em São Paulo uma pessoa que entendia o significado da palavra República – *res-publica*. Em latim, República é o regime de governo em que o importante é o bem da coletividade. E o governo dele foi um governo de total integridade, sem nenhum escândalo, o que tem sido corriqueiro nos últimos anos. Foi um governo sem mácula, inteiramente democrático. Algo que eu aprendi e tentei

exercer como reitor da universidade, é esse ensinamento de Montoro: o indivíduo, uma vez eleito, tem a obrigação de zelar e trabalhar para a instituição e não para interesses particulares.

José Goldemberg

A polícia estava absolutamente destroçada, desmotivada, entregue a comandantes que eram chefes do Exército e vinham a São Paulo se intrometer na vida da nossa instituição. Foi no governo Montoro que, pela primeira vez, desde que estava instalada a ditadura de 64, um coronel da Polícia Militar iria comandar a corporação. O espírito era outro: não era ver o povo como um inimigo, ver a segurança pública como um instrumento de segurança nacional, e sim entender a segurança pública voltada para a segurança da população, e não para a segurança do governo. Era uma modificação de mentalidade extremamente difícil. Houve dois atos públicos nessa oportunidade, o governador ficou bastante preocupado, eu fui, também preocupado, falar com o comandante do 2.º Exército, Sérgio Pires. Montoro apenas recomendou, como uma figura quase que paterna, pois ele era pai de amigos meus no colégio: “Tome cuidado, vá com calma, vá falar com o general Sérgio Pires.” Assim foi e nós autorizamos dois atos na Praça da Sé, que foi a tarde de oração de Dom Arns, contra o arrocho salarial. Depois houve também um ato patrocinado pelos sindicatos, especialmente pelo Joaquinção e pelo Medeiros, na Praça da Sé, os metalúrgicos contra a política salarial, o arrocho salarial. Combinou-se todo um esquema de ônibus, de hospital, de cordões de isolamento, policiais militares engalanados ficavam junto ao altar, a polícia feminina dentro da catedral para dar apoio às mulheres e para alguma fuga, caso acontecesse alguma coisa. Foi um sufoco, mas um alívio no final da tarde. Nós tínhamos encontros sigilosos com o Joaquinção e com o Medeiros. Naquele momento seria impensável um líder sindical ter encontro com o secretário de Segurança. E Montoro sempre deu mão firme a esses avanços democráticos de ocupação das praças. Também aí foram feitos vários entendimentos com os sindicatos e a PM trabalhou para fazer este conjunto de segurança com o Sindicato dos Metalúrgicos. Para eles era uma novidade absoluta.

Miguel Reale Jr.

LUTA CONTRA A DITADURA

Gostaria de destacar, que sendo o poder executivo do Estado mais poderoso da Nação, a contribuição do Montoro para a derrubada da ditadura foi enorme. É claro que toda a vida pública dele a partir de 64 é voltada para a derrubada da ditadura. A campanha para o Senado de 78, quando, mais uma vez, deram uma pernada jurídica e impediram a eleição para o governo do Estado e Montoro teve que se recandidatar ao Senado. Ele havia sido eleito em 1970, e o episódio está no livro, cujo título já diz tudo: *A democracia que temos e a democracia que queremos*. Já estava ali colocada a questão do caráter objetivo da luta política.

José Henrique Reis Lobo

Temos o Montoro resistente. O Montoro responsável durante o inverno autoritário por abrir o mais possível a bandeira da democracia e permitir a volta ao Estado de direito. Daí, Montoro no grande estuário da convergência democrática, o MDB.

Cândido Antonio Mendes de Almeida

O tempo inteiro ele batalhou contra a ditadura. Ele era um democrata, tão autêntico, tão sério e correto, que nem o regime militar conseguiu, não diria destruí-lo, mas eliminá-lo provisoriamente.

Norma Kyriakos

A vida política de Montoro nunca teve nenhum compromisso com o regime militar. Ele é uma figura democrática e emblemática, que percorre todos os períodos, e uma pessoa de grande dignidade.

Boris Fausto

O POLÍTICO

ARTICULADOR DE LIDERANÇAS

Em 1970, Montoro era, se me lembro bem, presidente do MDB em São Paulo, quando fez um trabalho de organização muito importante no interior e colocou o partido para funcionar no Estado, um Estado mais do que cartorial. Isso foi determinante na eleição de 74, quando o MDB fez 16 senadores no Brasil inteiro, e teve uma vitória estrondosa em São Paulo. Eu sempre analisei este fato como o começo da abertura, o começo da mudança. que só viria a ocorrer formalmente em 85.

Bolívar Lamounier

Montoro foi o melhor deles, o melhor de todos. Houve governadores anteriores, de muita seriedade, como Carvalho Pinto. Mas em nenhum outro eu identifiquei suas qualidades: um ser político, homem justo, de formação jurídica muito forte e um administrador

que deu trabalho para a gente. Nada se podia levar ao Montoro que ele dissesse, simplesmente, “faça”. Ele costumava dizer: “Quero ver estudos”. Então, você tinha que preparar bem a lição de casa para convencê-lo. Mas, uma vez convencido, tínhamos autonomia.

Adriano Murgel Branco

Em 1970, em eleições realizadas já dentro da nova e difícil situação política, Montoro foi eleito senador por São Paulo, com mais de dois milhões de votos, apesar das restrições estabelecidas pelo regime. Ele foi um dos cinco senadores eleitos pela oposição. Sua principal tarefa política, a seguir, foi a estruturação do MDB, além da reorganização da campanha de redemocratização em todo o País. Sua atitude para a construção do MDB foi fundamental para o vitorioso desempenho do partido nas eleições parlamentares de 74, quando o partido elegeu nada menos que 16 senadores.

Pedro Simon

Montoro valorizou muito a política como atividade enobrecedora. Acho que ele sempre pensou assim. Foi um político para qualquer situação. Há políticos que entram na política direcionados. Obviamente coisas de muito valor, isso não estou questionando. Há políticos que pretendem uma carreira executiva, há quem queira atuar na área econômica, ou na área cultural. Montoro, não. Ele era político para servir ao País. Como governador, deputado, senador, do jeito que ele era. Até como vereador. Então, ele começou na época da República de 45, sob determinadas regras. O regime mudou, ele foi para a oposição, num partido que ia ser criado. Ele atuou na criação de um partido, energizando uma oposição que mal existia, que era uma frente ainda indefinida. Uma frente ampla que ninguém poderia prever como viria a se comportar. Ele foi o homem da campanha parlamentarista, das Diretas Já, de ir à rua, realmente, de mobilizar o povo. Montoro, para mim, era um sujeito político em estado puro. Uma coisa muito bonita e, oxalá, tenhamos outros como ele no Brasil.

Bolívar Lamounier

No PSDB, Montoro colocou na cabeça que precisávamos de um símbolo; ninguém tinha. Era uma idéia moderna. Nem a estrela do PT existia. E tinha de ser uma representação brasileira. “Que coisa esdrúxula”, nós, intelectuais brasileiros, pensávamos. Quem diria que um tucano teria alguma coisa a ver? E está aí.

Clóvis de Barros Carvalho

A gente dizia: “Doutor André, temos aqui a questão de um parque que está precisando de um auxílio”. Isto foi na época em que ele estava no Congresso. Aí ele respondia: “Isso é muito importante”. A gente chegava com uma questão e saía com dez tarefas. E se respondêssemos à tarefa, essa tarefa encontrava ressonância.

José Pedro de Oliveira Costa

Essa formação de equipe que o Montoro conseguiu obedece a um outro valor que ele tinha incorporado muito fortemente. Era a velha sabedoria grega: ter consciência de que ele não sabia, do que lhe faltava como informação, etc.

E o Montoro sempre valorizou as pessoas, os bons profissionais nos diversos setores. No setor público há aqueles que acham que sabem tudo e, portanto, dão ordens permanentemente, ou por orelhada, passam a dar ordens. Ou então aqueles que têm consciência de suas limitações, vão atrás de quem sabe.

Montoro nunca tinha tido experiência executiva na vida. Provavelmente a sua conta bancária não era administrada por ele. Ele não era um executivo, mas era um excelente chefe de executivo. Por isso formou um celeiro para Fernando Henrique. Cinco ou seis ministros dele tinham sido secretários do Montoro. E essa é uma lição.

Clóvis de Barros Carvalho

Montoro era um grande aglutinador de pessoas. E fazia isso com graça. As pessoas, os políticos, se entendiam perto dele. Dois grandes políticos de São Paulo passaram por Montoro: Fernando Henrique e Mário Covas. O Montoro esteve muito próximo deles. Nomeou Mário secretário dos Transportes, depois Mário foi governador. Saíram juntos do PMDB para fazer o PSDB. E o Fernando

foi o suplente dele ao Senado e sua carreira começou aí. Isso não tira os méritos do Fernando e do Covas, mas agrega um mérito ao Montoro. Ele era um aglutinador.

Antonio Angarita

Houve renúncia de Covas, que era candidato natural a vice. Eu estava na convenção, quando aconteceu aquela manifestação no plenário, do pessoal do Quércia, a banda de música, algo muito bem orquestrado, e então nós, o pessoal do Covas, nos intimidamos, a verdade é essa. Nós não tínhamos bandeira nenhuma, e o Covas abriu mão. Foi um gesto de grande importância. Se o Mário fosse vice do Montoro, a história do País teria sido diferente.

Antonio Angarita

Se eu pudesse escrever o que meu pai foi, diria que ele foi um político. Ele foi um animal político. Vivia política 24 horas. Era procurador do Estado e, ainda jovem, entrou para a política, em 1952. Isso, por um ideal. E isso o definia como pessoa. Ele tinha como projeto fazer da política algo para servir ao bem comum. Para ele, política era uma arte, a arte, a virtude e a ciência do bem comum. Nesse período, o partido foi se montando crescendo, ganhando nível nacional. A primeira grande luta de articulação política foi com a revolução e a ameaça de acabar com os partidos. A pergunta era: “O PDC vai acabar?” Então papai começou uma campanha nacional para dar ao PDC condições de manutenção, como uma das legendas alternativas. Percorreu o Brasil inteiro e conseguiu fazer um PDC nacional. Nessa articulação ele fez o PDC. Ficariam de quatro a cinco legendas no Brasil, e o PDC sobreviveu. Teria de ter um número de aliados e de deputados para poder sobreviver. Veio depois, o Ato Institucional que acabou com os partidos.

O MDB se formou, com o mínimo que podia. E aí começou a luta dele, do MDB, e logo em seguida a eleição para senador em São Paulo. Havia dois candidatos: “Para senador, vote em dois candidatos: Franco Montoro e Lino de Matos”. Eu lembro disso. Ele ia ser candidato para perder, porque não achava que tinha chance. Quem tinha chance era o Lino de Matos, que era um político já profissional.

Em 1974 foi o ano da grande virada na política brasileira, em que

a Arena, disputando com o MDB para o Senado, nos 20, 22 Estados, ganhou em 15 ou 16. Meu pai foi o grande líder do MDB, capa da *Veja*. A *Veja* falou em 74 sobre o grande líder que conduziu a eleição de Quércia em São Paulo, do Marcos Freire, em Pernambuco, do Itamar Franco, em Belo Horizonte, Minas Gerais, Pedro Simon, no Rio Grande do Sul. O MDB sobreviveu e ele foi o grande articulador.

Aí vem 78. Eleição de novo, e Montoro que é um grande senador, líder da oposição, é o candidato à reeleição. E a Arena lançou o Cláudio Lembo. Era o Montoro contra o Cláudio Lembo. Mas nessa época começava a ter a formação de um outro grupo à esquerda, de vanguarda, muito competente, a turma do Lula, que montou o Partido dos Trabalhadores.

Eugênio Montoro

Montoro ocupou praticamente todos os cargos públicos que um homem pode ocupar no Brasil. Foi vereador, deputado estadual, deputado federal e senador. Foi ministro do Trabalho no gabinete parlamentarista no governo do presidente João Goulart, e depois foi governador do Estado de São Paulo, eleito com consagrada votação em 1982.

Flávio Flores da Cunha Bierrenbach

Havia pensamentos díspares quanto aos modelos social e econômico que cada um defendia, e Montoro tinha uma enorme competência para articular essas diferentes visões. Articular e focalizar no trabalho em torno do ideal da redemocratização, com uma competência extraordinária. E foi líder por muitos anos. Estabelecia o dever de cada um dos senadores e isso era discutido coletivamente. Nós fazíamos reuniões da bancada para traçar a pauta da semana, que íamos desempenhar no Senado. E ele, democraticamente, sugeria, discutia, às vezes, prevalecia a opinião dele e assim ia-se formando a organização da bancada.

Roberto Saturnino Braga

O fato do Montoro não ter mandato por ocasião da fundação do PSDB foi importante. Foi ele quem articulou a formação do partido em São Paulo, já que outras duas grandes lideranças paulistas, Covas e Fernando Henrique, estavam atreladas ao PMDB por causa da Consti-

tuinte. Covas era líder do PMDB na Constituinte, e Fernando Henrique, presidente de uma das comissões importantes na Constituinte, indicado pela bancada do PMDB. Então, quem comandou o processo de formação do PSDB, na verdade, foi o Montoro. Fizemos várias reuniões na minha casa o Montoro participava e foi seduzindo alguns vereadores para formarem o novo partido. Era fundamental a participação dos vereadores porque tínhamos eleição no ano seguinte, em 1989 e, sem vereadores, o partido não tinha condição de existir. E Montoro foi lá, junto com Fernando Henrique e Covas, fechar a nossa adesão ao PSDB.

Marcos Mendonça

Ele, o FHC, tinha menos de 10% nas pesquisas, mas se elegeu. Pena que papai morreu em 1999, senão, não teria ocorrido 2002, porque o partido se desarticulou. O PSDB não ganhou a eleição, ganhou o PT, com o qual, evidentemente, papai tinha boas conversas. Afinal, quem foi a São Bernardo, segurar o pessoal no Paço Municipal? Montoro e Ulysses Guimarães, junto com Lula.

Eugênio Montoro

Havia uma série de acordos políticos, que se formou no começo do governo, com os partidos que iam fazer parte da base do governo. Mas este era o acordo, não era a cada votação fazer um acordozinho particular, isso nem pensar, de forma que assim Montoro conseguiu a grande maioria das leis que ele precisava na Assembléia Legislativa, sem problemas. Porque os deputados só começam a pedir no varejo quando o governador abre espaço para isso.

Luiz Carlos Bresser Pereira

Ao fim do seu primeiro mandato de senador, em 78, Montoro elegeu-se com 4,8 milhões de votos. Quatro anos depois, em 1982, pelo PMDB, foi eleito governador do Estado de São Paulo, na primeira eleição direta para o governo, com 5,5 milhões de votos, mais do que o dobro do segundo colocado. No Palácio dos Bandeirantes, Franco Montoro assumiu, desde o início, a defesa das eleições diretas para a Presidência da República, tornando-se um dos líderes no apoio à emenda Dante de Oliveira. Foi num comício na Praça da Sé em São Paulo

que teve início o movimento das Diretas Já, que tomou conta das ruas do País e que acabou por decretar o fim do regime militar.

Pedro Simon

Acompanhei a carreira do André, no movimento das Diretas. Foi sempre uma pessoa que eu admirei muito pela retidão de caráter, pela dedicação. E eu acho que ele levou isso para o governo e por isso considero o melhor de todos os governos. E tenho saudade daquele tempo, do ponto de vista da integridade política. Eu não me lembro, nesses 90 anos de vida, de um governo de Estado que me agradasse tanto.

Nadir Gouvea Kfourri

INSPIRADOR DE LIDERANÇAS POLÍTICAS

Interessante é seu papel na área econômica, como formador de equipes. Montoro trouxe pessoas que depois foram para altos cargos em várias administrações federais. Trazer gente nova não é simples. Na verdade, implica não só ter uma boa fonte de talentos, como também ter percepção e tirocínio na escolha.

Andrea Calabi

A quantidade de jovens que ele colocou na pauta de São Paulo era enorme: Bresser, Roberto Gusmão, o filho Eugênio, Goldemberg, o próprio Serra. É um grupo de pessoas importantes que foi agregado à política por essa virtude aglutinatória do Montoro. Ele fazia isso com cálculo, com charme, com modéstia. Não era com espírito de comando. Ele tinha esse espírito, mas era um exercício muito sutil.

Antonio Angarita

Amigos comuns de André Franco Montoro, como Chopin Tavares de Lima, Eduardo Milliet e outros, vieram a mim e disseram: “Nós estamos pensando sobre quem poderá ser candidato a deputado estadual, deputado federal, daqui a dois anos, em 78”. E eu, então, comecei a pensar sobre o que é ser um parlamentar, um representante do povo. E uma das primeiras pessoas que julguei importante para conversar, visitar, foi Montoro. Ele se mostrou extremamente

amável. Conversamos por mais de uma hora. Ele me explicou o que havia sido a sua vida parlamentar até então.

Eduardo Matarazzo Suplicy

Eu disse, em uma homenagem que foi prestada a Franco Montoro na Câmara dos Deputados, que no meu governo os acertos que aconteceram, tinham, no fundo, a inspiração de Montoro. Os erros que cometi, atribuo apenas a mim; os acertos, divido com ele.

Luiz Antonio Fleury Filho

A vida dele inteirinha foi dedicada à causa pública, ao Estado, ao coletivo, à comunidade. Ele é uma figura decente, característica muito importante de ser mencionada, já que hoje está em falta.

Plínio de Arruda Sampaio

Na minha atividade política, o exemplo dele surge todo dia. Todas as minhas ações estão em torno das idéias dele. Eu ouço, às vezes: “Se você for 10% do que ele foi...” Mas eu não tenho essa pretensão”. Dos discípulos de Montoro é difícil dizer quem mais se aproxima ou se aproximou da figura dele.

Ricardo Montoro

Ele dizia: “Zulaiê, por que você não segue a vida política? Seu marido faz política e pertence a meu governo”. Aquilo me entusiasmou. Eu já era animada, mas faltava alguém que me chamasse para a causa. Ele foi o responsável.

Zulaiê Cobra

Minha formação política hoje, de democrata, de uma pessoa que crê na democracia de uma maneira muito afirmativa, como conceito, nasceu com o exemplo do Montoro.

Vanderlei Macris

Eu me lembro que no dia 15 de março de 1987, ele deixou o governo e nós fomos a uma recepção em sua casa. Neste dia, o jornalista Cláudio Abramo assinava um artigo publicado pela Folha de S. Paulo, intitulado

Adeus às armas. Era uma matéria em que ele fazia uma análise do grupo que trabalhou no governo Montoro, dizendo que a equipe do Montoro era formada por homens e mulheres com boa formação, que moravam entre o Alto de Pinheiros e Morumbi, passando pelos Jardins, grande parte deles estudaram em colégios religiosos. Alguns foram para a JUC, outros se exilaram ou foram exilados, outros sofreram com a repressão, mas todos mantiveram espírito democrático. No entanto, nenhum deles, tão forte quanto o do próprio governador. Durante o governo, havia desavenças e desacertos entre o grupo, mas funcionava, no entanto, tudo foi colocado de escanteio pelo governo que o sucedeu.

Luiz Eduardo Cerqueira Magalhães

Montoro foi responsável por uma geração de pessoas que depois acabaram se transformando em ministros, como eu mesmo, durante o governo Collor, e o Fernando Henrique, que, tornou-se depois, presidente da República. Geralmente, observa-se que o secretariado do governo Montoro tinha nível de ministério. Vários secretários acabaram exercendo o cargo de ministro, de maneira brilhante, entre eles o atual governador, José Serra.

José Goldemberg

Ele foi um governador muito forte. Quando Sarney assumiu, após a morte de Tancredo, ele indicou vários ministros de Estado. Sem o apoio de Montoro, o ex-governador Sodré não teria sido ministro das Relações Exteriores; Pazzianoto não teria sido ministro do Trabalho; Sayad não teria sido ministro do Planejamento; Bresser não teria sido da Fazenda e Gusmão não teria sido da Indústria e Comércio. Montoro tinha quase metade do Ministério.

José Gregori

Eu acho que há uma dimensão que todos nós podemos, com clareza, reconhecer: ele foi um professor que fez e promoveu quadros. O governo de São Paulo foi uma escola. Tanto que as figuras que ainda hoje atuam na vida pública, começando pelo nosso governador, Serra, são exemplo desta formação de quadros que caracterizou o governo Montoro e que é uma expressão desta visão que ele tinha da política e da maneira que atuava.

Celso Lafer

Eu fui eleito senador em 74 e o Montoro me ajudou muito. Ele organizou o programa gratuito na televisão. Ele é que criava a campanha. Um momento que ficou na história da minha eleição foi um quadro que eu apresentava mostrando as deficiências da Previdência Social. Era o Montoro que pensava naquilo.

Orestes Quércia

A experiência paulista serviu sobremaneira para a condução das idéias que iam formar o governo Tancredo Neves. Então, Montoro tinha uma presença muito importante. Muitos dos secretários da equipe de Montoro foram trabalhar com Tancredo Neves.

Fabio Magalhães

Quando fui candidato a deputado constituinte, eu era um desconhecido, só trabalhava com meio ambiente. E Montoro defendia candidaturas temáticas. Eu não era do PMDB, tinha uma afinidade com o partido, mas não era filiado, porque sempre fui ligado à sociedade civil. E foi Montoro quem tornou viável minha candidatura, porque ele defendia candidaturas temáticas, da mulher, aos ambientalistas. Hoje isso parece tão óbvio, mas naquela época não era. Então, quem me acolheu, garantiu a legenda, foi o governador Montoro, com toda a oposição que eu fazia a seu governo. Esta é a prova de que Montoro sabia conviver, como ninguém, com a crítica e, até, de certa maneira, trazer a crítica e transformá-la em resultados positivos de política pública.

Fábio Feldman

Montoro me fez sair candidato a deputado estadual e eu participei do seu programa de governo, na famosa rua Madre Teodora. Eu me lembro que meu pai dizia: “Siga sempre o Montoro. É um homem de bem, um homem muito experiente.” Então, saímos do MDB, fomos para o PMDB. Não fomos, ficamos, porque só acrescentou o P na frente. Por quê? Montoro. Não bastam só as bandeiras. É preciso ver as mãos que empunham as bandeiras.

Geraldo Alckmin

Olhando todas as figuras públicas, as mais importantes do PSDB e

do governo Fernando Henrique, a imensa maioria foi cria do Montoro.

Paulo Renato de Souza

A experiência de ter trabalhado com Montoro foi certamente o que mais marcou minha vida pública; eu me considero cria do Montoro, politicamente. É a pessoa que mais me influenciou e mais me projetou na vida pública.

Paulo Renato de Souza

Ele jamais se cansava de dizer: “Vamos lá! O ideal nunca se perde. A alegria de ir ao encontro de um ideal é que nos permite fazer a transformação”. Foi assim com a dívida externa, com a vida comunitária, foi assim que ele, junto com Lucy, do alto do poder de um governante, governador do Estado de São Paulo, preocupou-se com as hortas comunitárias, com os grupos minoritários. O PSDB teve a grande virtude de ouvi-lo e de fazer com que seu símbolo, o tucano, fosse o símbolo que vamos continuar levando por toda a nossa vida partidária, em nome da democracia.

Yeda Crusius

Montoro foi inspirador e orientador de ações na promoção do bem comum, na minha opinião uma dimensão diferente como visão de vida e como campo de trabalho. Ele sabia mais do que falava, e exemplifica com a própria vida. Ele era uma pessoa muito dedicada à promoção do bem comum, essa é a marca dele para mim.

José Carlos Seixas

Travou-se um debate no Senado, de 75 até o momento da abertura. O Senado centralizou o grande anseio popular pela redemocratização. E a bancada do MDB escolheu, para sua liderança, Franco Montoro. Escolheu exatamente porque, pela sua vivência anterior, pela sua capacidade de articular os companheiros, ele representa os ideais que sempre diferiam um pouco aqui e ali.

Roberto Saturnino Braga

Um procedimento de Montoro me sensibilizava muito. Ele sempre trazia no bolso uma lista com os nomes dos seus colaboradores. E

fazia questão de mostrar a lista e dizer: “ Olha, o meu secretariado foi um verdadeiro ministério.” Ele tinha orgulho de seus secretários e nós tínhamos orgulho de termos sido secretários de seu governo.

Almir Pazzianotto Pinto

GREVES DO ABC

Como senador da República, Montoro esteve várias vezes em São Bernardo do Campo. Houve até um incidente, no gabinete do prefeito Tito Costa, quando foi preso o Alemão, o Enilson Simões de Moura, pelo Dops, na época comandado, ou dirigido pelo atual senador Romeu Tuma. Foi uma prisão muito complicada, difícil. Naqueles episódios da greve, Montoro e o também senador Teotônio Vilela se expuseram muito, correram riscos, porque a repressão era algo muito violento e, às vezes, ultrapassava quaisquer limites.

Almir Pazzianotto Pinto

Só vi o Montoro perder a cabeça uma única vez. Ele era senador. Nós voltávamos de uma reunião no ABC, em São Bernardo, quando Lula era o todo-poderoso presidente do Sindicato dos Metalúrgicos. E a polícia, por influência do governo federal, ainda presidido pelo Figueiredo, começou a repressão e a prender pessoas próximas a Lula, entre eles, o líder Alemãozinho. Já se sabia de antemão que o Dops ia prendê-lo, então foi feito um “cinturão” de resguardo ao Alemãozinho. E, saindo de um desses comícios em São Bernardo, chegou-se à conclusão de que o Alemãozinho, para ficar bem protegido, tinha de ir no carro do senador Montoro. E ele foi, só que, na saída de São Bernardo, num semáforo, o carro de Montoro parou. Aí um carro do Dops emparelhou, desceram três brutamontes, e pelo vidro, sem abrir a porta, retiraram o Alemãozinho. Já iam colocando-o na perua, quando Montoro ficou inteiramente transfigurado, aos berros: “Sou senador da República, me devolvam esse homem imediatamente!” Até hoje ouço os berros que o Montoro deu, que não causaram tanto espanto quanto a transfiguração de sua fisionomia. O fato é que um investigador que estava segurando o Alemãozinho titubeou, e Monto-

ro, quase que como um goleiro, saltou, arrancou o Alemãozinho, e o trouxe de volta, mais ou menos carregado, como os investigadores o haviam apanhado.

José Gregori

Eu me lembro, por ocasião das greves do ABC, estava dentro do carro do Fernando Morais, junto com o Alemão, que era líder sindical. Aí a polícia veio, fechou o carro, jogou bombas de gás no carro e eu tive que sair, mas não deixamos a polícia prender o Alemão. Montoro chegou na hora, e veio bravo em cima da polícia. – “Onde se viu fazer isso com um senador da República, o Quércia é um senador da República!” E foi em cima da polícia

Orestes Quércia

Como senador, ele se intitulava senador dos trabalhadores. Ele criou, por exemplo, o slogan: “Salário não é renda”. Ele defendeu o trabalhador de um modo geral. Quando Lula tomou posse como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema pela primeira vez, compareci à posse como representante do senador Franco Montoro, já que eu era seu suplente. E vi um Lula ainda imberbe, meio assustado. Compareceram também o governador Paulo Egydio, o próprio Paulo Vidal. Portanto, já começa aí a integração de Franco Montoro com o movimento sindical.

Tito Costa

LIDERANÇA EXECUTIVA

Visto à distância no tempo, seu governo em São Paulo foi austero, democrático, civilizador. Montoro estimulou uma prática colegiada de governar e projetou auxiliares que mais tarde se tornaram proeminentes no cenário nacional. Seu papel na mobilização pelas eleições diretas para a Presidência foi nada menos que decisivo.

Otávio Frias Filho

Havia uma convivência muito interessante, entre nós, para

registrar aspectos da personalidade do Montoro. Primeiro era um democrata. Eu não me lembro de ele ter me dado uma ordem enquanto fui secretário de Estado. Havia diretrizes gerais que eram implícitas ao seu programa de governo, havia o estilo de governo, mas ele nunca me telefonava para dizer: “Faça ou não faça.” Nunca, em nenhum momento.

Almino Monteiro Álvares Affonso

LIDERANÇA INTERNACIONAL

Estávamos no Instituto Adenauer, que ficava entre Bonn e Colônia, quando ouço aquela voz, vibrante, típica: era o Montoro. Realmente, ele era, ao lado de Rafael Caldera e de Eduardo Frei, um dos grandes pilares da democracia cristã na América Latina. Lembro-me de que todos aqueles jovens que participavam daquelas reuniões, todos conheciam o nome dele e o que ele havia publicado. Montoro sempre foi uma referência de ousadia. Havia quem o achasse um homem acomodado, mesmo dentro do partido. Não era. Era ousado.

José Carlos Dias

A fundação do PDC foi uma coisa que mexeu muito com o papai. Houve um encontro de católicos em Montevideu, e compareceram o Alceu de Amoroso Lima, e muitas figuras que achavam que estava na hora de os católicos darem o ar da graça na política. Tanto que papai ficou muito amigo de vários governos democratas-cristãos. Eduardo Frei, o pai, esteve várias vezes aqui. Tinha gente da Europa também. Vários chefes de Estado de formação democrata-cristã. Eu me lembro que o discurso dele era o seguinte: logo depois da Guerra, havia dois caminhos: o do punho cerrado do ódio comunista ou o dos braços cruzados do regime capitalista. Nós queremos uma terceira força, dos braços abertos da fraternidade, que era o PDC.

Ricardo Montoro

Eu me lembro de que por indicação do Montoro, fui juntamente com o Fernando Leça e mais alguns companheiros, ao Chile, onde acompanhamos o plebiscito que discutia a questão do regime mili-

tar do ex-ditador Pinochet. Fomos como observadores internacionais. Isso foi em outubro de 1988. Depois, participei de outros eventos no Chile e na Argentina, e havia sempre alguém que perguntava: - “Como vai Montoro?” Ele era muito respeitado na América Latina. Na Argentina, no Chile, no Uruguai, no Paraguai, ele era uma referência política. Um homem admirado pela sua inteligência, pelo seu trabalho, e acima de tudo pela sua honradez e pelas suas ações concretas.

Antonio Rubens Costa Lara

Na época em que papai estava no governo, ele foi à maioria das posses dos presidentes da América Latina. Estivemos na do Alfonsín, de Sanguinetti, Frei, Caldera, enfim, ele fez questão de mostrar profunda adesão e satisfação com a eleição dessas pessoas, sendo elas democratas cristãs ou não. Elas tinham em comum essa necessidade de luta pelos mesmos ideais. Ideais maiores, que estão acima de eventuais posturas.

Malu Montoro Jens

Montoro em seu governo cria uma situação difícil, porque o governo do Estado não pode fazer política internacional, uma atividade restrita ao governo federal, por meio do Itamaraty, que trabalha em nível das relações exteriores. Mas logo que ele assume o governo de São Paulo cria um Banespa em Buenos Aires e transforma o banco numa espécie de embaixada paulista na capital da Argentina. E leva para lá não apenas economistas e bancários, mas também estudiosos da realidade latino-americana, sociólogos, cientistas políticos... Enfim, se gesta ali, naquele banco, uma discussão sobre integração entre a Argentina e o Brasil. E nesse momento, cria-se já uma relação muito forte do Montoro com o Alfonsín. Eu me lembro de que nas análises de preparação do governo Montoro nós fazíamos sempre essa relação de integração latino-americana. Havia sempre a preocupação do desenvolvimento do Estado de São Paulo integrado a outros Estados. Eu me lembro, inclusive, de que, na época, a economia do Estado de São Paulo equivalia-se à economia da Argentina. E que a economia da região de Ribeirão Preto era igual à do Chile.

Fabio Magalhães

ÉTICA

Ele foi parlamentar (deputado estadual, federal e senador), ministro de Estado no interregno parlamentarista do início dos anos 60, governador de São Paulo na delicada transição da ditadura para a democracia. Em todas essas funções deixou uma marca de coerência ideológica, de probidade pessoal, de compostura. Numa era de populismo desbragado, jamais foi demagogo. Em meio a adversários virulentos, nunca deixou de ser cordato. Numa geração de políticos personalistas, foi exemplo de desambição e fidelidade a uma mesma corrente partidária.

Otávio Frias Filho

O Montoro teve um governo de São Paulo extremamente aberto, porque ele era um homem que jamais perdeu a sua simplicidade, sempre foi um homem público acessível, e de uma conduta moral absolutamente ilibada. Dedicou uma existência à causa pública no Brasil, sem deixar nenhuma nódoa, nenhum vestígio da menor irregularidade.

Almir Pazzianotto Pinto

Meu pai dizia que você tinha que entrar na política quando estivesse com a vida mais ou menos organizada. Ele achava que não se deveria entrar na política para fazer da política uma profissão. Tanto que ele foi professor desde os 17 anos e nunca abandonou a atividade. Só no governo. Ele sempre foi muito católico, mas não de freqüentar sempre a igreja, mas nas atitudes, de solidariedade, de renúncia.

Ricardo Montoro

Já na década de 80, ou melhor, entre 78 e 82, Montoro, nos seus discursos, mencionava com ênfase o tema da ética e a necessidade dos políticos exercerem seus mandatos no legislativo e no executivo com princípios. E ele o fez. Montoro foi o retrato vivo de um político ético, assim como foi Mário Covas também. Tinha Mário Covas o exemplo de Montoro, de um homem que

no legislativo cumpriu uma trajetória brilhante, eficiente e ética. E que, no poder executivo, como governador de São Paulo, mudou a história do governo, que não era um passado limpo. Ele transformou o Palácio dos Bandeirantes num núcleo ético, sempre com sua marca.

João Dória Jr.

Montoro nunca pediu nada aos Correios, absolutamente nada, só incentivo, só apoio, ao contrário do que a maior parte dos políticos costuma fazer. Nunca houve nenhum episódio na vida pública dele que o tivesse desabonado, que o tivesse levado ao Judiciário, ao Ministério Público. Ele teve uma vida pública de meio século com limpidez e clareza.

Egydio Bianchi

A persistência, a seriedade na condução da coisa pública, o espírito democrático, aprendemos com o Montoro. E me orgulhava, porque nunca ninguém me propôs ações indecorosas; tudo fluía no sentido do bem comum. Mas houve uma ocasião, já no fim do governo, em que ele me pediu que eu recebesse um prefeito e um deputado. Eles vieram com proposta de comprar um terreno em Campinas, para no futuro se fazer um conjunto habitacional. Não era o melhor terreno do mundo, nem o mais aconselhável, mas era um terreno que, bem comprado, ia ajudar muito na campanha eleitoral, etc. Eu fiquei gelado: “Chegou meu dia.” E a conversa só aconteceu porque Montoro tinha pedido para eles conversarem comigo. Mas Deus ajudou. Tocou o telefone de um deles, e ele saiu para atender. Em seguida, tocou o telefone do outro. Eu não tive dúvida e liguei para o governador. Contei o que estava acontecendo: “Eles estão me fazendo uma proposta e dizem que o senhor me mandou aqui.” E ele disse: - “Seixas, você acha que eu mandaria alguém aí para uma coisa dessas? Ponha esses caras para correr!”

José Carlos Seixas

É importante, ao falar de Franco Montoro, realçar a bem-sucedida convergência entre ética e política. E bem-sucedida,

porque se traduziu numa fecunda vida pública, permeada por essa preocupação ética. Montoro representa um não ao realismo político e àquelas metáforas que são normalmente associadas ao realismo político e que não configuram o homem moral. Por exemplo, para recorrer a Maquiavel, ou à força do leão, ou à esperteza da raposa, ou então ao polvo, que, com seus tentáculos, alcança tudo, ou ainda ao camaleão, que muda de cor. Como vereador, deputado estadual, deputado federal, ministro do Trabalho, senador, governador, e como líder político que conduziu um partido importante e teve uma atuação importante de natureza partidária. Primeiro no PDC, depois no MDB, no PMDB, e depois no PSDB, essa convergência entre ética e política é o que norteia a trajetória do nosso amigo Franco Montoro.

Eu mencionei muito a dimensão ética dele, o exemplo dele. Em matéria da relação entre ética e política, existem sempre três temas recorrentes. O primeiro é a corrupção, a associação ilícita entre o dinheiro e o poder. Isso para o Montoro era um ponto muito claro, a inaceitabilidade da corrupção. Ele também via que o governo deveria ser um governo bom, porque voltado para todos e não para um bem particular. Um outro tema típico na relação ética e política é a questão da violência, do uso da força. Aí também a visão do Montoro era muito clara: é um governo legítimo, cabe a ele o monopólio da força, mas o uso dela deve ser dentro do mais estrito respeito pelos direitos humanos. Então, nesse sentido, a violência também não era a forma de atuação dele.

Celso Lafer

Montoro deixou a imagem de homem absolutamente íntegro, honrado e profundamente coerente com seus ideais. Era um idealista do solidarismo, da prática democrática e do aperfeiçoamento democrático por meio da maior participação do povo organizado nas decisões políticas. Marcou sua presença na vida pública com esse exemplo de dignidade, de coerência e de sentimento de justiça e de solidariedade para com a população, especialmente o povo mais carente.

Roberto Saturnino Braga

ESPÍRITO PÚBLICO

Montoro era um verdadeiro homem público. Lutava pelo bem comum, pela comunidade, pelo povo paulista e brasileiro. Montoro era um desses idealistas, desses estadistas, como Ulysses Guimarães, Tancredo, Mário Covas. O lucro, o capital que ele buscava auferir era o serviço público prestado de forma correta. Por isso, eu quero André Franco Montoro. Saudade de você, viu; neste momento, mais do que nunca. O seu exemplo deve ser lembrado para se reconstituir um Brasil com ética e com cumprimento do dever.

Luiz Henrique da Silveira

Montoro foi, antes de tudo, um professor de executivos públicos. Para mim, sem dúvida nenhuma, mas também para muitos que entraram na vida pública naquela época, nos anos 80, particularmente no governo, de 83 a 87.

João Sayad

Ele falava: “Façam dos direitos humanos o tema dos trabalhos universitários, defendam as teses que quiserem, mas o que importa é a política pública calcada nisso, a política pública baseada.” Essa era outra vertente dele: uma política pública pedagógica.

Belisário dos Santos Junior

A relação que o governador Montoro tinha com a bancada em São Paulo era interessante, porque, apesar das divergências partidárias, o Brasil de fato vivia num bipartidarismo, MDB e Arena, e depois PDS e PMDB. O Montoro tratava os deputados da Arena de uma maneira rigorosamente igual à que ele tratava os deputados do MDB. Todas as segundas-feiras, ele recebia os deputados federais, era um dia em que eles normalmente estavam em São Paulo. A partir das 7 horas da manhã, ele recebia, pela ordem de chegada. Tinha um livro, e quem chegasse em primeiro lugar era recebido em primeiro lugar. De modo que, muitas vezes, eu dividi a sala de espera com vários de meus adversários que eram da Arena e que iam conversar com o governador porque tinham algum assunto de

interesse público para tratar. Então ele tinha uma relação de equidistância, de igualdade, sem privilégios, embora ele fosse de partido, um homem que fazia uma política partidária.

Flávio Flores da Cunha Bierrenbach

Em um almoço, selou-se o apoio de Franco Montoro à candidatura Mário Covas, eu diria, sem nenhuma dúvida, que foi o que viabilizou não só a candidatura de Mário Covas dentro do partido, mas depois sua eleição. Esse episódio, a meu ver, mostra a generosidade de Franco Montoro, a capacidade extraordinária de solidariedade, seu espírito público. E esse apoio ao Mário Covas se devia não só ao respeito que Montoro tinha por ele, acima de tudo, porque acreditava realmente que aquela candidatura era, no momento, a que mais interessava à população de São Paulo, e, por certo, ao Brasil inteiro, como a história acabou por fim registrando.

José Henrique Reis Lobo

A gente aprendia muito com os líderes do PSDB, a executiva, entre eles Franco Montoro, especialmente essa visão humanista, a visão de que o setor público, o governo, deve servir às pessoas, servir ao interesse público, e jamais servir àquele que está na gerência, na administração pública. Então quem opta pelo setor público opta por servir aos outros. O interesse público. Nós aprendemos muito com o governador Montoro.

Florianio Pesaro

Todo mundo já conhece o fato, mas é importante lembrar que, uma vez eleito, além de fazer um excelente governo, antecipando a idéia de responsabilidade fiscal, que depois foi institucionalizada no governo Fernando Henrique, ele teve ótimos secretários, que se firmaram na vida pública. O próprio governador José Serra foi secretário naquela época.

Bolívar Lamounier

Ele era um cultor do Direito, e um homem que sabia muito bem das dificuldades do funcionalismo público, ao contrário do que se apre-

goa por aí, que o funcionalismo público seria uma benesse. E eu já era funcionário público desde 1964, ou seja, muitos anos antes do governo Montoro. E, hoje, 2007, continuo funcionário público, muitos anos depois do governo Montoro. E eu posso dizer, de cátedra, que o governo Montoro foi um marco na valorização do funcionalismo. Eu costumo dizer, as carreiras jurídicas, de promotor e de juiz, podem ser classificadas antes de Montoro e depois de Montoro.

Romeu Ricupero

ATUAÇÃO PARLAMENTAR

Montoro produziu uma articulação parlamentarista de uma forma que pouca gente conhece. Nós tínhamos um grupo supraparlamentar, uma espécie de cabala parlamentarista que se reunia com o governador Montoro no hotel onde ele morava, uma vez por semana. Tomávamos café com o Montoro às quartas-feiras. Tinha gente do PT, Eduardo Jorge, Marcelo Deda. Tínhamos Aldo Rebelo do PCdoB. Almino Affonso participava das reuniões, João Almeida, Vilmar Rocha, do PFL, tínhamos Bonifácio Andrada... Era um grupo composto de parlamentares de vários partidos. Todos parlamentaristas. E nessas reuniões semanais, foi formulada a idéia de apresentarmos uma emenda constitucional. O autor foi Eduardo Jorge. Depois a Comissão de Constituição e Justiça, sob minha presidência, aprovou. E, mais tarde, a constituição da Comissão Especial, a eleição do presidente da Comissão, Odacir Klein, do relator da Comissão, Bonifácio Andrada, e tudo isso acompanhado, articulado, monitorado, por essa reunião em torno do deputado André Franco Montoro. Até que o último trabalho parlamentar do Montoro se deu em torno deste tema. O parecer do Bonifácio Andrada tinha sido concluído e era preciso aprová-lo na comissão especial. Acontece que a Câmara estava prestes a entrar no recesso de julho. A sessão legislativa estava se expirando e um grande número de parlamentares já havia voltado para seus Estados. Não havia número para votar o parecer do Bonifácio Andrada. Montoro saiu, batendo de porta em porta nas lideranças, pedindo aos líderes que substituíssem os deputados ausentes por outros que pudessem participar daquela última e decisiva sessão da comissão. E assim foi feito. Eu tive a ocasião de ajudá-lo nessa sua empreitada. E

a emenda foi aprovada nessa comissão. Montoro voltou para São Paulo e, naquele recesso de julho, ele morreu e, com isso, a causa do parlamentarismo perdeu seu grande campeão, seu grande batalhador.

Aloysio Nunes Ferreira Filho

Montoro estava preocupado com a nova Constituição. Ia sempre às reuniões com a bancada do PMDB, nas quais defendia suas teses. Há muita idéia dele que foi aproveitada na Constituição. Mesmo sem mandato, ele continuava falando. Porque naquela época o PMDB ganhou quase tudo.

Antonio de Pádua Perosa

Montoro, na área do legislativo, teve uma atuação muito importante para a aprovação do Plano de Ação do Carvalho Pinto. Ele fez um plano, submeteu-o à Assembléia Legislativa. Evidentemente que nós tínhamos os apoiadores, e um dos grandes apoiadores era o Franco Montoro. E este plano foi aprovado na Assembléia e foi implantado. Em três anos se fez, aqui em São Paulo, o que não se fazia há muitos e muitos anos. Montoro teve, realmente, uma atuação importante, destaque, na aprovação do plano e depois na própria execução.

Hélio Bicudo

Um conhecedor profundo de nossa cultura política, Montoro acreditava que apenas com o parlamentarismo nós poderíamos nos livrar da praga do populismo, da corrupção do clientelismo, da fisiologia do nepotismo, do empreguismo e do autoritarismo que há tanto nos infelicitam.

Pedro Simon

RENÚNCIA DE JÂNIO, POSSE DE JANGO

Montoro teve uma atuação importante na contenção dos militares na renúncia do Jânio, porque os militares estavam querendo, desde então, assumir o governo do Brasil. E Montoro foi uma peça importante. Ele foi até Paris encontrar-se com o Jango e veio com ele de Paris para o Brasil. Ele era um homem respeitado na corpo-

ração das Forças Armadas.

Luiz Antonio Fleury Filho

Montoro estava em viagem à China a pedido do presidente Jânio Quadros. Havia uma comitiva presidida pelo vice, que era o João Goulart. E a renúncia de Jânio ocorreu quando o Montoro estava já de volta da China, passando pela Rússia. Então, quando eles souberam desta situação, marcaram encontro em Paris. A delegação tinha se separado, marcaram encontro em Paris e planejaram voltar para o Brasil. Como surgiu a notícia da resistência à posse do vice, Franco Montoro abreviou a sua volta e, no dia 1º de setembro, veio ao Brasil para assumir a sua condição, o seu cargo de líder do PDC. Desde logo manifestou que a posição do partido era pelo respeito à democracia e posse do vice.

Ney Castro Alves

POLÍTICAS SOCIAIS

Ele como ministro do Trabalho fez várias ações importantes, e eu acompanhei de perto exatamente a sua política de habitação. Ele tomou iniciativas importantes também no terreno da legislação trabalhista.

Clóvis Garcia

Minha lembrança mais marcante com o Montoro já é no Parlamento, em Brasília, à época de Goulart, quando o presidente o convidou a ser ministro do Trabalho e da Previdência Social. Eu era líder do PTB, então até por força das condições, ele como ministro do Trabalho e da Previdência, tivemos uma relação muito próxima. Os primeiros trabalhos do Montoro estimulavam a questão do sindicalismo rural, nós tínhamos tramitando na câmara dos deputados um projeto de lei que estabelecia o estatuto do trabalhador rural. O autor do projeto era um gaúcho, do PTB, Fernando Ferrari. Eu não me lembro do Montoro, na Câmara, votar por votar. Ele votava em função de uma tese, de uma idéia, de uma proposição. E eu tenho a sensação de que ele nunca ficou marcado especificamente na história política do País, na época, como

uma liderança popular ligada à causa trabalhista, à causa sindical. Não me parece que seja esta a imagem do Montoro, o que é injusto, porque poucos foram, na Câmara, tão cuidadosos em zelar pelo avanço da legislação social no campo e na cidade, do que ele.

Almino Monteiro Álvares Affonso

O professor André Franco Montoro, diferentemente de muitos outros governantes, percebeu muito cedo a importância da municipalização das políticas públicas, e ele sempre dizia: “Ninguém mora na nação, ninguém mora no Estado, todos moram no Município”. E o turismo teve a sua primeira grande oportunidade, no Brasil, começando por São Paulo, no seu governo. Naquele momento as políticas públicas para o Brasil no setor de turismo mudaram. Passaram a ter importância não só para a fixação do homem à terra, para geração de emprego e renda, mas principalmente por ter dado vida ao município. Afinal, o poeta deve cantar primeiro a sua aldeia. E foi com o governador André Franco Montoro que o turismo teve os seus primeiros passos de visão empresarial, de importância para o desenvolvimento econômico e social do Brasil.

Virgílio de Carvalho

VISÃO DE FUTURO

Montoro dizia que ninguém vive no Estado, todo mundo vive no Município. Era a tese dele, para a descentralização. A outra, a campanha das Diretas Já. Quando ele lançou a campanha das Diretas Já, minha opinião é que era uma tese ousada, inviável e que ia causar problemas para as finanças de São Paulo. O Governo federal, o presidente Figueiredo e Delfim já nos apertavam, a situação era difícil, mas o governo, o PMDB tinha um tratamento ainda pior. Aquela tese só ia dificultar a nossa vida financeira. Então, na época eu era muito moço, não tinha muita liberdade com o Montoro, mas se tivesse diria: “Mude de assunto, porque vai criar um grande problema, não vai dar certo”. Eu estava errado.

João Sayad

O papel político que ele exerceu foi o de um homem que enxergou o futuro desde os primeiros momentos em que entrou na política. Ele atuava no presente olhando para o futuro. Quando

propus a ele ampliar o Porto de São Sebastião, ele estava olhando o futuro. E hoje damos graças a Deus que o porto foi ampliado, porque vamos exportar álcool por ele. Na Hidrovia Tietê-Paraná, foi ele, e mais ninguém, que construiu praticamente todas as eclusas. E se empolgou de tal maneira que depois idealizou uma integração continental. E se apaixonou pela idéia, pensando no futuro, mais uma vez. Hoje está se pensando fortemente no caminho da hidrovia para captação da produção de açúcar e álcool do País.

Adriano Murgel Branco

Quando Abreu Sodré foi eleito, indiretamente, governador de São Paulo, fui convidado a cuidar de toda a área social do governo. A eleição foi em 1967 e a posse em 1968. Eu pensei: Meu Deus do céu, eu fui oposição total durante minha candidatura a deputado estadual, meti o pau no Sodré durante a campanha e agora sou convidado? Eu não tenho nem cara para aceitar este convite. E, se aceito, como eu fico com os outros? Foi uma situação terrível. Aí, fui direto para a casa do Montoro, na Conselheiro Zacarias, e contei o que estava acontecendo. E ele argumentou: “O senhor é funcionário do Estado, não é deputado, não é político. O que há de normal é que este governador que está aí foi eleito, de acordo com as regras, e depois, meu amigo, nós vamos assumir isso aí porque precisamos de gente que pense. Entre na máquina, trabalhe, e vamos em frente, trabalhe, aceite o convite, é muito importante, trabalhe.” Aí eu topei.

Carlos Alfredo de Souza Queiroz

No início dos anos 80, Montoro já percebia a inevitabilidade da globalização e os seus aspectos perversos. E também já via, com grande lucidez, a potencialidade de uniões supranacionais, o que hoje é o caso da União Européia, uma experiência ainda cheia de problemas, mas extremamente ousada e promissora. E já defendia, com grande tenacidade, a união latino-americana. Então Montoro sempre foi, sob esta forma de ver a política, um homem premonitório de acordo com vários aspectos.

Gilberto Dupas

Montoro tinha também uma idéia muito clara sobre várias questões. Como, por exemplo, a postura do homem público. Ele sempre dizia: “Acima das diferenças e interesses menores, é preciso lutar pelas grandes causas. As grandes causas sempre trazem adeptos que vão segui-las.” Dizia também que, quando sonhamos sozinhos, trata-se apenas de um sonho. Quando sonhamos em conjunto, é o início de uma mudança da realidade. Dedicou-se às questões como o décimo terceiro salário, o salário-família, que estava na Constituição, mas não estava implantado, a sindicalização dos trabalhadores rurais, a participação dos trabalhadores na gestão, naquela época, dos diversos órgãos da previdência social, IAPC, IAPI e todos os demais.

Ney Castro Alves

Montoro tinha uma característica importante, ele às vezes passava a impressão de ser indeciso, mas ele tomava decisões. Ele tomava decisão e arbitrava, tanto na condução do governo quanto no seu papel como dirigente partidário e como membro do PMDB. Não era indecisão, mas reflexão. As coisas se confundem às vezes. A minha própria indicação como secretário da Educação foi uma ousadia dele.

Paulo Renato de Souza

ELEIÇÃO PARA GOVERNADOR

Quem não se lembra das reuniões na rua Madre Teodora, que ficou conhecida como Sorbonne. Talvez o Montoro tenha sido a última campanha romântica para governador, porque era feita no palanque. Existia a Lei Falcão naquela época, e a gente fazia campanha no corpo-a-corpo. Eu organizei um dia inteiro de comícios em 17 cidades. Vários deputados ficaram no meio do caminho, porque não agüentaram. Isso não existe mais. Hoje, 80% do tempo do candidato é ocupado em preparar programas de televisão. Naquela época era comício mesmo. O pessoal vibrava. E o Montoro era um tremendo palanqueiro. Eu me lembro de uma das histórias que ele contava: “O Delfim diz que o bolo precisa crescer, para depois ser dividido. Isso

não é verdade, não tem que dividir. Essa divisão está errada. Então, se eu como um frango, e você não come nenhum, nós comemos, em média, meio frango cada um. Só que um está morrendo de fome, e o outro de indigestão. Se eu coloco o pé na geladeira e a cabeça no forno, a temperatura média do corpo vai estar boa, mas eu estarei à beira da morte.”

Ricardo Montoro

A partir da campanha para o governo, todas as campanhas eleitorais passaram a ter um outro perfil, pelo menos as que eu participei no PMDB e, depois, no PSDB. Havia grupos de estudos que Montoro articulava, chamava todo mundo, ouvia as idéias, cada um dava a sua proposta, depois o resultado era um programa de governo absolutamente participativo. Foi uma idéia interessante de Montoro e fazia parte do discurso político dele. Um discurso de participação, democratização e descentralização. E ele não se cansava. Ele dizia isso a cada pessoa que encontrava, como se fosse sempre a primeira vez, dado o entusiasmo com que defendia essas teses. Na realidade, ele não ficou só na defesa das teses. Ele as colocou em prática. Já as havia colocado em prática na campanha a governador, e depois no governo. É um exemplo impressionante, vemos, naquela época, Montoro ir à reunião de diretório distrital do PMDB, em São Paulo, para discutir com os secretários de governo. Ele discutia com a militância partidária a política que estava sendo feita.

Marcos Mendonça

Acho que ele foi o político mais competente que eu vi fazer campanha. Ele sabia o que falar, como era o discurso, como se relacionar com o ouvinte. E fazia um discurso entusiasmado. Eu viajei sozinho com ele muitas vezes, durante a campanha ao governo, no fim de 79 e começo de 1980, quando ainda havia muito medo de que a ditadura militar impedisse a eleição direta para governador. As pessoas tinham medo de comparecer às reuniões. Fomos, porém, a várias cidades. E em todas ele falava com o mesmo entusiasmo que eu vi nos comícios finais de campanha. Não é força de expressão, não, é verdade. A com-

petência dele em campanha chegava até à cor de roupa que ele usava: laranja. Ele sabia qual era a cor da comunicação.

José Luiz Portella Pereira

Em 1982, eu tinha uma relação mais próxima com o Quércia dentro do partido. Ele não tinha postura preconceituosa, era mais liberal. Mas em 1982, quando passou a ter a eleição direta para governador, Montoro foi candidato e disputou a convenção com o Quércia. E eu entendi, naquele período, que a candidatura mais apropriada para governador era a do Montoro. E disse isso para o Quércia: “Não é a sua vez. É a vez do Montoro. Ele é quem tem prestígio, nome, e com ele nós ganhamos a eleição”. E eu fui, decididamente, para a campanha do Montoro. E aprovamos, na convenção, muito disputada, o Montoro como candidato. E depois eu tive o trabalho muito pessoal de convencer o Quércia a ser candidato a vice. Ele não queria, mas no fim aceitou.

Alberto Goldman

ELEIÇÃO PARA O SENADO

O doutor André, sabendo da minha formação como jornalista, como publicitário e como homem de eventos, convidou-me e ao Jorge Cunha Lima para coordenarmos a campanha das Diretas. Tínhamos feito duas eleições com o Montoro, com quase nenhum recurso nas campanhas, em 78 e em 82. Em 1978 o doutor André foi eleito com a maior votação para senador da República àquela época, com mais de cinco milhões de votos, quando deveria ter sido eleito governador. Houve ali o episódio dos governadores biônicos. A ditadura militar, mais uma vez, impediu as eleições diretas e o Franco Montoro, que estava preparado para disputar o governo de São Paulo, disputou o Senado e ganhou, naquele momento, pelo MDB contra a Arena.

João Dória Jr.

Papai foi fazer campanha sozinho, em 1970. Eu lembro que estávamos num carrinho, um Volkswagen, e quebramos de madrugada, em Serãozinho, no meio da estrada. Assim mesmo ele fez campanha. O MDB tinha três senadores em 70. Elegeu um em São Paulo, o Montoro, e dois

no Rio. A massacrante maioria era da Arena. Em 74, eleição novamente e papai senador e candidato a reeleição. Havia a história da sublegenda que era um negócio que ninguém nunca aceitou, porque foi um artifício feito para conseguir compor as minorias do Norte. Arena 1, Arena 2. O MDB era sempre um só. E aqui em São Paulo se começava a falar que vamos ter uma sublegenda do Senado. Aquilo marcou papai. “Para o Senado?” Papai falou: “Mas nós somos contra”. Aí disseram: “Não, é legal, faz sublegenda.” E aí, quem é o candidato para a sublegenda no Senado, que o MDB quis apresentar? O Fernando Henrique. Alguns quiseram, e como dizem que em política é assim, que a eleição de Fernando Henrique fosse lançada para enfraquecer o Montoro, com vistas à eleição para governador em 1982. Ele não era nem um pouco ingênuo em política, e a lei dizia: “o segundo candidato é suplente”. Ele fez aliança com o Fernando Henrique, juntaram-se duas inteligências privilegiadas da política. E o Fernando Henrique, como político prático que é, aceitou, assim como todo seu grupo, do qual faziam parte o Serra, o José Gregori, que se juntaram ao MDB, ao papai, e Fernando Henrique tornou-se suplente a senador.

Eugênio Montoro

O Quércia articulou a candidatura do Brossard, que era a grande figura dos pronunciamentos institucionais, um homem de uma cultura e de uma retórica realmente fantásticas. Poucos senadores e poucos políticos têm a força do discurso do Brossard. E o Brossard é um homem de uma sobriedade e de uma dignidade impecáveis. Então, o Quércia articulou a candidatura do Brossard e a bancada se dividiu, porque os companheiros preferiam ficar com o Montoro. Como eu, que apoiei o Montoro e gostava muito do Brossard; aquilo até criou uma espécie de atrito entre nós. Brossard esperava que eu o apoiasse, mas reconheci que ele, apesar da enorme cultura e da competência para grandes discursos, não era um articulador, um organizador da bancada. Brossard tinha outras preferências; as pessoas diferem nas suas vocações. Montoro era um organizador, e o Brossard não. Resultado: Brossard acabou vencendo e sendo líder, e articulação da bancada se desfez. Não houve mais aquelas reuniões, nem toda aquela distribuição de tarefas, que era o gênio do Montoro que fazia isso.

Roberto Saturnino Braga

AMBIÇÃO À PRESIDÊNCIA

Montoro, sempre muito ativo, fez coisas que tiveram influência nacional. Ele não conseguiu – e sem dúvida foi um sonho que ele acalentou, com inteira legitimidade – chegar à Presidência da República. Mas, se ele não chegou a presidente, marcou profundamente o processo institucional e político brasileiro, quando levantou a bandeira das Diretas. E ele até enfrentou resistência de companheiros que mostravam que, do ponto de vista da oportunidade, talvez se devesse deixar o assunto Diretas para um momento um pouco mais adiante. E ele teimou, bateu o pé, e finalmente realizou aquele comício na Praça da Sé, que deu fisionomia e até viabilidade à idéia das Diretas.

José Gregori

Tem mais uma coisa que eu admiro no Montoro, e que eu escrevi por ocasião de sua morte. O Montoro, a vida inteira, sonhou ser presidente da República. Ele fez tudo para chegar lá. No entanto, quando ele percebeu que, para consolidar a democracia, precisava ceder, teve a grandeza de passar a vez para o Tancredo. E, de certa maneira, ele tinha muito mais títulos para ser candidato do que o Tancredo. Porque o Montoro sempre foi oposição, tinha uma posição muito mais nítida. Tancredo tinha conexões com o golpe de 64. Não sei se diretamente, mas era do partido que deu o golpe. E, no entanto, o Montoro percebeu que, se disputasse com o Tancredo, quebraria a frente e, quebrando a frente, corria o risco de deixar o processo de redemocratização em dificuldade. E ele teve a grandeza de ceder para o outro na hora mais fundamental. E na hora que ele tinha mais força. Ele tinha o maior Estado, tinha a história atrás dele. Ele percebeu a obstinação do outro, a correlação de forças e cedeu, acho que isso é bonito na personalidade dele.

Plínio de Arruda Sampaio

...ele me contava com carinho que o grande sonho dele era ser presidente da República. (...) Ele me contou, mas com muito carinho, numa viagem, estávamos só nos dois, um diálogo com o pai dele, em que o pai dele dizia: - “André, você vai ser Presidente da República.” E aquilo ele guardava com muito apreço, não como algo arrogante do pai,

mas como alguém vaticinando, alguém prevendo, por causa da preocupação que ele tinha com o País: “Esse menino vai ser presidente da República”(…) Então, com certeza, na minha opinião, ele queria ser presidente, guardava isso com muito carinho, e queria sobretudo diminuir a desigualdade existente.... Era o grande ponto de referência para ele. E mais: ele queria ser presidente da República, mas no parlamentarismo. (...)Ele não gostava de tocar essa coisa do dia-a-dia, da gestão, etc., não era isso o que ele mais gostava. Ele gostava das teses, de implantar novos modelos, de ver as mudanças, as pessoas participando, de ver as pessoas da base se organizando e trazendo soluções, não o processo de cima para baixo, e tal. Não ser um presidente super-poderoso, mas um presidente que desse as grandes teses, na verdade ele pregava muito a integração da América Latina, era defensor do Mercosul, e caminhava para isso. Então acho que para ele era importante ser o presidente da República, o que infelizmente não aconteceu.

José Luiz Portella

GOVERNO DO ESTADO

AS GRADES DO PALÁCIO

Quando ele assumiu o governo, explodiu uma greve e o pessoal foi ao Palácio dos Bandeirantes, para invadir. Eu estava junto com Montoro, era o primeiro secretário da Assembléia. Da janela de seu gabinete ele olhava lá para baixo, via aquelas pessoas empurrando as grades do Palácio, tentando entrar. E o coronel da Polícia Militar ao lado dele, dizendo: -“Governador, estamos aguardando sua ordem”. E ele vendo o pessoal balançando as grades.

Montoro estava entre colocar os policiais para repelir aquela situação, mas ao mesmo tempo, sabia que aquela gente estava lá reivindicando emprego, salário. Tomou a decisão e pediu ao policial militar: “Pode autorizar o pessoal a repelir essa manifestação”. Jogaram bombas, foi um clima de guerra para os manifestantes saírem do local e evitar aquela invasão que estava iminente.

Vanderlei Macris

Impressionou-me muito a atitude do governador Montoro, nas primeiras semanas de governo, quando ele foi questionado por um movimento de professores, que tinha uma carta reivindicatória normal, mas seguramente um movimento com alta densidade política, questionando a sua autoridade, o seu temperamento, a sua veia democrática. Eu me lembro que algum fotógrafo mais observador registrou Montoro atrás de uma cortina, olhando uma massa que se aglutinava na frente do Palácio, e sugeria que ele estivesse fugindo à luta. Não era nada disso. Foi, na verdade, o primeiro teste do caráter democrático e da abertura ímpar dele para o diálogo. E foi assim, ele enfrentou vários conflitos com serenidade, mas sem abdicar de sua autoridade, que exercia como uma pessoa madura. Confundir temperamento afável e aberto com uma pessoa que não exerce autoridade foi um grande equívoco.

Egydio Bianchi

Foi feita uma manifestação do PCdoB, lá no Largo 13 de Maio, em Santo Amaro, e organizaram uma marcha para o Palácio dos Bandeirantes. Eram os primeiros meses de governo, eleito depois de tantos anos num processo lícito, de redemocratização. Essa marcha chegou ao Palácio dos Bandeirantes, eu estava com o governador Montoro, na sala dele, quando fomos avisados que já estavam chegando lá e estavam no Portão dois, o portão de cima. Quem chega ao Palácio dos Bandeirantes, vê o Portão um, que é a entrada de autoridades e do governador, e o Portão dois é a entrada da área administrativa. Desci, por orientação do governador, saí das grades do palácio e fui à rua, dialogando, inclusive, com algumas lideranças. E tiramos uma comissão para falar com o governador. Eu me lembro que era um dia quente, e o governador determinou que se providenciasse água, se fosse necessário, para aquele pessoal que estava há muito tempo em pé, e avisou que receberia a comissão. Mas, no momento em que nós estávamos tratando do assunto, como as lideranças demoraram a escolher os seus representantes, uma turma que não foi lá para dialogar, mas para derrubar as grades do Palácio, deslocou-se do Portão dois e foi para o portão frontal do Palácio.

A Polícia Militar se deslocou para o andar térreo para impedir a invasão. Foi uma quebra de autoridade, que o governador Franco Mon-

toro jamais admitiu. As grades foram derrubadas, mas não houve repressão por parte do governo e nem invasão.

Marco Antonio Castello Branco de Oliveira

A intenção de Montoro, desde o início, era conversar com as pessoas, porque ele era um homem de diálogo, da conciliação, mesmo com a postura agressiva dos manifestantes, da agressividade que mostravam nas ruas, e depois derrubando as grades do palácio. A intenção dele, ainda assim, era conversar. Ele não tinha medo. Mas a maior parte da equipe dele achou uma temeridade ele se dispor a um contato físico com os manifestantes, que àquela altura já estavam entrando no palácio porque haviam derrubado as grades. Os manifestantes só não foram contidos na base dos cassetes por ordem direta de Montoro, que dizia: “A situação já é horrível, não vamos piorá-la baixando o cassete nesses manifestantes. Uma vítima é o que eles mais gostariam de ter neste momento e nós não vamos dar.

Ele recebeu os manifestantes e acabou minando os argumentos políticos que o pessoal tinha para fazer o manifesto. Aquilo foi um teste para o processo democrático brasileiro.

Alberto Parahyba Quartim de Moraes

PROGRAMA DE GOVERNO

Montoro sempre praticou a tese de que não se pode gastar mais do que se tem. Numa reunião de prefeitos, houve um prefeito que reivindicava verbas para um viaduto muito importante que estava sendo feito na cidade dele, e o Montoro dizia que compreendia a necessidade dele, mas infelizmente não havia recursos, era uma questão de falta de recursos.

Aí o prefeito disse: “Isto não é uma questão técnica, é uma questão política”. E Montoro retrucou: “Ok, politicamente está concedido. Quando tivermos verbas, nós fazemos”.

Alberto Parahyba Quartim de Moraes

Geração de empregos era uma orientação para que se tornasse critério das ações do governo. Não era um programa específico, mas uma

orientação, como surgiu, ao longo do governo, outras orientações.

Então, entre as diversas alternativas, um critério que poderia ser usado era a capacidade de gerar empregos. Por exemplo, no programa das hortas comunitárias, uma das preocupações era que gerasse muito emprego, mesmo que não fosse formal, não o informal do banditismo atual, mas o informal autêntico. Então vários programas tiveram essa preocupação com o impacto na geração de emprego.

Outro programa foi de estradas vicinais. A abertura de estradas no Brasil exige uso intensivo de equipamento, pela própria necessidade, mas o emprego de mão-de-obra é relativamente pequeno, enquanto que o emprego de mão-de-obra em estradas vicinais é maior. Então, acredito que o governo Montoro conseguiu a média histórica de mil quilômetros por ano, que eu acredito que até hoje não tenha sido ultrapassada. Foi um recorde.

André Franco Montoro Filho

O doutor André era um homem determinado, apaixonado pelas idéias que possuía, era um homem que compartilhava. Eu me lembro das reuniões na rua Madre Teodora, um sobrado, onde se reuniam os grupos de trabalho, aliás, outra idéia genial do Montoro: havia o grupo do transporte, o de promoção social, o de turismo, o de educação. Ele juntava pessoas que queriam cooperar, ajudar na campanha, de acordo com as suas capacitações, seus currículos, seus históricos.

João Dória Jr.

O Estado tem problemas muito graves até hoje, mas eu acho que a partir do Montoro o Estado só melhorou. Houve momentos ruins, que não vejo por que aplaudir, mas, no geral, a partir de Montoro, São Paulo ganhou uma outra visão, de o respeito à máquina pública.

Alberto Goldman

NOMEAÇÃO DE MÁRIO COVAS

Ele acabava de indicar o nome de Mário Covas para prefeito da capital. A correlação de forças na Assembléia era impressionante. Eram 42 deputados do PMDB contra 42 deputados de outros partidos na opo-

sição. E começou a discussão do projeto de resolução indicando Mário Covas para prefeito da Capital. A oposição se articulou, tanto à direita quanto à esquerda, contra o governo democrático de Franco Montoro. E a obstrução era séria. Nós não conseguíamos romper aquela situação porque, por incrível que pareça, cerca de três ou quatro deputados do PMDB participavam dela, junto com a oposição, negando dar quórum ao plenário para que nós pudéssemos partir para a votação.

Luiz Máximo

Estávamos à noite no Palácio do Governo, eu era o vice-líder da bancada, e o nome do Mário Covas estava sendo discutido e votado na Assembléia, por indicação do Montoro, para que ele fosse o prefeito da capital. Naquela época, nós ainda tínhamos os resquícios do regime militar, e o prefeito era votado pela Assembléia e indicado pelo governador. Montoro assumiu, ficou aquele dilema, mas a Constituição determinava e ele tinha de tomar uma decisão. Ele escolheu Mário Covas. Quando o nome do Covas foi enviado, um grupo da bancada teve a intenção de querer um espaço na prefeitura, ocupando administrações regionais. O líder pediu que eu, como vice-líder, fosse ao Palácio, da área ligada ao governador, e um outro deputado, ligado a outra ala, para dizer ao governador: “Precisa fazer isso”. E quando o deputado expôs a ele que eles precisavam votar, mas era preciso aprovar isso e aquilo. Ele disse exatamente o seguinte: “Vocês querem aprovar, vocês aprovem. Vocês não querem votar, não votem. Eu vou mandar para o diretório estadual e pedir para fechar a questão. E até logo”.

Antonio Rubens Costa Lara

DIRETAS JÁ

Nós estávamos às vésperas do Natal, e promovi, prudentemente, com a aquiescência do Montoro, um almoço de confraternização no Palácio, com quase todos os prefeitos da região, com o comando do Montoro.

Mas neste dia, ele centrava sua proposta num manifesto de poucas linhas que passaram a ter assinaturas aos milhares. Ele pedia aos prefeitos que comandassem a campanha da coleta de assinaturas. De repente, um dos prefeitos interrompe o Montoro, penso que o nome dele era Silas, e diz:

“Governador, por que não um grande comício das Diretas?” Montoro era uma chispa, respondeu: “Excelente idéia! Vamos fazê-la!” Aí começou já todo o discurso pela grande concentração das Diretas Já.

Houve muitas objeções, não vou citar nomes. Vários não acreditaram que a população pudesse ir, algumas figuras até importantes, mas Montoro era tenaz. Quando ele queria uma coisa ninguém conseguia desfazer a idéia dele. Era como se aquilo tivesse nascido com ele. Quando ele decidiu que esse comício ia ser feito, ninguém conseguiu convencê-lo do contrário.

E eu me lembro de uma frase do Montoro, quando os jornalistas perguntam a ele quantas pessoas ali estavam. “Não são 30, nem 20, aqui estão 120 milhões de brasileiros.” Porque, até então, nós não tínhamos tido um grande apelo popular. O PT tinha feito um comício com esse objetivo, ali na Praça Charles Miller, até num dia que eu não posso esquecer, no dia da morte do Teotônio Vilela. Nós estávamos em pleno comício, quando chegou a notícia da morte do Teotônio Vilela. Foi um comício pequeno, realmente pequeno. O segundo encontro, que eu sei, ocorreu em Curitiba, num salão a portas fechadas, liderado pelo José Richa, que era governador na época. Mas foram esboços de concentrações populares. A grande concentração popular, da qual resultou uma avalanche nacional, foi o comício da praça da Sé.

Almino Monteiro Álvares Affonso

Houve uma divergência democrática. Cada um tinha sua maneira de pensar. Era 25 de janeiro, o pessoal não iria para a praça porque era feriado. Havia uma pendência, adiar o comício. E o Montoro, devagarzinho, foi desmontando a resistência. Eu não era secretário, mas fui lá a convite dele. Não falei nada, mas pude observar, com calma, porque não fui participante, não queimei a minha emoção.

Antonio de Pádua Perosa

No dia 25 de janeiro, dia do aniversário de São Paulo, Montoro, contra a opinião de praticamente todos os seus companheiros e assessores, deliberou fazer, em São Paulo, o primeiro comício pelas Diretas. E foi esse comício o responsável por uma mudança qualitativa no âmbito da população, que passou a pedir as Diretas Já na rua.

Flávio Flores da Cunha Bierrenbach

Dentro da campanha das Diretas, eu colocaria um marco do qual meu pai - Chopin Tavares de Lima - também participou: é a marcha dos prefeitos para Brasília, com mais de mil prefeitos, se reuniram no salão do Palácio do Planalto, pedindo descentralização de impostos. E o presidente Figueiredo, o nosso ditador da época, se escondeu em sua sala e saiu pela porta dos fundos. Foi talvez o primeiro momento em que um movimento popular tomou o Palácio do Planalto desde 64.

Pedro Falabella Tavares de Lima

Eu falei para meu pai uma frase que ficou famosíssima. O Osmar Santos, que era o locutor do evento das Diretas Já, perguntava para a multidão na Praça: “Quantas pessoas têm aqui? 100 mil, 200 mil, 400 mil”. Eu disse: “Papai, fala que o Osmar Santos está enganado. Que aqui estão 150 milhões de almas brasileiras”.

Esta frase é minha. Eu cochichei para ele e ele usou a frase.

Ricardo Montoro

O doutor Franco Montoro nos chamou ao Palácio, junto com o Roberto Gusmão, que estava no gabinete e disse: “João e Jorge, temos uma missão. Vamos fazer a campanha das Diretas”. Aí eu disse: “Doutor André, de que maneira, de que forma?” E ele disse: “Façam! Nós precisamos colocar o povo na rua, precisamos fazer com que os brasileiros tenham este sentimento aflorado, em eventos em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais”.

Roberto Gusmão que era o chefe da Casa Civil, desenhou alguns pontos que considerava prioritários. Saímos de lá, Jorge da Cunha Lima e eu, com a missão de criar os eventos e assim fizemos o primeiro comício histórico na Praça da Sé. Houve mais de 100 mil pessoas. Depois, fizemos o grande comício na Candelária, no Rio de Janeiro, e em seguida fomos a Belo Horizonte, onde fizemos o comício em frente ao Palácio da Liberdade, com a contribuição de um jovem ativo e falante, e mineiro, o Aécio Neves. Fizemos o comício das Diretas, com a participação do doutor Tancredo, que naquele instante já era o candidato do PMDB nas eleições diretas. E finalmente fizemos o grande comício final, no Vale do Anhangabaú.

João Dória Jr.

Em dezembro de 83, papai começou a falar da possibilidade das eleições diretas, da possibilidade de fazermos um grande comício: Quando ele disse isso, eu me lembro que imediatamente eu falei: “Papai, isso é utopia, uma coisa impossível de acontecer. Em primeiro lugar, os militares não vão permitir de jeito nenhum.” Então ele disse: “Os militares podem não permitir, mas se nós conseguirmos ter uma mobilização de massa suficientemente forte, ela será maior do que a vontade dos militares. O primeiro argumento dele pôs o meu fora. Aí argumentei: “Papai, o Paulo Maluf é imbatível. Não existe possibilidade, ele já é o próximo presidente, ungido, como estavam sendo todos os outros, do regime militar.” E ele disse: “Minha filha, em política não existe a palavra imbatível. Existem políticos que têm mais presença e sucesso e pessoas com menor. O Paulo Maluf poderá ser batido”. Segundo argumento derrubado. Aí argumentei novamente: “Papai, os partidos de oposição estão tendo linhas absolutamente divergentes, e a bandeira da democratização certamente vai querer ser a bandeira de cada um dos diferentes partidos. Vai ser muito difícil você conseguir congregiar esses diferentes setores e diferentes formas de oposição. Aí ele argumentou: “Mas eu não vou fazer um movimento isolado. Nós vamos começar com uma grande reunião dos governadores, que é uma tentativa de superar eventuais divergências, porque todos terão igualdade de condições, e todos estarão falando em nome dos Estados aos quais eles são representativos”. Aí eu disse: “Então não tenho mais nenhum argumento. Vamos ajudar a organizar esse comício pelas Diretas”.

Malu Montoro Jens

Na Praça da Sé, no palanque lotado de pessoas, com o Lula e o pessoal da bandeira vermelha, vaiando o governador Montoro. Embora Lula fosse ao microfone e pedisse silêncio, aquilo incentivava mais ainda o grito contra o Montoro. Ele foi ao microfone e berrou: “São Paulo!” Aí o pessoal parou. E ele disse: “Obrigado, São Paulo”. E as pessoas ouviram-no atentamente. Ele era um comunicador por excelência, silenciou a Praça da Sé.

Guilherme Ramalho

Uma das missões que o governador Montoro me deu foi fazer o Placar das Diretas, na Praça da Sé. Foi um placar que permitiria

constranger os políticos da época, aqueles que, de fato, apesar das pressões, dos estamentos militares residuais, conservadores, assumissem a responsabilidade de dizer se estavam a favor ou contra as eleições diretas. A eleição era secreta, e portanto a única forma de fazer uma pressão positiva era forçar os deputados a declararem seus votos. Então, instalamos um grande placar na Sé e provocamos a imprensa a entrevistar os deputados e senadores e enfrentá-los claramente: “O senhor vai votar contra ou a favor?”. E o voto era registrado no placar. O deputado era assim, submetido à pressão pública, a partir do voto. Foi uma maneira bastante interessante de exigir de nossos políticos que saíssem do armário em relação ao voto. Provavelmente, muitos dos políticos que declararam, lá no placar, que iriam votar a favor das Diretas votaram contra, porque o voto era secreto e não pudemos, depois, apurar. Mas foi uma idéia bastante interessante. Nos números finais, o placar errou por boa margem, o que fica claro que muitos declararam o voto a favor e votaram contra.

Gilberto Dupas

Ele tinha intuição e vontade política, e era capaz de um bom juízo político. O caso que nós conhecemos, e eu tenho certeza de que outros já se referiram a isso, foi o episódio do comício das Diretas Já. Comício importante, que teve enorme sucesso, mas que a maior parte das pessoas tinha dúvidas sobre a conveniência ou sobre a oportunidade deste comício. Se daria ou não resultado um comício naquelas circunstâncias. Há uma advertência evangélica, que está em Mateus que eu cito porque não seria impróprio, falando do nosso Montoro: “Eis que vos envio como ovelhas entre os lobos. Por isso sede prudentes como a serpente e sem malícias como as pombas”.

Então, ele sabia que o campo da política era um campo onde havia lobos. Precisava ter prudência, mas precisava ter boa fé. E, na conversa que ele teve comigo sobre este comício, depois do comício realizado, ele disse: “Eu cheguei à conclusão de que era um dia bom, que o transporte todo sai da Praça da Sé, que nós vamos ter condições de encontrar um público que vai catalisar este movimento”.

Então, não é que ele não tivesse as suas antenas ligadas à realidade política. Ele tinha. Ele resolveu fazer o comício na Sé e

não em outro lugar por causa do capítulo dos transportes. Mas ele teve a intuição política de que a realidade brasileira estava madura para uma manifestação daquele tipo. Em outras palavras, ele sempre teve, como homem público e como ser político, a percepção do momento. Que é o capítulo da intuição política. Que é sempre a idéia de que, para realizar princípios, eu preciso ter a noção do momento certo para poder levá-los adiante.

Celso Lafer

Também me lembro do entusiasmo do governador Montoro quando ele nos convocou para dar a notícia de seu propósito de deflagrar a campanha das Diretas Já, com a realização de comícios. Eu participei dessa reunião, e não apenas era líder do governo, como era líder da bancada do PMDB e membro da Executiva do partido. E eu confesso que, na ocasião, estava um pouco cético a respeito do êxito do empreendimento, porque eu duvidava que nós tivéssemos uma capacidade grande de mobilização popular, como também duvidava até do apoio que receberíamos da mídia. Mas o governador defendeu suas idéias com tanto entusiasmo, que acabou por nos contagiar. Mas inegavelmente, o grande artífice, o propulsor da retomada do processo democrático brasileiro, tem um vencedor: o governador Franco Montoro.

Luiz Máximo

Montoro na luta pelas Diretas convocou para o comício na Praça da Sé no dia do aniversário de São Paulo, 25 de janeiro. Todos achavam que era uma imprudência, mas ele era um homem de fé, um homem de convicção, de compromisso, de valores, como a democracia. E convocou o comício. Foi derrotada a Emenda Dante de Oliveira e naquela grande mobilização nacional, o povo foi às ruas. Mudou o Brasil, foi a grande transição para o regime democrático. E foi ele, Montoro, governador de São Paulo, que praticamente conduziu o então governador de Minas Gerais, Tancredo Neves, para ser o candidato das oposições no Colégio Eleitoral, e fazer a transição para o regime democrático.

Geraldo Alckmin

O Quartim me telefonou e me explicou o que o Montoro estava pretendendo. Aí ele marcou uma conversa, para mim, com o Montoro no Palácio, no dia seguinte. Eu fui, ele estava empolgado. Eu fiz uma matéria que ia ser a manchete do jornal e não foi porque o Frias não habilitou. O Boris Casoy foi o encarregado da edição do jornal e autorizou que saísse na primeira página, mas não como manchete. Boris argumentou: “A gente vai dar na primeira página, porque você é o editor, mas a gente não acredita que o Montoro e o Tancredo vão fazer uma campanha pelas Diretas, com o povo na rua”.

João Hélio Marques Russo

O fato é que Montoro não estava sendo um louco. Eu, Fernando Henrique e o filho do Chopin Tavares de Lima, o Pedro, tínhamos ido, de avião, a um comício em Franca, pelas Diretas. Esse comício foi um enorme sucesso e eu relatei isso ao governador. E havia também a oposição. O PT tinha realizado um comício, no Estádio do Pacaembu, que não tinha sido um enorme sucesso, mas teve algum público. E Montoro tinha esses dois indicadores. Nesse momento, ele trouxe o próprio Lula, porque era uma questão que exigia uma união nacional.

Luiz Carlos Bresser Pereira

Para mim, foi a coisa mais perigosa que Montoro fez ao assumir a liderança pelas Diretas, como governador. Ele encontrou muita resistência dentro do partido, de todas as forças democráticas e de muita gente, que tinha medo do que pudesse acontecer. Eu me lembro, por exemplo, que um filho dele estava apavorado e me disse: “Você precisa tirar isso da cabeça do papai. Eu não sei aonde isso vai levar”. Havia também o medo do fracasso. Mas ele não desistiu. O lema dele era: vamos à luta. Ele achava que qualquer espaço conquistado reduziria o tempo da ditadura.

Carlos Alfredo de Souza Queiroz

Naquele momento das Diretas, a participação dele foi da maior importância. Vale a pena contar a minha experiência no primeiro comício, da Sé, em janeiro de 1984. Eu fui ao comício com a expectativa de que aquele seria possivelmente uma tentativa um pouco melancólica de lograr uma campanha em favor das Diretas. Imagi-

nava um palanque, um grupo relativamente pequeno de entusiastas. Então, quando cheguei, minha grande satisfação foi ver que a praça estava cheia. Fomos nos postar nos fundos da Sé, onde existem vários edifícios antigos. Fiquei ali, extremamente satisfeito com a quantidade de pessoas. A outra coisa, do ponto de vista da população, da sensação de quem foi ao comício, e que me ficou marcada, depois de anos e anos, foi ter visto um policial que não tinha função repressiva, e sim a função de facilitar o acesso das pessoas à praça. Isso foi o governo de São Paulo, foi o Montoro, que inclusive permitiu que se fosse à praça gratuitamente, sem pagar o transporte. E aquela sensação de ser recebido praticamente como convidado pela Polícia Militar foi uma sensação única para quem tinha vivido os episódios de repressão com cachorros na rua.

Boris Fausto

Montoro às vezes se divertia com as coisas que eu fazia, bastante irreverentes. Certa ocasião, nós fomos condenados por causa das Diretas Já. Abrimos as catracas dos trens, metrô, ônibus e fomos condenados pela Justiça. E escrevi um artigo que a *Folha de S. Paulo* publicou, em que eu dizia que a decisão do juiz equivalia mais ou menos a multar uma ambulância por excesso de velocidade ou um bombeiro por parar em lugar proibido. Quando cheguei ao palácio, Montoro estava com o jornal na mão e elogiou o que eu havia escrito. E o procurador-geral sério, ao lado, disse: “Vocês estão rindo de quê? Isso só vai complicar a vida da gente, por causa desse juiz. Juízes têm um corporativismo fantástico e vocês vão ver o preço disso mais para frente”. Montoro não ligou. Poder para abrir a catraca e deixar o passageiro andar de graça eu não tinha, mas tinha poder para abrir a catraca quando houvesse acúmulo de gente, e foi com base nisso que abrimos as catracas.

Adriano Murgel Branco

No dia 3 de outubro, eu já era secretário de Segurança, houve o primeiro ato em São Paulo pelas Diretas, organizado por Ulysses. Foi um fracasso. Esse ato, que pensamos em organizar no Palmeiras, depois no Pacaembu, em seguida no Clube Pinheiros, acabou sendo

no plenário da Assembléia Legislativa, foi se reduzindo; realmente contou com a presença de vários governadores, de Tancredo, do Pedro Simon, mas apesar dessas figuras, atraiu umas cento e poucas pessoas. Foi um fracasso. E, na saída, o Ulysses disse: “Descobrimos o filão. Este é o filão, este é o caminho”. E o caminho foi, então, depois, tomado pelo Montoro. O Ulysses sentiu que tinha este filão, mas o momento certo foi aquele que o Montoro, com sua sensibilidade política, soube provocar. Os militares se abstiveram. Não comentaram nada. Das outras duas vezes, eu fui falar com o general Sérgio Luís Pires, desta vez o Montoro mandou organizar sem pedir autorização. O PT até tinha feito uma manifestação na Praça Charles Miller, no Pacaembu, só que muito fraca. Mas ali, nessas duas experiências, começou a ocupação da praça e nós víamos que poderíamos fazer, que não teria nenhuma consequência, nenhuma perturbação.

Miguel Reale Jr.

CANDIDATURA DE TANCREDO

Quero contar um episódio para chegar ao fato que considero mais importante. Montoro me mandou para Belo Horizonte, com a recomendação: “Você vai ao Tancredo e diga a ele que abro mão da minha candidatura em favor da candidatura dele. Todos esperavam que fosse o Ulysses, se fossem eleições diretas; o Ulysses não aceitava ser candidato em eleições indiretas, no Parlamento. Então fui comunicar ao Tancredo. Há uma entrevista nas páginas amarelas, na *Veja*, dizendo que nós iríamos ao governo pedir para aceitar o PMDB, era preciso ir às eleições no Colégio Eleitoral, e que o candidato era o Tancredo. Evidentemente, para quem sabe política, percebia que o Montoro estava por trás. O governador Montoro me convidou inicialmente para ser presidente do Banco do Estado de São Paulo. Depois de quase um ano, já desenvolvendo uma política, nós éramos uma equipe econômica formada pelo Serra, Sayad, Bresser, eu e Marcos Fonseca. Montoro me chamou ao Palácio e disse que queria que eu ocupasse a Secretaria do Governo. O Eugênio ia se demitir. Montoro disse: “Vou aceitar a demissão do Eugênio e preciso de você”.

Roberto Herbster Gusmão

Montoro não reivindicou ser o candidato, em nenhum instante. E ele tinha todas as credenciais para ser. Ele era o governador de São Paulo. O grande comício tinha sido aqui. Até pela natureza econômica, social, política de São Paulo, o candidato que nascesse aqui tinha o potencial mais do que compreensivelmente alto. E ele não reivindica um instante essa prerrogativa: Ao contrário. Ele começa a fazer gestos de apoio ao Ulysses, gestos que abriam a perspectiva para o Tancredo, quando ele vai a Minas e tem um encontro com o Tancredo e faz um pacto da ação pela redemocratização. E deste pacto nasce um encontro de governadores do País inteiro no Palácio. Aí está Montoro mais uma vez trazendo governadores de todo país, para juntos fazerem um manifesto à Nação.

Almino Monteiro Álvares Affonso

AMBIENTALISMO

Não nos esqueçamos também que o ecologista já estava presente. Quem irá se esquecer das hortas que Franco Montoro defendia e do que poderia ter sido naquela época fórmulas ricas de acomodação ambiental com a grande urbe que ele tinha no seu comando, o eixo e o centro da nossa identidade brasileira.

Cândido Antonio Mendes de Almeida

Grande parte das unidades de conservação, dos parques que protegem hoje a Mata Atlântica foi criada no governo Montoro. A Estação Ecológica da Juréia, o tombamento da Serra do Mar, que foi feito pelo secretário da Cultura, que era o Jorge Cunha Lima, com o presidente do Condephaat, que era o Modesto Carvalhosa; o tombamento dos Jardins. Hoje, você imaginar isso parece tão simples, tão banal, mas, naquela época, tombamento de área natural não existia e foi o Montoro que tomou essa iniciativa.

Fabio Feldman

O Montoro também tinha uma grande preocupação com a questão da barragem do Vale do Ribeira. Ele pediu para que eu fosse a Iguape, o helicóptero estava pronto para me levar, juntamente com o pessoal da

Polícia Ambiental, os PMs e os bombeiros. Havia uma denúncia de que iriam explodir, de noite, a barragem do Valão Grande. Choveu aquela noite inteira e o meu papel ali, por determinação do governador, como eu era da região e havia sido bem votado em Iguape, era exatamente articular as lideranças políticas, conversar e evitar que aquele dano fosse ocasionado e causasse um problema mais grave. Ficamos lá a noite inteira conversando com as lideranças para que nada ocorresse, e de fato nada acabou ocorrendo.

Antonio Rubens Costa Lara

Cubatão era naquela época o município mais importante do Brasil, com a maior arrecadação tributária, maior pólo petroquímico siderúrgico, mas era um Município de segurança nacional, ou seja, o prefeito era nomeado e a maior parte das atividades de Cubatão era considerada de interesse nacional, então, não era permitida a fiscalização da Cetesb e dos órgãos ambientais. E eu, inclusive, cheguei a participar de uma ONG chamada Associação das Vítimas da Poluição e das Más Condições de Vida de Cubatão. E o governo Montoro teve um papel importante, porque ele começou pela primeira vez a fiscalizar as indústrias poluidoras de Cubatão, uma vez que as denúncias até mesmo internacionais, mostravam crianças sem cérebro. E, mais do que isso, o Montoro convida, naquela época, uma comissão das Nações Unidas, que era presidida pela primeira-ministra da Noruega. Essa comissão foi quem cunhou o conceito de desenvolvimento sustentável. Naquela época não se tinha noção de que ela viria se transformar na comissão mais importante das Nações Unidas. Porque foi o trabalho desta comissão que gerou a convocação da Conferência do Rio 1992, que cunhou a idéia de desenvolvimento sustentável.

Fábio Feldman

O que eu gostaria de abordar sobre a personalidade do governador André Franco Montoro é a sua participação na preservação, na conservação dos patrimônios histórico e natural do Estado de São Paulo. Como presidente do Condephaat, eu fiquei surpreso com o apoio pessoal que ele dava a todas as nossas iniciativas que nossa equipe tentava implementar naquele órgão, que é o órgão de preservação estadual dos

patrimônios histórico e natural. E isso foi possível pelo incentivo pessoal. Havia velhos planos no Condephaat de tombamento de áreas da Serra do Mar, pensava-se no tombamento de uma área natural, depois havia também estudos de tombamento de áreas urbanas, de certas manchas urbanas, enfim, alguma coisa que pudesse marcar um novo critério de tombamento no sentido da preservação integrada do patrimônio histórico, urbano com o patrimônio natural. E daí, com o incentivo do governador Franco Montoro, foi possível levarmos adiante o estudo e aprovarmos, em primeiro lugar, o tombamento de bairros, coisa que jamais se imaginou que se pudesse fazer. Foi com o incentivo pessoal dele, quando tombaram, pela primeira vez, no Estado de São Paulo, e acredito que na América também, o Jardim América, o Jardim Europa, o Jardim Paulistano e o Jardim Paulista, que é uma mancha enorme de área urbana que liga os bairros projetados com arborização.

Modesto Carvalhosa

Na época, o grande problema ambiental no Estado de São Paulo era Cubatão. Montoro nomeou uma pessoa muito interessante para a Cetesb, que recuperou Cubatão, o falecido Werner Zulauf. Cubatão estava se transformando no Vale da Morte, por causa das emissões daquele enorme complexo de usinas. E Zulauf, um administrador muito eficiente, agenciou, no governo Montoro, um empréstimo do Banco Interamericano de Desenvolvimento e limpou Cubatão. Hoje Cubatão é uma cidade cuja qualidade do ar é melhor do que a de São Paulo. E isso teve início no governo Montoro, que demonstrou sensibilidade para isso. A indústria, evidentemente, não gostou das medidas saneadoras, porque representavam custo adicional. Por isso o governo tomou a providência correta, um empréstimo do Banco Interamericano de Desenvolvimento, de modo que a indústria fazia o investimento, mas com pouco dinheiro. E a população se beneficiou.

José Goldemberg

Montoro, governador, tombou os Jardins como modelo de urbanização. Havia uma tese de graduação de Geografia na USP que mostrava que o conjunto dos Jardins formava uma floresta, uma mata artificialmente construída, mas que tinha influência muito grande no clima e na temperatura de São Paulo. Depois partimos

para uma empreitada ainda mais ousada do governo Montoro: o tombamento da Serra do Mar. Nos Estados onde ela não foi tombada, os índices de destruição da floresta são fulminantes. Montoro quis que o tombamento fosse emblemático. A cerimônia foi realizada na casa da antiga Light, na Serra do Mar, com a Orquestra Sinfônica do Estado, no fim da tarde, ao som do Hino Nacional. O Brasil todo assistiu ao espetáculo. Depois, verificamos que tínhamos para a fiscalização do litoral todo, duas viaturas Volkswagen. Eu, como secretário da Cultura, recebi o seguinte telefone de um cidadão: “Eu vi o tombamento da Serra do Mar, mas estão cortando árvores na Praia Vermelha”. Liguei para o secretário de Segurança e avisei. Ele mandou um helicóptero, que prendeu os vândalos e a notícia se espalhou. Todo mundo entendeu que o tombamento era para valer. É evidente que tem muito malandro cortando árvores ainda. Mas Montoro teve uma atitude num momento em que a preocupação ambiental era incipiente.

Jorge Cunha Lima

Tive a oportunidade de ir a casa dele, conversar com ele. E ele era uma pessoa muito, digamos assim, interessada no meio ambiente. Ele tinha, na biblioteca dele, vários livros sobre o tema, e eu não fui pedir nada especial. Fui apenas bater papo com ele sobre meio ambiente e, dessas conversas, eu guardo uma lembrança muito boa e saudosa, porque ele realmente era dos poucos governantes que se interessavam pelo meio ambiente. No governo federal deveria haver também uma abertura em relação ao meio ambiente. Ou seja, o meio ambiente precisava ter não uma constituição própria, porque isso seria absurdo. Mas precisaria ter alicerces próprios, saber qual era o seu lugar na vida republicana, e apresentamos, então, um projeto, digo a Secretaria Especial do Meio Ambiente. Mas era um projeto relativamente tímido. Nós achávamos, por exemplo, que não poderíamos exigir um estudo do impacto ambiental. Aí quando esse projeto chegou ao Congresso, foi criada uma comissão mista de governo e oposição para tratar do assunto. O objetivo da lei era traçar uma política de meio ambiente, mas não de maneira vaga, e sim dando respaldo legal para que realmente

pudesse ser criada toda uma nova estrutura ambiental no Brasil. O senador Franco Montoro colaborou muito. Uma das emendas que ele apresentou previa pena de prisão para os poluidores. Então, os empresários poluidores estariam sujeitos à prisão. E esse aspecto não foi aprovado pelo lado governamental.

Paulo Nogueira Neto

PRECURSOR DO AMBIENTALISMO

O Montoro, enquanto candidato a governador, fez questão de incluir a temática ambiental. Ou seja, falar em meio ambiente hoje, depois que nós temos aí os relatórios da ONU, mostrando os graves efeitos do aquecimento global, é muito fácil. Imaginar que o governador Montoro abriu espaço para esta temática naquela época, eu acho que é um registro histórico importante. E quando o governador é eleito, ele cria o primeiro Conselho Estadual do Meio Ambiente do Brasil e que era presidido por ele.

Fabio Feldman

Montoro relutou, mas aceitou ser o presidente do Conselho Estadual do Meio Ambiente, o primeiro que houve no País e que perdura 25 anos com responsabilidade e eficiência. Foi feito um trabalho para ampliar a discussão sobre questões ambientais e desenvolver uma política estadual de meio ambiente. A primeira a ser feita dentro do Conselho Estadual do Meio Ambiente (Consema) foi com a orquestração do Montoro. Organizamos um seminário, juntando, na região entre Cananéia e Paranaguá, os governadores Montoro e José Richa. O Montoro foi lá, tomou o helicóptero, e fez, na Ilha do Cardoso, uma discussão ampla sobre a proteção de todo esse lagamar, assinou um convênio com o Paraná, que representa o primeiro momento de discussão e de integração de esforços interestaduais.

José Pedro de Oliveira Costa

Havia um plano de instalar usinas nucleares na Juréia, que é no litoral sul de São Paulo, e o governador Montoro teve um papel

crucial no sentido de impedir a implantação das usinas nucleares. Os militares não se definiam se iriam ou não instalar as usinas, nunca houve uma manifestação oficial. Randau Marques, um dos primeiros grandes jornalistas nessa área, publicou uma matéria no Jornal da Tarde dizendo o seguinte: “Governo Federal desobedece Montoro”. Usinas nucleares serão construídas no litoral sul. E, diante dessa notícia, primeira página do jornal, o governador Montoro ligou para o presidente Figueiredo e conseguiu a confirmação oficial de que as usinas nucleares não seriam instaladas aqui, no que hoje é a Estação Ecológica da Juréia. Montoro foi uma referência importante para nós, primeiro, porque ele foi um dos primeiros políticos a convidar o movimento ambientalista a participar do processo. Na própria discussão das Diretas, o Montoro sempre assegurava a palavra ao representante do movimento ecológico. Nesse caso, quem sempre nos representava era a atriz Cacilda Lanuza, ecologista, uma atriz muito conhecida do início da televisão no Brasil. Depois, o Montoro cria a Secretaria Estadual do Meio Ambiente, que foi uma das primeiras secretarias do meio ambiente do Brasil, se não foi a primeira secretaria, e ele, em todos os momentos, abria espaço para essa discussão.

Fabio Feldman

Eu considero que, na década de 70, dentro Congresso, a liderança maior que existia em meio ambiente era o Montoro. Era um assunto que ele, por sua própria escolha, elegeu como um assunto importante. Ele tinha uma sensibilidade para isso, tinha discurso em relação a essa questão. Eu vejo Montoro com a mão aberta e dizendo: “O mundo é como uma nave espacial, onde não há limites para o que a gente pode fazer”. Ele repetiu isso inúmeras vezes como governador e acreditava nisso, tinha convicção disso. Montoro era um ecologista de primeira ordem, um dos mais influentes ou o mais influente dentro da história do Brasil que transformou a visão que o mundo tinha, que o Brasil tem do meio ambiente. Não apenas com o seu discurso, aliás com sua oratória brilhante, mas com sua convicção, com sua capacidade de convencimento, que na política deve ser considerada a arte mais significativa.

E isso era apresentado em discursos, em comícios, foi editado em livros, folhetos e jornais que resultaram das reuniões da rua Ma-

dre Teodora. E um deles era a visão abrangente da Serra do Mar. Essa visão abrangente resultou na criação, com a assinatura do Montoro, de uma área de proteção ambiental que vai de Peruíbe até a divisa do Paraná, no município de Cananéia e Jacupiranga. Essa foi a primeira vez que se fez um trabalho integrado, da mudança de escala no tratamento da questão ambiental, e de se tratar um bioma como um todo. Então, nós devemos ao Montoro essa visão integrada da proteção da Mata Atlântica e da Serra do Mar.

José Pedro de Oliveira Costa

Se hoje o meio ambiente tem no Brasil uma importância grande, produtiva, construtiva, na política brasileira, inclusive na política econômica e em qualquer aspecto político do País, Franco Montoro está na raiz. Com a colaboração de Franco Montoro demos um passo decisivo. Entre as coisas que foram criadas está o Conselho Nacional do Meio Ambiente, que é o único conselho no mundo que funciona com poderes quase parlamentares. Montoro estudou, trabalhou na criação desse conselho, que é o conselho que hoje estabelece as normas ambientais. Inclusive, por decisão do Congresso, esse conselho recebeu uma delegação do Congresso Brasileiro para regulamentar o uso dos recursos naturais do Brasil. É uma das grandes realizações do Franco Montoro, e muito pouco conhecida, porque foi um grupo de pessoas, mas ele era o líder da oposição, então a influência dele era determinante, era fundamental na redação dessa lei. E depois, mais tarde, Fábio Feldman apresentou uma emenda incorporando à lei a pena de prisão que o Montoro tinha previsto. Então, terminou tudo de acordo com o que Montoro queria.

Paulo Nogueira Neto

ESTAÇÃO ECOLÓGICA DA JURÉIA-ITATINS

Juntamente com o Montoro nós estivemos na luta contra a implantação das usinas nucleares no Estado de São Paulo. O governo federal pretendia instalar usinas em Iguape e em Peruíbe. Naquela época, nós criamos movimentos contra, fizemos muitas passeatas e campanhas contra a instalação das usinas nucleares

e Montoro participou e nos apoiou efetivamente. Começamos a trabalhar para aquela área uma proposta de estação ecológica. Exatamente porque ela tinha toda essa vocação, no litoral sul do Estado de São Paulo, onde está a primeira Estação Ecológica criada por lei estadual. Nós tivemos a informação de que um grande grupo imobiliário do Estado de São Paulo construir ali um grande empreendimento imobiliário. Fui ao gabinete do governador Montoro, conversei com ele, e solicitei que fosse editado um decreto de desapropriação daquela área visando exatamente impedir esse projeto imobiliário. Isso foi elaborado e, em janeiro de 86, o governador Montoro publicou o decreto e afastou de vez aquela preocupação que nós ambientalistas tínhamos.

Antonio Rubens Costa Lara

CUBATÃO

A poluição de Cubatão deteriorou a vegetação e provocou o desabamento da serra. Há fotos impressionantes desse episódio. Montoro me chamou: “O que fazemos? A Serra do Mar está desaparecendo”. Eu disse: “O que podemos fazer é controlar a poluição, agora nós temos que tentar fazer a recuperação da serra, mas acho que neste caso cabe um ato mais formal, mais simbólico. Nós temos a possibilidade de fazer o tombamento da Serra do Mar, da divisa do Rio de Janeiro até a divisa do Paraná, para que isto mostre a intenção do governo de que casos como este não se repitam”. Aquilo estava muito adiante do seu tempo. E as pessoas diziam: “Isso é uma loucura!” Citando Fernando Pessoa, o que seria do homem sem a loucura? Mas o Montoro não se preocupava, ele simplesmente avançava. E foi graças ao apoio dele que nós conseguimos pelo menos dez anos à frente. Isso funcionou como um alerta nacional para a questão da Mata Atlântica. O Paraná fez o tombamento da sua área de mata atlântica também. E o Montoro não queria que parasse por aí. Ele dizia: “Precisamos falar da Serra do Mar como um todo. Vamos chamar para a uma reunião o Espírito Santo e Santa Catarina. Eu quero presidir esta reunião”.

José Pedro de Oliveira Costa

SERRA DO MAR

Fizemos uma reunião no Palácio dos Bandeirantes, em 86, sob a presidência do Montoro, e que tratou da questão da Serra do Mar como um todo. Isso repercutiu muito, tanto que hoje a Serra do Mar é considerada patrimônio nacional pela Constituição brasileira, assim como pela Constituição estadual. Em seguida, houve a adesão de Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul a esse projeto, que passou a se chamar Consórcio Mata Atlântica. Esse consórcio, nessa reunião que Montoro presidiu, surgiu ainda a idéia de que nós tínhamos que reconhecer a Serra do Mar como patrimônio mundial. Então, Montoro realizou essa reunião no Palácio, com cinco Estados: Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Nessa reunião ficou latente, expressa, a necessidade de que tivéssemos um trabalho integrado. Houve proposta para que nós reconhecêssemos a Serra do Mar como patrimônio mundial.

José Pedro de Oliveira Costa

DESCENTRALIZAÇÃO

Hoje se fala em autonomia do Município, confiar no Município como experiência de desenvolvimento social. Isso é recente no Brasil. Essa tese foi minoritária durante muito tempo. Nem a esquerda defendia a descentralização. É importante frisar isso. A esquerda tinha aquela idéia de que descentralizar era entregar o poder para os coronéis, para os latifundiários. A esquerda, naquela época, era muito tecnocrática, falava muito do planejamento central. Modelos eram países que estavam se desenvolvendo recentemente, como a União Soviética. Os Estados Unidos há tempos tinham desenvolvido a autonomia local. Então, dentro desse caudal de idéias, o Montoro era uma voz isolada. Era o único entre poucos. Ele defendeu isso sempre, veio a aplicar em São Paulo, e na Constituinte defendeu muito essa causa, e finalmente a Constituição consagrou isso. Com as novas tecnologias, com todas as novas experiências que estamos vendo por toda parte, a idéia de combinar o local com o global, veio a acontecer depois. Mas o Montoro acreditou em tudo isso.

Bolívar Lamounier

O governador Franco Montoro, na minha opinião, apresentava duas características distintas que, a meu ver, se complementavam. Ele talvez tenha sido o primeiro administrador público neste País, à frente do governo de São Paulo, a introduzir métodos modernos de gestão pública, descentralizando decisões e estabelecendo metas que eram cobradas pelos seus secretários e demais integrantes de sua equipe. Planejamento talvez tenha sido a grande marca daquela gestão, que influenciou muitos governantes e até hoje é referência para outros tantos, entre os quais me incluo. Gestão eficiente, gestão planejada, estratégia para atingir objetivos, como um caminho para obtermos os resultados que nós queremos. Talvez ele tenha sido o mais moderno dos administradores do seu tempo.

Aécio Neves da Cunha

Montoro fazia parceria com os prefeitos. Nunca vi no passado, nem hoje, em nenhum instante em que andei pela vida pública parcerias iguais as que ele fez. Ele levou isso ao extremo. Praticamente ele delegava aos prefeitos do interior um exercício de tarefas que, em parte, eram funções também do governo do Estado. Mais do que isso: ele fazia os convênios; portanto, participando financeiramente dos meios necessários para levar a cabo, e os prefeitos, com muita frequência, colocavam placas nas obras em andamento como se fossem os verdadeiros executores. Andando pelo interior e vendo aquilo, dizíamos a ele: “Montoro, fulano e beltrano, na região, estão colocando placas para todos os lados com obras que nós sabemos que são convênios com o governo do Estado e não há uma vírgula reconhecendo a sua participação”. A resposta sistemática do Montoro: “Não há o que reclamar. Isto é um detalhe. É fundamental que façam a obra”.

Almino Monteiro Álvares Affonso

Em nenhum momento ele abriu mão da mensagem que era o cerne de seu governo, dos princípios que norteavam seu governo: descentralização e participação. Por isso que eu digo que o Montoro era um ser político total. Ele acreditava e fazia. Montoro pensava que nós devíamos reunir, em cada região, todos os prefeitos, para que eles mencionassem quais as principais estradas que estavam querendo asfaltar.

E enquanto não saísse a lista das estradas, a gente não encerrava a reunião. Ao fim de duas horas, eles entregavam a lista prontinha e, no fim, em termos técnicos, eram realmente aquelas estradas que interessavam. Era fantástico. Eu nunca tinha ouvido falar em algo assim. Geralmente o governante impõe as condições para realizar uma obra.

Antonio de Pádua Perosa

As medidas descentralizadoras do Montoro eram naturais. Não era uma concessão eleitoreira. Isso vinha naturalmente do Montoro. Ou vinha dele, ou, proposto a ele, ele aceitava um tipo de solução destas.

Darcy Passos

Foi desenvolvido um trabalho, um estudo para transformar as doze regiões administrativas em 40 e tantas regiões administrativas de governo. Esse estudo incluía bacias hidrográficas, vocação das microrregiões, que depois se tornaram regiões, e a escolha, com as lideranças locais, das cidades que deveriam compor as regiões de governo e de quem deveria ser o diretor desse escritório regional. Muito interessante que os prefeitos e os presidentes de Câmara de municípios tenham sido chamados a dar esta contribuição, mas também os presidentes regionais do nosso partido, o MDB ou PMDB, partido da época do governo.

Pedro Falabella Tavares de Lima

Era um homem de visão, de futuro, era um homem da descentralização. Ele não queria poder centralizado. Falava isso todo dia. E falava com tanto vigor, tanto amor, tanto entusiasmo, com tanta coragem, que nos deixou, a todos nós, sua obra, seu nome, seu empenho e sua história. Eu sou grata a André Franco Montoro.

Zulaiê Cobra

Montoro, como homem genial que era, conseguia antecipar o seu tempo, com uma gestão descentralizadora. Estamos falando da década de 80. Até hoje temos problemas de gestão centralizada e naquela época o Montoro já pregava a descentralização. O Estado não precisa estar no centro de tudo. Ao contrário, tem que delegar, como fazem as empresas

modernas e eficientes. Outra lição importante foi a participação da comunidade. Tem de deixar que a população participe do governo, opine no governo, de todas as formas. A população operária, os trabalhadores, a população mais humilde, os proscritos, a classe média, empresários, etc. Para Montoro não havia nenhuma discriminação.

João Dória Jr.

Eu cheguei a ser secretário da Julat, Juventude Latino-Americana e uma das atitudes que sempre me impressionaram foi Montoro batendo na tecla, no Ilam, de que é importante a participação de forma descentralizada. Ou seja, as pessoas participam no Município, na sua comunidade.

Florianio Pesaro

Durante meu governo, pude ver que Montoro ainda está presente em todo o Estado. E o que marcou muitos prefeitos foram as estradas vicinais. Foi Montoro que fez todo um planejamento de estradas vicinais para o Estado de São Paulo. E essas se mantêm até hoje e estão sendo agora recuperadas. As vicinais localizadas longe das estradas de maior intensidade de tráfego permitiram a união dos municípios. Pareciam uma pequena obra, mas tiveram uma contribuição muito grande no desenvolvimento de São Paulo.

Cláudio Lembo

Nas raras vezes em que eu conversei com ele sobre administração, ele tinha uma proposta que era a menina dos meus olhos: a interiorização do desenvolvimento. Quando a gente fala em interiorizar o desenvolvimento, sempre há a impressão de que talvez seja um sentimentalismo caipira, do homem nascido no interior. Desenvolver o interior é criar, sem artificialismo, desenvolver a vocação econômica de cada região, procurar industrializar de acordo com essa vocação, um meio de reter a população em sua região de origem, procurando humanizar e disciplinar o crescimento da capital. Porque a capital de São Paulo cresceu extraordinariamente pelo seu potencial econômico. Foi a meta do meu governo, e foi um ponto de contato que eu tive com o Franco Montoro. Ele também pensava dessa maneira.

Laudo Natel

Agora, na Secretaria da Educação do Estado, por incrível que pareça, estamos retomando algumas questões que avançaram durante o governo Montoro e depois pararam outra vez. Uma delas é a questão da descentralização. Antes do governo Montoro, a merenda era totalmente centralizada. A Secretaria da Educação comprava a merenda, armazenava, distribuía, e tinha que chegar às escolas. E é claro que acabava não chegando, porque produtos estragavam, eram desviados, e a escola recebia menos merenda e algumas, nem recebiam. E municipalizou a merenda e quem passou a cuidar foi o prefeito. O governo do Estado repassaria os recursos e as prefeituras comprariam a merenda conforme as suas características locais, regionais.

Gilda Figueiredo Portugal Gouveia.

Eu costumava ouvi-lo nos comícios. Muitas vezes, por causa da idéia de poder que vários políticos têm, eu pensava: “Montoro não gosta de poder. Ele só fala em descentralização e participação. Ele não concentrava o exercício poder.” Ele tinha a perspectiva de que o poder realmente tinha de ser exercido por todos. As pessoas o criticavam, falavam que ele trocava os nomes das pessoas, mas isso em nada, absolutamente em nada, diminui a importância política e histórica que ele teve.

Raul David do Valle Júnior

Algumas pessoas criticavam o Montoro, quando ele defendia a descentralização. Mas elas não conseguem imaginar o tamanho dos interesses que se envolvem em fábricas, em merenda escolar, o Montoro citava isso e era verdade.

João Helio Marques Russo.

Em relação à descentralização, em um dos textos que ele fez, de 1982, um pouco antes de tomar posse, ele dizia que o fato promissor no Brasil é o despertar da sociedade civil. Trabalhadores, pequenos e médios empresários, estudantes, mulheres, moradores de bairros, municípios e regiões, igrejas, intelectuais, artistas, sem-terra, sem-teto, e os demais grupos excluídos que hoje atuam na sociedade

tentando um espaço, fruto desse lado perverso da globalização que na época do Montoro ainda não existia.

Gilberto Dupas

Montoro valorizava extremamente as pequenas obras, sua vocação municipalista era inequívoca, ele tinha uma visão de não-concentração dos poderes, de entender que nos municípios poderiam ser feitas obras mais próximas à população, de prestar serviços diretamente à população e isso atendia melhor ao conjunto das pessoas. Então, um conjunto de pequenas obras foi valorizado no governo dele. E, ao longo desse tempo, especialmente no período em que estive na Secretaria do Interior, nós notávamos essa marca dessa descentralização, do empenho quanto à questão da participação popular e a presença de um governador atento.

Luiz Antonio Marrey

Eu disse a algumas pessoas, na época, que Montoro estava 50 anos à sua frente, por seu estilo de governar, por seu estilo participativo e não autoritário e por sua política de descentralização. Montoro era contra o centralismo. Abriu mão do poder, municipalizou decisões. Hoje a merenda escolar é municipalizada no Brasil. Ele começou isso. Nós fizemos a municipalização da merenda, a descentralização dos recursos da escola para compra do material escolar. Fizemos a municipalização da construção escolar. Conseguimos construir, no governo Montoro, em média uma escola por dia. Se você olhar hoje os professores mais antigos da rede, todos lembram do Montoro como o melhor governador para a educação no Estado de São Paulo.

Paulo Renato de Souza

Quando eu assumi, levei para o Montoro um programa com quatro mil quilômetros de estradas vicinais, que era o que ele queria. E o Serra dizia que não dava para fazer quatro mil, o dinheiro daria para fazer só 2.500 quilômetros. E eu disse: “Vamos manter o programa de quatro mil, porque muita coisa não acontece, não dá certo...”. E Montoro concordou. Anunciamos quatro mil para fazer

2.500, começamos e fizemos 5.600 quilômetros. No fim do governo tínhamos feito 3.600 quilômetros asfaltados.

Adriano Murgel Branco

PARTICIPAÇÃO

Primeiro eu tive a oportunidade de dirigir a chamada Sorbonne, que foi a junção de mais de 1.500 profissionais, técnicos. O Montoro ia lá, dava diretrizes, chamava o pessoal de cada área, todos discutindo, com informações recolhidas para criar um plano de governo em todas as áreas.

Carlos Alfredo de Souza Queiroz

A construção do programa de Montoro para governador se deu exatamente em cima desse viés da participação. Aí, ele instalou aquela quantidade de grupos. Não era só na capital. Era no Estado inteiro. Ele acreditou nisso e inovou as campanhas políticas a partir daí. Nunca mais as campanhas, da nossa turma pelo menos, foram feitas sem alguma coisa da rua Madre Teodora. E isso também se espalhou para o resto da atividade política no País. Ele tinha uma teoria por trás disso. Não era só uma intuição política. O Montoro achava que, quando você abre espaço para a participação, começa a criar compromisso. Isso hoje é a base de toda a administração moderna, até nas empresas, e é fundamental para que uma organização sobreviva no mundo de mudanças por que nossa cultura passa; passa por essa criação de compromisso, de missão, de uma visão de futuro. Visão essa que deve ser criada coletivamente.

Clóvis de Barros Carvalho

Acho que foi uma experiência única no Brasil, de você ter um planejamento participativo, onde havia uma orientação política, dentro da democracia e da justiça social, da participação e da descentralização, típicas de uma democracia, e a geração de empregos no quesito justiça social. E com essa orientação se organizou uma proposta que foi sendo implementada com enormes dificuldades financeiras, mas que foram superadas pelo entusiasmo e pela adesão de toda a administração com

essas idéias. Eu digo que foi uma experiência única porque eram, em grande parte, pessoas desinteressadas.

André Franco Montoro Filho

Montoro dizia aquela famosa frase dele: o cidadão não mora na União, nem no Estado, mora no Município. Então, ele quer saber sobre seu Município, isso é o mais importante. Então, cada prefeito, quando escolhia uma estrada, sabia que teria de enfrentar a população dele. E ele não escolheria uma estrada que não fosse unanimidade. Era uma coisa difícil. Às vezes acontecia de um prefeito citar o nome de uma estrada que não correspondia a uma necessidade da população. E os outros prefeitos vetavam: não, essa não é importante, essa vai para o teu sítio, para a tua fazenda. Isso não interessa. Então, o interesse público estava preservado.

Antonio de Pádua Perosa

Quando Montoro era governador houve um problema em uma favela, porque decidiram construir ali um colégio, que hoje é um bairro, em São Bernardo. E nessa construção, quem participou foi o pessoal da favela. E o Montoro, como governador, foi convidado a inaugurar e lá ele comentou com o secretário da Educação, na época o Paulo Renato, que a escola não iria durar, porque não tinha janelas. E aí um dos pedreiros, que era da comunidade, disse: “Governador, eu estou dizendo isso para o senhor e para quem quiser ouvir: essa escola vai durar, ninguém vai mexer nela, porque fomos nós que fizemos”. E o governador se desculpou. E você sabe que até hoje tenho notícias daquela escola e ela é a mesma escola, construída pela comunidade.

Décio Moreira

Montoro acreditava muito em sempre promover a transparência, a participação das pessoas dentro do governo, tudo aquilo que pudesse representar consulta à população, ele era um entusiasta disso, inclusive um estimulador das formas cooperativas de produção.

Eduardo Matarazzo Suplicy

Montoro tinha convicção na participação, no trabalho em conjunto e integrado – e isso eu aprendi com ele, que a única forma de fazer alguma

coisa, de caminhar politicamente, é juntar esforços, convencer pessoas; e nós fomos fazendo isso e conseguimos uma proposta de governo bastante atraente. Proposta esta que serviu, sim, de base para os quatro anos em que o Montoro atuou no governo do Estado de São Paulo.

José Pedro de Oliveira Costa

Em meu governo apliquei muito do que aprendi com Montoro. Primeiro, a democracia como valor. Porque a democracia não é só eleger pessoas, mas participação, organização da sociedade civil. Comunidade de bairro, igreja, escola, governar juntos. Governo moderno é aquele que interage, que ouve, debate, dialoga, e decide. Ouvir mais. Quando um governo ouve mais, erra menos. Um governo mais participativo não é que ele não vá errar, mas tem maiores possibilidades de ter mais acertos.

Geraldo Alckmin

CONFIANÇA NOS COLABORADORES

O que me impressionou no governo Montoro é que fui secretário dele, durante cinco anos, e raras vezes vi uma pessoa tratar um subordinado com tanta deferência e tanta cordialidade. Por exemplo: havia listas de nomeações para entidades e eu encaminhava o que a entidade me havia enviado, da lista tríplice, ou quintuplices. Montoro, não havia uma ocasião que ele não telefonasse e perguntasse: “É o primeiro da lista, mesmo?” E eu dizia que sim. Quer dizer, ele ainda fazia uma deferência, apesar de ter encaminhado, de me consultar e de ter a minha palavra pessoal de que era a pessoa que eu apoiava para aquele lugar..

Einar Alberto Kok

É preciso dizer quem era Montoro. Já disseram muita coisa e eu subscrevo tudo o que disseram sobre ele. Mas ele tinha um traço muito raro. Ele era um homem de boa fé. Ele confiava nos outros. Ele delegava poder. Ele delegou poder a todos os seus secretários. Nós agíamos com a maior autonomia, e ele sempre apoiando os secretários, não deixava aquela coisa da intriga, da pichação; ele não admitia. Por isso eu cumpria essa missão difícil e delicada, porque ele confiava e estimulava.

Roberto Herbster Gusmão

TRABALHO EM EQUIPE

Outro aspecto admirável em seu governo foi um método que, oxalá, os outros governadores tivessem tomado como exemplo e prosseguido como prática normal, que eram os Conselhos. Isso é um achado em termos de governar admirável. Ali passávamos uma, duas, três horas, às vezes uma manhã inteira, de nove da manhã até meio-dia, ou uma da tarde toda, discutindo isso com várias secretarias. E o Montoro ali estava presidindo, literalmente presidindo, o debate. Não era ele que estava determinando, era ele ouvindo e evidentemente dali extraindo as decisões que lhe pareciam ser adequadas.

Almino Monteiro Álvares Affonso

Montoro foi apoiado pelo funcionalismo, especialmente pelos professores. Ele criou a Comissão de Política Salarial, presidida pelo Almir Pazzianoto, secretário do Trabalho, mas integrada pelo Sayad, da Fazenda, pelo secretário da Educação, que era o Paulo de Tarso, pelo secretário da Saúde, que era o João Yunes, pelo secretário da Administração, que era o Mesquita, e eu funcionava como secretário-executivo dessa comissão.

Quando fui indicado por Montoro para assumir a secretaria de Educação, momentos antes de ele me apresentar para a imprensa, trocamos algumas idéias e quando entramos Montoro disse: “Gostaria de apresentar o novo secretário da Educação”. Aí perguntaram: “Qual é o critério para a escolha?” O Montoro respondeu: “A competência”. E foi embora. Me deixou sozinho, lá, com as feras. Montoro e Fernando Henrique são personalidades que não são exatamente coincidentes, mas têm algo em paralelo. Os dois respeitam muito as decisões dos seus auxiliares, isso é muito importante, eles dão muita liberdade para trabalhar. Discutem, claro, sem nenhuma dúvida. Dão as orientações gerais, mas no dia-a-dia não se metem. Nem Montoro, nem FHC.

Paulo Renato de Souza

Montoro dizia que o maestro não precisa saber todos os instrumentos, mas ele tem que formar equipe, formar time. Governo é equipe, é time; escolher bem a equipe para poder trabalhar pela população

Geraldo Alckmin

Montoro, como governador, dava liberdade de ação à equipe dele, cobrando resultados, mas absolutamente fora do foco de pressões que não fossem de interesse público. Isso sempre ficou para mim como um símbolo de uma época em que a prioridade pública parecia intocada e preservada. Essas características do Montoro acredito que sejam referências de uma fase do Brasil.

Gilberto Dupas

Meu pai sempre ouvia as pessoas. Ele sempre procurou especialistas nas diversas áreas para discutir as idéias e, depois, ele tinha uma grande capacidade de pegar essas idéias e transformar em ações políticas, em motivações políticas, bandeiras políticas, sempre baseadas em sugestões. Quando começou a campanha para governador, uma das preocupações do meu pai foi criar um grupo de estudos, de pessoas que pudessem trabalhar em termos das prioridades para o governo. E criou até a AED, que tinha por objetivo discutir os problemas da cidade de São Paulo, a Associação de Estudos do Desenvolvimento, que foi inicialmente dirigida pelo Marcos Fonseca.

André Franco Montoro Filho

PARTICIPAÇÃO DE MINORIAS

Em 1984 fui nomeada chefe de gabinete do secretário Paulo Renato, pelo governador Montoro. Fui a primeira mulher a ter um cargo executivo no segundo escalão do governo. Naquela época, principalmente em São Paulo, mulher não ocupava nenhum cargo executivo. Eram sempre cargos de assessoria.

Gilda Figueiredo Portugal Gouveia

Montoro me convidou para ser secretário de uma das bandeiras que tinham a marca, o rosto, a alma dele, que é a participação. Ele criou a Secretaria da Participação, onde eu convivi com ele, como secretário de Estado, por dois anos. Pelo menos uma vez por semana almoçava no Palácio, e ele realmente era um homem muito ligado à questão da participação. A bandeira da participação é dele. Qualquer coisa que se faça atualmente nesse sentido, as

raízes estarão no movimento que ele criou. E, do ponto de vista da participação da sociedade civil, ele tem um marco histórico também nacional, pois foi ele quem criou o Conselho da Mulher, o Conselho de Segurança, as Delegacias da Mulher, com o apoio do secretário de Segurança, Michel Temer. Atualmente, há ações que são triviais na política brasileira, como orçamento participativo, políticas públicas. Tudo teve origem na administração Montoro. Em relação à gestão, ele dividiu o governo em várias esferas, ou conselhos. Cada conselho era composto por secretarias e estatais com afinidades administrativas ou de objetivos. E ele presidia as reuniões desses conselhos. E, a cada dia, havia uma reunião de um conselho. E ele religiosamente presidia as reuniões. Assim ele tinha uma visão global. Não só acompanhava o andamento dos projetos e trabalhos, como era um incentivador. Outros governadores preferem o sistema de despacho individual, teve um até que se notabilizou porque mandava bilhetinhos. A manhã de Montoro começava na presidência dos conselhos. Era uma relação muito direta com o governador, fosse um secretário, um presidente de autarquia ou de estatal, ou seja, um alto funcionário.

José Gregori

Eu sempre dizia para ele que me sentia um anarquista, mas que, no fundo, ele era muito mais anarquista do que eu. Para o Montoro a participação organizacional vinha da base, como ele dizia, sem interferência do Estado. O Estado tem de participar, mas ele não pode ser cooptador desses movimentos. Um dia disse para ele: “O senhor é um anarquista. Isso é o fundamento anárquico”.

Carlos Alfredo de Souza Queiroz

Montoro era um democrata que acreditava na democracia participativa, como autogestão ou pelo menos na participação dos trabalhadores no núcleo das empresas. Ele iniciou um programa para que nas estatais paulistas houvesse a participação dos trabalhadores. E, dadas a minha origem democrata-cristã, eu me empenhei em fazer isso dentro do Banespa. Nós instituímos um diretor eleito pelos funcionários, demos atribuições a ele, e a coisa funcionou muito

bem. Mas em alguns casos que não. Este tipo de coisa tem um certo elemento utópico inevitável. No fundo, essas posturas são um pouco incompatíveis com o capitalismo. Porque, se nós formos avaliar Montoro, nós entendemos que ele era um democrata.

Luiz Carlos Bresser Pereira

Quero deixar bem claro nesse depoimento: Montoro era um feminista. Não só criou o Conselho Estadual da Condição Feminina, como a Delegacia da Mulher. E eu ajudei nesses dois momentos. Ele me dizia: “Zulaiê, nós precisamos fazer as mulheres fazerem política neste País”. Ele tinha uma visão de futuro. Lá atrás, em 1985, 1986, ele achava que as mulheres deveriam participar mais da vida política.

Zulaiê Cobra

Um outro aspecto que não foi realizado foi a tese da participação dos funcionários na administração pública. As diretorias das várias empresas estatais teriam também um representante eleito pelos funcionários. Tenho a impressão de que poucos cumpriram isso. Nesta dinâmica democratizante, o que eu vejo é a participação dos negros no governo Montoro. Quem antes havia se preocupado em convidar um negro para participar do governo? De modo que se criou o Conselho da Condição Negra. Havia uma figura forte, um líder sindical, o Hélio Santos. E outra iniciativa foi a criação da Delegacia da Mulher, que teve a co-participação do secretário de Segurança na época, o deputado Michel Temer. Ter uma delegada mulher é uma transfiguração em matéria de direitos femininos realmente executáveis. Isso é obra iniciada pelo governo Montoro.

Almino Monteiro Álvares Affonso

DIREITOS HUMANOS

Eu fui me reaproximar do Montoro já no governo de São Paulo, em 1995, em que Montoro era uma referência, não só na questão de terras, que nós falamos agora, mas também na questão de políticas de

direitos humanos. Toda vez que nós citávamos conceitos na área de direitos humanos, vinha a lição de Montoro. Ele e alguns ministros tinham a idéia de que nos anos 90 havia terminado a fase das declarações de direitos. Ou a fase da enunciação das declarações como uma forma de referência aos direitos humanos. A hora era de implantar, de agir e criar políticas de solidariedade que refletissem os conceitos que haviam sido pensados até então. E ele tinha uma frase – a última conferência que ele deu foi na Secretaria da Justiça, no espaço que hoje se chama Franco Montoro, mas na época era o espaço Cidadania e Tolerância. A ONU tinha incentivado, em 1998, a criação de espaços de tolerância, onde temas seriam debatidos, sempre com a preocupação de se chegar a uma política pública determinada. E Montoro deu uma aula, eu lembro que ele colocou num de seus textos: “ Não basta ensinar os direitos humanos, é preciso criar uma cultura prática desses direitos. As palavras voam, os escritos permanecem, os exemplos arrastam. Falar é uma coisa importante, mas você se comprometer com a palavra, o escrito, é uma coisa mais importante, você viver de acordo com o que você disse que era importante, isso arrastava.” Quer dizer, o caminho é avançar no exercício da solidariedade.

Montoro recebeu, em vida, em 1998, o prêmio de Direitos Humanos, numa circunstância bastante curiosa, porque o Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana no Estado era um órgão que estava recheado de representantes de grupos ligados à Igreja, a movimentos de base, muitos deles, portanto, próximos ao Partido dos Trabalhadores, e a indicação do Montoro foi unânime. Ele foi receber este prêmio no Palácio dos Bandeirantes em dezembro de 98. Ele havia sido indicado por unanimidade. Eu fiz uma saudação a ele e na saudação eu brincava que ele era uma pessoa jurídica, não como instituição, mas fundamentalmente pela sua relação com a esposa.

Belisário dos Santos Júnior

No governo de Montoro também houve uma marca muito forte da defesa dos direitos humanos, que era a contraposição do arbítrio que existia no período anterior. Havia, como secretário da Justiça, José Carlos Dias, e depois ministro, que representou esta luta do estabelecer o limite da ação do Estado, da garantia dos di-

reitos fundamentais, do respeito à pessoa humana, que são valores universais consagrados na carta da ONU e que muitas vezes ainda hoje não são praticados no Brasil.

Luiz Antonio Marrey

AMÉRICA LATINA

INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

Quando governador de São Paulo, convidei Franco Montoro para ser presidente do Conselho da Fundação Memorial da América Latina. Isso porque, na história da instituição, já havia a previsão de construção do Parlatino. E nós queríamos, realmente, que o Parlamento Latino-Americano tivesse a sua sede em São Paulo, que é a principal cidade da América do Sul. E Montoro, na época, não apenas presidiu o conselho, como me ajudou muito na implantação do Parlatino. Ele se dedicava de corpo e alma à idéia da integração latino-americana.

Luiz Antonio Fleury Filho

Não sei de ninguém que tenha tido tanto ardor defendendo a integração latino-americana.

Almino Monteiro Álvares Affonso

Meu pai sempre cuidou muito da questão ecológica. Ele sempre se preocupou com o sonho da hidrovia sobre o Rio Paraná. Sonhou até com uma hidrovia que iria do Orenoco até Mar del Plata. Era um sonho dele, meio difícil de realizar, mas ele sonhava com isso. Ele sempre foi ligado ao meio ambiente e à questão dos rios. Ele citava Euclides da Cunha.

O primeiro discurso que ele fez, como deputado federal, ainda no Rio de Janeiro, foi sobre a integração da América Latina. Ele vivia com um livrinho que era assim, a integração como luz solar. Ele ficava com medo do domínio americano; o domínio americano, o crescimento dos Estados Unidos fez com que a Europa sumisse. E Montoro argumentava: “Por que uma situação bipolar? Vamos integrar a América Latina, podemos ser uma terceira força. Um multipolar, não bipolar.” E ele, realmente, sonhava com isso, mas eu acho que foi pouco compreendido nessa área. Os discípulos não foram para frente com a integração.

Ricardo Montoro

A integração da América Latina foi uma preocupação constante dele, e com a qual ele se envolveu antes de se falar neste tema. Penso que tudo teve origem nessa primeira reunião, quando ele foi ao Uruguai, conheceu pessoas e verificou que poderia, a partir de então, ampliar esse espectro ideológico, político, com parceiros. Porque eram parceiros que viviam a mesma realidade. Na verdade, a democracia cristã. Papai sempre brincava que a democracia cristã é aquela que se opunha ao capitalismo, que é o grande elemento explorador da América Latina, mas dizia que também o comunismo não era uma solução. Então a própria democracia cristã falava: “Nem o capitalismo, nem o comunismo, mas a democracia cristã.” Nem o que separa, nem o que mata, mas aquele que abraça, acolhe, toda aquela questão do gestual. Papai sempre acreditou muito nessa possibilidade da força por meio da união. E a força tinha que vir de seres que têm uma mesma problemática, mesmas vivências e dificuldades, enfim. E o absurdo que era o fato de estarmos vivendo antagonismos, quando na realidade tínhamos que nos unir. E realmente a integração da América Latina foi o tempo inteiro um

assunto marcante. Pena que o Memorial da América Latina não tenha sido feito por ele.

A integração da América Latina era um discurso recorrente do papai. Na época em que estava no governo, ele foi à maioria das posses de presidentes. Tivemos o Alfonsín, o Sanguinetti, o Frei, o Caldera, enfim, ele fez questão de mostrar uma profunda adesão, sua satisfação e sua felicidade com a eleição dessas figuras com as quais se identificavam, algumas por serem democratas cristãs, mas nem todas eram. O Alfonsín era da União Cívica Radical. O Sanguinetti também não era. Mas eram pessoas que tinham em comum essa necessidade de luta pelos mesmos ideais.

Malu Montoro Jens

Ele sempre pregou a união da América Latina. O que parece óbvio, hoje, no Mercosul, naquela época não se comentava. Montoro chegava a dizer que o futuro da América Latina era ou a união ou a pobreza. Lutou e conseguiu colocar, na nossa Constituição, que o Brasil fará todos os esforços para unir a América Latina.

Ney Castro Alves

Eu era assessor especial do doutor Ulisses, e Montoro mandou para mim o texto que se incluiu na Constituição sobre a integração da América Latina. Ele ligava repetidas vezes para saber como estava o destino do texto sobre América Latina.

Miguel Reale Jr.

Ele, quando ex-governador, me disse: “Estou empenhado com o novo reitor para criar um centro de formação de mestrado interdisciplinar para a América Latina. E eu quero que você esteja comigo nesse projeto”. Era o projeto do Prolam, Programa Latino-Americano de Pós-Graduação e Mestrado. Particpei de algumas reuniões que foram feitas na reitoria e no Ilam. Foi Franco Montoro que tinha indicado meu nome para dirigir o programa. Mas, dentro das regras da universidade, as coisas são diferentes e acabei não entrando no programa, mas ele foi um dos grandes incentivadores e até mesmo deu linhas de direção.

Maria Luiza Marcilio

Ele teve uma convivência com um movimento internacional que pedia o perdão da dívida externa. Houve todo um movimento, principalmente europeu, de espanhóis, que defendiam a idéia de que a dívida era impagável, só atrapalhava o desenvolvimento dos países e que, portanto, tinha que se dar um passo no internacionalismo, haver um perdão da dívida. E, inclusive, se essa dívida fosse auditada, seria como as dívidas de cartão de crédito hoje: você descobre uma porção de coisas que paga que não se justifica. Então, com base nisso, criou-se esse movimento que foi muito ativo na década de 80. O Montoro sempre tinha várias idéias, algumas recorrentes. Como a da América Latina. Ele tinha essa idéia de que nós constituímos uma só família, temos de nos integrar mais. A outra idéia era a do parlamentarismo. Ele sempre defendeu o parlamentarismo como o melhor sistema de governo, melhor que o presidencialismo. Outra, a questão da participação, e outra ainda, o perdão da dívida externa.

José Gregori

Na USP, na qualidade de professora-titular de História da América Latina, no curso de História, fundei o Centro de Estudos e Demografia Histórica da América Latina, o Cedhal. Aí comecei a ter um primeiro contato com o Montoro, em 86, por aí. E, nessa altura, ele logo mostrou interesse em conhecer o Cedhal e esteve lá como governador, num centro ainda pequenino, em formação, que não tinha personalidade muito definida. E mostrou, desde o início, interesse especial pela América Latina e pelos estudos que se faziam sobre o tema. Como achava que a USP não tinha estudos, centros, grupos formados de pesquisadores sobre a América Latina, e isso era urgente, ele deu importância ao Cedhal.

Maria Luiza Marcilio

Montoro insistentemente chamava a atenção para o fato de que se fizesse na América Latina o que se havia feito na Europa, em relação à integração. Ou seja, a União Européia que nós vemos hoje, fulgurante, crescente, brigando para rejeitar países que querem participar, começou de um pequeno acordo do carvão e

do aço, promovido por alguns democratas-cristãos. Ou seja, havia a preocupação real do Montoro de levar esta discussão para o nível nacional. Ele levava o tema para a periferia de São Paulo e lá mostrava que o assunto não tinha nada de pedante, que estávamos discutindo coisas fundamentais de serem entendidas, porque a integração seria o caminho da humanidade.

João Carlos Meirelles

Quando a Fundação Adenauer chegou ao Brasil, eu fui trabalhar lá e acabei sendo a interface entre a fundação e o doutor André. Aquele fluxo Ilam-Fundação Adenauer ficou muito intenso, nas discussões sobre União Européia, Mercosul, cooperação internacional, reformas política e, eleitoral. Era início dos anos 90. O primeiro seminário que a fundação teve aqui foi organizado pelo doutor André, para discutir sobre o sistema eleitoral e partidário. Foi em julho de 1992. Traduzimos os textos alemães sobre como funcionavam o voto distrital na Alemanha, o sistema parlamentar misto, muito descentralizado, que eram bandeiras fortíssimas do doutor André.

José Mario Brasiliense Carneiro

Há muitos anos, quando Montoro começou a falar sobre integração latino-americana, a atuar aqui em São Paulo, ele fundou um instituto para fazer isso. Era uma idéia um pouco distante, remota, parecia uma coisa visionária. Hoje estamos falando de integração física, de vários outros aspectos. Não está feito ainda, claro que não. O Mercosul está cambaleando, mas eu acho que a idéia está plantada. Então, como uma tentativa de resumir, o Montoro foi um político na mais alta acepção da palavra.

Bolívar Lamounier

Montoro formou um verdadeiro ministério no governo de São Paulo. Um homem de grande visão. Quando ninguém falava em integração latino-americana, e os países estavam de costas praticamente uns para os outros, e eram países vizinhos, Montoro já pregava esse tema.

Geraldo Alckmin

Montoro lutava pela união dos povos da América Latina desde antes ter surgido a idéia do Mercosul. Um artigo da Constituição revela seu sonho de integração latino-americana. Essa foi uma das suas preocupações como presidente de honra do Instituto Latino-Americano, cargo que exerceu de 1987 a 1994. Montoro influenciou decisivamente para a aprovação do dispositivo constitucional que dispõe que o Brasil buscará a integração política, social e cultural dos povos da América Latina para formação de uma comunidade latino-americana de nações.

Pedro Simon

A ÚLTIMA MISSÃO

Papai morreu no auge do prestígio. Quando ele morreu, morreu articulando. Nós estamos no Memorial da América Latina. O que ele foi fazer no México? Ele ia para o México por dois motivos: um era para fazer o discurso da dívida externa. Ele dizia: “Os países do Terceiro Mundo não podem pagar juros tão altos pela dívida externa. Juros esses ditados pelo mercado financeiro.” Era uma coisa que, como jurista, ele conseguia defender. Era completamente revolucionário. Diziam para ele: “Você é louco.” Mas ele falava. E o pessoal prestava atenção e achava que ele tinha razão. Mas ele ia fazer outra coisa também: estava articulando no Memorial, um parlamento. O Parlamento Latino-Americano é também cria dele. Era um acordo entre os países. Nós vamos fazer a sede do Parlamento em São Paulo, cujo governo custeou a construção. Pois bem: o Parlamento Latino-Americano viria para São Paulo, instalado aqui no prédio. Mas a presidência seria sempre de um não-brasileiro. Havia esta norma. E estávamos prestes a ter uma nova eleição no parlamento. E aí um grupo latino-americano quis mudar essa regra. Vamos colocar um brasileiro na presidência. Podia ser o Montoro? Talvez ele, mas podia ser o Ney Lopes que era deputado e também membro do Parlamento. O Montoro ia para pegar o voto do México. Então, ele articulava isso para dar vida ao parlamento. Tanto que, no enterro dele, no caixão, no Palácio dos Bandeirantes, tinha a bandeira de São Paulo, do Brasil e do Parlatino Latino-Americano.

Eugênio Montoro

Montoro morreu trabalhando, com 85 anos, falando ao telefone com o Fernando Henrique, dando satisfação sobre o trabalho dele, sobre o que ele ia fazer no México, e aí teve o problema no aeroporto e morreu trabalhando. Esse exemplo de vida, de seriedade, de trabalho, responsável por essa mudança para derrubar a ditadura e implantar a democracia.

Guilherme Ramalho

Adriano Murgel Branco 188, 194, 258, 281, 302, 318
Engenheiro e Administrador

Aécio Neves da Cunha 183, 313
Governador do Estado de Minas Gerais

Alberto Goldman 195, 285, 294
Vice-governador do Estado de São Paulo

Alberto Parahyba Quartim de Moraes 293
Jornalista e Editor

Alceu de Amoroso Lima Filho 223
Engenheiro

Almino Monteiro Álvares Affonso 220, 270, 280, 296, 304, 313, 321, 324, 329
Advogado

Almir Pazzianotto Pinto 174, 175, 181, 248, 268, 272
Advogado

Aloysio Nunes Ferreira Filho 184, 278
Secretário Chefe da Casa Civil do Estado de São Paulo

André Franco Montoro Filho 161, 294, 319, 322
Professor da USP e Presidente do Instituto Brasileiro de Ética Concorrencial - Etc

Andrés Zaldivar Larrain 29
Senador da República do Chile

Andrea Calabi 184, 263
Economista e Empresário

Antonio Angarita 175, 184, 214, 234, 260, 263
Advogado e Vice-Diretor da Faculdade de Direito da FGV

Antonio de Pádua Perosa 278, 296, 314, 319

Engenheiro Agrônomo

Antônio Hélio Guerra Vieira 238, 240, 243

Ex-Reitor da USP

Antonio Rubens Costa Lara 171, 271, 295, 305, 311

Assessor Especial do Governo do Estado de São Paulo

Audálio Dantas 173, 182

Jornalista

Belisário dos Santos Júnior 185, 200, 213, 234, 275, 325

Advogado

Bolívar Lamounier 204, 213, 214, 233, 250, 257, 258, 276, 312, 333

Cientista Político

Boris Fausto 253, 302

Historiador e Professor da USP

Cândido Antonio Mendes de Almeida 171, 203, 220, 253, 304

Reitor da Universidade Cândido Mendes

Carlos Alfredo de Souza Queiroz 223, 238, 282, 301, 318, 323

Assistente Social

Célia Ventura de Brito 170, 171, 196, 198

Ex-secretária particular de Franco Montoro

Celso Lafer 208, 265, 274, 300

Presidente da Fapesp e Professor da USP

Cláudio Lembo 225, 237, 315

Ex-Governador do Estado de São Paulo

Clóvis de Barros Carvalho 169, 173, 178, 259, 318
Secretário de Governo do Município de São Paulo

Clóvis Garcia 174, 210, 211, 229, 279
Professor da ECA-USP

Darcy Passos 198, 205, 210, 228, 314
Advogado

Décio Moreira 220, 319
Advogado

Dom Cândido Padim 162, 211, 212
Monge Beneditino e Bispo

Eduardo Matarazzo Suplicy 175, 264, 319
Senador da República

Eduardo Muylaert 45
Advogado e Conselheiro do Tribunal Regional Eleitoral

Egydio Bianchi 196, 273, 292
Diretor da CET

Einar Alberto Kok 166, 173, 192, 214, 320
Empresário

Eugênio Montoro 161, 204, 220, 235, 251, 261, 262, 286, 334
Professor da FGV

Eva Alterman Blay 180
Socióloga e Professora da USP

Fabio Feldman 304, 308, 309
Secretário Executivo do Fórum Paulista de Mudanças Climáticas

Fabio Magalhães 266, 271

Museólogo e Historiador de arte

Feres Sabino 196

Advogado

Fernando Henrique Cardoso 35

Sociólogo e Ex-Presidente da República

Fernando Leça 21

Presidente da Fundação Memorial da América Latina

Flávio Fava de Moraes 242

Ex-Reitor da USP e Diretor Geral da Fundação Faculdade de Medicina da USP

Flávio Flores da Cunha Bierrenbach 192, 229, 238, 261, 276, 297

Ministro do Superior Tribunal Militar

Floriano Pesaro 276, 315

Secretário Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social

Geraldo Alckmin 170, 172, 266, 301, 320, 321, 333

Ex-governador do Estado de São Paulo

Gilberto Dupas 189, 207, 281, 299, 317, 322

Presidente do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais e Coordenador Geral do Grupo de Conjuntura Internacional da USP

Gilda Figueiredo Portugal Gouveia 160, 187, 191, 316, 322

Socióloga e Professora da Unicamp

Guilherme Ramalho 209, 226, 237, 299, 335

Advogado

Hélio Bicudo 181, 278

Advogado

Jacques Marcovitch 177

Ex-Reitor da USP

João Carlos Meirelles 199, 206, 213, 219, 227, 229, 249, 333

Engenheiro e Empresário

João Dória Jr. 164, 165, 171, 221, 265, 273, 286, 294, 298, 315

Publicitário e Jornalista

João Hélio Marques Russo 224, 301, 316

Jornalista

João Quartim de Moraes 179

Professor da Unicamp

João Sayad 174, 177, 187, 275, 280

Secretário de Cultura do Estado de São Paulo

Jorge da Cunha Lima 307

Presidente do Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta

Jorge Nagle 179, 240, 241

Ex-Reitor da Unesp

José Augusto Guilhaon Albuquerque 95

Professor de Relações Internacionais da USP

José Aristodemo Pinotti 25

Deputado Federal

José Carlos Dias 185, 196, 251, 270

Advogado Criminalista

José Carlos Vaz de Lima

Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo

José Carlos Seixas 198, 267, 273

Assessor Técnico de Gabinete da Secretaria de Estado da Saúde

José Goldemberg 182, 188, 197, 242, 252, 265, 306

Ex-Reitor da USP e Presidente do Conselho de Bioenergia do Estado de São Paulo

José Gregori 265, 269, 287, 323, 332

Presidente da Comissão Municipal dos Direitos Humanos de São Paulo

José Henrique Reis Lobo 248, 253, 276

Secretário de Relações Institucionais do Estado de São Paulo

José Luiz Portella Pereira 193, 207, 285, 288

Secretário dos Transportes Metropolitanos do Estado de São Paulo

José Maria Marin 186, 225

Ex-Governador do Estado de São Paulo

José Mário Brasiliense Carneiro 222, 333

Advogado e Administrador público

José Pedro de Oliveira Costa 165, 177, 259, 308, 310, 311, 312, 320

Professor da FAU-USP

José Serra

Governador do Estado de São Paulo

Lafayette Pozzoli 163, 210, 236

Advogado e Professor da PUC-SP

Laudo Natel 235, 315

Ex-Governador do Estado de São Paulo

Luiz Antonio Fleury Filho 264, 279, 329

Ex-Governador do Estado de São Paulo

Luiz Antonio Marrey 189, 197, 209, 239, 317, 326

Secretário da Justiça e Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo

Luiz Carlos Bresser Pereira 195, 197, 262, 301, 324

Professor da FGV

Luiz Eduardo Cerqueira Magalhães 163, 166, 204, 235

Físico e Diretor geral do Colégio Santa Cruz e da Fundação Santa Cruz.

Luiz Eduardo W. Wanderley 228

Ex-Reitor da PUC-SP

Luiz Henrique da Silveira 275

Governador do Estado de Santa Catarina

Luiz Máximo 191, 295, 300

Promotor de Justiça

Malu Montoro Jens 172, 182, 206, 222, 271, 298, 331

Diretora do Colégio Santa Cruz

Manoel Felismino dos Santos 200, 226

Jornalista e professor

Marco Antonio Castello Branco de Oliveira 187, 199, 239, 293

Advogado

Marcos Giannetti da Fonseca 79

Economista e Professor da USP

Marcos Mendonça 193, 262, 283

Membro do Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta

Maria Luiza Marcílio 207, 212, 331, 332

Professora da USP

Michel Temer 227

Deputado Federal e Presidente Nacional do PMDB

Miguel Reale Jr. 242, 293, 321

Advogado e Professor da USP

Modesto Carvalhosa 296

Advogado

Mônica Montoro 150, 151, 152, 170, 205

Poeta e Cineasta

Nadir Nogueira Kfoury 154, 212, 253

Ex-Reitora da PUC-SP

Ney Castro Alves 220, 269, 272, 321

Vice-Presidente da Bolsa de Mercadoria e Futuro

Norma Kyriakos 243

Advogada

Otávio Frias Filho 182, 259, 262

Jornalista e Diretor de Redação da Folha de São Paulo

Orestes Quércia 180, 256, 259

Ex-Governador do Estado de São Paulo

Padre Edênio Valle 188, 194, 202, 204, 230, 231, 240

Professor da PUC-SP

Paulo de Tarso Santos 218

Advogado

Paulo Egydio Martins 226

Ex-Governador do Estado de São Paulo

Paulo Nogueira Neto 308, 310

Presidente da Câmara de Biodiversidade e Fauna do CONAMA

Paulo Renato de Souza 183, 186, 267, 282, 317, 321

Deputado Federal

Pedro Falabella Tavares de Lima 196, 205, 297, 314

Procurador de Justiça do Estado de São Paulo

Pedro Simon 189, 194, 258, 263, 279, 334

Senador da República

Plínio de Arruda Sampaio 164, 170, 175, 198, 235, 264, 288

Advogado e Diretor do Correio da Cidadania

Raul David do Valle Jr. 316

Assessor da Secretaria de Infra-estrutura Urbana e Obras do Município

Ricardo Montoro 160, 161, 164, 165, 176, 182, 264, 270, 272, 283, 297, 330

Deputado Estadual e Secretário Especial para Participação e Parcerias da Capital

Roberto Duailibi 165, 182

Publicitário

Roberto Herbster Gusmão 204, 320

Advogado

Roberto Saturnino Braga 162, 185, 228, 261, 267, 274, 287

Senador da República

Romeu Ricupero 180, 277

Desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo

Rubens Barbosa 61
Ex-Embaixador e Consultor

Sílvia Pimentel 236
Professora da PUC-SP

Silvio Sawaya 238
Diretor da FAU-USP

Tito Costa 163, 224, 269
Advogado

Vanderlei Macris 251, 264, 291
Deputado Federal

Virgílio de Carvalho 280
Diretor da Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil

Walter Barelli 180, 225, 237
Economista e Professor da Unicamp

Yeda Crusius 163, 267
Governadora do Estado do Rio Grande do Sul

Zulaiê Cobra 214, 239, 264, 314, 324
Advogada

Título	O Legado de Franco Montoro
Organizador	José Augusto Guilhon Albuquerque
Coordenação Editorial	Leonor Amarante
Colaboração Coordenação editorial	Ana Candida Vespucci
Projeto Gráfico/Diagramação	Jakson Fontes
Estagiário de Produção	Henrique de Araujo
Estagiário de Diagramação e Arte	Everton Santana
Degração de áudio	Tânia Rabelo
Leitura Final	Reynaldo Damazio
Presentes aos depoimentos	Fernando Leça (<i>Presidente da Fundação Memorial da América Latina</i>) Leonor Amarante (<i>Editora executiva da Fundação Memorial da América Latina</i>) Eduardo Farsetti (<i>Gerente do CBEAL da Fundação Memorial da América Latina</i>) Sircarlos Parra Cruz (<i>Gerente de comunicação da Fundação Memorial da América Latina</i>) Maurício Rahal (<i>Filmagem e captação de áudio</i>) Mário Lima (<i>Jornalista</i>)

Formato	16x23 cm
Tipologia	Times New Roman
Papel	90g/m ² Alta Alvura
Número de páginas	400
Tiragem	1500

CTP, Impressão e Acabamento

imprensa oficial



www.memorial.sp.gov.br



www.imprensaoficial.com.br

